



Arte e tecnologia:
novas interfaces



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza

Reitor

Neusa Maria Henriques Rocha

Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Lorena Terezinha Geib

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Agenor Dias de Meira Júnior

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Simone Meredith Scheffer Basso

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Augusto Nienow

Alvaro Della Bona

Altair Alberto Fávero

Ana Carolina Bertoletti de Marchi

Andrea Poletto Oltramari

Angelo Vitório Cenci

Cleiton Chiamonti Bona

Fernando Fornari


Graciela René Ormezzano

Renata Holzbach Tagliari

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Sergio Machado Porto

Zacarias Martin Chamberlain Pravia



Tania M. K. Rösing
Miguel Rettenmaier
(Org.)

Arte e tecnologia: novas interfaces

2010


UPF
Editora
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Copyright © Editora Universitária

Maria Emilse Lucatelli

Editoria de Texto

Sabino Gallon

Revisão de Emendas

Alisson Gampert Spanemberg

Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

A786 Arte e tecnologia : novas interfaces / Tânia M. K. Rösing, Miguel Rettenmaier... (orgs.) – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
328 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

1. Incentivo à leitura. 2. Biblioteca escolar. 3. Cultura e tecnologia. I. Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker, coord. II. Rettenmaier, Miguel, 1965-, coord. III. Título.

CDU: 028.6.01

Bibliotecária responsável Angela Saadi Machado - CRB 10/1857

ISBN – 978-85-7515-719-0

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 171

Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970

Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Sumário

Arte e tecnologia: novas interfaces	9
---	---

Parte I – Abertura

Tania Rösing	21
Jocarly Patrocínio de Souza	25
Mônica Leal.....	27
Diógenes Basegio.....	29
Beto Albuquerque.....	30
Luciano Azevedo	32
Airton Langaro Dipp	34
Eliane Lúcia Colussi	36
Fernando Haddad	38
Criação do Plano Municipal do Livro e Leitura da Prefeitura Municipal de Passo Fundo confirmando sua adesão ao Plano Nacional do Livro e da Leitura	41
Assinatura do termo de adesão da Universidade de Passo Fundo à Red de Universidades Lectoras.....	42
11 ^o Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães	43
6 ^o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura.....	45
Luís Augusto Fischer	47
Tania Rösing, Cristóvão Tezza	48
Homenagem a Pedro Bandeira	50
Homenagem especial a Pietro de Albuquerque e a Roberto Pirovano Zanatta	52

Conferência: <i>Geração Homo Zappiens</i>	54
Wim Veen.....	54

Parte II – Palcos de debates e conferências

Palco de debates: <i>Jornalismo, cinema e internet</i>	65
Fernando Molica	65
Guilherme Fiuza.....	69
João Guilherme Estrella.....	73
Jorge Furtado.....	75
Ricardo Silvestrin	79
Sérgio Leo	83
Conferência: <i>Espaços culturais e convergências das mídias</i>	87
Marcello Dantas.....	87
Palco de debates: <i>Literatura, teatro, música e novas tecnologias</i>	101
Alcione Araújo.....	101
Eloy Fritsch.....	103
Fernando Bonassi.....	108
Marcelo Paiva de Souza.....	111
Márcio Ribeiro Leite.....	115
Conferência: <i>Cinema e literatura</i>	125
Guillermo Arriaga.....	125
Pronunciamento de Cristóvão Tezza	134
Palco de debates: <i>Arquitetura, pintura e espaços virtuais</i>	140
Antonio Carlos de Moraes Sartini	140
André Sant’Anna	146
Lúcia Santaella	149
Underléia Bruscato.....	154
José Eduardo Aqualusa	157
Diana Domingues.....	161
Conferência: <i>A indústria cultural e a formação de leitores</i>	169
Carlo Frabetti.....	169

Palco de debates: <i>Arte e convergência das mídias</i>	180
Tom Zé	180
Alckmar Santos.....	182
Constanza Mekis	188
Emily Short.....	192
Pedro Bandeira	197
Wilton Azevedo	201
Coordenadores dos debates	205

Parte III – Cursos

Biblioteca escolar: experiências do Chile	209
Constanza Mekis	209
Nancy Nóbrega	210
Música e tecnologia	211
Eloy Fritsch	211
Como se tornar um mangaka.....	212
Fabio Shin.....	212
Vejo as coisas de outro jeito.....	213
Gian Calvi.....	213
Narrativas híbridas: tecnologia da mobilidade e vida urbana misturada	214
Diana Domingues.....	214
Pensando em metáforas (ensino criativo de língua portuguesa)	215
Heronides Maurílio de Melo Moura	215
Literatura, memória e representações sociais.....	216
Gerson Luís Tombetta.....	216
Gêneros jornalísticos	217
Francisco de Assis.....	217
Retratos da leitura no Brasil na perspectiva da arte e tecnologia — novas interfaces.....	218
Lucília Helena do Carmo Garcez.....	218

As novas perspectivas da biblioteca	219
Max Butlen.....	219
Ficção interativa (leitura eletrônica)	220
Emily Short.....	220
Tecnologia e surdez: as interfaces da comunicação.....	221
Carolina Silveira.....	221
Tecnologia assistiva como possibilidade de emancipação para pessoas cegas e com baixa visão.....	222
Rafael Barbosa Porcellis da Silva	222

Parte IV – Encerramento

Sessão de encerramento.....	225
Tania Rösing	225
Júlio Diniz	226
Jocarly Patrocínio de Souza	227
Giovani Corralo	228
Adil de Oliveira Pacheco	229

Parte V – Registro fotográfico

Pré-Jornada	233
Especial: Pierre Lévy	235
Conferência: <i>Os rumos da inteligência coletiva</i>	236
Festerê Literário	246
Ponto de Leitura	249
Conferências para áreas específicas.....	251
Sessões de autógrafos.....	253
Entrega do prêmio Tarso de Castro	258
Café Literário	259
Papo no Boka	260
Café TVCom	260
Exposições	261
Livro-robô.....	267
Grupos artísticos.....	268

Parte VI – Registro da imprensa.....	285
--------------------------------------	-----

Arte e tecnologia: novas interfaces

Uma sequência de temas importantes tem sido a base dos debates promovidos a cada edição das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Em especial, em seu histórico recente, temáticas relativas à inclusão, ao diálogo entre diferenças culturais e a uma noção plural de leitura, que contemple a multiplicidade de códigos, orientaram o percurso de trabalho das Jornadas na promoção da leitura e da literatura. Dessa forma, com o objetivo de formar leitores para os novos tempos, os neoleitores, que circulem do texto impresso ao hipertexto, passando pela leitura das manifestações artísticas e culturais de distintas naturezas e com o fim de formar públicos específicos, sensíveis a essas manifestações, a Comissão Organizadora interinstitucional decidiu, em 2009, centrar as atividades da Pré-Jornada – preparação a essa grande movimentação cultural – e da Jornada propriamente dita em discussões sobre o tema “Arte e tecnologia: novas interfaces”.

Toda a movimentação cultural que confere identidade às Jornadas resulta do desenvolvimento de ações que harmonizam o binômio educação-cultura. Entretanto, os apelos cada vez mais desafiadores da tecnologia, emergentes num contexto globalizado, oferecem facilidades variadas, criativas, plenas de interatividade para crianças, jovens,

profissionais interessados na aceleração do processo de aquisição de informações, de transformação dessas informações, tão dinâmicas e, por isso, provisórias, em conhecimento. Tal circunstância, que envolve redes de sujeitos, convergência de linguagens e interação entre homens e máquinas, provoca modificações significativas na relação dos usuários com novos equipamentos, com inovadoras e criativas ferramentas.

Os televisores, os computadores e o celular apresentam-se com novos formatos, ampliam significativamente suas funções seduzindo leitores e espectadores. Há um enorme interesse, sobretudo das crianças e dos jovens, pelas opções viabilizadas pela internet e pelo hipertexto. Os novos sujeitos, quando incluídos social e culturalmente no universo das novas tecnologias de informação e comunicação, revelam domínio para manipular com desenvoltura, simultaneamente, o controle remoto da televisão, de equipamentos de som e de vídeo sofisticados, as múltiplas funções do celular, o *mouse*. De outra parte, em razão das discrepâncias de renda no Brasil, partes consideráveis, ou talvez majoritárias, da população de jovens encontram-se apartadas dos progressos tecnológicos, embora nada pareça fazer crer que esse afastamento denote desinteresse. Os jovens, de qualquer faixa econômica, gostam tanto do que inova quanto do que os inclui.

Diante disso, o binômio sustentador das ações das Jornadas se amplia, passando a se constituir no trinômio educação-cultura-tecnologia não apenas observando, mas respeitando as características desses usuários contemporâneos, que se relacionam ou que pretendem participar em comunidades virtuais, lendo e escrevendo também, embora com um repertório de palavras mais econômico, caracte-

rístico dos novos tempos, dos novos meios. Impõe-se, dessa forma, um debate profundo acerca dos rumos da literatura, do teatro, da pintura, da música, da dança, da escultura, da arquitetura, da fotografia, do cinema, focando a relação entre autor-leitor-produtor de textos-espectador no processo de construção de significados. Em tal processo se constituem a leitura tomada em sentido amplo e a necessidade de comunicação, de colaboração e de interação em meio eletrônico.

Com base nesses fundamentos, a programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura reservou o espaço das noites para grandes conferências destinadas a um público adulto de cinco mil pessoas aproximadamente no Circo da Cultura. A presença do ministro da Educação, Fernando Haddad, na abertura do evento, constituiu-se num aval ao que se tem realizado em Passo Fundo pela Universidade de Passo Fundo e pela Prefeitura Municipal. Em seu discurso, demonstrou seu reconhecimento pelo processo em que se constituem as Jornadas Literárias, pela metodologia que desenvolvem para alcançar o grande objetivo – ampliar o número de leitores no país, leitores qualificados, emancipados, multimídiais. Após o momento oficial de abertura, a plateia contou com a participação do pesquisador holandês, Wim Veen, que apresentou a “Geração *homo zappiens*”. O ilustre pesquisador estimulou os participantes da Jornada a entenderem a reação dos nascidos a partir de 1990 diante dos aparatos tecnológicos e do potencial que se abre a essa geração, em razão do processo interativo que se desencadeia entre os usuários e a internet, por exemplo.

Na sequência das grandes conferências, a contribuição de Marcello Dantas foi muito importante no desenvolvimento do tema “Espaços culturais e convergências das

mídias”, considerando seu conhecimento, sua formação e suas múltiplas experiências como curador e *designer* de espaços culturais singulares, com reconhecimento internacional. Demonstrou como é possível, nesses espaços, seduzir crianças, jovens e adultos para a literatura no contexto das múltiplas artes com recursos tecnológicos.

A terceira grande conferência foi ministrada pelo escritor, roteirista, cineasta mexicano Guillermo Arriaga, convidado a falar sobre “Cinema e literatura”. A sua presença comprovou nosso interesse, no conjunto das conferências, em formar leitores competentes para a compreensão, a interpretação e a apropriação do processo de transposição da linguagem literária para a linguagem fílmica e vice-versa.

A quarta conferência coube ao espanhol Carlo Frabetti, com tema “A indústria cultural e a formação de leitores” a partir de suas experiências de utilização da televisão como segmento formador de leitores. Suas considerações críticas foram muito significativas para o público, constituído, parcialmente, por pessoas que somente têm acesso à televisão aberta, estando tanto à mercê das influências monológicas quanto desprovidas dos fundamentos críticos capazes de gerar uma análise mais profunda a respeito dos conteúdos, valores e intenções da indústria cultural.

Os palcos de debates realizados no turno da tarde, também no Circo da Cultura, reuniram convidados a partir de subtemas relacionados com o tema central. O primeiro – “Jornalismo, cinema e internet” – revelou as experiências, as ideias, as considerações críticas dos convidados Fernando Molica, Guilherme Fiuza, João Guilherme Estrella, Jorge Furtado, Ricardo Silvestrin e Sérgio Leo (Prêmio Sesc de Literatura 2008 – categoria Conto). O segundo – “Literatura, teatro, música e novas tecnologias” –

contou com a contribuição significativa de Alcione Araújo, Eloy Fritsch, Fernando Bonassi, Marcelo Paiva de Souza, Márcio Ribeiro Leite (Prêmio Sesc de Literatura 2008 – categoria Romance). Na sequência, o terceiro palco orientou-se pelo subtema “Arquitetura, pintura e espaços virtuais”, desenvolvido exaustivamente pelos convidados Antônio Carlos de Moraes Sartini, André Sant’Anna, Lúcia Santaella, Underléa Bruscato, José Eduardo Agualusa (Angola), Diana Domingues. Para encerrar esses palcos de debates, as discussões giraram em torno da “Arte e convergência das mídias”, com a participação de Tom Zé, Alckmar Santos, Constanza Mekis (Chile), Emily Short (USA), Pedro Bandeira e Wilton Azevedo.

É necessário salientar que os debates foram altamente qualificados pela excelência da performance dos intelectuais e artistas convidados, sendo levantadas questões significativas sobre o posicionamento do homem diante das novas tecnologias e sobre os rumos das manifestações culturais nesse novo contexto. Foram caracterizados o ciberespaço, a sua linguagem hipermedial, o tipo de leitor desse novo suporte, o qual, nos estudos investigativos desenvolvidos por Lúcia Santaella, é identificado como “leitor imersivo, virtual”. Questões literárias permearam todos os debates, nos quais foram destacadas distintas manifestações artísticas, culturais e tecnológicas.

Pela manhã, com duração de 12h, foram realizados 13 cursos, atendendo ao interesse de distintos grupos. “Biblioteca escolar: experiências do Chile” contou com a participação da reconhecida bibliotecária brasileira Nancy Nóbrega (UFF) nos dois primeiros dias, que demonstrou o novo perfil do bibliotecário em meio à transformação da biblioteca em centro cultural multimídia. Os dois turnos finais do

curso tiveram a presença e a participação de Constanza Mekis, bibliotecária responsável pelas bibliotecas CRA, no Chile. Sua presença estimulou os participantes a entenderem qual deve ser o desempenho de um bibliotecário que atua agora em bibliotecas públicas e escolares: um misto de especialista em livros, em materiais multimídiais e um dinamizador de acervos pelo uso de distintas linguagens, inclusive a teatral. “Música e tecnologia”, ministrado por Eloy Fritsch (UFRGS), procurou demonstrar a inovação que a música eletroacústica representa na atualidade, a síntese sonora, as tecnologias, as novas roupagens para as partituras dos instrumentos eletrônicos, a técnica de composição. “Como se tornar um mangaka”, de responsabilidade de Fabio Shin, constituiu-se num convite aos jovens para o entendimento mais aprofundado sobre a produção em quadrinhos – mangás –, sua apresentação na linguagem fílmica e as técnicas de produção. O curso intitulado “Vejo as coisas de outro jeito”, ministrado por Gian Calvi, possibilitou um estudo sobre a leitura da ilustração de livros infantis e juvenis. “Narrativas híbridas: tecnologias da mobilidade e vida urbana misturada”, sob a coordenação de Diana Domingues, objetivou estimular os participantes a produzirem arte a partir do celular, do computador e de outros recursos eletrônicos. Como o próprio título já revela, o objetivo do curso “Pensando em metáforas (ensino criativo de língua portuguesa)” foi ministrado por Heronides Maurílio de Melo Moura (UFSC). “Literatura, memória e representações sociais”, ministrado pelo professor Gerson Luís Trombetta (UPF), objetivou demonstrar uma interface existente entre o campo da memória e o da literatura de caráter histórico e sociocultural. “Gêneros jornalísticos”, de responsabilidade de Francisco de Assis (Unitau), cons-

tituiu-se num debate aprofundado sobre os gêneros jornalísticos impressos e sua apresentação *on-line*. “Retratos da leitura no Brasil na perspectiva da arte e tecnologia – novas interfaces”, pesquisa apresentada pela representante do Instituto Pró-Livro, Lucília Helena do Carmo Garcez (UnB), apresentou aos participantes resultados que revelam a situação dos leitores brasileiros, especialmente dos que leem em meio eletrônico, e as implicações desses resultados no estado da leitura no Brasil. “As novas perspectivas da biblioteca” foram explicitadas pelo pesquisador francês Max Butlen (Institut National de Recherche Pédagogique), estimulando bibliotecários, agentes de leitura, professores responsáveis por bibliotecas escolares a assumirem uma nova atitude na transformação de guardiães de acervos em dinamizadores de acervos e agentes culturais. “Ficção interativa (leitura eletrônica)” configurou-se como uma reflexão bastante inovadora no que diz respeito ao entendimento das preferências dos neoleitores e da geração *homo sapiens*, apresentada pela jovem pesquisadora norte-americana Emily Short. Para as pessoas portadoras de necessidades especiais, continuando a trajetória já percorrida por várias edições pelas Jornadas Literárias, foram oferecidos dois cursos: “Tecnologia e surdez: as interfaces da comunicação”, sob a responsabilidade da professora Carolina Silveira (UFPel), e “Tecnologia assistiva como possibilidade de emancipação para pessoas cegas e com baixa visão”, sob a responsabilidade do professor Rafael Barbosa Porcellis da Silva (UFPel).

O conjunto de cursos possibilitou o atendimento de interesses diversificados, observando-se como as Jornadas Literárias de Passo Fundo entendem a amplitude da con-

cepção da leitura envolvendo distintas linguagens, diferentes suportes, abrangendo aspectos da tecnologia.

A programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura revela a preocupação de seus organizadores: debater sobre “Arte e tecnologia: novas interfaces” e, com a mesma intenção, vivenciar tecnologia. Isso ocorreu por intermédio da criação do robô JL13 pelos alunos do curso de Eletrônica da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da UPF, símbolo da 13ª edição, de exposições que incluíam livros eletrônicos elaborados artisticamente, da interatividade dos participantes adultos, jovens e crianças na instalação de um globo intitulada “Cérebro eletrônico”, da interação com totens eletrônicos, que disponibilizaram toda a programação diária da Jornada, os quais permitiam registros fotográficos enviáveis por correio eletrônico e que incrementavam a apresentação das sessões de comunicações relativas aos trabalhos inscritos no 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural.

Estão registradas nesta obra as falas de abertura e de encerramento, numa demonstração do envolvimento de representantes dos distintos poderes públicos, com ênfase na presença do ministro da Educação, Fernando Haddad. Os registros fotográficos marcam, de forma concreta, momentos de preparação da Jornada, através de ações da Pré-Jornada, do Festerê Literário, da participação de representantes de distintos segmentos da comunidade passo-fundense, das sessões de autógrafos, dos lançamentos de livros, do Café Literário, das apresentações teatrais e musicais que enriqueceram a programação, dos encontros sociais no contexto desta Jornada. Por isso, sem dúvida, por sua grandiosidade, pelo aprofundamento dos debates, por sua diversidade, pela presença de pessoas de 17 es-

tados da Federação, as cinco regiões brasileiras, esta Jornada consagrou-se como o ápice inesquecível de uma movimentação cultural que se sustenta pelos objetivos que busca alcançar há 29 anos.

Marcam também a transformação do Largo da Leitura, situado no centro da cidade de Passo Fundo, em Ponto de Leitura do Ministério da Cultura, inauguração prestigiada por Fabiano dos Santos Piúba, diretor do Livro e Leitura do MinC, e por José Castilho Marques Neto, coordenador executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (MEC/MinC).

Tudo isso que aqui se registra é o ambiente que se pretende manter na cidade Capital Nacional da Literatura, não apenas por direito – lei federal 11.267 de 02/01/2006 –, mas pela qualidade das ações em prol da formação de leitores, na consciência da necessária sintonia entre educação-cultura-tecnologia.

Os organizadores



Parte I

Abertura



Tania Rösing



Boa-noite a todos. Esta é a alegria do Circo da Cultura. Sejam todos muito bem-vindos a este templo da celebração das culturas, das artes, da literatura, da tecnologia, da vida, da solidariedade. Em nome dos integrantes da Comissão Organizadora e da Comissão Executiva interinstitucional, desejamos saudar as distintas autoridades nacionais e internacionais que prestigiam esta sessão solene de abertura da 13ª Jornada Nacional de Literatura.

Veio a crise mundial, a economia mundial aniquilada; veio a crise nacional, o Brasil estremecido; veio a crise forjada, as empresas escondendo seus lucros para não investir na cultura. Não bastasse isso, veio a gripe suína; não bastasse a gripe suína, veio a primavera chuvosa aniquilando casas e cidades. Mas nada disso foi maior do que o nosso desejo de realizar e estarmos aqui nesta noite, no início da 13ª Jornada Nacional de Literatura.

Ninguém faz nada sem amigos e nós temos amigos especiais. Todos os senhores são nossos amigos, mas temos amigos especiais: o deputado federal Beto Albuquerque e o deputado estadual Luciano Azevedo, que trabalharam lado a lado para viabilizar recursos para esta Jornada.

Agradecemos de forma muito especial ao diretor do Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura, Fabiano dos Santos, e ao coordenador do Plano Nacional do Livro e da Leitura, José Castilho Marques Neto, ligado ao Ministério da Cultura e ao Ministério da Educação, pelo empenho em viabilizar verbas do programa Mais Cultura para esta edição da Jornada. Também ao deputado Vieira da Cunha, por intermediar o apoio junto ao gabinete da ministra Dilma Rousseff, para que tivéssemos também mais apoio do governo federal. De forma ímpar, singular, pelo grande empenho e incondicional apoio de sua excelência o ministro da Educação Fernando Haddad, porque determinou ao FNDE o apoio à Jornada viabilizando recursos inclusive para a gratuidade de mil professores aqui dentro e de mil alunos do magistério de 15 cidades. À senhora governadora do estado do Rio Grande do Sul, aqui representada pela secretária da Cultura, Mônica Leal, pela sensibilidade em determinar apoio financeiro a esta Jornada e pela dispensa do ponto aos professores estaduais aqui presentes. Os apoios dos deputados desta região foram significativos para fazer frente aos obstáculos que tentavam impedir esta Jornada. Queremos agradecer às autoridades, aos empresários, nossos amigos, para que esta festa seja, e já está sendo, um acontecimento inesquecível. Aos leitores presentes, aos estimados escritores aqui presentes, aos editores, aos livreiros, aos artistas, aos músicos que aceitaram o nosso convite para estar aqui prestigiando

este evento realizado pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo e pela Universidade de Passo Fundo. Uma pessoa foi companheira incondicional, nos momentos mais difíceis, Airton Langaro Dipp, prefeito municipal.

Há ausências nesta noite; são pessoas anônimas, os trabalhadores, que prepararam este ambiente não só deste circo, mas do complexo de lonas para que nós pudéssemos estar aqui. Muitos deles não estão conosco nesta noite. Eles fizeram a preparação da festa. Há quem diga que o melhor da festa é o antes da festa. Para nós a única forma de agradecer é aplaudir o trabalhador anônimo que construiu este circo e a sua complexidade.

Certamente eu gostaria de dizer muitas coisas nesta noite, mas eu gostaria de registrar que, mais uma vez, não tivemos a manifestação da Lei de Incentivo à Cultura do Rio Grande do Sul. Mais uma vez esta Jornada acontece graças à Lei Rouanet - Mecenato.

Defendemos há vários anos ações pedagógicas no contexto do binômio educação e cultura. Neste ano ampliamos, enquanto Comissão Organizadora, o processo de conscientização para a necessária passagem dessas ações para o trinômio educação-cultura-tecnologia. Daí o tema desta Jornada “Arte e tecnologia: novas interfaces”. As crianças, os jovens com quem trabalhamos na escola, na universidade, pertencem à geração *homo zappiens*, conforme defende o reconhecido pesquisador holandês Wim Veen, presente aqui nesta noite para a conferência de abertura. Os jovens estão aguardando nossa mudança de atitude. Nossos alunos já mudaram. E nós? Gente amiga do livro, da leitura, da literatura, das artes, das ferramentas tecnológicas, certamente, vivemos tempos de mudanças e temos o dever de

criar espaços e momentos para democratizar em nossas comunidades o que aqui estaremos debatendo.

Temos o dever de lutar pela ampliação de materiais de leitura a serem disponibilizados a toda a população nos lugares onde vivemos, democratizando o hábito de ler, retirando o livro e as manifestações da cultura letrada dos círculos restritos da intelectualidade, colocando-os nas mãos de milhares de leitores. Vivemos um tempo de mudanças muito rápidas. Lembra o poeta Paulo Becker, criador da letra da canção “Vidas virtuais”, musicada por Pedro Almeida, que:

O mundo muda mais rápido
que o coração de um mortal
o que ontem era teatro
hoje é centro comercial
A pracinha em que brincamos
ficou debaixo do asfalto
e nós passamos de carro
esperando o amor chegar
Cai na real, cai na real
A nossa vida é virtual
Cai na real, cai na real
A nossa vida é virtual
Oh linda moça
Do disco voador
Me leve pra Jornada
Sempre que você for

Respeitável público, o Circo da Cultura, das letras, das artes, da tecnologia se abre e o espetáculo vai começar!



Jocarly Patrocínio de Souza



“Os analfabetos no século XXI não serão os que não souberam ler ou escrever, mas os que não souberem aprender, desaprender e reaprender.” Esta frase de Alvin Toffler demonstra adequadamente o espírito deste evento, um espaço constante de aprendizado, de trocas intelectuais e sensoriais, sobretudo, de vivências. Nas treze edições, a Jornada Nacional de Literatura tem colocado em evidência o município e a Universidade de Passo Fundo, reconhecidos internacionalmente pela vanguarda de suas ações, entre as quais, sem dúvida alguma, a Jornada obtém esse destaque.

No mês de setembro ocorreu aqui em nossa universidade um dos momentos mais significativos, quando o filósofo francês Pierre Lèvy veio especialmente ao Brasil,

para realizar uma conferência. Na oportunidade demonstrou que o tema virtual tem a ver com o potencial que cada um de nós leva dentro de si, que, sem dúvida, tende ao infinito. Assim, a ideia de jornadas virtuais me parece bem adequada.

Em nome da Fundação da Universidade de Passo Fundo, reconheço e me alegro em constatar que a Jornada Nacional de Literatura é a concretização do papel comunitário da Universidade de Passo Fundo. O esforço conjunto da UPF com a Prefeitura Municipal de Passo Fundo é testemunho da simbiose entre a sociedade e a universidade comunitária não somente na sua concepção, mas em seus mais de quarenta anos de existência. Ainda, é necessário reconhecer que a décima terceira edição da Jornada representa o fruto de um trabalho incansável e a alta competência de uma equipe multidisciplinar, que trabalhou incessantemente em sua organização para que estivéssemos aqui neste momento. É justo e importante registrar que esse grupo tem o perfil da organizadora do evento, a professora Tania Rösing. Neste momento, dou as boas-vindas a todos os presentes, vindos dos mais diferentes cantos do mundo, e que esses cinco dias sejam ricos de arte, tecnologia e das novas interfaces. Um bom evento a todos.



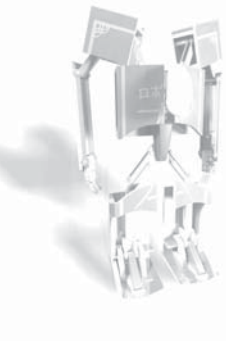
Mônica Leal



O estado do Rio Grande do Sul se orgulha de ter entre suas realizações culturais, em seu calendário oficial, entre as iniciativas que trabalham a constante formação de sua identidade, a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

Nesta noite, gostaria de parabenizar a universidade e a Prefeitura de Passo Fundo e a todos os patrocinadores e realizadores desta importante iniciativa; a Cia. Zaffari, empresa apoiadora da cultura de forma geral, que com o prêmio conferido valoriza a nossa língua portuguesa; também os vencedores e a continuidade do Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, assim como nosso escritor homenageado, os escritores, os artistas, conferencistas, convidados. Mas os meus parabéns, de forma muito especial, vão para o público presente, pois sem vocês a Jornada, a Jornadinha, os seminários e os encontros não ocupariam de forma alguma este espaço.

Acredito, como cidadã e como secretária de Estado e da Cultura, que essa é uma grande troca, porque o objetivo inicial da Jornada, formar leitores, jamais se encerrará, pois a cada dois anos o seu público se mantém e se renova ao mesmo tempo; sai daqui com mais informações e estímulos; retorna com mais qualidade, desafiando a organização de cada nova edição a buscar novos escritores e novos temas. Aqui o Rio Grande do Sul mostra sua grande parcela de contribuição na manutenção do precioso meio de conhecimento chamado livro, pois somos um estado que lê, que escreve e que possui as Jornadas de Passo Fundo, o que muito nos orgulha. As Jornadas prestam um grande serviço à boa cultura. Sua expressão atrai um valioso e crescente conjunto de iniciativas interligadas, formando uma imensa rede de eventos de elevado sentido para a produção e a difusão da literatura com dimensão internacional.



Diógenes Basegio



Gostaria de saudar as autoridades que compõem a mesa. Não poderia deixar de saudar a professora Tania, de quem não precisamos falar muito, pois aqui temos uma demonstração do que são as Jornadas Literárias de Passo Fundo. Vou saudar também este belo público que aqui está. Acho que são vocês que constroem as Jornadas e nós sabemos da importância que isso tem. Uma saudação ao nosso deputado Beto Albuquerque, que tem lutado tanto por nosso estado, o que nos deixa muito orgulhosos. Gostaria também de saudar a nossa secretária Mônica, que aqui está representando a governadora, e as demais autoridades e dizer a vocês que, em nome do Legislativo de Passo Fundo, tenho certeza de que nossa cidade tem demonstrado para o estado, para o país e para o mundo que nós podemos construir uma sociedade mais justa, uma sociedade mais igualitária. Uma boa Jornada a todos vocês.



Beto Albuquerque



Vocês são as maiores autoridades deste espetáculo, porque educam, ensinam a aprender; ensinam ao jovem, à criança e a todos nós para termos uma vida concreta e uma visão objetiva dos nossos desafios. Vocês, educadores e educadoras, vocês, estudantes, escritores e artistas, sejam todos muito bem-vindos ao Circo da Cultura, que é o circo do mundo e de todos vocês. Quero saudar o nosso prefeito Airton Dipp, anfitrião deste evento, o ministro Haddad; o Luciano, deputado desta terra, o Basegio, o Vieira da Cunha. Quero homenagear Tania Rösing, homenageando, assim, a todos que aqui estamos. A Tania é aquele trator quatro por quatro, animada por entusiasmo e por convicção de que o que existe aqui em Passo Fundo é o que tem de melhor a se oferecer em literatura neste país. Ela nos empurra, nos exige, nos movimenta, nos mobiliza. A Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo têm os seus nomes escritos na história de

todos os estados deste país e em muitos países do mundo graças a esta louca por cultura, chamada Tania Rösing, a quem abraço com carinho e com fraternidade.

Vou encerrar fazendo dois registros. Já que nós cantamos aqui “te liga”, quero dizer àqueles que coordenam a Lei de Incentivo à Cultura no estado, e que não viram na Jornada, um evento que merecesse apoio cultural, te liga amigo, cai na real. Esta é a Jornada Nacional de Literatura. Segundo e último, os certificados desta Jornada precisam ser reconhecidos pelo estado, pois ninguém aqui está de brincadeira. Nós estamos aqui aprendendo, lendo, interagindo, discutindo e debatendo. Boa Jornada a todos.



Luciano Azevedo

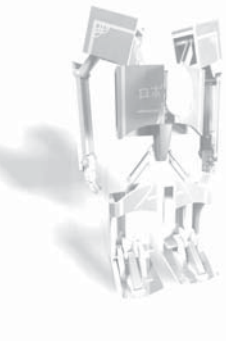


Eu queria voltar no tempo e lembrar que há quase trinta anos, quando foi concebida a nossa Jornada de Literatura, que começou na velha Reitoria da Universidade de Passo Fundo, nem os mais otimistas dos passo-fundenses provavelmente conseguiriam imaginar que se transformaria na mais perfeita e extraordinária obra de construção coletiva que nós conseguimos fazer aqui nesta terra.

As dificuldades não foram poucas e em quase trinta anos o mundo mudou muito, tudo mudou, a maneira de se fazer educação, a comunicação, a vida da gente. A maioria das pessoas que está aqui talvez nem tivesse nascido quando nasceu a Jornada. O que não mudou foi o compromisso do grupo que lidera a Jornada em produzir leitores, em formar leitores.

Então, o melhor que nós podemos fazer nesta Jornada, que se recria, que se reinventa e que enche o nosso coração de orgulho, é dizer a todos que fizeram isso muito

obrigado. Muito obrigado, esta é a única expressão possível neste momento. Tania, todos nós que estamos aqui, os que passaram, os que gostariam de ter estado e os que já se foram querem te dar um beijo grande no coração e te dizer sempre, porque nunca é demais, muito obrigado. Uma boa Jornada para todos.



Airton Langaro Dipp



Saudando as autoridades, saudando a professora Tania Rösing, nós queremos cumprimentar a todos, mas de forma muito especial aos autores, escritores, professores, estudantes, enfim, a todos aqueles que participam efetivamente da nossa grande movimentação cultural, do município de Passo Fundo, da região Norte do estado, do estado do Rio Grande do Sul.

A Jornada Nacional de Literatura tem projetado a nossa Universidade de Passo Fundo, universidade comunitária, dando-lhe um destaque entre as universidades brasileiras. Tem projetado o município de Passo Fundo, aliás, através de dois projetos de lei, aprovados, respectivamente, no Congresso Nacional e na Assembleia Legislativa,

propostos pelos deputados Beto Albuquerque e Luciano Azevedo, como Capital Nacional da Literatura e Capital Estadual da Literatura. Tudo isso nos dá certeza de que aqui em Passo Fundo esta Jornada proporciona, sem dúvida alguma, o fomento à leitura, a interação deste público com os escritores, autores; ela projeta e movimenta cada vez mais a região Norte do estado, para que tenhamos um grande fomento à leitura.

Por isso nós queremos neste momento, professora Tania, cumprimentá-la em nome de todos aqueles que constroem a Jornada na nossa cidade, especialmente os professores da Universidade de Passo Fundo, alunos e voluntários que constroem a cada dois anos este importante evento, que nos deixa muito orgulhosos. Portanto, senhor ministro Haddad, a sua presença na abertura da Jornada nos enche de satisfação, de alegria. Tenho certeza de que aqui o senhor pode constatar que Passo Fundo está fazendo a sua parte em relação à educação e à cultura.



Eliane Lúcia Colussi



A Universidade de Passo Fundo se sente extremamente honrada pela presença, nesta edição da Jornada Nacional de Literatura, do ministro da Educação, professor Dr. Fernando Haddad. Neste momento é importante dizer que o senhor está numa universidade comunitária, numa universidade que não tem dono, numa universidade que reinveste tudo o que produz na própria universidade, na cidade, na região. É uma universidade que cumpre as políticas do MEC, porque acredita que são acertadas na sua maioria.

Dessa forma, todos os nossos cursos cumprem as diretrizes, as políticas gerais de qualidade educativa, flexibilização curricular, mobilidade acadêmica, responsabilidade social. Sinteticamente, quero lhe dizer que a Universidade de Passo Fundo articula na prática ensino, pesquisa e extensão, e este evento é o melhor exemplo de como essa articulação pode ser profunda, por mais que na maioria

das universidades seja muito difícil conseguir isso. Mais do que isso, nossa universidade tem o compromisso com a formação de professores, concedendo há mais de cinco anos gratuidade de 50% a todos os alunos das licenciaturas. Mais do que isso, a UPF se sente no compromisso, em parceria com os esforços do governo federal e de seu ministério, de melhorar os indicadores, o rendimento escolar neste país e, mais ainda, de formar profissionais para as demandas do Brasil do futuro.



Fernando Haddad



Gostaria de cumprimentar os professores presentes, a comunidade acadêmica da Universidade de Passo Fundo. Gostaria de agradecer a acolhida do prefeito Airton Dipp, prefeito de Passo Fundo, agradecer a Eliane Colussi e ao Beto Albuquerque, anfitriões desta festa, desta 13ª Jornada.

Eu me congratulo com os professores aqui presentes e entendo que esta Jornada é voltada para todos aqueles que amam literatura, mas, sobretudo, para aqueles que garantem o espaço da literatura na nossa cultura, que são os professores deste país, que garantem que as nossas crianças e jovens tenham contato com a nossa literatura. Eu entendo que este evento transcende a interação de professores, autores e leitores de uma maneira geral e que é


uma oportunidade, mesmo para aqueles que não tiveram acesso às letras, à boa literatura, de conhecerem os seus autores.

É difícil imaginarmos os autores que nós lemos com amor como pessoas que não sejam nossos companheiros, mesmo que eles não nos conheçam pessoalmente. Aqui a oportunidade está dada para que nós passemos a conhecer aqueles que nos direcionaram os seus escritos e as suas obras. Então, entendo que é um evento extraordinário, um evento que precisa de um apoio institucional perene, de um apoio que não esteja ao sabor das circunstâncias políticas. É preciso de alguma forma institucionalizar a Jornada de Literatura de Passo Fundo, fazendo deste expediente, deste experimento, desta tecnologia social desenvolvida aqui uma espécie de paradigma, que possa ser copiado, replicado, disseminado, aprimorado por outras regiões do país, por outros municípios gaúchos, fazendo de nossa sociedade uma sociedade aberta à língua escrita, aberta aos bons textos, à boa poesia, à boa literatura, porque o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer no que diz respeito ao acesso e à democratização do livro.

A temática desta 13ª Jornada não podia ser mais oportuna, em virtude do fato de que nós vivemos e podemos contar com as novas tecnologias para ampliar o acesso ao texto escrito, à língua escrita. A banda larga na escola, por exemplo, é apenas um programa dos muitos que vêm sendo levados a termo pelo governo federal em parceria com estados e municípios, no sentido de garantir o acesso democrático à cultura, inclusive por meio da inclusão digital. Eu me congratulo com todos e penso que todos que estão aqui dão um grande exemplo de cidadania ao participar

desta Jornada, dão um grande exemplo a ser seguido por todos.

Espero que vocês tenham uma semana plena de realizações, com muito prazer, com muita fruição, e que possam servir de multiplicadores, para que mais e mais brasileiros leiam, gozem o prazer de ler, usufruam da boa literatura que nós produzimos e a partir daí participem com mais soberania no exercício da cidadania. Muito obrigado e uma boa semana a todos.



CRIAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL
DO LIVRO E LEITURA DA
PREFEITURA MUNICIPAL DE
PASSO FUNDO CONFIRMANDO
SUA ADEÇÃO AO PLANO
NACIONAL DO LIVRO E DA
LEITURA



Da esquerda para a direita: Tania Rösing, José Castilho Marques Neto, Airton Langaro Dipp, Fabiano dos Santos, Magda Beatriz Cavalheiro



ASSINATURA DO TERMO DE ADESÃO DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO À RED DE UNIVERSIDADES LECTORAS



Da esquerda para a direita: Eloy Martos Núñez, Eliane Lúcia Colussi, Jocarly Patrocínio de Souza, Magda Beatriz Cava-
Iheiro



11º CONCURSO NACIONAL DE CONTOS JOSUÉ GUIMARÃES

Criado em 1988, o Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães homenageia o escritor sul-rio-grandense que estimulou, juntamente com Tania Rösing, a criação e a realização das Jornadas Literárias. O concurso destina-se a contistas com obras publicadas ou que apresentam textos inéditos. Em 2009 foram recebidos 1.887 trabalhos inéditos, enviados de vinte estados brasileiros. O primeiro prêmio foi para Éder Rodrigues, de Belo Horizonte - MG, com os contos “Quando o desejo passou por aqui”, “Primeira página” e “Último domingo ao mar”. Éder Rodrigues recebeu cinco mil reais e um estágio de dez dias na Universidade de Compostela, Espanha, com direito à passagem aérea, hospedagem e participação em seminários e encontros de literatura. Paulo de Tarso Ricordi, de Porto Alegre - RS, ficou em segundo lugar, com os contos “Na linha de rebentação”, “Ouvindo a chuva” e “O juramento”.



Éder Rodrigues – 1º lugar



Paulo de Tarso Ricordi – 2º lugar



6º PRÊMIO PASSO FUNDO ZAFFARI & BOURBON DE LITERATURA



Airton Langaro Dipp e Cristóvão Tezza

O prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura firma-se como parceria bem-sucedida entre o poder público e a iniciativa privada no âmbito da promoção da cultura. Instituído pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo em 1998, o prêmio é patrocinado pela Companhia Zaffari Comércio e Indústria - RS, que viabiliza o pagamento de cem mil reais ao autor do melhor romance em língua portuguesa publicado nos dois anos imediatamente anteriores à realização de cada Jornada de Literatura.

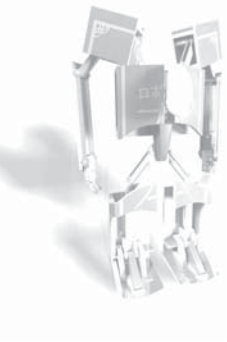
Entre os objetivos do prêmio, deseja-se homenagear os melhores romancistas contemporâneos de língua portuguesa e, simultaneamente, estimular a leitura e o debate crítico de suas obras. A Comissão Julgadora realizou a seleção de onze obras finalistas, dentre as quais foi vencedora *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, natural de Lajes - SC e residente em Curitiba - PR.



Luís Augusto Fischer



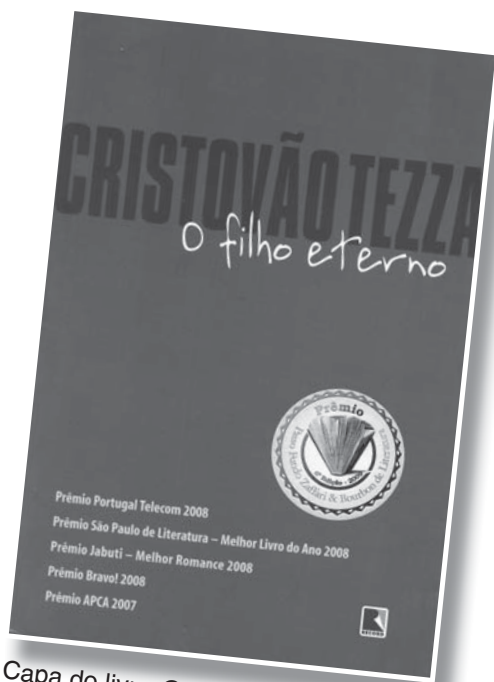
Estou aqui, na verdade, só para dizer que participei do júri que selecionou o romancista vencedor do 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, juntamente com os professores Letícia Malard, Benjamin Abdala, Regina Zilbermann, presidente do júri, e Ignácio de Loyola Brandão. Só queria dizer que foram muitos inscritos, o prêmio foi muito disputado.



Tania Rösing e Cristóvão Tezza



Cristóvão Tezza - É uma felicidade para mim. É a primeira vez que venho à Jornada de Passo Fundo, compartilhando com vocês este circo fantástico, maravilhoso, um evento que envolve uma cidade inteira, uma região, praticamente o estado inteiro, em torno do livro e da leitura. Sinto-me profundamente honrado por receber este 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. Obrigado a todos.



Capa do livro *O filho eterno*



HOMENAGEM A PEDRO BANDEIRA

Tania - Eu quero solicitar à professora Dalva Machado Bisognin, que pertenceu a nossa equipe até a última Jornada, para subir ao palco e entregar o troféu Vasco Prado ao escritor Pedro Bandeira, escritor homenageado desta Jornada. Ninguém mais do que Pedro Bandeira para homenagear Dalva Machado Bisognin com o troféu Vasco Prado, pelo seu trabalho incansável de dezenas, centenas de horas pela Jornada Nacional de Literatura e que agora está no descanso de sua casa, não está mais na nossa equipe, mas mora no nosso coração.



Dalva Machado Bisognin



Dalva Machado Bisognin e Pedro Bandeira



HOMENAGEM ESPECIAL A PIETRO DE ALBUQUERQUE E A ROBERTO PIROVANO ZANATTA

Tania Rösing – Duas pessoas nós gostaríamos que estivessem conosco nesta noite, dois jovens escritores, um que teria dez anos e o outro teria vinte anos. Ambos foram acolhidos por uma doença que lhes interrompeu a vida. No último ano de sua vida Roberto Pirovano Zanatta, um menino com nove anos, escreveu três livros. Enquanto ele circulou entre os hospitais e a sua casa, acolhido pelos seus pais, ele escreveu, enfrentou a doença, deixando três livros para nós. Roberto, antes de manifestar a sua doença, fez uma sessão de autógrafos na escola St. Patrick. Lá eu estive e ele autografou um livro para mim, *O explorador e suas aventuras*. Era novembro de 2007 e eu fiz uma encomenda para ele: “Roberto, você precisa escrever um livro para a próxima Jornadinha”. Ele não está conosco hoje, mas deixou mais dois livros, um especialmente para a Jornadinha, *Mister Xadrez em o desaparecimento do diamante* e o *Caça-monstros*. Eu peço que seus pais venham aqui para nossa homenagem.

Da mesma forma, o jovem Pietro de Albuquerque, que em 2005 lançou o livro *Dias contados* e que teria hoje vinte anos, enfrentou bravamente um ano de luta nos hospitais fazendo transplantes, acolhido por sua mãe e pelo seu pai, Beto Albuquerque. Pietro foi promovido aos céus e deixou para nós o livro *Quem tem coragem*. Gostaria que viessem as famílias de Pietro de Albuquerque e Roberto Pirovano Zanatta aqui para receber nossa homenagem especial a esses dois jovens talentosos escritores que não puderam vir à Jornada.

Para nós realmente é um motivo de muita tristeza não podermos homenageá-los pessoalmente, mas é um motivo de muita alegria saber do tempo aproveitado na doença para deixarem para nós suas obras. Muito obrigada por te-

rem estimulado os seus filhos, por terem nos deixado estas maravilhas.



Da esquerda para a direita: Rafaela Zanatta, Cláudio Zanatta, Raquel Pirovano



Da esquerda para a direita: Nina Albuquerque, Daniela Miranda, Telmo Albuquerque, Vanir Albuquerque, Beto Albuquerque



CONFERÊNCIA

GERAÇÃO *HOMO ZAPPIENS*

Wim Veen



Coordenador da área de educação e tecnologia da Universidade de Tecnologia de Delft, na Holanda, é pesquisador e estuda os novos conceitos de aprendizagem e mudanças pedagógicas que vêm ocorrendo com a utilização das tecnologias da informação e da comunicação na educação. É consultor de instituições de ensino e também presta serviços para empresas privadas e autoridades governamentais. Uma de suas principais obras é *Homo zappiens: educando na era digital*, na qual analisa como as crianças que crescem num mundo de tecnologia e de mudanças constantes demonstram maior relutância em encaixar-se no sistema educacional do que qualquer outra geração antecedente.

Eu venho de um pequeno país, que fica 5m abaixo do nível do mar. Contam que uma vez um garoto colocou seu dedo para reter a água de uma represa, salvando da inundação o país inteiro. Mas aquele menino nunca existiu. É só uma história.

Estou falando de uma geração de jovens que nasceram no início dos anos 1990. Essa geração cresceu com tecnologia. Com três anos eles já têm muita tecnologia a sua volta e já começam a brincar com o computador, ou com *notebook* da mãe ou do pai. Quando chegam ao jardim de infância, já jogaram muito *videogame* e têm de seguir o currículo da escola. Com oito anos eles têm o seu primeiro telefone celular e com 11 já estão jogando *Playstation 3*. O que os torna diferentes das gerações anteriores é que eles estão com o controle do fluxo de informação. Não estou falando do futuro, estou falando do presente! As crianças estão usando muito a mídia e a tecnologia no seu dia a dia. Esse dia começa às 6h e termina à meia-noite, e nesse período de 24h há apenas dois períodos em que eles não estão usando mídia, que é na escola.

Na garagem de minha casa, eu jogo com as crianças durante o fim de semana. Nós começamos ao sábado ao meio-dia e terminamos por volta de domingo à meia-noite, sem dormir. Nós jogamos, nos comunicamos com o mundo que está conectado com nossa casa, sem nunca termos lido os manuais. Vocês já deram um *videogame* para uma criança? Já aconteceu comigo. A criança pegou o CD, colocou no PC e começou a jogar. Quando ela soube alguma coisa a respeito do jogo, depois de uns 20 minutos ou meia hora, eu pensei que aquela criança pegaria o manual e começaria a ler. Não, ela não fez isso. Ela utilizou a rede para pedir ajuda. Eles estão usando a rede. É bem diferente das gera-

ções anteriores. Eles estão integrando seus amigos físicos e virtuais; eles não veem diferença entre eles. Essa é uma geração para quem aprender significa brincar ou jogar.

Por que os jogos são tão populares, tão atraentes? Por que as pessoas querem jogar tanto? É comum no meu país os jovens jogarem oito horas e meia por dia e ainda assim irem à universidade, à escola. As razões pelas quais os *games* são tão atraentes são porque podemos escolher o jogo, podemos decidir os elementos que farão parte dele e podemos criar as próprias regras. A tecnologia está progredindo usando ferramentas como o *twitter*, para conversar e para impactar os outros com seus pensamentos e suas ideias. Até mesmo os livros agora parecem diferentes. As crianças não querem só ter controle de fluxo de informações; elas querem ter o controle da TV, do rádio.

No Japão as crianças estão criando histórias usando os seus celulares. Elas criam histórias juntas, criam vídeos e estão se comunicando pelo MSN. Normalmente elas têm dez janelas abertas na sua tela; não estão apenas escrevendo frases, porque elas pertencem a uma cultura pictórica; então, elas compartilham vídeos.

Nossa geração entendeu a internet como uma espécie de biblioteca, onde podemos achar documentos, imprimir, mas esta geração entende a internet como um lugar de compartilhamento. As comunidades virtuais estão apenas a dois cliques, e os jovens sabem disso. Eles colocam suas fotos digitais na internet e mostram para o mundo inteiro; eles participam em comunidades virtuais. Nós estamos saindo de uma cultura representativa para uma cultura participatória, e isso tem um tremendo efeito não apenas nas universidades e nas escolas, mas também nos partidos políticos, nos governos e nas empresas. Se todo mundo co-

locar um pouquinho de informação na internet, o que isso vai custar?

Os pais e os professores têm muitas preocupações em relação ao *homo zappiens*, achando que eles aprendem de forma superficial, que só estão copiando e colando, que eles não têm concentração e disciplina, que demonstram um tipo de comportamento autista, e a culpa estaria toda na internet e nos computadores. Mas o que os jovens estão fazendo na verdade? No meu país todos os jovens estão fazendo o seu tema de casa e realizando múltiplas tarefas simultaneamente. Estão conversando no MSN, escutando sua música favorita nos seus fones e telefonando, algumas vezes escrevendo, tudo isso ao mesmo tempo. Eles são estimulados por ícones e por imagens na tela, não por textos. Os jovens não leem na internet, na web, porque a web não é para ler. Eles estão processando uma informação descontínua, porque temos de achar a questão total na web, temos que agregar pedaços encontrados na internet. Então, o processo de aprendizado deles não é linear. No entanto, as escolas são lineares, os livros são lineares.

Vejamos as diferenças entre os livros e os *videogames*. A principal atividade que temos de fazer quando estamos lendo um livro é interpretar o que o autor quis dizer com seus textos; por sua vez, nos *videogames* isso não é importante. Nos *videogames* temos que configurar o jogo de acordo com nossas necessidades; nós estamos decidindo, escolhendo, criando. O problema é que os livros terminam sempre do mesmo jeito; os *videogames* não; dependem das nossas escolhas. Num jogo estamos imersos; nos livros estamos dialogando conosco mesmos, não com o autor. Então, nós temos de levar em conta que essas crianças que estão crescendo com a tecnologia, usando telas o tempo todo, de-

envolvem atividades diferentes, por exemplo, da minha geração.

Falando de aprendizado, eu, por exemplo, aprendi internalizando conteúdo na minha cabeça, mas os jovens estão fazendo exatamente o oposto. Eles estão fazendo o contrário, estão externando conteúdos, pois estão compartilhando conhecimentos com outros. Quando um jovem chega aos 21 anos, já jogou *videogame* por vinte mil horas, já assistiu a televisão ou a filmes por oitenta mil horas e já leu livros por cinco mil horas. Nós estamos lidando com uma geração diferente e, se quisermos continuar com as escolas da maneira como nós fizemos nos últimos séculos, vamos perder o nosso público.

Olhem as habilidades que eles estão desenvolvendo ao jogar; eles aprendem a colaborar, a achar um caminho através do ensaio e erro; aprendem através da convivência, formando redes; se organizam e desenvolvem estratégias de solução de problemas. Acho que não há um professor em Passo Fundo que discordaria de que essas habilidades são importantes para o aprendizado. O que estou tentando dizer é que os jovens fazem isso em casa. É um dos maiores desafios para as escolas.

Há 150 anos precisávamos da massificação da educação e alfabetização da nossa população para entrar na força de trabalho, mas aqueles dias já passaram, aquele tempo já passou. Seus filhos não vão trabalhar como as gerações anteriores. Quando eles chegarem aos 38 anos, provavelmente já tenham passado por 15 empregos diferentes. Eles terão de se adaptar. Sabe-se que uma criança que nasce hoje poderá viver até, por exemplo, 2080. Nós conseguimos imaginar o mundo daqui a 65 anos? Eu não poderia. Imagine o seu filho de seis anos numa sala de aula onde há uma

pessoa na frente falando não apenas por um minuto, mas, provavelmente, por vinte ou trinta minutos... O problema é que nós não podemos mandar o professor embora; ele tem de esperar até o fim do dia. Ainda é bem comum que, quando uma criança não se sai muito bem em matemática ou em inglês, por exemplo, embora em todas as outras matérias tenha ido bem, façamos aquela criança repetir o ano escolar inteiro. Esta é a destruição de um capital intelectual. O que é mais importante nas escolas é que os jovens se inspirem, não apenas reproduzam fatos e números, porque eles enfrentarão um outro mercado depois. Essa rotina não existe mais.

Então, as escolas deveriam priorizar o aprendizado individual sem utilizar programas obrigatórios por um ano inteiro. Nós inibimos o processo de aprendizagem dos nossos alunos fazendo isso, porque o aprendizado consiste em conectar fatos, manipular dados e dar significado a esses junto aos outros. Então, aprender de forma digital é diferente; aprender de forma digital consiste em usar a informação de forma a agregar, distribuir e descontinuar a informação. Vocês precisam estar atualizados com os seus colegas nas redes para que possam contribuir com sua parte compartilhando conhecimento.

Assim, os professores terão novos papéis. Eles terão de se tornar coreógrafos educacionais, inspiradores, inovadores, pessoas que agreguem recursos, transformadores na teoria e na prática e, mais do que tudo, observadores de talentos. É curioso dizer que na maioria das escolas há um sistema de desconfiança. O professor diz ao aluno apenas o que este não sabe, o que ele fez de errado; raras vezes lhe diz o que fez certo e quais são os seus talentos. Para ser um coreógrafo educacional, é preciso que o professor dei-

xe seus alunos dançarem, ao invés de instruí-los passo a passo. Em vez de usar livros didáticos para o aprendizado, os estudantes devem usar objetos de informação e aprendizado. Hoje em dia ainda usamos livros didáticos em muitas escolas, mas daqui a um tempo bem próximo os alunos passarão a usar o conteúdo que está na internet. No meu país esse processo já começou e as escolas estão se desfazendo dos livros didáticos; assim, eles estão aprendendo francês, matemática, física e outras ciências, embora de outra maneira. Não é a respeito de conteúdo, é a respeito de comunicação que nós estamos falando. É a respeito de comunicação e de outros meios de aprendizagem.

Atualmente, estou envolvido em desenvolver jogos para o setor corporativo. Nós desenvolvemos esses jogos para os supervisores da Shell de Petróleo, porque segurança é uma das prioridades das companhias e nós treinamos supervisores usando jogos, que funcionam muito mais do que apenas lhes indicar um livro para leitura. Uma pesquisa na Universidade de Los Angeles observou dois grupos de idosos, um deles acessando a internet e outro, em outra sala, tendo para leitura apenas livros. Na avaliação da atividade cerebral de ambos os grupos, tornou-se claro que a atividade cerebral era muito mais intensa naqueles que utilizavam a internet do que naqueles que unicamente liam os livros. Então, qualquer idade em que estejamos, a tecnologia está aí para o nosso aprendizado. Como vocês são professores, têm o poder de decisão, a experiência e também as possibilidades de adotar a tecnologia no seu processo de ensino. É com vocês! Comecem a criar uma nova escola, porque o futuro ainda não sabemos, não conhecemos.

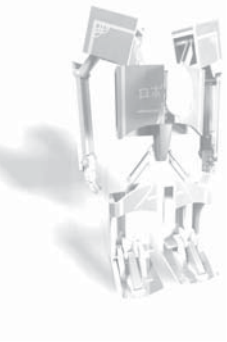


Luciana Rosa e Wim Veen



Parte II

Palcos de
debates e
conferências



PALCO DE DEBATES JORNALISMO, CINEMA E INTERNET

Fernando Molica



Em 1983 formou-se em Jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou nas sucursais cariocas dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* e foi chefe de reportagem de *O Globo*. Em 1996 foi para a TV Globo. Em 2008 assumiu o cargo de editor da coluna "Informe do Dia", do jornal *O Dia*. Em 2004 foi o vencedor do Prêmio Vladimir Herzog na categoria Reportagem de TV. Em 2002 lançou seu primeiro romance, *Notícias do Mirandão*, livro que em 2006 foi publicado na Alemanha e teve adaptação para o cinema. Em 2003 lançou o livro-reportagem *O homem que morreu três vezes* e, em 2005, o romance *Bandeira negra, amor*. Estes dois livros foram finalistas do prêmio Jabuti. *O homem que morreu três vezes* conquistou menção honrosa do prêmio Vladimir Herzog. Organizou duas coletâneas de reportagens: *10 reportagens que abalaram a ditadura* e *50 anos de crimes*. Os livros fazem parte da coleção Jornalismo Investigativo. Molica é coordenador do MBA em Jornalismo Investigativo e Realidade Brasileira da Fundação Getúlio Vargas.

Hoje há uma discussão muito grande, particularmente no mercado editorial, sobre esses novos aparelhos, o livro eletrônico e a possibilidade da sua substituição. Os apocalípticos afirmam que o livro vai acabar, que as bibliotecas vão caber num livrinho. Essa tendência apocalíptica, com a qual a humanidade convive há muito tempo, teria afirmado que o cinema acabaria com o teatro, que a televisão acabaria com o cinema, mais recentemente que a internet acabará com a televisão. Na verdade, nada disso aconteceu. As coisas vão se reinventando, vão adquirindo novos significados, novas possibilidades, novas importâncias, e a cada meio de expressão que vai sendo criado o homem, os criadores, todos nós encaramos um desafio tecnológico.

A internet hoje abre possibilidades. Acho que nunca as possibilidades foram tão grandes, porque ela retira o monopólio da fala dos meios de comunicação, que era a grande discussão nos tempos do autoritarismo da ditadura. Hoje em dia temos uma situação absolutamente inédita. Nunca a humanidade foi tão produtora de informação. Entre as pessoas aqui presentes, várias têm *blogs*, *sites*; isso deixou de ser monopólio. Tempos atrás, só jornalista escrevia no jornal. O que é jornal? É só um papel impresso. Pois hoje se escreve em *blogs*, que também têm poder de transmitir informação. Então, temos aí um processo de democratização tanto no aspecto jornalístico quanto no aspecto da criação.

Já temos uma geração de escritores criados a partir da internet. Pessoas que primeiramente publicaram seus contos, poemas na internet, depois passaram para o papel; alguns que não vão para o papel, alguns nem querem ir para o papel e tem aqueles que produzem um tipo de arte que não cabe no papel. A internet está começando e nós

estamos engatinhando ainda, sem ter ideia de como esse negócio vai ser, como vai evoluir. Acredito que nós não teremos um aparelho de televisão em casa; vamos ter um computador que fará uma porção de coisas. Mas o que acho fundamental é que isso não implica o fim da televisão, do jornal. As coisas vão se reciclando, vão se reinventando. Então, as coisas não acabam.

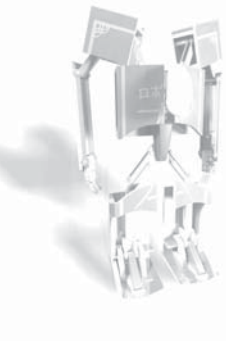
No entanto, o fundamental em tudo isso é a questão da necessidade de expressão do ser humano. Nós temos necessidade de nos expressarmos, de criar, de, no mínimo, procurar entender o mundo, as nossas relações, o velho dito “de onde eu vim e para onde eu vou”, ou “o que eu estou fazendo aqui e como eu estou fazendo”.

A tecnologia existe para facilitar a minha vida. É mais fácil eu escrever no computador do que na máquina de escrever. Quando comecei em redação de jornal, havia máquina de escrever, o que não tem mais, pois é melhor escrever em computador. Já que falei em jornalismo, ultimamente venho refletindo muito sobre ser jornalista e ser escritor. Assim, cheguei à conclusão de que o teclado que nos une é o mesmo que nos separa. Por quê? Por que o exercício do jornalismo e o exercício da ficção são coisas tão diferentes?

Primeiro, o jornalismo é uma instituição social que trabalha em busca de um certo equilíbrio, de uma certa harmonia social, ou seja, jornalismo noticia aquilo que não dá certo. Então, nem tudo é notícia. Notícia é aquilo que foge ao padrão, porque o jornalismo trabalha com a lógica do padrão. O jornalismo procura respostas. O leitor compra o jornal para ter respostas, não para receber perguntas. Já a ficção trabalha completamente diferente. A ficção é o palco da dúvida, pelo menos a boa ficção. A ficção não é

o palco das certezas. De modo geral, a literatura que trabalha com certezas é uma má literatura; é uma literatura de respostas, uma literatura de lições de vida. Na literatura há infelicidade, angústias, desejos, frustrações, ambições que escapam ao jornalismo. No entanto, a ficção, por mais delirante que seja, por mais criativa que seja, está sempre muito atrás da vida. A nossa vida é muito mais rica. Nós não contamos a vida de ninguém na ficção; não conseguimos perceber tudo aquilo que temos – nossas emoções, desejos, frustrações. Isso é amplo demais para caber num livro. Mas o que se tenta é chegar perto, é tentar fazer com que as pessoas se identifiquem ao levantarmos questões.

Finalizando, o principal ao fazer ficção, ao tentar fazer ficção, é se aproximar do detalhe, daquilo que não está claro, ao contrário do jornalismo, que destaca o evidente. Na ficção temos de procurar o incerto, aquilo que não está claro, aquilo que não está evidente, que descobrimos às vezes escrevendo, ou, eventualmente, os outros descobrem naquilo que escrevemos.



Guilherme Fiuza



Jornalista desde 1987, já trabalhou em diversos jornais e portais da internet. É autor de *Meu nome não é Johnny*, adaptado para o cinema em 2008 pelo diretor Mauro Lima. Escreveu também *3 000 dias no bunker*, reportagem sobre a equipe que combateu a inflação no Brasil. Foi editor de política de *O Globo* e assinou o *blog* No mínimo, um dos dez mais lidos nessa área. Atualmente assina o *blog* na revista *Época*. Também escreveu em 2008 o livro *Amazônia, vigésimo andar*.

Eu queria, em primeiro lugar, agradecer à Universidade de Passo Fundo o convite e, especialmente, à professora Tania Rösing dizendo que é muito bacana ver agora o tamanho da realização que é a Jornada. Eu tenho sido muito convidado para falar sobre cinema, para fazer palestras, participar de debates sobre cinema. Fico pensando, então, que pode acontecer uma de duas coisas: ou vou me tornar um especialista em cinema, ou o Brasil vai descobrir que não entendo de cinema. Isso tem acontecido basicamente por conta da adaptação de um de meus livros para o cinema, *Meu nome não é Johnny*, que fez dois milhões e duzentos mil de espectadores, uma bilheteria muito grande, um filme muito conhecido. Desde então tenho sido um pouco confundido com o produtor do filme. Eu sou autor do livro. Existe uma história muito curiosa na origem disso tudo, porque foi o meu primeiro livro. Eu, na verdade, sou jornalista, continuo sendo, e escrevi esse livro sem nenhum método, sem saber como fazer, como começar.

Eu tinha vontade de escrever, gostava de escrever, mesmo nos jornais onde trabalhei a apuração, a investigação. A apuração sempre foi para mim a estiva que me dava a possibilidade do gostoso, que era o escrever; sempre fui um cara que gostou mais dessa parte. E o que aconteceu foi que eu queria escrever uma reportagem maior, que não caberia nos jornais, tinha que ser um livro, e eu não sabia sobre qual assunto iria escrever. Comecei a pensar sobre várias possibilidades, até que me surgiu a ideia de contar a história do João Estrella, que eu conhecia. Então, procurei o João, que concordou em me contar a sua história. Quando o livro foi publicado, passei a ser procurado por produtores de cinema. O livro começou a vender e produtores começaram a me procurar, e não foi um nem dois, foram

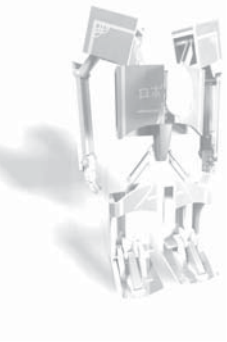
seis produtores conhecidos. Foi assim que vendi os direitos para a Marisa Leão, que foi a produtora do filme.

Agora vamos falar de futuro, vamos falar de internet e de *blog*. O *blog* vai substituir o jornal, o *blog* vai substituir a imprensa tradicional, etc.? Não acredito que seja nada disso. O que acontece nesse fosso entre a produção de cultura, a produção de arte, a produção de conhecimento e o público é que o público não quer ser passivo. Na minha opinião, não existe público passivo. No momento em que admiramos uma obra de Leonardo da Vinci, por exemplo, de alguma maneira, estamos nos identificando, estamos nos misturando com aquilo. Assim, acho que a internet resolveu um problemão. Durante muito tempo as seções de cartas dos jornais tentaram dar vazão, um pouco, àquele leitor que ficava tentando se manifestar naquele espacinho, com a sua carta cortada.

A internet e os *blogs* são uma instituição altamente moderna, no sentido de os indivíduos se manifestarem de uma maneira muito mais consistente, e, a partir dessa manifestação, partir para a sua própria forma de expressão, para o seu próprio *blog*, para as suas próprias obras. Vejo, sem nenhuma demagogia, sem nenhum populismo, entre os meus leitores e comentaristas do *blog*, comentários espetaculares, de pessoas jovens, muitas vezes mais bem fundamentados do que o meu texto original postado lá. Durante algum tempo até destaquei alguns desses textos na página principal, mas depois percebi que seria difícil ser justo com tantos comentaristas. Estamos decisivamente diante de um desafio louco, vertiginoso. Numa sociedade de milhões de indivíduos, é a possibilidade de afirmação de cada um deles.

Tenho discutido muito com os jovens sobre a questão das drogas, do *Meu nome não é Johnny*, e afirmo que a única saída para esse flagelo das drogas, do álcool, por exemplo, não tomar de rodo a juventude, não fazer um arrastão, é justamente essas pessoas, essas almas, cada uma dessas almas ter a possibilidade de se realizar como indivíduo, de se expressar como indivíduo. E a pergunta final: Dá espaço para tanta gente ser alguém? Eu acho que dá, porque os “alguéns” que já são “alguéns” e outros tantos “alguéns” aparecendo, com mais qualidade na forma de apreciar, na forma de expressar, esses “alguéns” que já estão afirmados terão que ser “alguéns” melhores ainda.

Em resumo, vejo com muito otimismo as possibilidades da internet. Não tenho nenhum saudosismo e acho que estamos indo num caminho legal. É também uma ferramenta e um veículo muito capaz de fazer com que os produtores de conhecimento, de arte e cultura percebam também a importância da simplicidade. Acho que perdeu a graça na sociedade moderna aquela arte intangível, aquela cultura, aquele saber acadêmico, absolutamente quase um fetiche de um saber. A modernidade traz a proximidade, a simplicidade, e nós temos de estar próximos uns dos outros. Acho que essa é a única saída possível.



João Guilherme Estrella



Nascido numa família de classe média, frequentou os melhores colégios e teve amigos entre as famílias mais influentes da capital carioca. Viveu intensamente os efervescentes anos 1980, década de ouro do rock brasileiro. Transitando com naturalidade pelos cenários dessa grande agitação cultural, era apaixonado por música, tocava e queria ter sua banda. No entanto, seu caminho acabou sendo desviado drasticamente, pois se tornou dependente de cocaína. Envolvido com o tráfico, enfrentou muitos problemas na prisão e no manicômio judicial, onde esteve internado até obter liberdade, em 1998. Em 2001, Guilherme Fiuza propôs a João que lhe contasse sua história. A parceria deu certo, e a vida de Estrella deu origem ao livro *Meu nome não é Johnny*. Lançado em 2004, foi sucesso imediato de público e de crítica e inspirou o filme homônimo. Hoje, casado, é produtor musical, palestra sobre drogas em escolas e entidades e lançou o CD *Meu nome é João Estrella*, do qual fazem parte músicas suas, algumas escritas na prisão.

Na verdade eu não escrevi um livro. A minha paixão era música e eu lancei um disco. Escrevo canções, sou compositor. Mas o livro me levou a realizar o sonho da música e gostar de fazer análise também, porque as sessões com Guilherme Fiuza foram uma catarse bem poderosa. Foram umas 15 sessões de duas a três horas de bate-papo, para o Guilherme arrancar as informações necessárias para a construção do seu livro.

Foi assim que aconteceu: eu tinha trancado a Faculdade de Comunicação, na PUC do Rio de Janeiro, para investir na música; estava estudando canto – estudei canto lírico durante cinco anos, mais dois anos de canto popular –, mas comecei a usar drogas, LSD, cocaína, maconha, me envolvi com tráfico. Tudo está no livro, muita gente já deve ter visto.

Então, meu caminho musical ficou estacionado ali. Lembro que nem gostava muito de ficar ouvindo CD, botar a música no rádio e tal. Mas a música sempre foi a minha paixão. Quando estava no manicômio, a juíza liberou para mim a entrada de um violão. Como o violão pode ser uma arma, para consegui-lo foi uma coisa um tanto difícil, mas consegui, e comecei a me apaixonar de novo pela música e a compor. Foi assim uma cachoeira de criatividade, muito legal. Este disco, na verdade, saiu dez anos depois de eu ter sido libertado. Duas músicas foram feitas lá dentro, e as outras todas já do lado de fora. Então, o livro me levou a realizar o sonho de gravar um disco. Acho que, se não tivesse sido o livro, talvez eu não tivesse conseguido. O livro despertou o interesse pelo cinema, e o cinema despertou interesse pela minha música. Então, considero que ter passeado por essas estações artísticas maravilhosas – literatura, cinema e música – foi muito bom.



Jorge Furtado



De formação parcialmente autodidata, iniciou a carreira profissional na década de 1980 na TV Educativa - RS, onde foi repórter, apresentador, editor, roteirista e produtor. A partir de 1986 trabalhou com publicidade dirigindo dezenas de comerciais para a televisão. Em 1987 foi um dos fundadores da Casa de Cinema de Porto Alegre - RS, da qual é integrante até hoje. No período de vigência da Lei do Curta, obteve grande sucesso de público e crítica com os filmes. *O dia em que Dóris encanou a guarda* (1986), *Barbosa* (1988) e, principalmente, *Ilha das Flores* (1989), com os quais conquistou vários prêmios nacionais e internacionais, inclusive no Festival de Berlim. A partir de 1990, passou a trabalhar como roteirista para a TV Globo associado ao núcleo de Guel Arraes, com o qual escreveu e dirigiu várias minisséries e dezenas de especiais. Em 2002 estreou como diretor de longa-metragem com *Houve uma vez dois verões*. No entanto, foi com o segundo longa, *O homem que copiava*, que chegou ao grande público e conquistou vários prêmios, entre os quais o grande prêmio Cinema Brasil de Melhor Filme Brasileiro de 2003. Festivais de vários países já realizaram retrospectivas e homenagens à obra de Jorge Furtado, como em Hamburgo, Rotterdam, São Paulo, Santa Maria da Feira, Goiânia, Toulouse, Paris, Londres e Bruxelas. Em março de 2008, o Harvard Film Archive, ligado à Universidade de Harvard, promoveu a mostra "Jorge Furtado's Porto Alegre". São também de sua autoria *Luna caliente*, *Meu tio matou um cara* e *Saneamento básico*, o filme. Como roteirista, citam-se, entre outros, *Agosto*, *A comédia da vida privada*, *O coronel* e *o lobisomem* e *Romance*.

É um grande prazer, uma emoção, estar aqui pela segunda vez. Queria elogiar as participações anteriores, aliás queria discordar de alguém para ficar mais divertido, mas concordo com tudo o que disseram. Acho que, sem dúvida, a internet não vai substituir o livro, sem dúvida o cinema não matou a televisão, pois a arte não é substitutiva, mas acumulativa. Muito interessantes também as colocações do Guilherme sobre *blog* e essa coisa da pessoa que quer ser alguém e escreve coisas em *blogs*.

Sou muito otimista com tudo o que está acontecendo em relação à informação. Mas em defesa do livro, eu trouxe aqui um livrinho que estou lendo, um livro ótimo, chamado *A cultura do romance*. É um livro bom, que fala de uma coisa, que é a questão da ficção e não-ficção, a questão do limite entre ficção e não ficção. Essa questão do nome próprio é o limite entre a ficção e não-ficção.

Hoje há uma infinidade de grandes sucessos do cinema brasileiro baseados em fatos reais, há uma demanda enorme por realismo. É o caso de *Meu nome não é Johnny*, *Cazuza*, *Carandiru*, *Dois filhos de Francisco*; vem aí um megacampeão de bilheteria *Lula, o filho do Brasil*, e muitos outros filmes que são um grande sucesso. Todos tiveram algumas questões com o nome. Muitos desses filmes, antes de serem filmes de grande sucesso, foram livros de grande sucesso. O próprio Paulo Lins, na sua segunda edição do *Cidade de Deus*, teve que mudar os nomes de vários personagens do livro, porque Zé Pequeno era uma pessoa que Paulo conhecia; então, eram pessoas de verdade. Assim, quando usamos nomes de pessoas de verdade, estamos dizendo o nome de uma pessoa de verdade, uma coisa que realmente aconteceu e ficamos achando que aconteceu, acreditamos que aquilo aconteceu. Essa questão entre o

que é verdade e o que não é verdade é uma questão ética, não uma questão estética; não é uma questão técnica, é uma relação ética.

O cinema sempre tem uma dose de simulação. Da mesma forma, quando se faz jornalismo, sempre se tem uma dose de simulação. Qual é o limite da coisa? O limite é o trato que nós fazemos. Então, o que é a verdade? A verdade não é um desejo, a verdade pode variar de opinião, de um para o outro, a minha, a dos outros. Da mesma forma, qual é o limite entre a internet, o cinema? É o trato que nós fazemos, e esses tratos variam.

Quando eu peço um livro e nele está escrito “baseado em fatos reais”, acredito que seja baseado em fatos reais, mas pode ser mentira, pois o autor pode estar mentindo que se baseou em fatos reais. No entanto, isso não muda o conteúdo do livro, muda a minha relação com o livro. Então, essa questão do que é verdade e do que não é verdade é absolutamente fundamental nessa nossa conversa aqui.

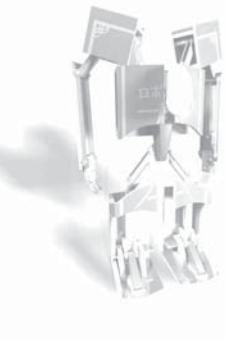
Quando comecei a fazer cinema, lá nos anos 1980, eu, o Giba, o Nadotti, o Gerbasi, todos éramos jornalistas e queríamos fazer cinema. Queríamos através do cinema falar sobre a realidade, representar a realidade de alguma maneira. Filmes como *Deu pra ti*, por exemplo, são documentários em grande parte, apesar de serem ficção com atores. Então, fomos percebendo que às vezes é mais fácil falar a verdade com a ficção, porque existem coisas que são inconfessáveis, e para essas coisas inconfessáveis só a ficção resolve.

A ficção é a forma mais eficaz para se conhecer um ser humano; nada mais eficiente, ainda, do que a literatura, um texto, que fale sobre o que sentem as pessoas lá dentro. O que quero da ficção é uma relação de transparência. Isso

é ficção, isso é mentira, é uma coisa diferente. Uma coisa é ficção, outra coisa é mentira.

Vocês, professores, quando ensinam os alunos, têm de falar a verdade e o aluno tem de acreditar em vocês. Uma das minhas professoras disse que o Brasil foi descoberto porque Cabral pegou a calma, e todo mundo acreditava nisso na minha época de colégio. Hoje todo mundo sabe que não foi isso que aconteceu; não que a professora estivesse mentindo, mas a historiografia mudou e se descobriram outras coisas.

Quando eu pego um livro e diz isso é jornalismo, isso é reportagem, isso é ficção, são coisas muito diferentes, e misturar essas duas coisas, seja no cinema, seja na internet, seja no jornalismo, seja no que for, é uma tentação. Então, a questão da separação entre o que é verdade, o que é ficção e o que é mentira é muito séria e nós não devemos esquecê-la.



Ricardo Silvestrin



É formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É poeta, contista, publicitário, editor e músico. Entre suas publicações estão *Palavra mágica* (prêmio Açorianos de Melhor Livro de Poesia editado no Rio Grande do Sul em 1995), *Pequenas observações sobre a vida em outros planetas, ex, Peri, mental, O menos vendido* (prêmio Açorianos de Melhor Livro de Poesia editado no Rio Grande do Sul em 2007), *Play* e *Transpoemas*, além de várias antologias. É colunista do Segundo Caderno do jornal *Zero Hora* e integra o grupo musical Os PoETs, que lançou em 2004 o CD *Música legal com letra bacana*. Seu e-mail é ricardo.silvestrin@globo.com e sua página na internet é www.ricardosilvestrin.com.br.

Vou começar por onde sempre começo, dizendo um poema meu.

Não me pergunte para que serve a arte,
se você sabe, antes de nascer já sabia
se alimentava de arte pelo cordão umbilical
de arte vivia na solidão e no escuro
senão como ficar sem resposta
Caso contrário você vai ficar sem resposta
durante nove meses para suas perguntas.
Ritmo é resposta no som submerso
somente a melodia da fala que nada dizia
uma dança das mãos do ventre em que você dormia
Desde que nasceu, sem arte,
que você sabe como ninguém para que serve,
para que a vida serviria.

A questão da arte da linguagem é a questão que nos funda e a questão que interessa. Associadas a ela temos duas outras questões, que não nasceram agora, mas que acompanham a arte desde que começou, que são a mídia e a tecnologia. O que é mídia? Mídia é o meio onde eu vou veicular alguma coisa. O palco, por exemplo, é uma mídia, é um lugar onde vão ser colocadas as pessoas que vão emitir mensagens. Livro é uma mídia, um MP3 é uma mídia; então, são os meios por onde se vai veicular alguma coisa. Esta é sempre a questão número um: onde eu vou fazer os outros conhecerem minha ideia? Vou para a rua com um cartaz gritando, vou ficar no palco, vou subir em cima de uma estátua, vou botar no jornal, vou botar na rádio, vou botar na TV, vou botar na internet, enfim, onde é que eu vou fazer que as pessoas vejam o que estou fazendo. A outra questão é a tecnologia. Como é que faço isso? Como é que os outros fizeram? Como é que vou me especializando

nisso aqui? Como é que vou criar um jeito que os outros não criaram? Então, é a tecnologia.

Toda a arte vem construindo ao longo dos séculos uma construção coletiva, a sua tecnologia. Todas as artes vêm construindo isso. Aristóteles, no seu livro *Arte poética*, diz que o verso é uma imitação dos conjuntos da fala. Então, antes da frase veio o verso; depois veio a frase. Os primeiros tratados de medicina eram escritos em verso. Todo mundo escrevia verso; tudo o que se escrevia era verso. Assim, tudo o que se escrevia na arte era a poesia, que era esse fazer em versos. Surge uma primeira tecnologia. Vamos imitar a fala, vamos ver como é que a gente pega esse conjunto e transforma numa unidade que se possa relacionar com outras. Alta tecnologia de linguagem desenvolvida, sabe-se lá por quem, mas uma construção de seres humanos. Depois esse verso vai ser veiculado onde? Assim, temos a mídia e a tecnologia.

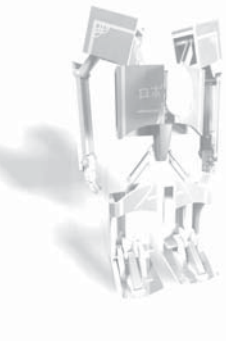
A métrica, que é contar o número de sílabas, vem também com uma funcionalidade; então, de novo tecnologia. Esta arte toda nasceu no verso, que vem cantado e contado. Hoje a frase conta, o verso canta, mas juntos, lá na origem, estavam cantando e contando ao mesmo tempo. Esse verso apresentado era criado para ser ouvido, era uma arte para o ouvido. Então, valores sonoros da palavra, ritmo, rima, repetição sonora, tudo isso que ajudava o ouvido estava na tecnologia desenvolvida naquela época.

Depois chegamos a um determinado momento, quando alguém resolveu copiar aquilo que era para ser ouvido. Assim, nasceram os copistas, que copiavam os versos e os guardavam em bibliotecas. Até que se chegou à invenção da imprensa, com Guttemberg, que inventou um jeito de reproduzir no papel. Dessa forma, esse verso ouvido passa

a ser lido; quando passa a ser lido, modificam-se a recepção e a produção da arte. Essa outra tecnologia criada no papel, da relação entre a palavra e o papel e a criação, traz um outro desenvolvimento tecnológico para essa arte, que era só uma arte do ouvido. Na arte de contar também existe uma tecnologia, que foi sendo construída coletivamente ao longo dos séculos. Essa tecnologia do contar – e estamos falando de trezentos, quatrocentos anos – foi sendo desenvolvida também para ser lida.

Nós estamos passando agora também por um momento de se somarem a essas tecnologias outras tecnologias. Eu posso botar um movimento, uma foto, um som, outras coisas. Outro ponto que quero referir é que temos na nossa cultura um certo fetiche pela mídia livro, como se só por ser livro garantisse que é bom. Todos temos que ler os livros. Mas há na mídia do CD, na mídia vinil, muitas coisas legais. Na mídia *blog* tem coisa legal? Sim. Tem bananice? Sim, porque a internet é o mundo, e bananice tem dentro e fora da internet. Eu escrevo, tenho uma banda, tenho três *blogs*.

Finalizando, mídia e tecnologia são os dois elementos básicos da comunicação, da arte, e esse discurso apocalíptico de que uma coisa vai substituir a outra, que uma coisa vai acabar, é bobagem. As coisas têm um processo; o que acabou ressuscita, alguém redescobre, alguém traz.



Sérgio Leo



Carioca é jornalista desde 1983, já trabalhou como repórter e em cargos de chefia na maioria dos principais órgãos de imprensa do país: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *IstoÉ*, *IstoÉ Dinheiro* e TV Globo. Especialista em relações internacionais pela Universidade de Brasília, ex-professor universitário, é hoje repórter especial e colunista do jornal *Valor Econômico*. Mantém o *blog* Sítio do Sérgio Leo (verbeablogs.org/sergioleo). *Mentiras do Rio* é seu livro de estreia, com o qual foi vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2008 na categoria Contos.

Eu queria primeiro agradecer a oportunidade de ter vindo a esta Jornada, que era uma coisa assim meio mítica. O tema desta palestra, tecnologia, como já foi dito aqui antes, é algo que muitas vezes cria uma discussão falsa, que está na confusão entre o que é meio e o que é transmitido por esse meio. Muitas vezes as pessoas dizem que a tecnologia vai mudar, quando, na verdade, vai mudar a forma de escrever; ou vai mudar o livro, ou vai mudar a literatura, quando, na verdade, o que mudou foi só o meio de transmissão dessa literatura.

Esse debate sobre se vai haver mudança na literatura com as novas tecnologias é também muito forte no jornalismo, onde se pergunta se o jornalismo vai acabar, se vão acabar os jornais. Na maior parte das vezes essa discussão se refere apenas a uma mudança de meio. Acredito que o que existe hoje, que nós conhecemos como literatura, como jornalismo, vai continuar. Nós estamos falando de jornalismo, literatura e cinema.

O cinema, que é uma tecnologia, já tem mais de um século de existência e vem mudando. Hoje temos um cinema que não é mais feito para ser assistido unicamente nas telas grandes, em palcos. Nos dias de hoje as pessoas estão assistindo nas suas casas. Grandes produtoras cinematográficas já produzem filmes pensando na veiculação doméstica. Eu acho que essas discussões, algumas bem antigas, vão permanecer independentemente do que haja com a tecnologia.

Outra questão levantada neste debate é sobre a ficção e a verdade, o jornalismo e a literatura. É uma coisa muito difícil; temos uma dificuldade grande às vezes de diferenciar, de separar, o terreno de um e o de outro. É mais fácil falar do que não é do que falar o que é. A fronteira entre

ficção e verdade é exatamente o terreno onde nós, jornalistas, nós, escritores, trabalhamos.

Resumidamente, acho que o jornalismo trabalha com o que é, com o que existe e que nós podemos provar; por sua vez, a literatura lida com o que pode ser, por isso tem essa liberdade de chegar onde as provas não alcançam, que é a cabeça do personagem. O jornalismo, como é pressionado pelo tempo, pelo espaço, é um trabalho também aprisionado pela necessidade da veracidade da não-ficção, o que acaba deixando a linguagem propriamente dita, o texto, em segundo plano. A linguagem do jornalista é operacional. O jornalista acaba trabalhando quase que com frases feitas, com pensamentos previamente elaborados. O jornalista tem um repertório de frases prontas, às vezes de ideias prontas, que até podem dificultar a visão da realidade.

Por sua vez, a literatura nos permite usar uma outra linguagem, uma nova maneira de contar. Essa é a grande mágica da literatura, o grande segredo, que é o esforço que o escritor faz de traduzir as coisas do mundo de uma maneira original, nova, de uma maneira que amplie a capacidade das pessoas de ver esse próprio mundo, o universo dessas pessoas, o mundo onde vivem.

Como o Guilherme estava dizendo, o fato de termos uma experiência como jornalista acaba às vezes nos levando a certo interesse em fazer literatura, uma literatura que alcance, que pareça, pelo menos às pessoas, de mais fácil compreensão; um texto que chegue mais facilmente às pessoas. Eu tive esse esforço, mas a minha ideia não era fazer uma linguagem fácil, não era fazer um texto que não me desse trabalho; pelo contrário, fazer um texto simples, mas que não fosse banal, que não fosse um lugar-comum.

Para concluir, acho que o cinema e o audiovisual acabam usando o texto escrito, sempre partem do texto escrito como base. Por mais que evolua a tecnologia, sempre vai haver uma base num texto escrito, sempre vai haver um espaço para o livro impresso. As pessoas achavam que a informática iria acabar com o papel; pelo contrário, nunca se gastou tanto papel como hoje em dia. Portanto, sempre vai haver escritor que vai escrever um texto, que vai pensar no discurso e na narração, mas, ao mesmo tempo, cada vez mais se abrem para nós, escritores, como está se abrindo para o jornalismo, recursos que antes nós não tínhamos, que são esses recursos audiovisuais, essa tecnologia.



Da esquerda para a direita: Jorge Furtado, Fernando Molica, Júlio Diniz, Telisa Furlanetto Graeff, Guilherme Fiuza, Ricardo Silvestrin, Alcione Araújo, Sérgio Leo



CONFERÊNCIA

ESPAÇOS CULTURAIS E CONVERGÊNCIAS DAS MÍDIAS

Marcello Dantas



É reconhecido *designer* e curador de exposições e diretor de documentários desde 1986. É formado em Cinema e Televisão pela Universidade de Nova York e pós-graduado em Telecomunicações Interativas pela mesma universidade. Estudou História da Arte e Teoria de Cinema em Florença e Relações Internacionais e Diplomacia em Brasília. Seu currículo inclui prêmios de melhor documentário na Bienalle Internationale du Film Sur L'Art do Centro Georges Pompidou, Paris; no FestRio, no International Film & TV Festival of New York e o prestigioso ID Desing Award da Business Week. Seus trabalhos se concentram na potencialização de conteúdos históricos, com uma gramática altamente imersiva, na qual a sensorialidade é enfatizada. Sua atuação multidisciplinar faz convergir trabalhos autorais, curadoria, direção e produção em áreas diversas, mas norteadas pelo encontro da arte com a tecnologia. Dantas foi curador de exposições de arte no Brasil, entre as quais se destacam as de Bill Viola, Gary Hill, Jenny Holzer, Shirin Neshat, Laura Vinci, Tunga, Peter Greenaway e a coletiva internacional Tempo Inoculado. Nas artes cênicas, trabalhou em *Ópera Mundi*, no Maracanã, no balé *Floresta Amazônica* de Dalal Achcar e na peça *Uma noite na Lua*, de João Falcão, com Marco Nanini. Entre as exposições históricas destacam-se Antes – Histórias da Pré-História e Arte da África, no CCBB, 50 Anos de TV e +, na Oca do Parque do Ibirapuera, SP, Paisagem Carioca, no MAM-RJ, De volta à luz e Escrita da memória no Instituto Cultural Banco Santos, SP, Mano a Mano, no Centro Cultural de La Villa de Madri. Foi diretor artístico do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e, recentemente, inaugurou o Museu do Caribe, em Barranquilha – Colômbia.

Isso aqui parece um palco de show de rock mesmo, uma loucura. Eu já tinha tanto ouvido falar da Jornada, nunca tinha estado aqui, agora caiu a ficha. Muito obrigado pelo convite. Estou aqui para falar sobre uma coisa que afeta a todos nós, que é talvez o modelo de espaço simbólico que podemos pensar hoje para representar a sociedade que temos. Eu chamo isso de certa forma das nossas “novas catedrais”. Eu digo novas catedrais, porque as catedrais, através dos tempos, foram os lugares para onde a sociedade confluía com arte, com liturgia, com fé, com o dinheiro, poder, com todas essas coisas simbólicas que foram fundamentais para dizer o que cada momento de cada sociedade era.

Hoje não é mais possível construir catedrais no sentido que se construiu há alguns séculos por vários motivos. Não que não possamos construir aquele tipo de catedral, mas temos que construir um novo tipo de catedral. E esse novo tipo de catedral, de certa forma, precisa ser diagonal na sociedade, falar com o jovem, com o desempregado, com o idoso, com todas as pessoas, o rico, o pobre, o executivo, o profissional. Todas as pessoas de alguma forma precisam confluír para esse lugar. Existem pouquíssimos mecanismos hoje que conseguem falar com a sociedade inteira, que conseguem, pelo menos, ser inclusivos em relação à sociedade inteira. Um dos últimos territórios onde isso é ainda possível são os museus.

Estamos numa sociedade em mutação e também essas coisas precisam ser repensadas de alguma forma. Esse pensamento, para mim, deriva de uma constatação de que houve um esgotamento no modelo de instituição em que vivíamos. Este modelo, de certa forma, representava uma história que se evidenciava através do material, através

daquilo que era físico, coleções, toda uma história do colecionismo, que se ocupou por um bom tempo da nossa história, que é superimportante, é um modelo que vai continuar existindo. Não é que devamos nos livrar desse modelo, porém não conseguimos mais construir em cima desse modelo por vários motivos, alguns deles de natureza econômica, outros de natureza política, outros de natureza processual, mas o principal motivo é que talvez a nossa cultura não seja mais tão fácil de ser representada através de elementos materiais, coisas colecionáveis, físicas.

A nossa cultura é hoje uma cultura fortemente imaterial, e o que realmente importa são as relações entre as coisas, não tanto as coisas em si. Então, precisamos pensar uma instituição, algum lugar, para podermos celebrar a cultura que possuímos, e uma cultura que é fortemente imaterial. Isso diz respeito a qualquer pessoa que se interesse pela literatura, que é profundamente imaterial.

Hoje à tarde eu ouvi aqui uma discussão que considero uma das discussões mais antigas que podemos ter: o livro vai acabar, ou o livro não vai acabar. Estou pouco me importando se o livro vai acabar ou não vai acabar; não tenho a menor dúvida de que a literatura não vai acabar, é isso que importa. A literatura, a poesia, a relação entre os elementos que nos representam, que trazem à tona a música, todas essas coisas são as que temos que celebrar, não importa o suporte, não importa se vai ser papel, se vai ser digital, se vai ser luz projetada no chão, se são hieróglifos, ou o que seja.

Recentemente fui chamado para desenvolver um projeto para a Associação Nacional de Jornais, e estavam todos preocupados com o fim do jornal. Mas as pessoas não se dão conta de que hoje, na realidade, as pessoas têm uma

fome gigantesca, um apetite voraz por informação. É isso que na realidade conta, é isso que é o grande movimento. E o que nós vivemos especificamente com o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo foi exatamente esse retrato.

No início desse projeto, não se sabia absolutamente nada do que se queria fazer. Sabíamos que queríamos celebrar, de certa forma, a literatura, porque naquele quarteirão de São Paulo já se celebravam a música, as artes visuais e faltava um outro pilar na história, que seria a literatura. Assim, o pensamento óbvio seria fazer uma biblioteca. No entanto, não era disso que São Paulo precisava e não era disso que na realidade precisávamos simbolicamente. Então, desenvolvemos um projeto que dava conta de buscar uma história que ninguém nunca tinha contado, que era museificar.

Museificar significa transformar em musa, transformar em inspiração, aquilo que nos ligava a todos, que é a língua. E foi muito engraçado porque o projeto tinha vários nomes, mas num certo momento eu e a Bia Lessa defendemos a ideia de usar um nome absolutamente convencional para o projeto: nós queremos um museu da língua portuguesa.

Vou voltar agora um pouco para a minha história. Por que eu me interesso por isso? A minha formação mistura um monte de coisas, mas num determinado momento resolvi me dedicar a museus e exposições por um motivo muito simples, porque eu me interessava em criar linguagem, em criar gramática e linguagem, que, de alguma forma, pudessem inovar, algum nível de criação, as maneiras de se comunicar. Quando vi a tremenda crise por que essas instituições passavam e a necessidade de se criar linguagem para elas, decidi me focar fortemente nisso, para vivenciar

não somente a arte, mas a história, a arte, a ciência, o saber como um todo. Todas essas coisas precisavam de novos mecanismos para que pudessem acontecer. Isso é o que me seduz até hoje e acho que é uma coisa que ainda está longe, muito longe, de ser esgotada.

Não é de surpreender que haja esgotamento em várias frentes toda vez que ocorre uma mudança de padrão tecnológico. É muito importante lembrar que os últimos vinte anos foram fundamentais para que saíssemos de uma história da tecnologia analógica, maravilhosa, para uma história de tecnologia digital, que prevê uma mudança geral de todos os comportamentos relativos às coisas. Mas atenção para um detalhe, quando se pensa em obsolescência, isso não quer dizer que as coisas deixem de existir, apenas quer dizer que elas deixam de inovar.

O rádio tem uma linguagem, uma gramática, que está definida e vai continuar existindo. Alguém aqui acredita que o rádio vai deixar de existir? Alguém ainda acredita que a televisão vai matar o rádio? Não, o rádio tem o seu espaço, assim como a televisão, o cinema, essas coisas não se sobrepõem. Porém, existe sim uma coisa: chega um momento em que essas mídias deixam de inovar, em que se estabilizam, por um motivo muito simples: porque as cabeças passam a olhar para outro lugar, há uma energia buscando oportunidade em outros territórios. Então, é necessário entender que obsolescência não significa morte, quer dizer apenas que vamos deixar de refletir sobre elas e focar o interesse noutro lugar.

Não consegui ver nos últimos vinte anos nenhuma grande inovação na maneira de se trabalhar o livro. O livro, enquanto formato, está absolutamente resolvido. Essa mídia já existe, está redonda, o que não quer dizer que não

se pensem outras coisas para a literatura. Contudo, o livro está bem, muito bem resolvido.

Quando começamos a pensar no projeto, estávamos lidando com um conceito de museu como um armário velho cheio de coisas e precisávamos devolver à palavra “museu” o sentido simbólico, de ser um templo de musas, um lugar de inspiração, um lugar de reflexão, um ponto de aprendizado, principalmente um espaço que mostrasse de onde viemos e, acima de tudo, para onde iremos. Há uma frase que diz que o nosso maior problema em ter amnésia em algum momento da vida não é porque esquecemos de onde viemos, mas esquecer para onde estávamos indo. É necessário que tenhamos instrumentos para uma sociedade como um todo, simbólicos, que apontem qual é a direção, o sentido, que essa sociedade vem tendo historicamente. E a pergunta que talvez exista para isso hoje é: Qual grau de protagonismo queremos que os templos de cultura possuam. Queremos que sejam um farol para uma nova sociedade, ou que sejam lanternas para um passado nostálgico?

Há pessoas que absolutamente defendem que o museu é um lugar para lembrar um tempo. Acho que todos nós queremos museus e espaços culturais cheios, democráticos, inclusivos e acessíveis e que sirvam para todos, mas não existe um consenso de como fazer isso. O desafio não está na intenção; o desafio, de fato, está na linguagem, na maneira de se criar uma linguagem para se comunicar com as novas gerações, para que se apaixonem por aquilo que nós consideramos simbolicamente importante para a nossa cultura.

Claramente fiz uma opção pelos jovens. Penso que nenhuma outra coisa faz mais sentido do que se comunicar com os jovens, e para isso precisamos falar a linguagem

dos jovens, com todos os elementos, sistema de atenção, de forma de linguagem, de todas as coisas. Muitos reclamam hoje da cultura jovem afirmando que eles têm um baixo índice de atenção, baixo índice de concentração, alta dispersão, etc. e tal. Acho absolutamente o oposto e afirmo que eles são enormes oportunidades. O Brasil chega nessa linguagem com uma vantagem que é bem interessante, pois o público brasileiro tem uma formação de linguagem audiovisual como poucos no mundo. Tem esta cultura audiovisual muito formada e isso é uma porta de entrada, uma oportunidade de atingir esse público jovem por essa via. Tem uma musicalidade que também é muito forte, que é outra porta de entrada. O Brasil tem uma única língua, uma língua que é profundamente manipulada, que é lindamente inclusiva. Todas essas coisas de alguma forma são chances para podermos criar um novo território de linguagem.

Outro elemento muito forte, quando falo em imersão total, é a possibilidade de sermos multidisciplinares no sentido mais pleno da palavra. Eu me interessos, sim, em ensinar história com educação física; me interessos, sim, em ensinar ciência com arte. É possível aprender matemática com música. Todas essas coisas são cruzáveis. O cruzamento dos saberes é que, na realidade, gera esse encontro mágico, que raramente conseguimos fazer numa sala de aula, mas num templo cheio de equipamentos, cheio de tecnologia, cheio de bases e de reflexão, conteúdo e pesquisa; talvez seja o campo, a arena possível, para fazer esse tipo de encontro acontecer. A tecnologia não muda a essência das coisas; é apenas um suporte transitório, sempre transitório. O saber tecnológico tem um prazo de validade, em geral muito breve. Cabe a nós estarmos permanentemente

pesquisando e tentando olhar para alguma coisa nova, embora ela não mude a essência das coisas.

A vida ainda é a única matéria-prima da arte. A cultura é substrato da vida, essas coisas não mudam. E nós temos sempre que buscar inspiração nesses pilares fundamentais que nos dizem respeito. Eu jamais me inspiro na tecnologia para contar qualquer história, preciso me inspirar na vida, preciso buscar na vida, assim como a literatura sempre o fez, assim como a poesia sempre o fez. No entanto, vou utilizar os elementos da linguagem do meu tempo. Eu não tenho a opção, como um criador inserido dentro do meu tempo, de criar outra linguagem que não seja a linguagem do meu tempo. Isso é uma condição. Eu não posso escrever como Camões, não posso pensar como Machado de Assis. Mas existe uma zona cinza nesse meu trabalho e nesse conceito geral de imersão total, a qual se chama “tempo”. É algo muito interessante estar falando disso aqui, porque o tempo é o território de conversão de qualquer coisa, inclusive da própria linguagem. O grande trabalho de hoje está em investigar formas de estabelecer o contato entre esses universos criativos, matrizes, que são todos esses onde a humanidade criou as coisas até hoje e novas formas de construir fontes de percepção, principalmente de como estruturar narrativas para meios mutantes, plateias tão diversas e dinâmicas. Eu aponto isso fortemente como um desafio.

No Brasil, o longo período de ditadura, somado ao longo período de estagnação econômica pós-ditadura, trouxe-nos também um enorme déficit de interpretação. Nós não criamos instrumentos para interpretar a cultura das últimas três décadas no Brasil, estamos fazendo isso agora. Por sua vez, a China, que também passou por uma revolu-

ção cultural, está construindo nesse momento mil museus. Ela precisa desses lugares para poder entender quem a China é.

Para finalizar, existem alguns conceitos que preciso resgatar aqui. Toda vez que recebo qualquer coisa sobre interatividade, o meu primeiro pensamento é entender que preciso defender a interatividade como uma coisa fundamental. Interatividade é uma linguagem inclusiva. Isso é fundamental, é a porta de entrada para incluirmos o espectador dentro de um processo. Parece-me que inclusão é uma coisa importante naquilo que fazemos. De certa forma, a generosidade do saber significa também acessibilidade, ou seja, se ando de cadeiras de rodas e não consigo entrar num espaço, me parece ser a mesma coisa quando cifo a cultura de coisas que não consigo compreender. Preciso dar às pessoas inclusão, acessibilidade, e preciso entender que o fato de uma grande massa de brasileiros não ser corretamente alfabetizada não quer dizer que essa grande massa de brasileiros não tenha inteligência. Sem querer jogar fora a maravilha da cultura material que foi criada, preciso, quando utilizo essa cultura material, prover a cultura material de narrativa, porque isso é que nos dá a dimensão das emoções, ou seja, trazer a história para o objeto, não esperar que o objeto sozinho te conte a história, é preciso aproximar. Quero falar a linguagem de quem quer ouvir. Cabe a nós que pensamos arte e cultura de alguma forma hoje pensar como vamos fazer isso, com quais instrumentos vamos fazer isso. Estou fazendo a minha parte ao dedicar a minha vida a fazer esse trabalho, de criar pontes entre conteúdos, vida, pessoas e a técnica do meu tempo.

Comentários

Marcello Dantas

Eu vou falar uma coisa agora que é fundamental. O maior preservador da cultura brasileira no século XX chama-se Rede Globo de Televisão. Eu digo isso porque convivi com a televisão de muitos países e sei o que pode ser uma televisão muito ruim. Não assisto praticamente a nenhuma televisão, mas afirmo que, se nós sabemos quem são vários dos autores brasileiros, se temos alguma imagem dessas coisas, se temos alguma representação na nossa infância disso, foi porque a Globo sistematicamente fez coisas nesse sentido. Só quero que vocês façam uma opção. Vocês preferiam que a história audiovisual brasileira tivesse sido feita pelo Silvio Santos ou pelo Roberto Marinho?

É absolutamente importante que entendamos isso na história da nossa formação e que entendamos também que o processo de preservação faz parte dessa forma de divulgação. É uma forma de criar pontes. Museu para mim é um lugar da inspiração, um lugar onde buscamos alguma coisa para nos iluminar. No mercado compramos comida; na escola vamos nos metodologizar e nos preparar pela educação; no museu vamos buscar inspiração. Museu não é escola, é importante dizer isso. Se o museu for escola, está fazendo serviço errado. O papel do museu é ser um inspirador, uma coisa que nos faça querer saber, querer ir atrás de alguma coisa, ter desejo por ler, ter desejo por ver filmes, ter desejo por ir a outros museus, ter gosto por aquela cultura que está sendo celebrada ali. É para isso que serve um museu.

Sobre criar um museu para que Passo Fundo tivesse um espaço aqui no *campus* para preservar a memória das treze Jornadas, acho que não é o caso. Deve-se, sim, encontrar alguma base de inspiração mais forte que possa juntar o saber que essa Jornada reúne e celebrar isso. Mas é preciso ter cuidado para não fazer como a fundação de José Sarney no Maranhão, pois daqui a pouco teremos o papel que fulano usou, o batom da mulher que esteve aqui, que falou isso, aquilo... Cuidado! Museu tem que ser algo mais importante que isso.

Júlio

A sua fala me fez pensar que os atuais museus de arte estão se transformando em museus antropológicos, divulgadores da cultura, não do produto artístico. O que você pensa sobre isso sendo curador?

Marcello Dantas

Pergunta difícil... Eu acho que a arte está dentro do território da antropologia também, mas não só. Tem uma zona de interseção e uma zona de não interseção. Podemos ver arte do ponto de vista antropológico e de um ponto de vista formal, puramente artístico. Não existe um único movimento dos museus brasileiros, existem vários. É um território de muita inquietação. Adoro ver pelo Brasil inteiro, por onde eu vou, uma enorme vontade das pessoas de construir museus. Estou sendo chamado para fazer coisas em Aracaju, Curitiba; estou fazendo dois em Belo Horizonte, enormes; estão acontecendo em Vitória e Porto Alegre, em todos os lugares tem gente inquieta. E os políticos também entenderam

que esse é um dinheiro que eles podem gastar, porque é politicamente correto fazer isso. Então, ainda tem este dado curioso, não é um mercado frio, ao contrário, é algo inquietante, que está tentando fazer coisas.

Alcione

Eu vou me permitir fazer reparos. Até onde entendi o que o Marcelo falou, e quero separar a questão da literatura e a questão que foi mencionada aqui das minisséries, o fenômeno estético da leitura é um fenômeno de uma percepção pessoal diante do texto escrito, que nós entendemos pessoalmente, numa relação dialogal com o autor. Isso é insubstituível. Outra coisa é uma minissérie, pois vamos assistir àquilo que a TV Globo entendeu do que certo autor diz, traduziu pelo seu filtro particular e nos ofereceu, fazendo com que no processo da adaptação muitas coisas sejam mudadas segundo o interesse ou o olhar desta linguagem, ou até, em algumas circunstâncias desta empresa, segundo demandas do momento. Esse fenômeno com o autor pode se repetir, por exemplo, entre você hoje e a *Divina comédia* do século XIV, porque você vai dialogar diretamente com Dante Alighieri, e esse diálogo será único, jamais se reproduzirá. Outra coisa é um filme sobre a *Divina comédia*, que alguém interpretará à luz de sua sensibilidade. Então esse é um fato.

Outro aspecto que o Marcelo quis ressaltar é a importância de uma emissora de televisão ter as imagens do Brasil num período muito grande, e que fez não apenas pelo compromisso histórico, mas por ter o chamado Cedoc, o centro de documentação, onde tudo que é gravado é guardado. Quando ela precisa fazer a memória

de alguém que morreu, fazer o obituário, está tudo lá. Então, tem uma memória nacional porque o Brasil não cuidou das imagens de suas memórias, mas uma empresa privada cuidou. Isso é muito mais importante. Outra coisa é o que eu adaptei para passar na televisão com meu olhar, minhas limitações, etc. Desculpem eu ter feito este reparo, porque deu a impressão de que ele estava esteticamente legitimando duas versões de uma mesma obra, que são diferentes por se tratar de suportes diferentes e passarem por um filtro natural do processo de produção. E outra coisa é a extraordinária relevância de se ter um acervo de imagens de um país que ninguém tem: é o incêndio de não sei o quê, a enchente do não sei o quê, é o enterro de tal fulano. A TV Globo tem tudo, é impressionante o que há lá. É um museu de imagem e de som da história do país, pelo menos nos últimos 45 anos.

Marcello Dantas

Quase tudo o que faço, de certa forma, vem da parte de professores, ou seja, nós nem começamos a trabalhar se não temos uma equipe de especialistas em diferentes áreas para nos dar suporte. A pesquisa é de longe a coisa mais demorada. Digo isso porque nós precisamos beber nos professores, que entendem quais são as dificuldades e quais são os potenciais e têm um conhecimento para compartilhar. O papel do professor numa instituição aberta, dinâmica, é enorme, porque ele utiliza aquilo como uma ferramenta para melhorar o que faz. Vários dos conteúdos que preparamos para museus também existem na forma digital para serem levados para a sala de aula, seja na forma de cronologia, seja

de vídeos, ou interativos, ou coisas que possam existir na web. Graças a Deus, na realidade, as ferramentas de divulgação digital permitem que muitas dessas coisas sejam multiplicadas, mas não é a mesma coisa, porque, ao se multiplicar um conhecimento, apenas se está reorganizando esse conhecimento. Quando incluímos a linguagem imersiva, estamos ganhando essa pessoa, estamos abraçando essa pessoa, estamos fazendo ela viver uma experiência inesquecível. Então, não consigo tirar o papel da instituição nesse processo como algo de transformação.



PALCO DE DEBATES LITERATURA, TEATRO, MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS

Alcione Araújo



Mineiro, é um dos mais engajados intelectuais do Brasil. Radicado no Rio de Janeiro há mais de trinta anos, é romancista, dramaturgo, roteirista de cinema e televisão, cronista e ensaísta e atua em diversas áreas da vida cultural e intelectual. Sua obra teatral está reunida em três volumes com o título geral de *Teatro de Alcione Araújo*. Escreveu quatorze roteiros cinematográficos de longa-metragem, entre os quais *Nunca fomos tão felizes* (prêmio de Melhor Roteiro nos festivais de Gramado e Brasília), *Jorge, um brasileiro* e *Policarpo Quaresma*. Sua coletânea de crônicas *Urgente é a vida* conquistou o prêmio Jabuti-2005. Com o romance *Nem mesmo todo o oceano*, Alcione Araújo ampliou os horizontes de escritor de sólida carreira como dramaturgo. Em 2006 publicou *Escritos na água*. Seu mais recente romance, *Pássaros de vôo curto*, é uma viagem ao Brasil do século passado. Como ensaísta, participou, entre outros, dos livros *Os sete pecados do capital*, *Para entender o Brasil* e *Nossa paixão era inventar um novo tempo*. Desde 2001 vem contribuindo como coordenador de debates nas Jornadas Literárias de Passo Fundo.

O mundo contemporâneo começou a conviver com a tecnologia. Nós todos começamos a conviver com ela no nosso cotidiano, não o que já havia antes da televisão, que já era rotineira na vida doméstica. A ela se acrescentaram o telefone celular, que passou a ser um parceiro cotidiano de todo mundo, de todas as horas, e também o computador, que começou a ser parte da vida e nos abriu para o mundo, assim como o celular encurtou distâncias.

O computador se abre para o mundo, quer dizer, não há risco de se acabar com a literatura, embora o livro esteja sob ameaça. A tecnologia vai nos possibilitar estarmos sempre próximos da produção literária, do texto escrito, como também do audiovisual, através da convergência tecnológica, que leva a que tudo esteja ao acesso de nossa casa, à nossa mão, no nosso celular, onde poderemos ver até filmes, etc.

Chama atenção também como a tecnologia invadiu outros aspectos da nossa vida, como, por exemplo, a possibilidade que nos trouxe de novo com as pesquisas de células-tronco, que dependem de muita tecnologia, que criam perspectiva de vida humana de cerca de cento e vinte anos, com a possibilidade de que as alterações dos nossos órgãos sejam modificadas por adaptação das células-tronco a cada um dos nossos órgãos. Da mesma forma, hoje é possível termos ressonância magnética e até um marca-passo, que amplia a vida de uma pessoa, uma tecnologia alojada dentro de seu próprio corpo.

Portanto, se a tecnologia faz parte do nosso cotidiano, se faz parte da nossa sobrevivência, evidentemente, de alguma maneira começa a penetrar na nossa subjetividade e fazer parte dos nossos planos, dos nossos sonhos, que não a excluem. Esse é o tema, a razão pela qual a Jornada de Literatura resolveu trazer a tecnologia para o âmbito da cultura, porque inevitavelmente ela hoje faz parte da cultura.



Eloy Fritsch



É um dos pioneiros da música computacional e eletrônica do Sul do Brasil. Participou da criação do Laboratório de Computação e Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e dos primeiros simpósios brasileiros de computação e música. Responsável pelos primeiros cursos de Música Eletrônica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atua na instituição desde 1999 desenvolvendo projetos científicos/artísticos. Também é professor do Programa de Pós-Graduação em Música e dos cursos de Extensão em Música Eletrônica da UFRGS. É coordenador do grupo de pesquisa em Computação Musical e colunista da revista *Teclado & Piano*. Desenvolve um projeto de composição com sintetizadores, computadores e teclados eletrônicos, tendo lançado oito álbuns instrumentais e também participado de várias coletâneas internacionais. Em 1983 criou o grupo Apocalypse, no qual atua como compositor e tecladista, tendo gravado dez álbuns. Suas composições eletroacústicas foram apresentadas em festivais de música contemporânea, vídeos, performances, concertos multimídia, concertos de música acústica, instalações sonoras e eventos de divulgação científica promovidos pela UFRGS.

Gostei muito da cidade, queria agradecer muito à professora Tania. Evento maravilhoso. Sou professor do Instituto de Artes, do Departamento de Música da UFRGS, e represento a universidade aqui hoje e também todo o trabalho que vimos fazendo ao longo dos anos com música e tecnologia. Esse trabalho com música e tecnologia, que envolve a criação do Centro de Música Eletrônica do Instituto de Artes, um complexo de três laboratórios onde trabalham professores e alunos no desenvolvimento de composições computacionais, começou em 1999, e eu, na verdade, tenho contato com a tecnologia desde 1984, quando comprei o meu primeiro sintetizador. Esse primeiro sintetizador é um teclado muito pequeno, monofone, que produzia uma nota por vez. A partir daí tive o primeiro contato com a exploração da pesquisa de sons.

Dentre os trabalhos que desenvolvemos, temos uma rádio virtual, onde as composições dos alunos são disponibilizadas na internet; são composições de música criadas para o computador, ou seja, o único meio capaz de criar esse tipo de música é o computador. Nós só conseguimos ouvir a música por meio de caixas de som, porque não é possível tocar essa música; não é uma música que se pode executar num instrumento convencional. Essa modalidade de composição vem sendo realizada desde o final década de 1940, quando o francês Pierre Schaffer criou a música concreta. A música concreta é uma música criada com a gravação de vários sons da natureza. Os sons eram gravados em gravadores de fita e manipulados, a fita era cortada e emendada. Assim, surgiu uma nova linguagem musical.

Logo depois, na Alemanha, foi criada a música eletrônica, que tem muito pouco a ver com a música eletrônica que ouvimos hoje em dia em redes e na rádio, é a música

erudita eletrônica. Depois de uns vinte anos é que a música eletrônica se tornou mais popular com um álbum muito conhecido, um álbum de música clássica, no qual Valter Carlos criou versões de música eletrônica da obra de Johann Sebastian Bach. É o disco da história mais vendido, de música clássica, porém é um disco feito totalmente com sons eletrônicos, sintetizadores. E aí a música eletrônica acabou ficando bastante popular, pois vários artistas e compositores se dedicaram a utilizar os sintetizadores e criar, então, uma arte diferente.

Assim, a música eletrônica evoluiu para a música eletroacústica, que é a feita atualmente pelos computadores, uma música mais aberta, que inclui todo tipo de som, desde o ruído até a onda senoidal, que é a onda mais pura e que não existe na natureza, só pode ser criada eletronicamente.

O que tudo isso tem a ver conosco? Muita coisa. A maneira de fazer música mudou; ela foi, de certa forma, dos teatros para os estúdios, para as rádios, para a televisão e se tornou uma nova linguagem. A música eletroacústica, uma nova linguagem musical, não utiliza a partitura; ao invés disso, utiliza o computador, fazendo uma série de manipulações do som, transformações de som e inclusão de um termo muito interessante, muito apropriado, que Edgar Varèse, compositor conhecido de vanguarda, utilizou, que é o *organizer song*, ou seja, o som organizado. Dessa forma, no computador é possível organizar o som na tela por meio de gráficos e fazer com que tudo isso soe de uma maneira diferente.

Na UFRGS nós criamos a orquestra de alto-falantes, projeto pioneiro no Rio Grande do Sul, no qual utilizamos um sistema de alta fidelidade para projeções sonoras de

composições feitas com essa nova modalidade de composição. Essa orquestra de alto-falantes tem se apresentado em teatros, em auditórios próprios para receber orquestras, para receber conjunto de câmara. Essa nova linguagem, nova modalidade de composição, passa muito pelos jovens, e, como os jovens têm muito contato com o computador e as novas tecnologias, também ficam interessados, porque têm toda essa facilidade em trabalhar com a música eletrônica, com a música eletroacústica.

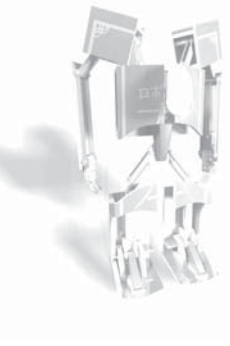
Além da música eletroacústica, também tenho um projeto mais antigo com sintetizadores e lancei alguns discos de música instrumental. Todas são músicas instrumentais baseadas em estúdio, uma música que soa bastante interessante, com menos ruído, em que o sintetizador tem o papel de simular uma orquestra sinfônica, simular o coral, simular sons que não existem no dia a dia. Assim, esse trabalho de criação sonora é bastante intenso.

Atualmente, em várias universidades foram criados outros centros de estudos em música eletroacústica e também de sonologia, uma nova subárea que vem aparecendo, o estudo de novos sons; enfim, tudo está evoluindo a passos largos. Nós temos grandes invenções hoje em dia, como uma escada musical, onde as pessoas andam pelas escadas e produzem música. Nós temos a música criada por meio de ligações neurais, do pensamento humano, conseguindo produzir música só com o pensamento. Inclusive, esse é um estudo muito interessante que um gaúcho está fazendo na Universidade de Cliveland, no laboratório de Future Music. É um estudo ligado ao eletroencefalograma, no qual a pessoa, dependendo dos pensamentos, consegue produzir determinado tipo de música, ou mais parecida com

Beethoven, ou com Mozart, etc., dependendo do estado de pensamento.

Também existem pesquisas nas quais se utiliza inteligência artificial e o programa do computador gera uma música no mesmo estilo de um compositor consagrado, como, por exemplo, música no estilo de Johann Sebastian Bach. Essas descobertas, essas novas invenções, não são só os músicos que estão fazendo. Existe uma grande união entre os inventores, os engenheiros, o pessoal da ciência da computação e os músicos compositores. Na verdade, o músico utiliza a tecnologia desde os primórdios; os primeiros instrumentos são considerados tecnologia. Então, essa tecnologia atual, a música eletrônica, a música computacional, é um reflexo também da evolução da humanidade, das ciências.

O interessante a ressaltar é como fazer uma música diferente da música que está aí sem substituir os músicos, as orquestras e as bandas. Uma música que seja feita, então, com a possibilidade computacional e do processamento do computador, ou seja, uma nova música, que não possa ser tocada, mas que possa, sim, ser feita pelo computador. Então, deixo essa provocação no âmbito musical.



Fernando Bonassi



Escritor de notoriedade e projeção a partir da década de 1990, transita com desenvoltura por vários setores artísticos, atuando como dramaturgo, autor de prosa de ficção, roteiros cinematográficos e crônicas jornalísticas. Tem formação em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Sua primeira peça é de 1989, *As coisas ruins da nossa cabeça*, que teve adaptação para o cinema por Di Moretti e Toni Venturi, intitulada *Latitude zero* em 2001. Estreou no teatro com *Preso entre ferragens* em 1990. Bonassi é um profícuo escritor, com uma série de livros publicados, tais como *Subúrbio*, *Pasaporte*, *Prova contrária*, entre outros. Desde 1997 assina duas colunas na *Folha de São Paulo*. No cinema, é roteirista dos filmes *Os matadores*, de Beto Brant, *Através da janela*, de Tata Amaral, *Castelo Rá-tim-bum*, de Cao Hamburger, *Estação Carandiru*, de Hector Babenco, e *Cazuza, o tempo não pára*, de Sandra Werneck.

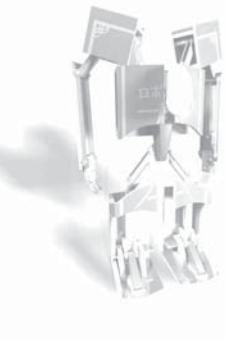
Eu tenho 46 anos e me lembro do dia em que me tornei escritor. Eu vou chegar à tecnologia. Eu tinha 12 anos, e aos 12 sabemos perfeitamente o que é bom e o que é ruim, mas não temos autonomia para nada, nem afetiva, nem material. Sofri impulsos de decapitar o meu pai e, ao mesmo tempo, precisar dele para dormir. Enfim, é uma loucura ter 12 anos. Então, me apaixonei por uma garota e era época da ditadura. Naquela época havia aquelas carteirinhas que marcavam a presença dia a dia, que eram deixadas no escaninho na porta. Um dia roubei a carteirinha da Marinês, dessa moça que nem sabe que eu existo. Fui à esquina da sua casa, porque eu tinha o endereço, fiquei olhando para a casa dela e chorando de desespero, dizendo que eu não tinha aquela fulana. Voltei para casa, fiquei dias nessa desgraça de estar apaixonado e não ser correspondido, até que comecei a escrever um bilhete para aquela menina justamente dizendo da dor de não tê-la e, à medida que ia escrevendo o bilhete, percebi que ter ou não aquela garota não era mais importante. Eu tinha descoberto uma coisa que me tornava menos idiota, que me esvaziava a angústia, que me desempedrava o peito. É por isso que se faz literatura.

Isso posto, eu tenho 46 anos, meu primeiro livro ainda escrevi a caneta, depois datilografei várias vezes. Também usava o processo de datilografia para fazer mais uma revisão. Na verdade, primeiro deixava o livro bonitinho a lápis num caderno, depois datilografava tantas vezes quantas fossem necessárias. Escrevi o meu primeiro livro, profissionalmente, em 1985, esse do lápis, o livro chamado *o Céu de estrelas*, que acabou depois virando um filme da Tata Amaral.

Depois chegou o computador, que para a criação literária é muito interessante, porque é uma ferramenta tecnológica que nos permite ver recorrências, não só o erro, não só a revisão. Podemos navegar por dentro do texto com uma facilidade que antes não havia. Hoje temos um editor de texto. Depois, veio a internet. Lembro que diziam que a internet ia acabar com a leitura, ia acabar com o escritor. Que o sujeito iria para a tela e deixaria o livro, ou perderia a ideia de leitura, porque a internet não permitiria ler grandes textos. De fato, ainda não permite, mas vai permitir também.

Hoje em dia, pessoas que poderiam ser consideradas analfabetas escrevem e recebem *e-mails*. Por força desse meio de comunicação, elas escrevem e leem como nunca. Vocês imaginam o que é ter um ponto de internet hoje no sertão do Brasil? É de fato uma janela para o mundo. Hoje podemos fazer cinema e não precisamos nem de câmaras mais. O teatro também absorve essa tecnologia. Hoje, há certos espetáculos pirotécnicos no teatro, onde a tecnologia está evidente.

E aí volto à primeira história que contei, do ponto de vista da tecnologia, da literatura. Por mais editores de texto que tenhamos, por mais que a tecnologia facilite a escrita, esta ainda acontece solitariamente, no quartinho dos fundos. É uma experiência pessoal, de constituição de alguma coisa que chamam de “arte”. Ainda que a tecnologia propicie, facilite, aumente a possibilidade que o artista tem de se relacionar com o texto, a mágica do texto literário não tem nada a ver com tecnologia. Ainda é uma investigação de si próprio.



Marcelo Paiva de Souza



Bacharelado em Letras pela Universidade de Brasília (1993), fez mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1996) e Doutorado em Ciência da Literatura pela Uniwersytet Jagiellonski, de Cracóvia, Polônia, onde residiu de 1996 a 2000. Atua principalmente nas áreas de teoria da literatura, tradução, história da literatura e do teatro brasileiros, literatura comparada e literatura polonesa. É professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná.

Começo por cumprimentar a todos. É uma alegria enorme estar aqui. Fiquei pensando numa maneira de encaminhar a minha contribuição para o debate que fosse a mais sintética, por um lado, e, por outro, a mais produtiva. Vou passar a palavra a uma obra literária, de uma autora polonesa muito jovem, que traduzi há pouco, Dorota Maslowska, que inclusive estaria aqui, mas por conta de um imprevisto muito triste acabou não podendo vir ao Brasil. Achei que seria interessante, de alguma maneira, torná-la presente e vou fazer isso falando sobre seu romance chamado *Branco neve, vermelho Rússia*.

Neste pedacinho que vou ler para vocês, estão presentes dois personagens: um se chama Forte e o outro, Esquerdo. Eles acabaram de sair de uma lanchonete McDonald's na Polônia, onde roubaram o lanche e um *walk tock*, que era utilizado pelo caixa da lanchonete. Estão lá no meio da rua felizes da vida com aquele brinquedo, com aquele aparato tecnológico que acabaram de roubar. Eu não vou descrever tudo, mas chamo atenção de vocês para alguns elementos metaforicamente sugeridos pela cena que acredito serem pertinentes para o nosso debate.

Os personagens têm nas mãos um aparato tecnológico, um *walk tock*. Chamo a atenção de vocês para um primeiro ponto: vejam como a tecnologia envelhece, o *walk tock*, no nosso mundo, o mundo de celulares, de internet, parece um aparato tecnológico já digno de museu. Ponto dois, qual é o objetivo, qual é a função dessa tecnologia corporificada no objeto *walk tock*? Falar, comunicar-se? Os personagens estão numa calçada, um está deste lado, o outro está um bocadinho próximo do asfalto, e eles usam seus *walk tocks* para se comunicar? Não, o instrumento não facilita em nada a comunicação, não a garante, não a produz; pelo

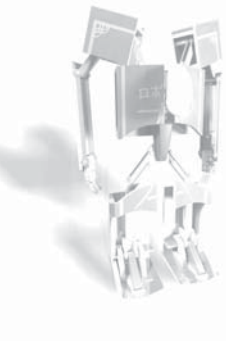
contrário, os personagens acabam quase se atracando por conta da incapacidade de se entenderem.

A tecnologia, então, às vezes, parece se desvirtuar de seus propósitos. Encerro nisso e concluo observando o seguinte: certamente, a narrativa não é, não deve ser lida literalmente. O livro todo é narrado na primeira pessoa pelo personagem Forte, o que nos obriga a considerar outra instância, que é da narradora lá atrás, olhando para essas personagens com uma indisfarçável ironia. Essa ironia me parece ser o ponto mais interessante. Temos aqui um romance contemporâneo, publicado na Polônia em 2002, traduzido para o português em 2007. É um romance que fala de jovens poloneses, forçosamente fala do estado atual do mundo, das tecnologias e do convívio da arte com elas. Parece-me que Dorota, de uma maneira muito interessante, ironiza vários aspectos relacionados a essas questões. Trata delas com distanciamento, com humor, coisa talvez muito importante de se fazer, não obstante a necessidade de se pensar, e pensar muito seriamente, a respeito de todos os desafios propostos a nós hoje pela tecnologia.

De maneira nenhuma discordo do mérito, do modo como o debate vem sendo encaminhado aqui. Acho que esse processo de transformação está posto, como sempre esteve, e nos desafia a pensar muito sobre ele. A literatura não vai morrer por conta de transformações técnicas ou tecnológicas; muitíssimo pelo contrário, daí advirão mudanças, sem dúvida algumas muito benéficas, muito interessantes para a arte. Mas gostaria de introduzir essa nota de ironia no debate. A literatura, a boa literatura provoca, perturba, ironiza, pinta o sete, faz o diabo a quatro. Acho que esse é um elemento que não devemos perder de vista na nossa

conversa. Lembraria que uma tecnologia também é o livro, uma tecnologia formidável.

Não sei se todo o mundo está suficientemente atento para isso. Aquele pedacinho de papel, recortado em determinado formato, encadernado, prático de carregar, que vemos em toda parte, carregamos conosco por toda a parte, é uma tecnologia veneranda e de vários pontos de vista imbatível até o dia de hoje. Acredito convictamente nisso.



Márcio Ribeiro Leite



Formado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, especializou-se em Clínica Médica no Rio de Janeiro no início da década de 1980. Retornou à Bahia em 1985, iniciando seu trabalho como médico clínico. Anos depois, insatisfeito com o frio modelo biomédico adotado pela medicina convencional, especializou-se em homeopatia e psicologia junguiana. Gosta de literatura, psicologia, antropologia e filosofia e assume-se como um livre pensador. De suas profundas observações sobre a natureza humana, particularmente dos idosos, brotou *O momento mágico*, seu primeiro romance publicado. Com esta obra foi vencedor do prêmio Sesc de Literatura 2008 na categoria Romance.

É um grande prazer estar aqui. Nós estamos falando aqui em sobrevivência da arte. Como a arte vai se desenvolver e continuar o seu progresso diante das mudanças tecnológicas? Acho que esse medo é apenas do novo, é um medo da transformação. Como crio cachorros, vejo como eles têm medo de largar o osso. Nós temos medo de mudanças, de mudar aquela tecnologia que já detemos, e partir para uma coisa nova. Não vejo as modernas tecnologias oprimindo a arte ou possibilitando um fim, isso seria impossível; vejo-as como o desdobramento e o surgimento de novas interfaces para as diferentes formas de arte.

Escrevi um pequeno texto que tem a ver com esse medo que temos e com esse desdobramento que está ocorrendo diante das modernas tecnologias, diante das ciências e desse desdobramento natural pelo qual todas as coisas estão passando, não apenas a arte. Este texto se chama “Arte, agora e sempre”.

Estamos numa jornada de literatura, mas estamos focando outras artes. Todos concordamos com as intersecções que as distintas formas de arte fazem entre si durante todo o tempo, a se influenciarem mutuamente. Entendemos como a literatura inspira o teatro, o cinema, a música, a dança, as artes plásticas e, em retorno, como cada uma influencia a literatura e as outras. A arte é a mais plástica e bela forma de expressão do ser humano, a mais profunda no inconsciente, sedimentada nas estruturas filogeneticamente mais longínquas; por isso mesmo, é a mais autêntica, a mais primeva. O artista, ao mergulhar no inconsciente em busca dos elementos de expressão, compartilha com todos, artistas e não artistas, uma linguagem comum, incognoscível, sob um filtro puramente racional, mas perfeitamente tocante, sensibilizante, pois capturada com

sentidos da alma. O artista, como pescador de arquétipos, levado pela inspiração, pela intuição, um fluir inteligível, mas não decifrável, introduz a sutil mensagem em corações sensíveis e contemplativos.

A arte apazigua, enternece, faz refletir, tira-nos, ainda que por instantes variáveis, da constrangedora escravidão na qual estamos submersos na ordinária rotina de nossas vidas. O que eu chamo a nossa “psicologia de cardume”. No grande momento de verdadeiro êxtase, o artista rompe as comportas do convencional, do lugar-comum, do inédito, do inusitado, do irrepreensível, assume todos os riscos e explode em gozo pirotécnico em miscelânea de emoções e sentimentos. A arte, por sua essência, revolve-nos as entranhas, mobiliza-nos ou paralisa-nos, sem jamais deixar de provocar-nos qualquer reação. Se a dura atividade profissional diária ajuda-nos para a sobrevivência, a arte permite-nos a transcendência. De todas as culturas humanas, de hoje ou de qualquer época, dentro de seus costumes e *modus vivendi*, sobressai-se a arte, tanto mais rudimentar ou elaborada, em conformidade com o povo que a nutre. A arte, caldo efervescente de uma civilização, representa o seu mais sublime legado. É a expressão máxima e mais aperfeiçoada de seu psiquismo em constante progresso.

A arte persistirá através dos séculos e milênios, sempre mais aprimorada, exatamente como vem acontecendo até hoje. A arte evolui, como evolui a cultura humana do homem e para o homem. E, uma vez que o psiquismo segue sua espiral evolucionária, na dependência desse psiquismo a arte jamais se esgotará. Ao contrário, tende a um evoluir constante rumo a uma perfeição inimaginável. Nesse desdobramento, as modernas tecnologias amplificam as diferentes formas de arte popularizando-as, democratizando-

as, uma vez que abrem novos portais e canais de expressão. A arte em geral seguirá a natureza humana, irá aonde o homem for. Degradar-se-á junto com ele em momentos de retrocesso da civilização, ou elevar-se-á com ele ao limite do sublime. A arte tampouco é feita para respeitar tiranias. Estão aí os exemplos de grandes obras em tempos cinzentos. Pelo contrário, aspira à liberdade, ao crescimento e à maturidade de consciências. Move-se com a humanidade em direção ao futuro. Somos humanos porque somos artistas. Tirem-nos a arte e desceremos na escala à condição de simples animais.

Comentários

Alcione Araújo

Na verdade, o teatro talvez seja a expressão que mais prescinde da tecnologia. A sua origem grega, até anterior ao que nós conhecemos do século V a.C., tratava de homens, que representavam homens e mitos, homens míticos, e tratava das questões humanas que prescindiavam, a não ser de uma arquitetura acusticamente adequada, da tecnologia. O mínimo que havia eram as máscaras e figurinos, que eram manufaturados. Mas aquele teatro, aquela forma de expressão, tratava, em última análise, de gente imitando gente. Essa essência do teatro prescinde da tecnologia enquanto tal, porque é antropocêntrica, tem o homem como centro e, nesse sentido, permaneceu ao longo da história independentemente da tecnologia, embora a cada época tenha se apropriado da tecnologia. Com a eletricidade, o teatro encampou a iluminação, trouxe para dentro a iluminação, e sucessivamente, mas na sua essência continua

prescindindo dessa tecnologia. O teatro trata das questões do homem, representando o homem, para o homem ver.

Não obstante, na contemporaneidade esse homem incorporou a tecnologia na sua vida. E hoje nós podemos ter perfeitamente personagens que eram impensáveis em outros momentos, como, por exemplo, um transplantedo, alguém que é um personagem que tem um coração de outra pessoa, que pode botar até em questão a fantasia de que os afetos repousam no coração. Enfim, temos uma nova situação que está proposta em função da tecnologia, como as pessoas que usam marca-passo, uma coisa eletrônica, e que não podem passar nas portas dos bancos, na porta circular, porque ela trava. Temos situações que são humanas, mas que advêm de tecnologia. Na sua essência, o homem hoje se apropriou da tecnologia e a trouxe para dentro do seu corpo, porque é uma coisa muito importante, significa possibilidade de vida, possibilidade de saúde, etc. Mas o teatro, enquanto tal, prescinde da tecnologia.

Por que estamos discutindo a tecnologia se agora vimos que a música, o cinema, etc. têm uma relação familiar e até amigável com a tecnologia? É que houve tempos no passado em que a ficção fantasiou a tecnologia e a ciência como um adversário do homem. Nós fizemos de Frankenstein uma espécie de ameaça, como se alguém fosse reconstituir o homem por meio de pedaços do seu corpo, e esse Frankstein viraria um inimigo do homem. Isso criou no imaginário, no nosso imaginário, a ciência como uma ameaça, como um perigo. Assim, nosso imaginário ficou povoado desse temor. Sabemos que tecnologia e ciência estão muito mais próximas de nos be-

neficiar do que nos ameçar, embora pareça uma ameaça. Mas essa ameaça está na forma de como vamos utilizar a ciência e a tecnologia; portanto, depende do caráter, da moral e da ética de como esses homens são formados. Não devemos permitir que, *a priori*, se tenha um preconceito, ou um temor da ciência. E o que nós estamos vendo no Brasil e fora dele é uma atitude reacionária em relação à ciência, como, por exemplo, tentar impedir as pesquisas com células-tronco.

A arte não está ameaçada pela ciência, pela tecnologia. A arte é capaz de, na sua atitude habitualmente antropofágica, se nutrir das direções científicas, de reformular, de gerir e expelir uma nova criação, que possa amalgamar todas as criações que a ciência nos possibilite. Estamos vendo aqui o que é a música eletrônica. Portanto, essa questão da percepção estética está muito condicionada ao momento da nossa acumulação existencial, cultural e da capacidade de absorver essas novidades.

A discussão sobre tecnologia com a arte existe na tentativa de suplantar os preconceitos que o nosso imaginário acumulou sobre a ciência como uma inimiga, como uma adversária, e afirmar a possibilidade de que a ciência, tanto quanto a arte, é revolucionária; ela é capaz de descobrir uma verdade que está oculta, e a nossa inteligência, inteligência dos homens de ciência, a nossa perspicácia, capacidade analítica, pode transformar aquilo que está oculto numa nova verdade, que nós não sabíamos, que desconhecíamos. E isso pode ser para o bem do homem, sim, pode vir em benefício do homem.

A arte não tem o menor temor em relação a isso, ela acolhe bem. A arte é preocupada com a formação da subjetividade, a fim de que se criem atitudes que saibam uti-

lizar o descobrimento das invenções da ciência. Essa é a questão. Repousa em nós esse poder de criar ciência, de criar arte e depois saber a utilização disso, e isso passa pela formação das pessoas. Aí a educação está implícita, a questão da ética está implícita e, assim, a possibilidade de humanização.

Então, não temos medo nem de uma coisa nem de outra. Nós, artistas, não temos medo de que se acabe com o formato dos livros, porque jamais se vai acabar com a literatura. Lembrem que Homero fez a *Odisséia* antes de Cristo, mas a obra só foi impressa no século IV a.C. Durante quatro séculos ela foi cantada, sem tecnologia alguma. Nós podemos voltar a cantar as obras de arte que sejam belas, que nos digam respeito, que nos comovam. Nós não temos medo da arte, tampouco temos medo da tecnologia; nós temos medo de nós mesmos.

Júlio Diniz

Acho que nenhum de nós que estamos aqui, que estivemos ontem, ignora a ideia de que não há como dissociar arte de tecnologia. O que está se pensando hoje é quais são esses novos patamares tecnológicos e como a arte, em particular a literatura, está se deslocando. Quando eu digo “particularmente” a literatura, não é pura e simplesmente por uma hierarquização ou por uma preferência, ou por uma nomeação de maior ou menor nobreza em relação às outras artes. Então, não mais a literatura no seu sentido estanque, não mais a literatura confinada ao livro ou a uma estante, ou a uma biblioteca, no seu sentido tradicional. Hoje interessa muito mais a nós todos perceber a literatura em translação,

ou seja, como ela está em deslocamento, e que diálogo essa literatura ou essas extintas noções de literatura mantêm com as artes plásticas, com a música, com o cinema, com o teatro, com a mídia e com um elemento, que não foi ainda abordado aqui, que é a questão corpo. Portanto, como essa tecnologia impacta o corpo, esse corpo hoje, mais do que um instrumento, mais do que uma ferramenta para produção da arte, por si mesmo, é uma obra de arte. Estou me referindo a qualquer outra forma que usa o corpo não como instrumento, não como veículo, mas como lugar fundacional de uma linguagem artística.

Fernando Bonassi

Acho que o leitor de hoje navega como navegam os programas; ele quer uma velocidade, aprendeu a usar os instrumentos de conexão. Então, é um sujeito que lê diferente, lê mais fragmentadamente, mas enquanto está diante do computador. Em relação ao computador, há quem produza textos do tamanho da tela e quem produza textos menores. Sou absolutamente contra essa coisa de recontar clássico, porque acho que as pessoas devem ser levadas a compreender o mundo do escritor naquele momento e saber por que o autor escreveu assim. Digo isso porque, com *Recordações na casa dos mortos*, cortei todas as descrições, coisa que podia rubricar no roteiro, como a câmara faz, e o livro foi reduzido a um terço. Então, muda a percepção, muda a tecnologia, muda o leitor, muda o escritor. Mas o importante é não esquecer o que foi feito. Agora cada leitor tem o seu momento, a sua maneira de ler. Não acho pior nem melhor.

Alcione

Concordo inteiramente com o Fernando. A experiência estética da leitura é diferente, é pessoal, é intransferível para o filme que foi adaptado, para a minissérie que foi adaptada, que já passou pelo crivo, pelo olhar, pela sensibilidade, pela crítica do adaptador, do veículo, etc. Então, a literatura está lá no seu lugar. Pode ser que os escritores contemporâneos, sabendo que falta tempo aos leitores contemporâneos, economizem.

Fritsch

Existe hoje em dia uma pluralidade, uma variedade enorme de estilos musicais. A nossa época é marcada por isso. Antigamente nós tínhamos o barroco, o clássico, o romântico; depois, começou a surgir uma série de novos movimentos, e hoje em dia cada vez mais existe um fracionamento de estilos. Minha opinião é a seguinte: tem espaço para tudo, para todos, gosto para todos. Mas acho que estamos num tempo em que temos que buscar o nosso próprio gosto para a música, nossa própria apropriação, e é sabido que o gosto para a arte depende muito da informação, do conhecimento que se tem.

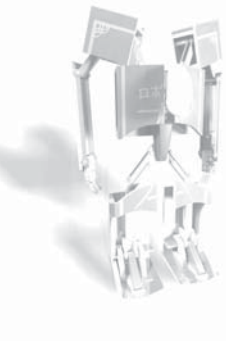
Marcelo Paiva de Souza

O ponto mais interessante a sublinhar a propósito da questão proposta é o fato de haver um leque muito variado, muito diversificado, muito plástico, de novas possibilidades para além das formas tradicionais de produção textual. É um dado positivo e ponto. Há mais possibilidades postas sobre a mesa, há mais caminhos pelos quais se pode chegar ao universo da literatura, ao universo das distintas manifestações artísticas. O li-

vro, portanto, na sua forma, no seu formato tradicional, repotencializa-se, por assim dizer, multiplica-se, diante das possibilidades de projeção do texto, por exemplo, no universo da internet, no universo da rede. Mudanças importantes no domínio da própria percepção e, portanto, nos modos de como se constrói nossa sensibilidade, nas formas como respondemos à literatura, ao texto literário. Esse processo, portanto, para retomar um ponto que eu já tinha sublinhado, me parece ser irreversível. Nós estamos justamente nesse fluxo de enormes mudanças e transformações induzidas por essas novas tecnologias e temos de, meio às cegas, aprender a lidar com todas da melhor forma possível, resguardando, entretanto, ainda uma vez, aquele aspecto que me preocupa sempre: a história.



Da esquerda para a direita: Marcelo Paiva de Souza, Fernando Bonassi, Eloy Fritsch, Márcio Ribeiro Leite, Alcione Araújo, Júlio Diniz, Eloy Zanatta



CONFERÊNCIA *CINEMA E LITERATURA*

Guillermo Arriaga



É natural do México, graduado em Ciências da Comunicação e mestre em História. Trabalhou como romancista, produtor, diretor e roteirista de cinema. Além de *Um doce aroma de morte*, Guillermo Arriaga escreveu outros romances, como *O búfalo da noite* e *Esquadrão guilhotina*, e o livro de contos *Retorno 201*. Guillermo é também premiado roteirista dos filmes *Amores brutos*, *21 gramas* e *Babel*, com o qual concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Original em 2007.

Primeiro, meus pais me ensinaram a agradecer, e eu agradeço à Jornada Literária de Passo Fundo e à Tania. Quero dedicar minha participação a dois colegas meus a quem não conheci, Roberto Pirovano e Pietro de Albuquerque. E creio que a melhor homenagem que podemos fazer é lê-los. Quero falar um pouco sobre a minha experiência aqui no Brasil. Antes de tudo, quero que saibam que este tipo de evento, onde se reúnem mais de cinco mil pessoas para escutar e falar de literatura, só é visto no Brasil. Não é visto na feira de livro do Rio, não é visto na feira de livro de São Paulo, de Porto Alegre, Parati. Nunca na minha vida havia visto quantidade de pessoas que estão escutando falar sobre literatura e cultura como aqui em Passo Fundo. Quero dizer que me intimidam.

No ano passado em Parati, um rapaz muito jovem me acercou e me pediu um autógrafa. Eu lhe pedi para que se sentasse conosco para comer e ele me contou que tem uma organização de bibliotecas em favelas no Rio de Janeiro. Seu nome é Otávio Araújo. Otávio acredita que a forma de eliminar a enorme violência que existe nas favelas do Rio de Janeiro é através da leitura; falou sobre o quão importante pode ser a leitura num país como o Brasil. A segunda experiência que tive no Brasil foi com uma carta que me chegou da biblioteca de um cárcere do estado de São Paulo, cujo bibliotecário solicitava doação de livros para a prisão, porque dizia que, lendo, os presos eram livres.

Isso fala de favelas, cárceres e literatura. Se nas favelas um livro muda a vida, se nas prisões um livro muda uma vida, numa universidade, que é um privilégio que poucas pessoas têm na América Latina, tem que ser mais libertador do que qualquer outra coisa. Creio que é importante resgatar a leitura como uma forma real de encon-

trarmos a nós mesmos. Hoje eu falava do livro. O livro é um objeto perfeito, livro pode ser guardado aqui; por isso, uso essas bolsas, porque me roubam livros e tenho que escondê-los. O livro se lê no tempo que cada um quer. O livro se pode amassar, se pode marcar, se pode dobrar. É um dos esforços mais perfeitos da civilização. Não há um livro eletrônico que se possa abrir, deter, e há o que não se pode fazer com o livro eletrônico, como se abanar. São objetos resistentes. A importância do livro é que nos permite ler na nossa própria velocidade.

Para que serve o livro? Para que serve a arte? A arte serve para lançar luzes em lugares onde nós não imaginávamos que havia algo. A arte nos obriga a pensar em lugares que não vimos, inclusive lugares de nós mesmos, situações de nós mesmos. Os livros podem ensinar a sermos mais rebeldes, a namorarmos mais.

Algumas vezes falei com alunos do primário e a melhor maneira que achei para que eles lessem foi proibindo-lhes os livros. Pedi a essas crianças de 12 anos que não lessem *Odisséia*, que não lessem meus livros e, se os lessem, muito cuidado para que seus pais não os descobrissem lendo. Todas as crianças de 12 anos leram. Por quê? Porque o ato de ler pode ser um ato subversivo.

Existem imbecis que dizem que os jovens já não leem mais. Se os jovens não lessem, não existiriam fenômenos editoriais como *Harry Potter*. Segundo, esta geração, a geração da maior parte dos que estão aqui, escreve todos os dias. O *chat*, o *MSN*, o *e-mail*, os textos dos celulares, tudo isso fez com que os jovens redescobrissem a palavra escrita que estava perdida. Toda uma geração se perdeu porque deixaram de escrever cartas. Agora todos os jovens usam

e-mail para escrever diariamente. Os jovens não vão deixar de ler. O livro vai ter mais saúde do que nunca.

Outra coisa é que um escritor pode trabalhar com muitos meios. A obsessão que tem um escritor como eu é por contar histórias. Se não conto histórias como escritor, parece que as histórias se atolam na garganta, se oxidam e envenenam.

O cinema é um meio de escrever. Costumo chamar a escrita do cinema de roteiro. É curioso como muitas pessoas, quando sabem que me dedico ao cinema e antes escrevia romances, me perguntam quando voltarei à literatura. Nunca, tenho medo da literatura. Para quem escreve para o teatro, nunca lhe perguntam se deixou a literatura. O cinema está sendo feito também por escritores. Então, o cinema também é literatura, também é feito por um escritor. Os escritores dão aos filmes o sangue e o mundo interno. Em homenagem a Pietro e Roberto como uma referência especial nesta conferência, Kafka disse que se escreve para vencer a morte. Em certas tribos africanas se diz que uma pessoa não morre até que deixem de pronunciar seu nome. Escrever é uma afirmação da vida contra a morte. Ler é uma afirmação da vida contra a morte. O que escreveram meus dois colegas Pietro e Roberto, que desafortunadamente morreram, já está escrito; o ato de escrever é finito, mas o ato de ler é infinito.

Demorei para escrever meu romance cinco anos. Quando digo cinco anos, quero dizer que todos os dias escrevia, inclusive no Natal, férias; todos os dias escrevi, cinco anos para escrever. E há um segredo na escrita. Na escrita não há vontade, não há progresso; se quisermos ou crermos que haja vontade na escrita ou na arte em geral, todo o mundo diria que escrevo uma obra para ganhar meu prêmio No-

bel, para ser um *best seller*. É impossível. Na arte, o máximo que se pode fazer é ter um certo controle, porém não há vontade, não há lógica e não há progresso na escrita. Se houvesse progresso na escrita, o último livro publicado na história seria melhor que *Quixote* ou Shakespeare.

O escritor vive sempre com o medo terrível de ter somente um galão de tinta e o medo de que esse galão de tinta se acabe; todos os escritores vivem com muito medo de que isso ocorra. No meu caso, que mantenho uma família com o que escrevo, vivo em permanente terror de sentir que o que tenho para dizer se acabe. Todo escritor tem este medo. Há um terror permanente em todo escritor. No meu escritório, junto a meu computador, há uma série de caveiras, de distintos materiais – madeira, cristal – para recordar-me de que vou morrer. Isso me leva também ao momento de um escritor na sua luta pela vida, que é escolher os momentos que definem a vida.

O ser humano, a memória do ser humano, atua de maneira estranha. Podemos passar 25 anos ao lado de uma mulher e, depois de nos divorciarmos, a história dessa mulher se reduz a dez minutos de momentos. Reflitam por um segundo: Que momentos de sua vida elegeriam para contá-la? Qual é o momento que mudou a sua existência? O tempo narrativo dos seres humanos não transcorre cronologicamente, mas emocionalmente. Isso é o que todo escritor tem que entender. O escritor tem que recorrer aos momentos emocionalmente importantes da vida de um personagem. Às vezes, para um ser humano pode parecer que durante dez anos não acontece nada em sua vida e, de imediato, num ano acontece tudo. Lemos para entender que há outros seres humanos com momentos emocionais semelhantes a nós. Eu digo sempre que a melhor homena-

gem que recebi foi que uma leitora, depois de ler meu romance *Um doce aroma de morte*, decidiu não se casar. Pode parecer gracioso que uma mulher tome a decisão de não se casar, porque de imediato se viu refletida na vida emocional de um personagem. Por isso, é importante a leitura da arte em geral; a arte se converte em espelho emocional de outros seres humanos, e através dos seus momentos emocionais entendemos qual é essa circunstância.

Por isso, não creio que o livro vai acabar, que a ficção vai acabar, porque todos os seres humanos sempre necessitam entender a experiência de outros. O que me ensinou a vida é que nós, os seres humanos, não importa se somos brasileiros, mexicanos, finlandeses, possuímos coisas em comum que nos angustiam. Todas as civilizações têm medo da morte, todas as civilizações têm zelos, todas as civilizações se enamoram, todas as civilizações têm o desejo inato de proteger os filhos. Não importa que seja um escritor sueco, o momento emocional desse sueco pode ser importante para um brasileiro do século contemporâneo. A literatura e a arte, e incluso o cinema – porque cinema para mim também é literatura –, se convertem em momentos que refletem e nos fazem entender nossos próprios momentos emocionais.

Quando comecei a ler ficção, entendi algo importante. É muito raro que a arte dê respostas, porém o que sei é que a arte formula perguntas, as quais levam a que alguém as responda. Comecei a ler quando era jovem, porque tinha uma paixão enlouquecida pelas mulheres. Eu tenho uma alma feminina, minha alma feminina é leviana. As mulheres, entender o amor, entender como outros seres humanos resolviam seus problemas amorosos, foi o que me levou à literatura; entender que, através dos momentos emocio-

nais de gente que se encontrava na mesma situação que eu, podia entender quem era eu. Recordo que aos 13 anos tivemos que montar na escola *Romeu e Julieta*. Éramos alunos de 13 anos fazendo *Romeu e Julieta*. A partir daí entendi que um homem do século XVI me falava com o mesmo frescor e a mesma força que me podia falar o meu melhor amigo. Em *Romeu e Julieta* comecei a encontrar respostas a muitas perguntas que tinha como adolescente absolutamente enamorado. Romeu me ensinou como posso me atrever a conhecer uma mulher, e a partir daí comecei a encontrar maneiras de responder a perguntas pessoais. Por exemplo, qual deveria ser meu compromisso político?

Desde pequeno quis ser escritor, porém num momento de minha vida senti que a pobreza e a miséria teriam que ser combatidas e me doía não ter as ferramentas para combatê-las. Creio que qualquer um que entre numa favela, ou qualquer um que veja uma criança mendigando, fique com raiva. E foi a partir de ler Garcia Marques, por exemplo, um homem de esquerda comprometido, que me dei conta de que, às vezes, para mudar politicamente o mundo não necessariamente tenho que afrontar a pobreza de maneira direta; posso criar formas narrativas que ajudem as pessoas a se questionarem na pobreza ou na vida. Isso, por exemplo, está refletido no meu filme *Os três enterros de Melquíades Estrada*. Eu quis que nesse filme se valorizasse toda vida humana, porque qualquer vida humana vale a pena. Vale a pena defendê-la, vale a pena cuidá-la, vale a pena ser amigo. E creio que a contribuição que, como artista, posso dar é apresentar situações de ficção que contestem e transformem a realidade.

Foi um pedagogo brasileiro que também mudou minha vida, Paulo Freire. Paulo Freire disse duas coisas que

marcaram minha vida. Não é estar no mundo, há que estar com o mundo, e estar com o mundo significa a capacidade de transformá-lo. E a arte é uma parte importante da transformação da realidade.

Quanto ao fato de a tecnologia substituir o homem no cinema, o problema começa porque há tecnologia virtual, há personagens virtuais, porém eu não gostaria que personagens de carne e osso fossem interpretados por personagens virtuais, como não gostaria que sexo fosse feito com seres virtuais. É terrível e me parece que uma das qualidades maiores que pode ter o ser humano é o mundo interior. Estamos perdendo o mundo interior. Não sei se há em Passo Fundo, mas na cidade do México todos os restaurantes têm uma televisão ligada. Nós agora já não vamos a um almoço conversar com outra pessoa, vamos ao almoço comer e ver televisão. E o que acontece agora, e vi em muitas cidades do mundo, é que nos restaurantes já não nos comunicamos. A filha está mandando mensagem de texto, o filho está jogando *videogame*, o pai está vendo futebol e a mãe está vendo outra coisa. Isso é essa geração. Vivemos cada vez mais vinculados a seres não reais, ou, se são reais, não são presença de carne e osso. Não vou dizer que isso é bom ou mau, porém está transformando a forma de nos relacionarmos.

O excesso de violência aparece nas páginas dos jornais... É mais fácil recorrer à violência em algumas sociedades. Quando um adolescente numa escola americana entra e mata seus companheiros, é porque já não são sujeitos, converteram-se em objetos.

O grande problema com as novas tecnologias é a alienação. Deixamos de entender quem é que está diante de mim. A vida deixou de ter valor como sujeito, como pessoa;

não há valor da pessoa, por quê? Porque estamos alienados, estamos perdendo o contato por muitas razões, pela tecnologia, pela diferença de classe, pela enorme raiva que há na luta de classe na sociedade. Estamos perdendo o valor do sujeito. Aqui é importante a arte, cuja função é devolver a cada sujeito o seu valor como pessoa.



PRONUNCIAMENTO DE CRISTÓVÃO TEZZA

Cristóvão Tezza



Já fez teatro, foi da Marinha, trabalhou na Europa e foi relojoeiro. Em 1988, publicou *Trapo*, livro que tornou seu nome conhecido nacionalmente. Nos dez anos seguintes, publicou os romances *Aventuras provisórias* (Prêmio Petrobrás de Literatura), *Juliano pavollini*, *A suavidade do vento*, *O fantasma da infância* e *Uma noite em Curitiba*. Em 1998, seu romance *Breve espaço entre cor e sombra* foi contemplado com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional (melhor romance do ano). *O fotógrafo*, publicado em 2004, conquistou no ano seguinte o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance do ano e o Prêmio Bravo! de melhor obra. Também na área acadêmica, Cristóvão Tezza escreveu dois livros didáticos em parceria com o linguista Carlos Alberto Faraco (*Prática de texto* e *Oficina de texto*), e nos últimos anos tem publicado resenhas e textos críticos na revista *Veja* e nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Seu romance *O filho eterno* venceu o 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon, que se juntará aos outros cinco prêmios já conquistados com a mesma obra: Bravo!, Jabuti, Portugal-Telecom e São Paulo de Literatura. *O filho eterno* foi lançado na Itália, em Portugal e já tem edições contratadas na França, Espanha (em espanhol e catalão), Holanda, Austrália e Nova Zelândia. É Doutor em Literatura Brasileira e professor de Linguística na Universidade Federal do Paraná.

Esta é uma plateia maravilhosa e assustadora, mais ainda o desafio de falar logo depois dessa bela palestra do Arriaga. Vou agradecer de novo ter sido escolhido para receber o prêmio de Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e conviver com vocês nestes dias nesta Jornada maravilhosa. Escrevi todos os meus livros a mão, com exceção de *O filho eterno*, e isso tem muito a ver com a formação da minha geração.

Eu sou um filho integral dos anos 1960-1970, e são dois fatos que me tornaram escritor. A primeira é o desejo pessoal. Nós escrevemos porque queremos escrever, e é um ato absolutamente individual, intransferível. Escrever literatura ou fazer arte não é propriamente uma atividade solicitada pela sociedade. Nós metemos a cara porque queremos, num ato de solidão, num ato de escolha; depois as circunstâncias do momento em que se vive é que formam um escritor.

Essa vontade de ser escritor eu já tinha quando criança, num momento traumático de grandes transformações da cultura brasileira, que foi o final dos anos 1960 e início dos anos 1970. O mundo todo passava por uma grande transformação de costumes: havia uma grande revolta de toda uma geração que queria recusar o modelo conservador de família tradicional; havia uma Guerra Fria em curso: havia a pílula anticoncepcional, o novo papel da mulher, o é proibido proibir, o desejo de liberdade, de valorização do indivíduo. Tudo isso marcou o final dos anos 1960 e, muito especialmente, no Brasil, a implantação de uma ditadura, que também criou uma espécie de chave ética para quem quisesse fazer literatura, ou quisesse pensar sobre o país, o mundo e as pessoas. E foi uma época também na qual o ato de escrever ou o ato de fazer arte era um ato existencial. Mergulhava-se profundamente naquilo que se queria fazer, não como produzir objetos distanciados ou separados

de você, mas como expressões integrais da própria vida, quer dizer, isso marcou muito a geração anos 1960-70.

Foi uma época performática, na qual as pessoas faziam da própria vida uma espécie de obra de arte. Lembro, por exemplo, que, logo que terminei o segundo grau, não fui para a universidade. Achava que, se entrasse na universidade, seria destruído como escritor. Às vezes até me pergunto se não estava certo naquele tempo. Tentei de todas as formas todo tipo de trabalho alternativo que me permitisse escrever: fui relojoeiro, tentei entrar na marinha mercante, participei de uma comunidade de teatro, fiz vida alternativa, quer dizer, eu esperneei até onde pude para não entrar naquilo que se chamava assim gloriosamente de “sistema”, contra o sistema, que era o discurso daquele tempo. Depois saí do Brasil, fui para a Europa, andei de mochila, até me tornar exatamente o oposto daquilo que eu queria ser, que foi um professor universitário. E graças a esses prêmios todos finalmente estou voltando às minhas origens e vou largar a universidade no final do ano. Fiz esse percurso completo do trabalho de escrever, digamos assim, na minha vida.

Então, fui marcado muito fortemente por este tipo de inadequação primeira. Escrevia porque era um inadequado, não tinha um lugar, realmente por conta própria, por decisão, pelo desejo de escrever o mundo alternativo, porque o que estava aí não me servia. Isso marcou tudo o que fiz, tudo o que escrevi, o sentido da literatura para mim. Assim, produzi entre o final dos anos 1970 até hoje 12 romances, um livro de contos, mais um material de universidade, uma tese de Doutorado, resenhas, críticas, etc.

Mas houve um momento na minha vida muito importante. Em 1980 nasceu meu primeiro filho, com síndrome de Down, que é o tema do meu livro. Então, passei mais

de vinte anos sem jamais tocar nesse tema, porque, acertadamente, eu dizia, isso é um problema pessoal e problemas pessoais não são literatura; literatura deve ser feita a distância, deve ter a frieza, como a vingança deve ser produzida a frio. A literatura não pode se confundir com um ato simplesmente da vida. Escrever literatura não é simplesmente fazer um desabafo, fazer uma confissão, ou uma catarse. Pode até representar essas coisas, mas distanciadamente, não envolvido. Por mais de duas décadas esse tema não entrou nos meus livros. Só muito recentemente comecei a pensar em escrever sobre esse fato impactante da minha vida, porque que comecei a pensar que o fato do nascimento do Felipe estava completamente integrado à minha vida e à vida dele, quer dizer, nós nos transformamos mutuamente ao longo da vida, de uma forma tão natural que ele não é mais problema algum.

Então, comecei, finalmente, a pensar em literatura. Também porque, eticamente, achava que não podia passar a minha vida sem enfrentar o fato mais importante que acontecera comigo, ou seja, fingir que não houvera nada. Assim nasceu a concepção de *O filho eterno*. No começo, era um ensaio, pois pensei em fazer crônicas autobiográficas; depois, finalmente um romance. É um livro que coloca uma questão teórica, aliás, muitos críticos observaram isto aí, a relação entre memória, biografia e ficção. É um livro escancaradamente baseado em fatos reais da minha vida, no entanto eu o compreendo como ficção, como literatura, como romance.

A chave técnica do livro é eu tratar a mim mesmo, pai da criança, como uma terceira pessoa, como “ele”. Isso me deu uma liberdade imensa, e assim pude exercer toda crueldade que o narrador deve ter com os seus personagens. O narrador não pode ter piedade de seus person-

gens, ele tem de ter esse distanciamento. Quanto à relação entre o dado biográfico, na concepção ficcional do mundo o dado biográfico é um entre outros. Numa biografia, ou numa autobiografia, podemos ter um contrato, uma pres-suposição de verdade com o leitor. A verdade é o ponto de chegada, os fatos são pontos de chegada. No caso da ficção, o fato é só o ponto de partida. Comecei de alguns fatos para relatar essa experiência e fazer uma representação da relação entre o pai e o filho especial, quer dizer, foi uma aventura ficcional.

Quando digo ficcional, é porque a linguagem da literatura, o seu objeto, não é a verdade. A verdade como objeto serve para o jornalismo, serve para a ciência, para outros tipos de discursos. A literatura não está preocupada com a verdade; está preocupada com o homem que pensa sobre a verdade; não pode fechar, chegar à conclusão nenhuma. A literatura é uma experiência humana, uma travessia, na qual essas questões se colocam, em que apresentamos para o leitor uma experiência em torno dessas questões, sem dar uma resposta fechada ou pronta. Também porque a literatura como linguagem é a única linguagem que absorve todas as outras linguagens. É possível escrever um romance inteiro como se fossem cartas, um gênero absolutamente fechado. O romance pode ter a forma de um material jornalístico. Há romances que são montados como notícias. Todos os gêneros que são consolidados no dia a dia da vida das pessoas, que estão aí, que são formas já sedimentadas de uso da linguagem, entram no romance, mas sempre a serviço de um outro olhar, não como uma voz própria daqueles próprios gêneros. O romance se apropria de todas as vozes que estão aí e coloca nesse universo uma intenção diferenciada, quer dizer, uma espécie de mergulho sem resposta fechada.

Então, para mim a ficção é um modo de reconhecimento do mundo; não se confunde com a ciência, nem com o discurso objetivo, nem com a religião. Nada disso; é um modo inacabado de representação da vida do homem; essa tensão que há de uma coisa que não se resolve, que é uma experiência que se passa, que entendo como o centro da linguagem literária, que é um tipo de viagem.

Passei mais de quarenta anos escrevendo. Obviamente, a organização dessa linguagem escrita é uma espécie de perda da inocência. Quando se sai do mundo da oralidade e se começa a compor o mundo da escrita, vai-se criando um castelo, que é a definição de si mesmo. É uma espécie de compromisso sem volta. Escrever é uma atividade profundamente transformadora das pessoas, tanto para quem escreve como para quem lê. E a leitura é uma das poucas atividades que nos restam de solidão criadora, ou seja, a literatura é muito exigente. Para ler um livro, não podemos estar fazendo outras coisas. A literatura exige uma espécie de atenção, uma espécie de silêncio, uma relação de introspecção e, ao mesmo tempo, é extremamente exigente.

Sou extremamente otimista com relação ao discurso do romance, embora muitos fiquem repetindo que o romance morreu, etc. O que existe é a vitalidade narrativa dos homens. A própria linguagem é uma constituição narrativa. Narrar é uma coisa que faz parte da aquisição da linguagem, e nós não podemos imaginar o mundo sem narrações, do que o romance é um espaço privilegiado. Eu diria que *O filho eterno* – o único livro autobiográfico que escrevi, certamente não haverá outro – sintetiza uma aventura literária, uma aventura em direção à escrita, que foi uma viagem em direção a mim mesmo.



PALCO DE DEBATES

ARQUITETURA, PINTURA E ESPAÇOS VIRTUAIS

Antonio Carlos de Moraes Sartini



É superintendente do Museu da Língua Portuguesa, aberto ao público desde 2006, em São Paulo. Bacharel em Direito, o produtor cultural já foi membro dos conselhos Estadual de Cultura, Paulista de Cinema, Consultivo da Orquestra Sinfônica de São Paulo. Foi curador dos espetáculos internacionais da Bienal de Dança do Sesc da cidade de Santos-SP e por mais de seis anos foi diretor técnico do Departamento de Formação Cultural da Secretaria de Cultura do governo do estado de São Paulo (1996-2002). Em 2005 foi nomeado diretor técnico do Departamento de Expansão Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e no mesmo ano foi curador do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto - SP.

Eu quero em primeiro lugar agradecer o convite para participar desta 13ª Jornada Literária de Passo Fundo. Para nós que vivemos num país cheio de problemas, um país cuja mídia retrata, na maior parte dos seus espaços, a violência, o tráfico de drogas, a pobreza, o analfabetismo funcional, é muito bonito e muito esperançoso participar de um evento como este, que sei que na realidade não é um evento, é um processo que se dá durante o ano todo. Então, o Museu da Língua Portuguesa, neste momento, já se torna uma entidade irmã da Jornada de Literatura e acho que nós temos muito a aprender. O museu tem três anos e meio; portanto, é uma entidade bastante nova, bastante jovem, e com certeza vai aprender muito com esta Jornada que já acontece aqui há 28 anos.

Em primeiro lugar eu gostaria de destacar a questão da arquitetura do Museu da Língua Portuguesa, a felicidade da equipe que criou, que idealizou, esse museu, a felicidade de escolher o prédio da Estação da Luz, um prédio centenário, que tem 108 anos e é uma das grandes marcas da cidade de São Paulo. A Estação da Luz é um prédio de arquitetura inglesa. Existe outro prédio exatamente igual a este na Austrália, na cidade de Melbourne, e o que acho extremamente interessante é que se agregou mais um valor a esse prédio histórico sem renegar a história, sem renegar o uso inicial do prédio, pois a Estação da Luz continua sendo uma estação de trem. Hoje em dia, infelizmente, não recebe mais trens que vêm do litoral ou do interior do estado, mas recebe trens que vêm do entorno da cidade de São Paulo, da grande São Paulo. Então, é muito interessante porque é um prédio que abriga hoje o Museu da Língua Portuguesa, que é um dos mais visitados da América Latina, um museu que trabalha muito com a questão das

novas tecnologias. Contudo, é um prédio que não abandonou a sua função original, pois continua abrigando uma estação de trem, por onde passam diariamente trezentas mil pessoas, o que também é muito bom para alavancar a visitação ao museu.

É muito interessante pensarmos que o Museu da Língua Portuguesa é de todos nós, localizado em São Paulo exatamente porque é a cidade onde existe o maior número de pessoas que falam português. O fato de estar localizado no prédio da Estação da Luz também é muito simbólico. Muitos de nossos imigrantes que vieram de vários países, de vários pontos do mundo, chegaram ao porto de Santos, e o primeiro contato mais efetivo com a Brasil, com a nossa cultura, se deu através da Estação da Luz, de onde embarcavam em direção ao interior de São Paulo e para outras partes do Brasil. Então, costumamos dizer também que a Estação da Luz, desde o momento em que nasceu, sempre foi um laboratório da língua portuguesa, desta língua que vive se reinventando a cada momento; que traz uma série de influências importantíssimas não só das nossas línguas nativas, das línguas dos primeiros povos brasileiros, que são mais de duzentas línguas vivas até hoje, dos povos africanos também, que foram trazidos para cá e deram uma contribuição extremamente importante para o português que se fala hoje no Brasil; também de todos os imigrantes italianos, alemães e japoneses que contribuíram muito para o enriquecimento e para a transformação da língua portuguesa que se fala hoje no Brasil.

O Museu da Língua Portuguesa tem por acervo um patrimônio imaterial, talvez o mais imaterial de todos, que é a língua. A língua, que não pode ser reduzida a um livro, à escrita, à oralidade, talvez seja o patrimônio mais imate-

rial de todos. E o governo do estado de São Paulo, quando resolveu fazer um equipamento cultural voltado à língua portuguesa, convocou um grupo de mais de quarenta pessoas, entre linguistas, historiadores, sociólogos, artistas. Percebeu que a única maneira de tentarmos materializar a língua portuguesa, materializar esse riquíssimo acervo do museu, seria pelo emprego de novas tecnologias, dessas ferramentas tão modernas e que nos possibilitam exatamente materializar esses patrimônios imateriais, aproximar o cidadão desses aspectos que são por vezes tão imateriais.

Então, o Museu da Língua Portuguesa utiliza recursos de tecnologia, alguns deles desenvolvidos especialmente para o museu, exatamente com o objetivo de poder apresentar aos seus visitantes a língua portuguesa, mas não a língua portuguesa no seu aspecto, falando um português bem claro, mais chato. O Museu da Língua Portuguesa não se dedica à gramática ou à ortografia; ele se dedica à história da língua portuguesa, à lógica da língua portuguesa, à sociologia da língua portuguesa. O museu apresenta a língua portuguesa e trabalha com o conceito de que ela é o elo de nossa identidade cultural. E sem dúvida alguma, aqui no Rio Grande do Sul, no estado do Amazonas, em São Paulo ou em Mato Grosso, nós temos uma série de características culturais diferenciadas, porém uma característica nos une, que é exatamente o português. É lógico que ao longo desses anos todos os nossos traços de união identitária foram aumentando e hoje nós temos a culinária, a música popular brasileira, a nossa literatura, o futebol, que também são traços que nos identificam como brasileiros, mas sem dúvida alguma o elo dessa identidade é a língua portuguesa. E isso tudo só foi possível graças ao

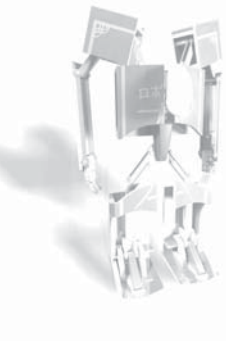
emprego da tecnologia na escrita adotada pela exposição de longa duração do Museu da Língua Portuguesa.

Uma característica muito interessante do museu é a mescla de bases mais tradicionais expositivas com tecnologia através de monitores, nas quais se pode interagir. A questão da tecnologia também nos permite uma interação muito grande entre museu e público, e isso acaba sendo muito interessante, fazendo com que o visitante realmente se interesse mais, procure mais.

O grande objetivo do Museu da Língua Portuguesa é preservar o idioma. O que significa preservar um idioma? A língua é uma coisa dinâmica, é uma coisa que se inventa e se reinventa a cada momento, a cada esquina; se inventa e se reinventa a cada página que os nossos escritores escrevem. Preservar a língua é fazer com que os nossos jovens, os nossos estudantes, tenham orgulho do idioma que usamos, que passem a conhecer coisas que, infelizmente hoje a nossa escola não lhes ensina, a sua história, a sua lógica, a lógica da construção de um texto. Então, o Museu da Língua Portuguesa é um museu que não entrega respostas prontas aos seus visitantes; ele propõe questões, cria a curiosidade, instiga o visitante e, sem dúvida, os recursos tecnológicos que nós temos hoje disponíveis são extremamente importantes para que possamos alcançar esses fins, seja nas nossas exposições temporárias, seja nas nossas exposições de longa duração. Então, o uso da tecnologia é extremamente importante, pois aproxima muito o público, e mais ainda um público jovem, dos conteúdos do museu.

A grande questão é que a tecnologia é uma ferramenta que possibilita a aproximação, que possibilita um conhecimento maior. Não podemos deixar de ter em mente que atrás de toda tecnologia, atrás de todo equipamento, existe

um ser humano. Então, se erros existem, se desvios existem, se usos inadequados existem, não culpem a tecnologia, culpem o ser humano. Talvez isso aconteça por falta de formação; talvez as nossas escolas não estejam cumprindo os seus papéis importantes. A questão é a formação do ser humano. A tecnologia veio, é importante, para ficar, e pobre de quem não a aceita, de quem a renega. Então, gostaria de dizer que a razão de tudo é sempre o ser humano, e, se existem desvios, procurem os desvios no que estamos fazendo com os nossos jovens, com nossos estudantes. Não tentem culpar a tecnologia e os mecanismos, que são fruto da criatividade e do poder de criação do ser humano.



André Sant'Anna



Morou no Rio de Janeiro e hoje vive em São Paulo. Antes de se dedicar à literatura, na década de 1980, tocou baixo no grupo Tal e Qual, compôs músicas e trabalhou com publicidade. Seus dois primeiros romances são *Amor* e *Sexo e amizade*. Algumas de suas narrativas, reunidas em *Amor e outras histórias*, foram incluídas em antologias dos melhores contos de ficção brasileiros. Seu romance mais recente é *O paraíso é bem bacana*.

Queria começar dizendo que cultura é uma coisa muito boa; longe de mim ser contra a cultura. Cultura é o que diferencia os seres humanos dos animais, é o que nos civiliza, além do acúmulo do conhecimento da humanidade e das outras coisas boas todas que a cultura traz para todo mundo. No entanto, a cultura tem um problema no campo artístico e literário, por consequência. A cultura é inimiga da arte, porque cria padrões de comportamento artístico. Por exemplo, não se fazem filmes de 48min, nem filmes de 4h e 15min, porque se estabeleceu que um bom filme pode durar uma hora e meia ou duas horas, senão o filme terá dificuldade de passar no cinema.

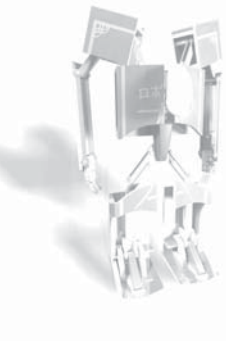
Na literatura existem também alguns padrões que se estabelecem, como, por exemplo, que a boa literatura é aquela que conta uma boa história, que enxuga ao máximo o livro enxuto, que não usa nenhuma palavra a mais do que necessário e tal. Acho que a literatura pode ser feita de livros muito grandes, nada enxutos; pode até ser redundante às vezes, mas esses recursos são usados para criarmos alguma coisa diferente.

Estamos vivendo numa época muito interessante, que se chama “pós-modernismo”, e é difícil mesmo, nas artes plásticas principalmente, diante da arte contemporânea selecionar quem é o picareta, que faz qualquer coisa e fala que é arte contemporânea, do artista que de fato está fazendo uma pesquisa, está apresentando coisas novas para a humanidade, fazendo propostas. Por outro lado, é muito bom, porque tira um pouco dessa nobreza do artista, tipo só alguns poucos selecionados no mundo podem ser considerados artistas. Eu, modestamente, como artista, reconheço que o que nos move, o que nos leva a escrever um livro ou compor uma música, é uma certa vaidade, uma coisa assim de se diferenciar das outras pessoas, de ser alguém que fez alguma coisa especial.

Já fiz muita coisa diferente além da literatura. Aliás, virei escritor quase por acaso. Na verdade, não fui eu que virei escritor. Um dia no jornal me chamaram de escritor e, a partir desse momento, passei a ser convidado para eventos como este; lancei outros livros e saíram outras matérias no jornal, e assim acabei vestindo o personagem. Mas, antes de ser escritor, eu era músico. Eu tinha um grupo de música que não era exatamente um grupo de música porque era um grupo performático, tinha muito de teatro, tinha muito de literatura, tinha muito texto durante o show, tinha muito de artes plásticas. Então, sempre misturamos muita coisa e, inclusive, sem técnica alguma. Eu danço no palco, faço balé e tal; então, posso dizer que sou bem versátil, já fiz balé, teatro, um pouco de cinema, televisão, literatura.

Tenho contato com o mundo virtual, pois todos os dias abro *e-mails*, uso a internet para tudo, para pesquisa, mas não sou exatamente um autor do espaço virtual. Claro, escrevo para *sites*, para a internet eventualmente, mas não tenho um *blog*. Pensando no que falar numa mesa sobre pintura, arquitetura e espaços virtuais, lembrei que já fiz pintura. Meu primeiro livro, que se chama *Amor*, foi ilustrado por mim. E a última vez que eu havia pintado, desenhado, ilustrado alguma coisa, foi na escola, quando era pequeno, aqueles desenhos de criança.

Mais tarde, quando trabalhava numa agência de propaganda, iniciou essa história de computador. Meu chefe mandou todo mundo aprender a mexer com computador, e fui direto para o *pent*, com o qual fiz as ilustrações do meu livro. É um livro que fala sobre as coisas que existem no mundo, toda a história da humanidade.



Lúcia Santaella



É pesquisadora CNPq, graduada em Letras-Português e Inglês. Professora Titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC - SP, com Doutorado em Teoria Literária na PUC - SP em 1973 e Livre-Docência em Ciências da Comunicação na ECA - USP. É coordenadora da Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, diretora do Centro de Investigação em Mídias Digitais e coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUC - SP. Tem trinta livros publicados, dentre os quais cinco são em coautoria e dois de estudos críticos. Organizou também a edição de 11 livros. Além dos livros, Lúcia Santaella tem cerca de trezentos artigos publicados em periódicos científicos no Brasil e no exterior. Suas áreas mais recentes de pesquisa são comunicação, semiótica cognitiva e computacional, estéticas tecnológicas e filosofia e metodologia da ciência.

Vou conversar um pouco com vocês sobre um trabalho que venho desenvolvendo exatamente na área do tema deste congresso, “arte, literatura e tecnologia”. Eu me sinto privilegiada por estar aqui sobretudo, privilegiada por ter a minha primeira formação em letras e literatura, mas a minha grande paixão são as linguagens, por isso eu fui para a semiótica. Então, eu vivo em trânsito, o trânsito entre as linguagens, tentando compreender o que cada linguagem faz de melhor.

Vivemos uma época, como diz Jenkis, autor que acabou de lançar no Brasil *Cultura da convergência*, transmidiática. Assim, cada linguagem vai procurando dar dela aquilo que tem de melhor, e é neste mundo que eu vivo. O tema me cabe como uma luva, porque desde 1978 comecei a escrever sobre cultura das mídias. Comecei a trabalhar com as novas tecnologias e a maneira como, no meu entender, não são simplesmente ferramentas, elas nos constituem.

A primeira tecnologia é a da fala. Freud diz que o ser humano é um ser desnaturado não porque é ruim; ele também é ruim, mas por falar, o ser humano foi posto fora da natureza. Então, esta é a nossa realidade paradoxal: estamos na natureza e fora dela ao mesmo tempo. Por isso, o ser humano transforma a natureza e, transformando-a, transforma a sua própria natureza.

Estamos agora no limiar de um salto antropológico. Temos autores que estão comparando essa revolução digital com a era de Gutenberg, época da invenção da prensa manual, que expandiu consideravelmente a memória humana, porque permitiu a reprodução da linguagem escrita. Do meu ponto de vista, estamos atravessando uma revolução chamada de “revolução digital”, dos nativos digitais,

que pode ser comparável à revolução neolítica. Então, muita coisa está por vir.

Só para vocês terem uma ideia, em pouco menos de dois séculos, já estamos na quinta revolução tecnológica. Não são tecnologias musculares, tecnologias sem cérebro, são tecnologias de linguagem; conseqüentemente, tecnologias da inteligência e do conhecimento humano que se expande. Vivemos hoje uma era da inteligência coletiva.

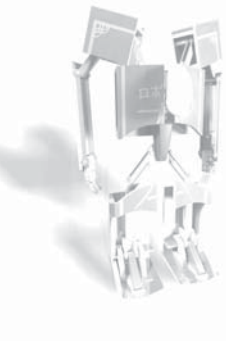
A primeira geração foi a geração eletromecânica. Os sociólogos lembram a Revolução Industrial, porque trouxe máquinas capazes de substituir a força física muscular do ser humano. Nós precisamos lembrar as máquinas que surgiram, que são máquinas de produção de linguagem, como o telégrafo, fotografia, máquinas eletromecânicas e a explosão do jornal. Com o jornal começou a aparecer um tipo de linguagem híbrida. A linguagem intermediática que temos nas redes nasceu da estruturação e da maneira de estruturação da linguagem híbrida, uma mistura da diagramação, da linguagem verbal, da imagem, da fotografia, da legenda, dos tipos gráficos. Isso tudo começou no jornal. Então, a evolução da linguagem humana não é uma evolução desmembrada e estilhaçada; há um processo de continuidade que nós precisamos aprender a ler.

A segunda geração foi a geração eletroeletrônica, que levou à explosão da cultura de massas, rádio, televisão. Nós conhecemos o gigantismo dessa cultura na cultura brasileira, porque no Brasil saltamos da cultura oral para a cultura de massas, pois não se sedimentou no nosso país uma cultura das letras, como vemos na Europa, por exemplo, onde temos uma sedimentação de séculos. Dessa forma, a nossa tarefa é cobrir esse lapso pelo qual a cultura brasileira não passou.

Quando escrevi o livro *Cultura das mídias*, comecei a pressentir que alguma coisa estava acontecendo, que iria minar a exclusividade e a hegemonia da cultura de massas. De fato, daí para frente explodiu nos anos 1980 aquilo que é chamado de “debate da pós-modernidade”, que não é outra coisa senão a consciência de que alguma coisa estava brotando no universo da cultura e iria transformar profundamente aquela lógica, que é a lógica da cultura de massas, na qual poucos criam e muitos recebem. O que estava acontecendo, que batizei de “cultura das mídias”, é que pequenos dispositivos começaram a levar o receptor a escolher o que queria. Vocês já imaginaram o que significou o controle remoto? O que era a vida antes do controle remoto, depois do controle remoto, máquina de xerox, videocassete, videolocadoras?

Dessa forma, essa cultura das mídias começou a preparar o terreno para a cibercultura, que estamos vivenciando agora. Essa fase intermediária foi mudando a lógica da cultura de massas para a cibercultura. Na cultura das mídias, que também chamo de “cultura do disponível”, a informação começa a ser disponibilizada em mídias separadas, e o que a cibercultura fez foi juntar essas mídias, graças à linguagem digital, que é o esperanto das máquinas e traz para dentro dela qualquer linguagem, como vídeos, música, pintura, filme, etc., converte em dígitos e retransmite na sua forma original. Isso que estamos vivendo é absolutamente extraordinário. Na cibercultura, que eu chamo de “cultura do acesso”, temos acesso a toda e qualquer informação, mas já estamos na segunda fase, quer dizer, dos equipamentos móveis, que chamo de “cultura da conexão contínua”. Estou conectado, logo existo.

No entanto, quero chamar a atenção dizendo que uma forma de cultura não destrói a outra. Tem quem fala que a cibercultura e o mundo digital vão tomar conta de tudo. Não acreditem nisso, pois o ser humano, quanto mais linguagens, quanto mais tecnologias de linguagens consegue dominar, mais rico e mais híbrido fica. Existem autores que afirmam que a mente humana tem um potencial para hibridização e está ficando cada vez mais híbrida, e a paisagem do mundo da linguagem está ficando cada vez mais híbrida. Então, isso vai aumentando as facetas da nossa natureza. Vivemos numa cultura hipercomplexa, e a chave para entendermos essa hipercomplexidade é entender que vivemos a sincronia de formas diferentes de cultura.



Underlêia Bruscato



Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutorado em Arquitetura na área de comunicação visual em arquitetura e *design* pela Universidade Politécnic de Catalunya, Barcelona, Espanha. Atualmente é professora da Unisinos, nos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Digital e Engenharia Civil, e na UniLassalle, no mestrado em Memória Social e Bens Culturais e no curso de Design. Tem experiência nas áreas de arquitetura e urbanismo, com ênfase na representação gráfica digital e analógica, análise e desenvolvimento de novas linguagens, fabricação digital, plataformas virtuais, técnicas de visualização adequadas para comunicação e interação dos processos inovadores de projeto de arquitetura e *design*.

Estou bastante emocionada por estar participando deste evento, porque o tema arquitetura é a minha vivência, ou seja, sou professora na área. Então, gostaria de trazer aqui uma mensagem que é a minha linha de pesquisa, a minha linha de inquietude hoje.

Para falar um pouco da nossa temática “Arquitetura, pintura e espaços virtuais”, trago um momento da história da arquitetura depois do Renascimento, no ano 1500, quando surge a perspectiva, que traz um impacto muito forte na questão da representação da arquitetura, pois novas arquiteturas surgem em função de uma ferramenta. Hoje nós vivemos outro momento, o das ferramentas de desenho, o desenho paramétrico.

De 1800, época do neoclássico, passamos para 1929, quando, numa exposição em Barcelona, um pesquisador apresenta em seus projetos linhas limpas, uma nova forma que vem marcar uma época da história da arquitetura, que vem avançando. São os contemporâneos, e os arquitetos brasileiros vêm dessa geração, dos modernos. Hoje podemos falar em supermodernismo.

Outro grupo que se destaca, para não falar de várias épocas, é um grupo inglês, que sempre pensava muito as cidades hipoteticamente, as cidades que caminhavam, as redes, e eu faço uma relação também com a nossa época hoje, dos espaços virtuais.

Os espaços virtuais são espaços que se apoiam na área de representação arquitetônica. Esses espaços, esses mundos nos quais qualquer pessoa pode entrar também nos apoiam como ferramental para difusão do patrimônio, para difundir o nosso patrimônio material ou imaterial também. Em se falando do nosso aluno de arquitetura, é o ambiente que ele está visualizando para fazer uma busca bibliográfica ou para poder entender o que está acontecendo.

Hoje falamos na construção de uma casa totalmente sustentável. Ninguém mais quer fazer uma residência, ou mesmo arquitetura social. Não podemos mais pensar numa arquitetura que não se sustente, que não tenha a eficiência energética. Na atualidade, as casas devem reaproveitar todas as energias, além de corresponderem às necessidades do mundo atual. Então, nos espaços virtuais os alunos dispõem de todas as informações e também o usuário pode estar visualizando os projetos, entendendo como funciona, através dos vídeos ou mesmo em realidade aumentada.

O nosso adolescente gosta de aprender através de novas mídias, mas tem de ser uma boa mídia, que tenha um bom modelo arquitetônico, que represente os espaços e os materiais, além de ser interativa. A mídia *on-line*, no jornal eletrônico, facilita muito o entendimento da arquitetura. Na arquitetura de fabricação digital, o desenho é realmente assistido pelo computador, que possibilita o aparecimento de novas formas.

Outra coisa que está mudando são os tempos de se fazer uma arquitetura. O arquiteto terá mais tempo para pensar e projetar e levará menos tempo para executar o projeto. Hoje já pensamos na hipótese de que os arquitetos usem aventais para produzir essa arquitetura, e eles estarão dentro das indústrias para produzir essa arquitetura. Como atuo numa disciplina de ateliê virtual, desenvolvo uma atividade que é levar os alunos a construírem as peças dentro de uma indústria.

Outro tema interessante é a questão da robótica na arquitetura. Já existem faculdades com laboratórios equipados e os alunos já experimentam fazendo muros com braço mecânico, que monta os tijolos. Podia ficar falando todo o dia, porque há outros tipos de arquitetura em experimento, mas o tempo esgotou.



José Eduardo Agualusa



É um dos mais importantes escritores africanos da última década. É romancista, contista, poeta e jornalista e divide seu tempo entre Luanda, Lisboa e viagens ao Brasil. A sua estreia como escritor fez-se com o romance *A conjura* (1989, prêmio Sonangol de Literatura, Angola). A obra *Nação Crioula* (Grande Prêmio Literário RTP, 1997), nome do navio negreiro que estabelece no romance ligação entre Angola e o Brasil, é uma imagem de uma entidade flutuante que Agualusa encontra tanto na África como em Lisboa. No romance *Estação das chuvas* o autor dá uma importância especial à história angolana recente. De sua obra constam ainda livros de contos, *D. Nicolau Água-Rosada e outras estórias verdadeiras*, *A feira dos assombrados*, um livro de poesia, *Coração dos bosques* (prêmio União de Escritores Angolanos, 1991), *Fronteiras perdidas*, *Contos para viajar* e *Um estranho em Goa*. Em 2001, publicou *Estranhões e bizarrocos*, um conjunto de dez histórias infantis ilustradas por Henrique Cayatte. No mesmo ano, publicou *A feira dos assombrados e outras histórias*. Em 2002, saiu o romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. No início de 2009, a convite da Fundação Holandesa para a Literatura, passou dois meses em Amsterdam na Residência para Escritores, onde acabou de escrever o seu último romance, *Barroco tropical*.

Eu queria começar por agradecer o convite para estar de novo aqui em Passo Fundo, é a minha segunda vez. Eu sou escritor o tempo inteiro e venho de um país, Angola, que tem alguma semelhança com o Brasil. E creio que aquilo que vos posso trazer aqui hoje tem a ver com a forma como a literatura lida com as novas tecnologias. Sou extremamente otimista. Eu poderia falar de outras relações, mas vou ficar com internet e livro eletrônico.

Entre outras coisas, a internet tem, sobretudo, a sua democraticidade, pois permite que populações que estão e que estiveram durante muito tempo longe da grande cultura universal – isso acontece em Angola, mas acontece também aqui no Brasil – possam de repente estar ligadas a essa cultura, ou seja, qualquer criança nascida no interior de Angola, ou numa pequena cidade no interior do Brasil, que tenha acesso à internet, de repente, pode ter acesso a tanta informação como uma criança em Nova York, ou em Londres, ou Lisboa, em Paris.

A internet também vai trazer outra coisa para a literatura: a possibilidade de um escritor jovem se dar a conhecer a um público mais vasto, através de *site*, por exemplo, de literatura, de poesia, de *blogs*. Os *blogs* têm revelado muito bons escritores.

A questão do livro eletrônico tem trazido muita polémica. Participei, há poucos dias, em Paris, de um evento com dois escritores portugueses, quando se discutiu precisamente o livro eletrônico. Sou desde há muito tempo defensor da ideia do livro eletrônico. Creio que talvez esse objeto, os objetos e as experiências que têm sido feitas não são ainda perfeitos. Tive a possibilidade de usar um pouco alguns livros eletrônicos e não me agradam totalmente, sobretudo pelo aspecto estético, mas é evidente que é boa

a possibilidade de termos um pequeno objeto no qual caiba essa informação, ou seja, com o qual nós podemos viajar tendo toda a nossa biblioteca lá dentro, ou quase toda.

Outra das objeções que se faziam inicialmente era a de que o livro eletrônico não é bem um livro, não é a mesma coisa, não podemos levar para a cama. É mentira, podemos levar para a cama se quisermos. O livro eletrônico pesa muito menos, é muito mais agradável. Então, sim, podemos levar para cama, podemos apontar, tomar notas – nesses novos livros eletrônicos há essa possibilidade de redigir notas. Portanto, sim, podemos fazer quase tudo o que se faz com o livro comum e podemos ainda ter outras possibilidades, como, por exemplo, para mim, que já começo a ver mal, é possível aumentar o tipo de letra. Também para quem tem grandes bibliotecas há a possibilidade, por exemplo, de viajar levando muitos livros.

Para terminar, queria apenas dizer que isso não implica que o livro em papel esteja em perigo ou que eu seja contra o livro de papel. Pelo contrário, tenho uma biblioteca considerável. Creio que todas as pessoas que têm bibliotecas grandes sabem que os livros têm essa mania de se reproduzir. Cinco livros juntos não se reproduzem, mas mil livros seguramente se reproduzem, isto é, em determinada altura, procurando um livro, acabamos por encontrar sempre outro livro, que não se sabe sequer como foi lá parar. Tenho até um pesadelo recorrente de sonhar que estou pesquisando na minha biblioteca e de repente encontro um livro de que não nunca ouvi falar, não conheço, mas, quando vou ver a data de publicação, descubro que foi publicado em 2020 ou 2030, ou seja, um livro que sequer existe. Isso são coisas que as bibliotecas têm, as bibliotecas de papel,

esta possibilidade de nos surpreenderem constantemente, quando são suficientemente grandes.

Outra coisa que se discutiu em Paris também naquele encontro, colocada por uma das escritoras presentes, era de que a internet iria acabar com a autoria, porém não entendo que isso irá acontecer. Embora seja verdade, por exemplo, que a internet hoje facilita muito as fraudes – por exemplo, recentemente encontrei um poema na internet com o meu nome, assinado por mim, que nunca escrevi; o Luis Fernando Verissimo conta que tem muitas crônicas falsas na internet –, isso já existia antes, quer dizer, esse tipo de situações sempre existiu.



Diana Domingues



Explora a criação com recursos computacionais e multimídia, com tratamento e geração de imagens, instalações interativas com dispositivos de aquisição e comunicação de dados em ambientes sensorizados, redes neurais, entre outros sistemas. Em 1995, organizou, no Memorial da América Latina e no MAC/USP, a importante conferência – evento “Arte no século XXI: a humanização das tecnologias”. A partir da década de 1990, porém, sua obra dá um grande salto com a exploração de temas e processos ligados à biologia e à medicina. Domingues descobriu, primeiramente, um imenso potencial estético nos dispositivos de visualização do interior do corpo (ecografias, termografias, raios X, ressonância magnética, tomografias computadorizadas, etc.) e, em seguida, abriu a sua obra para a discussão das mudanças profundas que estão ocorrendo hoje no próprio conceito de vida. Essas instalações foram apresentadas em várias galerias e museus do Brasil. A sùmula do processo de Domingues está em sua obra mais importante *My Body, my Blood*, que  um ambiente sensorizado no qual os corpos dos visitantes dialogam com dispositivos eletrônicos, produzindo metamorfoses nas imagens projetadas numa tela, nos sons de batidas de corao, na trilha sonora e no movimento de um líquido vermelho simulando sangue. A obra *Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios*  organizada por Domingues, que tem Doutorado em Comunicao e Semiótica e Pós-Doutorado pelo ATI Universit Paris.

Esses 15 minutos são meu grande desafio, porque tenho muito tempo de vida na arte das interfaces. No campo das artes surge uma nova modalidade de arte – que no Brasil fui eu que lancei, pois convivía com ela no exterior – que é a ciberarte, a arte orientada à ciência. Nesse campo de “ciber”, hoje já familiarizado pelos termos cibercafé, ciberamigo, ciberamor, ciberamante, existe também a ciberestética, que é um espaço de produção que envolve o computador. Nesse campo desenvolvo minha pesquisa numa modalidade específica chamada *softarte*, que é a produção de *softers* específicos para a geração de algum tipo de ambiente. É uma arte que não é mais ligada ao objeto e, sim, ao processo. Essa arte das interfaces envolve o ambiente.

O tema desta mesa me interessou muito, porque a questão da arquitetura para mim é a relação com o ambiente, do homem com o ambiente, mas numa sensorialidade expandida pelas interfaces, ou seja, toda uma cinergia dos sentidos, pois as interfaces pressupõem uma tatividade. Eu estou tocando um ambiente fora do meu corpo e essas interfaces vão promover o circuito de *feedback* e, por vezes, de *biofeedback* com os próprios sinais naturais do corpo. Então, eu perguntaria que tipo de arte é esta? Ela, antes de tudo, gera uma zona de experiência, uma zona onde vamos experimentar um corpo.

Perniola, antropólogo italiano, nos fala em *attimo*, que significa fazer alguma coisa num curto espaço de tempo, tal como fechar uma janela, limpar uma mancha. São instantes nos quais construímos algo, naquele átimo, que difere dos “instantes” como fragmentos temporais, que passam sem nos darmos conta. O átimo é a base da interatividade. Em átimos, com tecnologias transparentes e calmas, o mundo está se cibrizando, e a realidade é au-

mentada por átomos do virtual, constituindo e misturando o real. O mundo se cibridiza. Com o computador ou interfaces portáteis, a incrustação do virtual se dá pelas ações que geram narrativas existenciais no espaço. O que é uma interface? São tubos condutores de informação.

Vejamos, eu estou aqui e o *softer* está lá e nós trocamos o ambiente sintético e o meu corpo, ou o ambiente natural onde estou. Isso traz outras questões para a arte, que é trabalhar os limites da proximidade, de uso de espaço pessoal e coletivo. O cibredismo seria essa mistura do ciber com o híbrido e o ciberespaço já está se misturando ao espaço físico.

Um teórico maravilhoso da computação, que se chama Mark Weiser, quando lhe perguntaram qual seria o computador do futuro, respondeu que o computador será invisível. Mark Weiser é o pai da computação ubíqua, mas quero chamar a atenção de vocês que não é porque usa tecnologia móvel que é arte ubíqua. Por exemplo, o avião é móvel, mas não é ubíquo; o nosso corpo é móvel, nada mais móvel que o nosso corpo, mas não é ubíquo. Um objeto pode ser portátil, mas não é ubíquo.

É a questão das tecnologias conectadas realmente em sistemas distribuídos em redes de computadores, as quais vão permitir que o homem fique locado em vários lugares. São pesquisas avançadas. Então, é isto: toda boa interface é calma e é transparente. Por que ela é transparente? É a era pós-*desktop*; é a era do computador portátil e também conectado em rede; é a era da computação ubíqua. Assim como as interfaces ficam transparentes, os objetos vão se misturando na vida do homem. O computador e os celulares que as pessoas estão usando são os artefatos que vão se

tornando cada vez mais intuitivos pelas interfaces e vão se misturar à nossa vida.

As redes sociais também vão se consolidando por essas tecnologias móveis, pela computação ubíqua. Para terminar, infelizmente eu já estou com 62 anos e acho que já mudei muito. Mas essa história de o escritor se esconder no cantinho, quase que num prazer solitário, não sei se é a sensibilidade do homem hoje, de uma a criança hoje. Acho que cada pessoa tem uma maneira de lidar com seu imaginário. Hoje estamos vendo o que a computação está trazendo. Não quer dizer que a pessoa não vá se esconder no quartinho para escrever, mas temos problemas maiores para serem atingidos do que esse isolamento necessário. Se a pessoa quiser, desliga o computador e vai, sim, escrever no quarto, como também faço, mas as civilizações não retrocederam e nós temos de nos dar conta do que criamos para o homem e do que podemos fazer para que este mundo, com o que a tecnologia trouxe, beneficie o homem.

Comentários

Alcione Araújo

Eu reitero, como foi confirmado aqui, que a questão da ciência é a ética e a moral da sua utilização; portanto, diz respeito ao homem. A ciência se coloca como uma forma que desvela a natureza de forma tão revolucionária quanto a arte pode fazê-lo e o faz. Portanto, ciência e arte não são adversárias. Essa é uma construção histórica que precisa ser desmontada.

Aristóteles pensava que o homem era completamente conhecido e, portanto, se poderiam estabelecer normas e formas de fazer revelações filosóficas sobre ele. Com

o passar tempo, fomos vendo que o homem não é conhecido, e a psicanálise contribui de uma forma muito importante para dizer que, quando me olho no espelho e me pergunto quem sou – eu, essa figura mais próxima de mim –, não sei responder. Sou incapaz de dizer quem sou; sou capaz registrar, de forma aleatória ou ocasional, certas marcas que eu espelho, como minhas rugas, minhas mágoas, minhas questões interiores, que, de alguma forma, vislumbram uma espécie de ser que repousa no meu corpo. Mas não sei dizer quem sou eu. Portanto, se esse homem é vários, várias serão as suas linguagens. Nós somos vários e, sendo vários, precisamos das várias linguagens e das várias imagens.

Na verdade, os computadores e as linguagens que se acrescentam à nossa vida, que nos permitem expressões diversas da linguagem verbal, estão permitindo que eu seja em outras linguagens uma expansão de um indivíduo que não se basta na sua própria vida e precisa da experiência de agregar vidas às outras vidas. Portanto, elas respondem a um desejo secreto que antes a arte nos oferecia, propondo o processo de identificação com as personagens, possibilitando-nos ser tantos quantos são os personagens com os quais nos identificamos. Hoje a ciência me possibilita essa multiplicação de “eus”, e, mesmo não sabendo quem sou eu, quero me comunicar para ser vários “eus”, que é um desejo oculto de minha parte.

Terminando, quero dizer que a ciência continua ao nosso lado e atendendo agora a um desejo introspectivo, que às vezes nem é narrado, nem é consciente. A ciência está do nosso lado, e é uma tolice ingênua, conservadora e reacionária recusar a hipótese da pesquisa com

células-tronco, que é um grande avanço do ser humano procurando a sua vida longa, a sua saúde, quem sabe a sua eternidade, pela procriação de sua própria imagem.

Lúcia Santaella

Na cultura japonesa, a linguagem ideogrâmica é uma linguagem diferente das linguagens hindo-europeias. Ela nasce da integração entre imagem e diagramação; é uma linguagem ideativa; é o desenho da ideia. Só para vocês terem ideia, 60% da literatura produzida no Japão no ano passado foi uma literatura para celular, o que acordou as indústrias de publicação para esse novo fenômeno.

Quanto à literatura ilustrada para adultos, quando vamos para a ciberliteratura, já temos isso. A ciberliteratura é uma literatura híbrida, feita da fusão de várias linguagens. A hipermídia nasce da fusão de hipertextos, imagens, sons, e todas as linguagens se cruzam numa hipsintaxe. São facilidades que o mundo digital está trazendo para nós.

No entanto, isso não significa que o livro na sua forma de linguagem escrita vá desaparecer. O suporte pode se modificar, mas temos que diferenciar suporte e linguagem. A linguagem do livro não vai desaparecer, porque é aquela linguagem que me convida para uma solidão voluntária, deliberada, de sentar, aquilo que chamo de leitor contemplativo, que é diferente do leitor movente, que é o leitor nervoso e diferente do leitor imersivo, o leitor que navega.

O leitor contemplativo é aquele que não é açoitado pelas agruras do tempo, que se entrega e penetra num pacto, que é um pacto temporal, de memorização. Es-

tou convicta de que essas linguagens do passado não vão morrer nem serão engolidas pela linguagem digital. Mesmo que tudo vire digital como suporte, as linguagens se preservam.

Antonio Carlos Sartini

Quando me refiro à escola, falo de uma maneira mais genérica, não só da instituição escola. O bom leitor nasce numa casa, numa família de leitores; depois, o segundo espaço propício para a leitura é a escola. Sem dúvida alguma, a escola é o reflexo desse momento que vivemos. As pessoas não estão sendo bem preparadas para a vida no mundo atual. Quando falo escola, na realidade falo nesses vários ambientes de aprendizado, que podem ser a casa, a escola e outros espaços nos quais estamos convivendo. Então, acho que é uma questão a que temos de ficar muito atentos. Se as pessoas tiverem uma boa formação, sem dúvida, farão bom uso da tecnologia; farão bom uso da ciência. Elas podem ser expostas a uma série de informações, mas não vão se contaminar.

Lúcia Santaella

O livro pode ir para um suporte digital, não importa, mas a informação é gradativamente memorizada. Só avanço para a outra página se guardei na memória a informação da página anterior. A lógica de estruturação e a habilidade mental utilizada na consulta na internet são diferentes, fragmentadas. Não tenho nenhum preconceito contra esse tipo de leitura na internet. Acho que são coisas complementares, que nos levam a uma perda muito rápida da memória, porque o que ela envol-

ve é a memória operacional. Conclusão, o que a internet desenvolve é a amnésia.

Nós precisamos continuar cultivando este tipo de estrutura, que é a estrutura de uma mensagem, que vai se construindo gradativamente e no tempo da nossa memória. Quer coisa mais maravilhosa do que a literatura? Com ela faço um pacto ficcional e vou descobrindo quem é aquela personagem, em que mundo vou entrar e quem é aquele escritor. Isso nós não temos na leitura na internet, embora existam outros recursos. Então, temos que diferenciar as habilidades mentais, perceptivas, cognitivas e afetivas que cada um desses mundos nos apresenta.



Da esquerda para a direita, à frente: Júlio Diniz, José Eduardo Aqualusa, Diana Domingues, Tania Rösing, Lúcia Santarella, Underléia Bruscato, Nino Roberto Machado; atrás: Antonio Carlos de Moraes Sartini, André Sant'Anna



CONFERÊNCIA A INDÚSTRIA CULTURAL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Carlo Frabetti



Italiano, reside na Espanha e escreve habitualmente em castelhano. Escritor e matemático, membro da Academia de Ciências de Nova York, cultiva assiduamente a divulgação científica e a literatura infantil. Tem publicado mais de cinquenta livros, entre os quais se destacam *A magia mais poderosa*, *Malditas matemáticas* e a série Mundo Flotante. Em 2007 conquistou o prêmio Barco da Vapor por sua novela *Calvina*. Criador e roteirista de *Bola de cristal* e de outros programas de televisão, também se interessa de forma muito especial pela cultura da imagem. É presidente da Associação Contra a Tortura e membro fundador da Aliança de Intelectuais Anti-imperialistas.

Há um assunto que me parece fundamental quando se fala em leitura, sobretudo leitura por parte das crianças e jovens, que é a relação entre leitura, desenvolvimento da imaginação e construção da própria identidade. Este trinômio leitura, imaginação e identidade, como autor de livros para crianças, tem sido sempre uma das minhas principais preocupações. Ele aparece de uma forma ou outra em quase todos os meus livros, e no último livro publicado no Brasil, *Calvina*, aparece de uma forma quase explícita. Parece-me um tema fundamental; por isso lhe dediquei várias páginas, que, com sua permissão, vou ler.

O texto se intitula “Leitura, imaginação e identidade”.

A construção da própria identidade é um empreendimento que dura toda a vida, porém tem uma especial importância durante a infância e adolescência, a mesma importância que tem o cimento para construir uma casa.

Durante a chamada fase de impregnação, que, segundo psicólogos, dura aproximadamente até os seis anos, a criança se dedica fundamentalmente a absorver informações sobre o seu redor e a partir desse momento começa a refletir de forma sistemática e adotar uma visão do mundo global e articulada. Por isso, deve-se considerar que alcançamos o uso da razão até os sete anos.

Ao longo de todo esse processo e à medida que a criança vai tendo a ideia de como funcionam as coisas, das regras que regem a sociedade em que vive e o que os demais esperam dela, vai adquirindo uma série de hábitos, habilidade e pautas de conduta, que a fazem tão identificável como seu aspecto exterior. E do mesmo modo que busca e reconhece a sua imagem física ao mirar-se num espelho, também busca reconhecer-se e gostar-se e a imagem mo-

ral que os demais lhe desenvolvem ao relacionar-se com ela. Desde a mais terna infância buscamos um equilíbrio, um compromisso entre nossos desejos e os limites que a realidade nos impõe e isso nos leva a desenvolver uma determinada estratégia adaptativa, a assumir um papel que permite que nos integremos no grande teatro do mundo.

À medida que a criança descobre que nem sempre pode satisfazer seus desejos de forma plena e imediata, tem que enfrentar uma série de renúncias e frustrações, ao que Freud denominou de “mal-estar na cultura”, e desde muito pequena tenta compensar essas frustrações com a imaginação, que se manifesta e se desenvolve em jogos, sonhos diurnos, fantasias, etc. A imaginação infantil é unívora e se nutre de tudo o que está ao seu alcance, porém seu principal alimento são os relatos. Entre os numerosos relatos de todo o tipo que chegam a seus ouvidos, os contos infantis desempenham um papel fundamental, pois cumprem ao menos três funções.

Por um lado, ajudam as crianças a estruturar sua mente; por isso querem que lhes contem sempre da mesma maneira, porque a repetição lhes permite exercitar e pôr à prova sua capacidade de assimilação; por outro lado, os contos aliviam suas angústias e temores ao estabelecer situações em que seres tão indefesos como elas mesmas enfrentam terríveis perigos, ogros, bruxas, lobos, etc. e conseguem superá-los. Por último, porém não menos importante, os contos alimentam e despertam a imaginação se administram abundantes materiais para elaborar suas próprias fantasias e reflexões.

Normalmente as crianças conhecem os primeiros contos de forma oral. Também nisso, como em tudo o mais, começam sendo dependentes dos adultos. Em algum mo-

mento descobrem os livros de verdade, passam do álbum ilustrado, lido com ajuda dos pais, a esses livros com pouca ilustração ou nenhuma, com as letras, essas monótonas fileiras de diminutos signos negros que se repetem sem cessar como uma interminável procissão de formigas.

Creio que, em geral, quem escreve para crianças mantém uma relação intensa com sua própria infância e recorda de uma forma muito especial suas primeiras leituras importantes e de que maneira descobriu o mundo dos livros. À primeira vista, a não ser que tenham numerosas ilustrações e chamativas, os livros parecem todos iguais. Porém, quando começamos a ler com fluidez, a experiência se converte numa autêntica revelação.

Dentro de cada livro encontramos os mapas de outros tesouros, referências mais ou menos diretas a outros livros e outros autores, que nos incitam a seguir aprofundando num tema ou numa ideia. Desde pequeno sou um voraz leitor de prólogos, solapas e contracobertas. Sempre recomendo aos jovens leitores que não saltem os textos que parecem sem importância, porque muitas vezes contêm informações de grande importância para navegar pelo livre espaço.

Se o descobrimento dos primeiros livros é uma revelação, essa revelação se consuma e se magnifica, quando a criança dá um salto do particular para o geral e descobre a literatura. Os relatos são o principal alimento da imaginação. Ao aprender a ler de forma fluida e compreensiva, ao ter acesso aos livros por si mesma, a criança converte-se em “livrenauta” e pode buscar seu sustento mental por si mesma, vencendo uma batalha decisiva, a independência infantil.

Vejamos também a questão da imaginação e identidade. A imaginação cumpre, sobretudo, duas funções básicas, uma especulativa e outra que podemos chamar de “sonhadora”, ou poética no sentido mais amplo do termo. Por um lado, utilizamos essa imaginação para realizar extrapolações e experimentos mentais capazes de nos ajudar a resolver ou a antecipar determinados problemas da vida real; por outro, inventamos situações imaginárias tendentes a compensar as carências e as frustrações da vida real. Como efeito secundário, esse duplo trabalho da imaginação vai construindo pouco a pouco nosso eu interior, nossa identidade pessoal.

A primeira infância é uma etapa da absorção massiva dos dados e das regras do mundo exterior. É uma etapa de doutrinação, que cada cultura programa para a criança de acordo com suas crenças e valores. Durante essa etapa inicial, a construção da identidade é um processo inconsciente, induzido pelo exterior, e fundamentalmente adaptativo. A criança deseja integrar-se no seu mundo, no seu meio social, assim como a sociedade deseja integrá-la. Por isso, são frequentes na criança a obsessão pela normalidade e o medo de ser diferente, que se refletem em questões como a indumentária, o aspecto físico, os jogos, questões de gênero, etc.

Nossa cultura patriarcal e repressiva dá especial ênfase à divisão dos gêneros destinada sobretudo a propiciar a submissão das mulheres aos homens. Na infância se pressionam sem cessar meninos e meninas para que assumam respectivamente o sexo masculino e o feminino convencionais. Nesse sentido, o controle social é estrito e sem piedade.

Nos países ocidentais a estrita divisão de gênero se manifesta de forma ostensiva através, entre outras muitas coisas, de dois elementos indumentários claramente aberrantes, a gravata e os sapatos de salto. A gravata, esse flácido e falocrático pendão multicolor, esse sedoso laço corrediço, topológica e moralmente equivalente à soga de arcado, ou a um colar de castigo de um cachorro, simboliza a supremacia de gênero e de classe do homem que a usa e o surgimento da ordem estabelecida. Por sua vez, os sapatos de salto, apesar de os traumatologistas há anos advertirem que são nocivos para os pés e para a coluna vertebral, seguem comuns para as mulheres, sobretudo as liberadas. E qual é a finalidade de um calçado que entorpece os movimentos e prejudica a saúde? Supostamente ser mais atrativa a mulher que o usa. Quem pode achar mais atrativa uma mulher por usar um sapato que dificulta a locomoção, danifica as vértebras e provoca continua moléstia aos pés? A resposta é preocupante, só um machista enfermo, suscetível de erotizar-se com a estética do sofrimento e da dor. Em última instância, o binômio gravata e sapato de salto remete à estética sadomasoquista.

Pois bem, os meninos e as meninas de hoje têm de construir sua identidade nesse mundo de gravatas e sapatos de salto, de Rambos e Barbyes e são fortemente pressionados para que assumam o rol que supostamente corresponde a seu sexo. Não nos surpreendamos que roam as unhas ou façam xixi na cama.

Passemos à leitura do segundo texto, “Leitura e imaginação”.

A leitura desenvolve a imaginação ao menos de duas maneiras. Por um lado, administra situações materiais, personagens, situações, cenários que em seu redor são es-

cassos ou inexistentes; por outro, o próprio ato de ler é a melhor forma de exercitar faculdades, como a extração, a evocação e a especulação. Estamos tão acostumados a ler que não nos damos conta do duplo prodígio que representa a leitura.

A partir de pequenos signos negros repetidos sobre um papel, nossa mente vai construindo as palavras e, a partir das palavras, todo um universo evocado por um escritor. Diante dos olhos do leitor desfila uma monótona procissão de formigas que constroem personagens, ações, cenários, ideias, emoções, e esse exercício mental, por si mesmo, desenvolve e agiliza a imaginação mais do que qualquer outra atividade, com exceção da escrita, evidentemente que sua atividade é recíproca e complementar.

Porém, o mundo dos livros não é só o melhor campo de treinamento, é também o terreno mais fértil, o jardim mais ameno. É certo que há livros de pouca atração, que se limitam a repetir os tópicos, porém só os leitores menos exigentes se conformam com eles. O mundo dos livros não é só o tesouro de conhecimentos da humanidade; é também suas inquietudes, suas dúvidas seus problemas, suas rebeldias.

Os meninos e meninas que se sentem inseguros ou diferentes, ou simplesmente insatisfeitos com o mundo tal como ele é, podem encontrar nos livros as ideias que lhes permitirão relativizar, inclusive impugnar, o conceito de normalidade que tentam nos impor. Ao menino de 12 anos, por exemplo, ao seu redor dirão de mil maneiras que “és um homenzinho, que não pode jogar jogos demasiado infantis ou femininos, que não pode chorar, nem mostrar tristeza, que tem que gostar das meninas e de futebol”, e a uma menina da mesma idade se tentará convencer, por todos os meios, que tem de “ser delgada e atrativa, não pode

jogar jogos masculinos, nem ser brusca nas suas atitudes, que tem gostar dos meninos”. Assim, se o menino ou a menina não se identifica plenamente com estes modelos, terá que escolher entre a dissimulação ou o rechaço.

Porém os livros, os bons livros, inclusive alguns não muitos bons, nos brindam com inumeráveis alternativas. Muitos meninos e meninas encontram nos livros referentes e ideias que os ajudam a construir sua identidade, sem submeterem-se passivamente às imposições ao seu redor. Muitos jovens leitores que parecem refugiar-se nos livros para fugir da realidade, na realidade, o fazem para buscar meios para afrontar essa realidade e lutar para mudá-la.

Com essa espécie de introdução, quero salientar a importância da leitura, sobretudo para as crianças no desenvolvimento da sua imaginação e na construção da sua identidade, e isso me parece especialmente importante com relação ao tema da minha conferência sobre indústria da cultura e formação de leitores. Tudo isso que acabo de dizer tem uma especial importância num momento em que a leitura é, talvez, o único âmbito de liberdade mental a que a criança tem acesso com facilidade, porque atualmente a indústria da cultura e os meios de comunicação estão recebendo influências da indústria da “incultura” e dos meios de “incomunicação”, que não favorecem o desenvolvimento intelectual e a comunicação entre as pessoas, sobretudo a televisão, que é a grande referência de audiovisual.

A televisão, essa pequena tela está sendo reforçada continuamente por novas pequenas pantalhas: a tela do computador, que também tem uma janela aberta a todo o tipo de produto de ócio e entretenimento, nas pequeníssimas telas dos telefones móveis, que também dão acesso a todo tipo de produto de ócio e entretenimento. Tudo isso

impõe uma enorme dificuldade à criança para livrar-se de um entorno que a bombardeia sem cessar com estímulos que, em última instância, são estímulos publicitários. Não só temos uma televisão onde a presença da publicidade é abusiva, claramente abusiva, e uma publicidade que tenta nos convencer continuamente de que para ser feliz, ter êxito, é preciso consumir muito e ser mais que os demais, ao invés de ser mais com os demais, que é a única forma de crescer e se desenvolver com solidariedade.

Eu não conheço a publicidade do Brasil, mas deve ser muito parecida com a da Itália e da Espanha, porque nesse sentido a globalização funciona muito bem. Não se globaliza a solidariedade, não se globaliza a cultura, porém a exploração e a alienação, sim, estão muito bem globalizadas. E nos países ricos, nos países mais industrializados, calcula-se que nas 16 horas de vigília um cidadão chega a receber até mil impactos publicitários, o que quer dizer uma média de um impacto por minuto. Naturalmente por impacto publicitário não há que entender um *slogan* completo, um *spot*; não há tempo para isso. Porém, cada vez que vemos o crocodilo da Lacoste, ou o logotipo da Nike, ou o círculo vermelho com a palavra Coca-Cola, estamos recebendo um estímulo, ou uma agressão publicitária, e as crianças são enormemente sensíveis a esses estímulos.

Fala-se muito que a televisão é nociva pelos conteúdos de sexo e violência. Creio que isso é o de menos. O verdadeiro dano da televisão, sobretudo para as crianças e os mais jovens, é a publicidade direta ou encoberta. Esta publicidade, insisto, tenta nos convencer de que ser feliz é ter êxito e ser mais do que os demais. O único lugar em que as crianças, e também os adultos, encontram outro tipo de modelo, outro tipo de mensagem, é a leitura. Por isso é tão importante fomentá-la.

No entanto, não devemos crer que os inimigos da leitura são os meios audiovisuais. A televisão é um invento magnífico, os telefones móveis, os vídeos, os jogos são importantes e as possibilidades da internet são extraordinárias. O problema não são os meios e, sim, os conteúdos. Os meios variam e cada meio aporta um tipo de conotação distinta, porém as palavras são sempre as mesmas. Portanto, o inimigo da leitura não é a televisão.

Em alguns debates aos quais assisti, estabeleceu-se a contraposição entre o que é chamado “homem que lê” e “homem que vê”, porém todos somos o homem que lê, não rival do que vê. O problema são os conteúdos, e nossa luta tem que ser contra esses conteúdos. Temos que ter claro que, ao tentar fomentar a leitura, não estamos lutando contra uma tecnologia; estamos lutando contra uma sociedade de consumo. Todas as sociedades são de consumo, todas as sociedades se organizam em função de consumir determinados bens. A nossa sociedade converte tudo em mercadoria para, em última instância, converter tudo em lixo. Nossa luta é contra este capitalismo selvagem, que tudo converte em mercadoria e, ao final, em lixo.

Comentários

Alcione Araújo

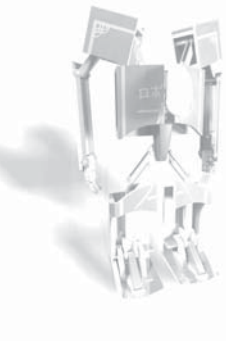
Se imaginarmos que a estrada por onde transitam as narrativas infantis, o cinema, o teatro e a literatura é uma estrada balizada, por um lado, pela mais extrema e desmedida fantasia, a fim de dar resposta, evasão, a essa necessidade de fantasia, e, por outro, inculca valores, o justo, o verdadeiro, o honesto, o decente, etc., talvez isso explique como se equilibra numa narrativa

infantil a fantasia mais livre e solta com valores que precisam ser legitimados por estas narrativas.

Carlo Frabetti

Creio que a fantasia é uma faca de dois lados, ou seja, há duas formas antagônicas de utilizar a fantasia. Muitas vezes ela é utilizada para construir mundos imaginários nos quais o leitor pode esquecer os problemas da realidade e entrar num sonho tranquilizador. Este tipo de fantasia dificilmente pode transmitir um valor; é contrária à transmissão de valores, induz à passividade, a esquecer os problemas, e esquecer os problemas é se esquecer do mundo.

Há outra forma de fantasia, que aparentemente nos tira do mundo real, mas, na verdade, nos leva a refletir sobre ele e nos permite voltar a ele enriquecidos, com novos instrumentos de reflexão para enfrentar a realidade. Creio que essa é a forma de transmitir valores às crianças, de estimular sua própria imaginação e sua capacidade. Não se trata de dizer que isso é correto, isso é incorreto, tem que fazer isso. Durante muito tempo, a literatura infantil foi pedagógica e doutrinadora, e creio que essa não é a fórmula. A criança resiste, se rebela diante das normas, e o faz bem, porque tem a sensação de que tentam manipulá-la, e é verdade. O que temos de fazer com as crianças é facilitar os seus próprios processos de reflexão, estimular sua imaginação e seu sentido crítico. Para isso, há um tipo de literatura fantástica assim como há um tipo de literatura realista, ambos perfeitamente válidos.



PALCO DE DEBATES ARTE E CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS

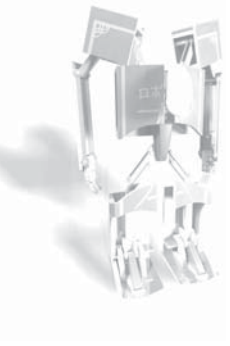
Tom Zé



Compositor, cantor, arranjador e ator, é uma das figuras mais originais e controvertidas da MPB. Aprendeu a gostar de música ouvindo rádio em sua cidade natal a ponto de decidir estudar música na Universidade da Bahia, em Salvador, onde teve aulas com Koellreuter, Smetak e Ernst Widmer, e aprendeu harmonia, contraponto, composição, piano, violoncelo. No começo da década de 1960, conheceu Gilberto Gil, Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia, com quem montou um grupo para os espetáculos *Nós, Por exemplo, Velha Bossa Nova* e *Nova Bossa Velha*. Com esse grupo foi para São Paulo, onde participou do espetáculo *Arena Canta Bahia* e do disco-chave para o movimento tropicalista, *Tropicália ou Panis et Circensis*. Naquele momento, a música popular não apenas puxou toda uma movimentação cultural no país, como também deu um exemplo de inteligência, engajamento, talento e senso estratégico artístico-cultural raro. Mais do que qualquer outro segmento social ou intelectual da época, a música popular colaborou

para a recuperação democrática no Brasil. Com a chegada da liberdade de expressão, alguns desses autores deixaram a vida artística; aqueles que permaneceram na ativa, e com o sucesso contínuo, foram se dedicando mais a carreiras individuais. Toda aquela preocupação com a problemática nacional e com a movimentação da cultura musical no país desaparece dando lugar a carreiras do tipo *pop star*. Não sabendo se integrar nesse tipo de carreira mais convencional, Tom Zé ficou um tanto esquecido. No fim da década de 1980, sua carreira deu uma reviravolta, quando o músico David Byrne descobriu num sebo o inovador *Estudando o samba*, LP no qual Tom Zé (com parceiros como Elton Medeiros) mexe nas estruturas do principal gênero musical do país. Fascinado, Byrne lançou o compositor no mercado internacional por meio de seu recém-criado selo, Luaka Bop. O disco *The Best of Tom Zé*, editado por Byrne em 1990, foi aclamado pela crítica, ficando entre os dez melhores da década em todo o mundo, na avaliação da revista *Rolling Stone*. Excursionou pela Europa e pelos Estados Unidos durante a década de 1990 com bastante sucesso, o que só se refletiu no Brasil em 1999, com o lançamento de seu CD *Com defeito da fabricação*. A partir daí, Tom Zé voltou ao cenário da música brasileira. Entre suas inúmeras e conhecidas músicas destacam-se “Mã”, “Um Oh! E um Ah!”, “Nave Maria”, “Cademar” (com Augusto de Campos), “Xiquexique” (com José Miguel Wisnik).

Acabou a arrumação, agora eu vou fazer o meu palavrório. Primeiro, a pessoa tem que ter semancol, para saber o dia que é bom ele falar e o dia que é bom para ouvir. Hoje é um dia ótimo para eu ouvir. Eu admiro para caramba todas as pessoas que estão aqui; algumas eu conheço, porque fui ao *site* e vi o que estava escrito e quero realmente ouvir alguma coisa deles. Agora vou me sentar e vou ficar tomando nota para fazer perguntas como vocês vão fazer.



Alckmar Santos



Poeta paulista, também escreve ensaios e romances, apesar da primeira formação em Engenharia Eletrônica pela Unicamp em 1983. Fez mestrado em Teoria Literária na Unicamp e é Doutor em Etudes Littéraires, com orientação de Julia Kristeva, em Paris. Em poesia publicou *Retrato e percurso*, *Meu tipo inesquecível*, além do poema digital “Dos desconcertos da vida, filosoficamente considerada”. É autor de *Rios imprestáveis*, *Circenses*, *São Lourenço* e do volume de ensaios intitulado *Leituras de nós. Ciberespaço e literatura*. É professor de literatura brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina, coordenador do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística e pesquisador CNPq.

Um obrigado imenso pelo convite, pela simpatia, pela acolhida. Vou falar aqui numa perspectiva bastante heterogênea, porque vou falar ao mesmo tempo como pesquisador, professor, criador, poeta. Quando falo em professor, pesquisador, criador, poeta, etc., considero fundamental que essas especialidades, essas funções, não sejam separadas. A criação, a crítica e a reflexão teórica, para mim, têm que andar sempre juntas, não importa a função do indivíduo. Ele pode ser um compositor, um músico, mas tem que ter reflexão teórica e crítica; ele pode ser um professor universitário, mas tem que ter criação.

O que me trouxe aqui, a perspectiva principal, é a criação poética digital, ou a criação literária digital. É uma coisa com que trabalho há muito tempo, desde 1994-95, e, logicamente, um dos pontos centrais é esse diálogo sobre técnicas, tecnologias e criação. No que pesquiso, no que ensino na universidade, no que crio, seja como poeta tradicional, que publica livros de papel, seja como poeta que faz criação em meio digital, estou sempre buscando fazer esse diálogo entre criação, crítica e reflexão teórica, sobretudo no aspecto das relações entre criação literária, criação artística e técnicas e tecnologias.

No caso específico do Brasil, é interessante ainda mais pensar essas questões, porque temos aqui uma relação com as técnicas e sobretudo com as tecnologias, uma relação que oscila entre a dependência e a inovação criativa. Essas questões foram colocadas em pauta e há que se destacar isso a partir dos anos 1950, com a chegada do concretismo. A ideia de fazer uma criação que de certa forma propicie saltos de conhecimento, saltos de tecnologia, saltos de metodologia, num país periférico como é o nosso.

No ponto em que atualmente andamos, e eu tenho pensado nessas questões, eu posso talvez resumir por uma expressão e uma palavra. A expressão é “atraso do progresso” e a palavra é “avanço”. Estamos vivendo uma situação, para mim muito evidente, de saturação tecnológica. Isso tem o lado bom e o lado mau, e nós estamos expostos a instrumentos, a técnicas e a tecnologias de maneira avassaladora. O que tem acontecido com frequência até hoje é que as pessoas estabelecem uma separação, uma disjunção, muito radical, ou seja, ou a tecnologia é benéfica ou é nociva. Na verdade, não se trata disso, aliás nunca se tratou disso em toda a história da humanidade, porque as tecnologias sempre foram ao mesmo tempo nocivas e benéficas.

Então, quando falo de saturação tecnológica, tem os dois pesos, os dois sentidos: o benéfico e o nocivo. Isso não é novidade. À medida que recebemos uma quantidade muito grande de informações que chegam, é evidente que isso vai causar estrangulamentos, gargalos, porém são estrangulamentos e gargalos que muitas vezes são escondidos. Existe um discurso otimista e positivista dos tecnólogos que querem fazer com que as pessoas engulam uma ideia acumulativa, positivista, de que toda a acumulação tecnológica, todo o progresso é muito bom e sempre vai levando as coisas para o bom caminho. Existe isso, sim, como existe o discurso catastrófico. Mas o fato é que, especificamente no que diz respeito às criações todas ou às relações nossas com as tecnologias, esse progresso acumulativo, sim, frequentemente, é causa de atrasos.

Dispomos de uma quantidade tão grande de informações que muitas vezes não nos damos conta de que isso pode representar uma paralisia. Duas grandes palavras ci-

tadas frequentemente são “velocidade” e “acumulação”, ou seja, velocidade imensa com que as informações circulam e acumulação monstruosa de informação, de conhecimento. Quando falo de acumulação e velocidade, as pessoas muitas vezes não se dão conta de que são movimentos, ou que são acontecimentos opostos. Quer dizer que essa coisa ser acumulada se opõe a que circule em alta velocidade; dessa forma, vem isso que eu chamo de atraso, essa situação de dificuldade. Dificuldade, por exemplo, quando estou criando um poema digital, ou quando estou tentando entender poemas digitais feitos por outros.

A tendência nossa é sempre hierarquizar, estabelecer tipologias, gêneros, para entender melhor o que está se passando, ou o que nós estamos fazendo. E, devido à grande quantidade de informações e possibilidades, hoje em dia está muito difícil, senão impossível, falar de gêneros de obras literárias digitais. O que quero dizer com isso é que essa acumulação tecnológica trouxe um atraso, ou um problema, quando trabalhamos com isso teórica e criticamente, mas não vejo isso como uma catástrofe, de modo nenhum.

São essas situações, desde que tenhamos noção, consciência delas, que podem permitir que façamos o que chamo de “avanço”. Avanço quer dizer ir adiante, mesmo com os engarrafamentos, mesmo com as dificuldades, mesmo com os atrasos. No caso específico do gênero literário, há uma situação que deixa os críticos e teóricos do meio digital atônitos: é a quantidade de tipos distintos de obras criadas. Parece que há tantos gêneros de literatura digital quantos há de programas de criação usados na literatura digital. Há uma certa paralisia, que chamo de “atraso”, mas, desde que estejamos conscientes disso, na leitura e na criação

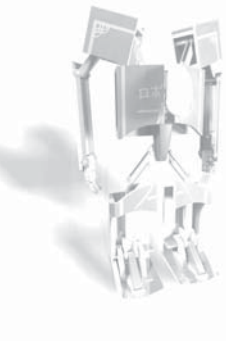
isso pode representar um avanço, isso se não tivermos o menor temor em voltar atrás e tentar aprender com outros momentos em que situações parecidas ocorreram.

Há pouco ouvi o que estavam conversando sobre sincronia e diacronia. Digo que defendo com unhas e dentes essas duas possibilidades, porque, se hoje estamos atônitos diante da quase impossibilidade de estabelecer gêneros para a criação literária digital, isso não é muito diferente da situação vivida, por exemplo, na literatura da Idade Média, quando a noção de gênero era totalmente estranha para leitores, ouvintes e poetas.

Então, de certa forma, é possível interromper um pouco a acumulação de informações dos meios digitais e se reconhecer numa situação de travamento e voltar atrás. Da mesma maneira, é importante estabelecer a ligação do progresso com o atraso, no modo de lidar com o experimentalismo, que é a criação poética digital, que tento fazer também.

O que é o progresso? É a criação experimental ou a antiga vanguarda, que, de alguma forma, acerta e obtém bons resultados. O que seria o atraso? É a criação experimental que não funciona, que não tem jeito, que não vai adiante. Sabendo muito bem olhar para os dois lados, é possível estabelecer um avanço na criação literária ou digital ou qualquer criação. O problema é que já há algumas décadas se perguntar pelas falhas, pelas bobagens e pelos insucessos do experimentalismo virou uma empreitada muito perigosa, pois podemos ser tachados de patrulhadores, de intolerantes, ou de cegos. Então, quando penso em atraso do progresso, penso nisso também, que nós possamos imaginar o que é o progresso, o que é o atraso nesses nossos experimentalismos, para, a partir daí, construir o

avanço. Acho que não construímos avanço nenhum se não nos damos conta de que o experimentalismo, por exemplo, vai resultar em alguns ganhos interessantíssimos e, às vezes, em bobagens fenomenais.



Constanza Mekis



É bibliotecária. Há quinze anos se encarrega da Coordenação Nacional de Bibliotecas Escolares do Ministério da Educação do Chile – Bibliotecas CRA (Centros de Recursos para a Aprendizagem). Foi diretora para América Latina da International Association School Librarianship. Tem dirigido inúmeras publicações especializadas, realizado consultorias internacionais relacionadas a sua especialidade para o Banco Interamericano de Desenvolvimento em muitos países nos quais obteve diversos prêmios e distinções pelo seu comprometimento no campo da leitura. Participa do Grupo Gestor do Projeto Bibliotecas Escolares Mercosur na equipe consultora da OEI de Leitura e Bibliotecas Escolares e também é membro do International Board on Books for Young People (IBBY) - Chile.

Em nosso país geramos um programa de bibliotecas escolares chamado Centro de Recursos para a Aprendizagem (CRA). E há dezesseis anos o governo do Chile tem apoiado o desenvolvimento de bibliotecas escolares. Começamos com 124, hoje temos mais de mil, e o plano do governo é fazer com que, no bicentenário, em 2010, todas as nossas escolas tenham uma biblioteca escolar, como um Centro de Recursos para Aprendizagem. Serão investidos milhões de pesos nesse investimento que o Chile criou para desenvolver as bibliotecas.

Qual é o conceito de biblioteca que estamos desenvolvendo? É um conceito que está apoiando a aprendizagem dos nossos alunos e apoiando diretamente os professores. Que significa o espaço? É um local no qual as crianças se divertem, um lugar aberto, muito livre e muito acolhedor, e as crianças estão gostando. São espaços livres onde as crianças, de maneira dinâmica, recebem uma aprendizagem. É muito importante ter acesso direto aos livros. Isso é uma mudança de mentalidade, porque anteriormente os livros estavam enclausurados e agora os professores e alunos têm acesso direto.

Também entregamos uma coleção com cerca de mil exemplares, os quais são parte de um grande tesouro que têm alunos e professores; é algo como uma livraria, com diários, revistas, livros novos, livros apetitosos que os jovens e os professores gostam de ler e trabalhar. Junto a este material impresso, audiovisual, temos as tecnologias de informação. Consideramos que todo o mundo tecnológico nos ajuda a melhorar o processo leitor; portanto, temos material *on-line*. Temos um CRA digital, uma biblioteca escolar com materiais que apoiam a aprendizagem e o interesse dos jovens, e também nos preocupamos em de-

envolver materiais de apoio e entregamos coleções com livros-álbuns, ou tudo o que se relaciona com o mundo das imagens e todo o campo visual e também do som.

Os livros não se usam sós; por isso, criamos um plano de formação dos encarregados das bibliotecas CRA de 120 horas pedagógicas. Também desenvolvemos um plano de trabalho com os professores, porque podemos ter os melhores atendentes nas bibliotecas, porém, se os professores não são leitores, é muito difícil desenvolver a leitura. Há um plano para a formação de mil professores que são treinados durante o ano. O que significa ter uma boa equipe de gestão num CRA? Temos um coordenador pedagógico e um encarregado. O coordenador tem 14 horas e o encarregado, 44 e, juntamente com os pais e outros colegas, formam a equipe do Centro de Recursos para Aprendizagem para auxiliar diretamente os professores.

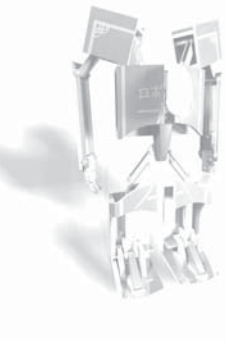
Sabemos que ter serviço de qualidade significa estar muito atento ao que ocorre com as crianças. Precisamos de professores comprometidos com a leitura. Sabemos que os professores não têm tempo; falta-lhes tempo para preparar suas aulas e para as suas leituras. Então, nós queremos fazer um convite para que todos os professores leiam.

O desenvolvimento de leitores é um tremendo desafio, e para isso desenvolvemos um programa completo, um programa leitor, que tem mais de quatrocentas lições, porque nos interessa que a leitura seja inclusiva, que incorporemos a nossa região, que incorporemos o nosso próximo, enquanto criação, e também que incorporemos o mundo da não-ficção. Pensamos que um aluno hoje pode ler muitas novelas, muitos poemas, mas também a sociedade está exigindo que leiamos outras fontes de informação, que são as

leituras significativas. Pensamos que com motivação podemos abrir grandes causas leitoras.

Trabalhamos por mais de quatro anos para gerar o programa leitor que está na internet, e quem quiser trabalhar com esse material pode fazê-lo livremente. Também o desenvolvimento da realidade de informações é parte de nosso trabalho, porque, assim, desenvolvemos a capacidade para investigar, indagar, saber buscar informação, saber selecionar, saber interpretar, saber gerar um novo conhecimento. Também desenvolvemos o tema da produção de novos recursos de aprendizagem. Como exemplo, como um professor de educação física pode integrar a poesia num trabalho pedagógico.

A participação da comunidade é clara. Se nós não temos a família integrada na rede de trabalho, vai ser muito difícil levar a que as crianças sejam leitores. A escola pode ser uma parte importantíssima, mas, se a família não está como base leitora, é muito difícil criar leitores. Estamos criando um projeto que se chama “Leiamos Juntos Com Nossos Pais”. Nosso programa já tem 16 anos e eu trabalho nele há quatro governos, com dez ministros. O Ministério da Fazenda, que dá o dinheiro, avaliou o programa e se deu conta de que não somente podíamos entregar, implementar a biblioteca, mas tínhamos que mantê-las. Neste momento já temos a palavra do Ministério da Fazenda, já sacamos o custo, porque ao Estado interessa ter boas bibliotecas, com boas equipes de profissionais, pois todos queremos uma educação de qualidade. Pensamos que o Estado tem de ser uma garantia e deve manter o fundo para prover leitores na sociedade chilena. Temos claro que, se temos alunos leitores e temos a possibilidade de contar com bibliotecas, teremos boa aprendizagem.



Emily Short



Emily Short é o pseudônimo de Mary McMenemy, professora de Estudos Clássicos do St. Olaf College, em Northfield, Minnesota. É pesquisadora do grupo de Katherin Hayles e de Nickolas Montfort (MIT-EUA) sobre ficção interativa – análise dos *games* na perspectiva da literatura. É também autora de diversas obras de literatura eletrônica (ficção interativa), disponíveis em seu *website* www.emilyshort.com.

Sou professora de estudos clássicos e pesquisa teatro grego. Também escrevo sobre jogos no computador, sou revisora e analista numa coluna semanal e, entre essas duas coisas, escrevo ficção interativa. As ficções interativas são histórias nas quais o leitor pode participar. O computador apresenta um texto e o leitor digita uma instrução dizendo ao protagonista o que fazer. Em resposta, o computador diz ao leitor o que aconteceu como resultado. Então, a história continua entre os dois até que chega a um final, que pode ser feliz ou não.

Por que faço esses dois diferentes tipos de trabalho? Penso e escrevo muito sobre contação de histórias interativas em geral, ou sobre histórias textuais, como as que escrevo, ou histórias ilustradas, ou até histórias contadas através de jogos de computador. As pessoas às vezes me perguntam se eu não acho bobo trabalhar com essas histórias tecnológicas, porque as consideram muito populares, não muito privilegiadas em termos de cultura, em comparação com as peças clássicas sobre as quais pesquiso. Mas isto é o que eu diria. Nós estamos trabalhando na invenção de um novo tipo de contação de histórias. O computador as torna possíveis, mas as histórias ainda são histórias humanas. Essa mídia ainda está na sua primeira infância. As histórias interativas terão seu lugar entre as outras artes como uma expressão da cultura. Elas não serão literatura, não serão romances ou poemas, não serão filmes, não serão jogos; elas serão algo novo, mas terão tanto valor quanto as outras formas de obras de arte que nós já temos.

É um erro esperarmos as mesmas coisas das histórias interativas que esperamos da literatura, assim como seria também um erro esperar que esculturas fossem bonitas, no mesmo sentido de achar uma pintura bonita. Na histó-

ria da criação de novas mídias, há sempre a tendência de usar uma mídia mais antiga como modelo. Por exemplo os filmes, que começaram parecendo-se com peças de teatro que eram filmadas, as quais se originaram de músicas de coral, com apenas um ator dizendo as falas para dar contexto ao som. Quando essas formas de arte se tornaram amadurecidas, não precisaram mais desses modelos.

O filme tem a sua própria linguagem, uma peça de teatro também tem sua própria linguagem, e nenhum deles é como a música de coral, que começou a tradição. Isso também vai acontecer com a contação de histórias interativas. As grandes histórias interativas do futuro ainda não estão aqui. Nós estamos apenas começando a entender as possibilidades dessas mídias, mas nós já sabemos algumas coisas.

O escritor de histórias interativas deve entender alguma coisa de literatura, de representar um personagem e suas emoções, de observar os detalhes da vida e preservar sua beleza. O escritor também deve saber algo sobre jogos, sobre como dar ao leitor um propósito, sobre como recompensar o esforço do leitor. O escritor deve entender alguma coisa sobre interatividade, sobre projetar um sistema que convide o leitor a jogar e sobre ensinar ao leitor o que é possível. A escrita de histórias interativas requer habilidade, julgamento e uma sensibilidade pela humanidade. Não devemos pensar que as histórias interativas, por serem tecnológicas e terem um apelo aos jovens, foram feitas apenas para os preguiçosos e que não precisam ser interpretadas. As histórias interativas requerem suas próprias habilidades para serem lidas. O leitor interativo tem que se arriscar, tem que explorar e experimentar coisas para descobrir o que funciona e tem que confiar no autor.

O que quer que ele escolha vai levá-lo a algo interessante e, mesmo que sua escolha traga um final infeliz ao invés de um final feliz, vai ter experimentado uma história que tem significado.

Ser um leitor interativo significa pensar acerca da experiência feita pelo texto e pelas suas escolhas. O bom leitor de uma história interativa sempre se pergunta: O que é permitido que eu faça? Que escolhas essa história me dá? O que significa quando a história interativa é desse modo, não daquele? Tal como o tema numa novela ou uma imagem num poema, as possibilidades de uma história interativa trazem significado, algumas vezes um significado que vai além das palavras usadas ou das ilustrações mostradas na tela. A interação e a oportunidade de escolher um caminho encorajam o leitor a pensar muito sobre suas crenças, e o leitor assume parte da responsabilidade pelo modo como a história termina. Assim é que se cria significado a partir da ação e a partir da tensão entre o que leitor deseja e o que o autor permite.

A contação de histórias interativas permite que nos comuniquemos de uma nova forma, algo que nós nunca tivemos a oportunidade de comunicar antes. A história interativa convida o leitor a trazer sua própria curiosidade, suas próprias escolhas, sua própria moral em contato com o que o autor criou. Confrontado com um inimigo difícil, um leitor pode escolher uma solução violenta, ao passo que outro tenta resolver o problema de forma pacífica. Para cada leitor a história é diferente não apenas na interpretação e na compreensão, mas em sua forma também. E nós lemos uma história interativa de uma nova maneira quando voltamos a ela, porque sabemos que as escolhas que virão podem ser diferentes da segunda vez. Não signifi-

fica a morte do autor, porque não há nada numa história interativa que não tenha sido colocado lá pelo autor. O leitor não consegue ler nada que o autor não tenha colocado, mas é a experiência do leitor na leitura, quando ele tem que lutar contra os problemas do protagonista, quando ele é forçado a fazer uma escolha difícil, quando tem que assumir a responsabilidade pelo resultado da história, ou quando tem que se submeter às regras do universo criadas pelo autor. Esta experiência é nova e diferente, sem igual em outras mídias.

Desenvolver histórias interativas não é uma concessão que estamos fazendo para a chegada da modernidade, não é meramente um meio de fazer as histórias interessantes para os jovens, não é uma novidade que passará rapidamente, não é um substituto para a literatura ou para o livro. A experiência de interagir com uma história pode ser vívida e imemorável, terrível e bonita, e fica guardada na mente do leitor por meses ou anos. Isso deve ser arte.

É difícil dizer como a contação de histórias interativas será na sua maturidade. Os escritores e os pesquisadores estão interessados nas possibilidades da tecnologia para contar novos tipos de história, e os editores estão vendo que podem atingir novos leitores por meio de *websites* e histórias interativas. O que todos eles estão tentando criar se coloca no meio do caminho entre romances e jogos, e isso é contação de histórias interativas.



Pedro Bandeira



Tem formação em ciências sociais. Trabalhou com teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo e com teatro de bonecos. Além de professor, trabalhou no jornalismo e publicidade, começando na revista *Última Hora* e depois na Editora Abril. Hoje se dedica exclusivamente à literatura infanto-juvenil. Seu primeiro livro, *O dinossauro que fazia au-au*, voltado para crianças, fez grande sucesso, mas foi com *A droga da obediência*, escrito para adolescentes – que o autor considera seu público-alvo – que ele se consagrou. Autor carismático, revela que também estudou psicologia e educação para entender melhor em qual faixa etária a criança acha seu pai herói, com qual idade o acha um chato e quando está pronta para questionar tudo e todos. Também afirma que a inspiração para cada história vinha de livros e de acontecimentos de sua própria vida. Criatividade nunca lhe faltou, mas, quando isso acontece, Pedro abre o *e-mail* de seu computador e começa a ler as mais de trezentas mensagens que recebe semanalmente de seus leitores de todo o Brasil. Pedro Bandeira é o autor de literatura infanto-juvenil mais vendido no Brasil. Sua obra já vendeu mais de vinte milhões de exemplares, tendo conquistado vários prêmios, como o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, Adolf Aizen e Altamente Recomendável da Fundação Nacional de Livro Infantil e Juvenil. Dentre seus livros consagrados, citam-se os da série *Os Karas*, *A marca de uma lágrima*, *Agora estou sozinho...*, *A hora da verdade* e *Prova de fogo*. Autor homenageado da 13ª Jornada Nacional de Literatura.

Quanto ao tema que estamos discutindo aqui, lembrei um personagem, o personagem clássico mais atual que existe, o dom Quixote, que é um homem que não aceita a mudança dos tempos, quer voltar atrás, quer voltar ao tempo romântico da cavalaria, e não aceita o aburguesamento da sociedade. Então, ele luta contra o progresso. Naquele tempo, no tempo de Cervantes, o progresso levava cem anos para acontecer. As coisas demoravam muito para mudar. Hoje em dia as coisas mudam de minuto a minuto. Nós mesmos já não podemos acompanhá-las.

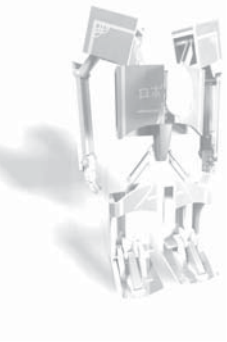
É verdadeira esta história de, ao trocarmos a televisão que vem com um controle remoto, precisar da nossa neta de cinco anos para nos ensinar qual o botão apertar. Até os jovens já começam a se sentir vitimados por tanta mudança, por tanta inovação. Trata-se de uma acumulação de tal modo que é impossível mesmo acompanhar tudo. Mas tenho para mim que há uma ferramenta, há um instrumento, que não podemos deixar de dominar, a linguagem.

Vou ler uma pequena fábula para vocês discutirem que instrumento é este que pode nos tornar capacitados para aceitar todas as modificações. “Há muitos anos, nos tempos de antigamente, um velho e rico mercador contratou o serviço de um criado corcunda, feio, mas com a fama de ser um verdadeiro sábio. Logo para provar as qualidades de seu novo criado, o mercador ordenou, vem cá, toma esta sacola de moedas, corre ao mercado e traz de lá o que houver de melhor para um banquete, eu quero a melhor comida do mundo. Pouco tempo depois, o criado voltou do mercado e colocou sobre a mesa um prato coberto por fino pano de linho. O mercador levantou o paninho e ficou surpreso. Ah, língua, muito bem. Nada como uma boa língua, que os nossos pastores sabem tão bem preparar. Diga-me

uma coisa, por que escolheste exatamente a língua como melhor comida do mundo? O criado, de olhos baixos, explicou sua escolha. O que há de melhor do que a língua, senhor? A língua é que nos une quando falamos. Sem a língua não poderíamos nos entender. A língua é a chave das ciências, o órgão da verdade e da razão. Graças à língua é que se constroem as cidades, graças à língua podemos dizer o nosso amor. A língua é o órgão do carinho, da ternura, da compreensão. É a língua que torna eterno os versos dos grandes poetas, as ideias dos grandes escritores. Com a língua se ensina, se persuade, se instrui, se reza, se canta, se descreve, se elogia, se demonstra, se afirma. Com a língua dizemos mãe, paz, e Deus. Com a língua dizemos eu te amo. O que pode haver melhor do que a língua, senhor? O mercador levantou-se entusiasmado. Muito bem, realmente me trouxeste o que há de melhor. Mas tive uma ideia. Toma agora esta outra sacola de moedas, vai ao tal mercado e traz de lá o que houver de pior, a pior comida do mundo. Depois de algum tempo, o criado voltou do mercado trazendo outro prato coberto por um pano. Vejamos agora o que há de pior. O quê? Língua outra vez, não disseste que a língua é o que havia de melhor? O criado encarou o mercador e respondeu, a língua, senhor, é o que há de pior no mundo. É a fonte de todas as intrigas, o início de todos os processos, a mãe de todas as discussões. É a língua que separa a humanidade, que divide os povos, é a língua que usam os maus políticos, quando querem nos enganar com suas falsas promessas. É a língua que usam os vigaristas, quando querem trapacear. A língua é o órgão das mentiras, das discórdias, dos desentendimentos, das guerras, da exploração. É a língua que mente, que esconde, que engana, que explora, que blasfema, que insulta, que se acovarda,

que mendiga, que xinga, que bajula, que destrói, que calunia, que vende, que seduz, que corrompe. Com a língua dizemos morre e canalha e demônio, com a língua dizemos não. Aí está senhor por que a língua é ao mesmo tempo a melhor e a pior de todas as coisas. Quem controlar a língua conquistará o mundo. Quem permitir que ela o controle será dominado para sempre.”

É esse o instrumento para não virarmos dom Quixote, para que possamos nos adaptar às mudanças. Porque há um instrumento, uma ferramenta, do qual todos precisam para poder dominar o que já veio, o que está vindo e o que virá, e é o tema que foi usado nesta Jornada, a defesa da nossa língua. Enquanto pudermos dominá-la, e se todos os brasileiros tiverem o direito de dominá-la, tendo boas escolas, boas bibliotecas, ninguém haverá de nos dominar.



Wilton Azevedo



É artista plástico, *designer* gráfico, poeta e músico. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Pós-Doutor pela Université Paris VIII Laboratoire de Paragraphe – 2009 – sob tutoria do professor Dr. Phillipe Bootz. É autor dos livros *O que é design*, *Os signos do design* e *Interpoesia: poesia hipermídia interativa*, CD pioneiro na poesia interativa hipermídia no Brasil, *Looppoesia: a escritura da mesmice*; participa da publicação francesa *Alire 12*; é autor do DVD *Quando assim termina o nunca vídeo poesia*, do CD com 14 poesias sonoras *Inaldível silábios* e de *Mackpesquisa* – material este fruto de uma exposição no Centre George Pompidou em 2004. É professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação *strito sensu* em Educação, Arte e História da Cultura e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Faz parte do grupo *Transitoire Observable* e do conselho do *E-Poetry*, festival de poesia digital, *Open Poret Chicago Theater Image and sound Performance*; participou da 9ª Bienal Internacional de Poesia, do Encontro Internacional de Poesia Experimental Amanda Berenguer e faz parte do conselho científico da Université Paris VIII Laboratoire de Paragraphe.

Primeiro de tudo, não podemos esquecer que um ambiente virtual, a linguagem digital, tudo o que nós estamos vendo aqui, a escritura dela, é um modelo matemático binário de 0 e 1. É extremamente admirável que o novo milênio simulará todo o conhecimento humano através do maniqueísmo 0 e 1. Então, temos que analisar por essa estrutura matemática.

Por exemplo, sou contra a ideia de usar termos como “híbrido” para esse tipo de meio. Acredito que, antes de discutir a estetização desse meio, temos que discutir se existe função poética nesses espaços novos. Há vários livros que falam de poética digital, poética disso, poética daquilo, mas o máximo que esses livros fazem, tanto os livros em português, francês, como em todos os idiomas, é trazer exemplos de produção de artistas como exemplos de poeticidade. Quais são as funções poéticas desse novo meio? Eu e o Alckmar temos discussões sobre a questão de acronismo, porque senão a estética disso vira parque temático.

Quando vamos a uma exposição de arte e tecnologia, é possível perceber que não há uma valorização na discussão do dispositivo de linguagem que possa de alguma maneira cravar em nós essa escritura da programação como um dado poético. Um segundo fator que acho extremamente pertinente também é que temos de saber que tudo isso é transicional, vai acabar logo. No cinema, que começou no circo pela mão de Méliès, que desenvolveu inúmeros truques de ilusionismo para fazer mágica – mais tarde os irmãos Lumière descobriram que dava para fazer cinema –, acho que estamos ainda no tempo de Méliès, estamos fazendo ilusão ótica.

Não consegui ainda fazer o que quero fazer. O trabalho que vocês viram eu faço sozinho, mas para a estetização disso teríamos que tentar nos aproximar mais de cer-

tas linguagens. Einstein nunca escreveu com um código verbal. Ele fez um livro desse tamanho só de cálculos matemáticos. A estetização e a poética desses ambientes estão na escritura desse maniqueísmo. Então, nós temos de recordar que tudo que estamos ouvindo, vindo na telinha, todo esse processo de aferição dessa linguagem, tudo o que nos está sendo propiciado vem de um algoritmo.

Comentários

Alcione Araújo

Apenas para encerrar, queria lembrar que a questão da tecnologia surgiu quando o homem quis colher a fruta numa altura que estava além de seu braço, pegou um pau e fogueou a fruta que estava lá no alto. Esse primeiro instrumento, que era a extensão de seu corpo, foi uma técnica agregada para que ele pudesse ter um trabalho produtivo. Da mesma forma, o homem das cavernas, que, de uma maneira inexplicável, começou a pintar o bizonte que iria comer, não tinha naquela época a ideia de representação. Para ele aquilo era um poder mágico, pois o bizonte que ele desenhava era o próprio que ele comia. Portanto, era um momento no qual a arte tinha um papel absoluto de magia, e o homem depois cantou, falou. Até hoje não sabemos quando o homem começou a falar, só investigamos o que significava a fala, mas não sabemos localizar esse momento. Isso foi se agregando, e hoje tivemos aqui manifestações dessas questões. Ontem houve uma discussão sobre a legitimação estética, e a questão é que hoje não há quem legitime; cada pessoa tem a sua absoluta plenitude de expressão e as pessoas do outro lado vão acolher ou não, segundo as suas subjetividades; não há parâmetro objetivo de avaliação de

percepção. Eis a questão. Portanto, todas as obras estão acolhidas desde já. Tivemos aqui exemplos de utilização da internet, dos meios audiovisuais e tal, cada um colocando a sua expressão, seu conceito de poética, seu conceito de estética e legitimado. Do ponto de vista da Jornada, o que interessa é que aqui apareceu o trabalho concreto, a experimentação da tecnologia apareceu viva e a obra de arte no conceito de cada um estava pronta. Portanto, o que interessava da proposta deste debate, que era romper os preconceitos contra a arte e a ciência e trazer a tecnologia como parceira da criação, aqui está completamente confirmada, pois isso é possível, é fecundo e é o futuro, que está na verdade no início do seu caminho. Do ponto de vista de uma avaliação do que aconteceu aqui, estão todos legitimados, porque hoje cada um se legitima em si, e está confirmado que a ciência e a tecnologia são parceiros da criação.



Da esquerda para a direita: Tom Zé, Constanza Mekis, Pedro Bandeira, Júlio Diniz, Alkmar Santos, Alcione Araújo, Emily Short, Luciana Rosa

COORDENADORES DOS DEBATES



Da esquerda para a direita: Júlio Diniz, Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo

Alcione Araújo

Mineiro, é um dos mais engajados intelectuais do Brasil. Radicado no Rio de Janeiro há mais de trinta anos, é romancista, dramaturgo, roteirista de cinema, televisão, cronista e ensaísta e atua em diversas áreas da vida cultural e intelectual.

Ignácio de Loyola Brandão

É jornalista, escritor, roteirista de televisão e cronista do jornal *O Estado de São Paulo*. Seu primeiro livro, *Depois do sol* (contos), impulsionou sua carreira literária.

Foi redator-chefe das revistas *Cláudia* e *Vogue*, entre outros periódicos. Escreveu romances importantes no contexto das letras brasileiras, entre eles *Bebel que a cidade comeu*, *Zero*, *Não verás país nenhum*, *O verde violentou o muro*, *O homem do furo na mão*, *O menino que não teve medo do medo*, *Veia bailarina*, *O segredo da nuvem*. Escreveu romances biográficos, tendo sido o último publicado com o título *Desvirando a página: a vida de Olavo Setúbal*. Sua produção literária rendeu-lhe vários prêmios. Destaca-se, em meio a tantos, o prêmio Jabuti como Melhor Livro de Ficção de 2008 por *O menino que vendia palavras*. É membro da Academia Paulista de Letras. Respeitado por seus pares, reconhecido pela qualidade de sua obra, Loyola é valorizado, de forma singular, pelas marcas de cidadania que o caracterizam. É coordenador dos debates das Jornadas Literárias de Passo Fundo desde 1988. Contribuiu decisivamente na organização de cada edição das Jornadas, desenvolvendo importante e inestimável consultoria juntamente com o escritor Alcione Araújo. Também na literatura infanto-juvenil, em 2009, publicou *Os escorpiões no círculo de fogo*.

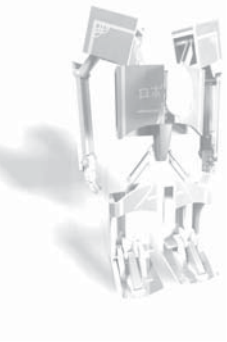
Júlio César Valladão Diniz

É doutor em Literatura e Língua Portuguesa, com Pós-Doutorado em Literatura Moderna pela Universidade de Salamanca, Espanha. Escritor, crítico e ensaísta, é também especialista na área de leitura e na interface música/literatura/cultura. Publicou inúmeros artigos, ensaios e livros no Brasil e no exterior.



Parte III

Cursos



BIBLIOTECA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO CHILE

Constanza Mekis
(em pé)



É coordenadora nacional de bibliotecas escolares do Ministério da Educação do Chile – Bibliotecas CRA.



Nancy Nóbrega
(ao fundo)



É pós-graduada em Literatura Infantil e Doutora em Ciência da Informação, integrante da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio e do grupo de Pesquisa de Antropologia da Informação. Tem experiência na área de ciência da informação, com ênfase em biblioteconomia, atuando principalmente nos temas de informação e ação cultural, informação e imaginário, leitura, acervos e narrativas, bibliotecas para crianças, dinamização de acervos, educação estética e arteterapia.

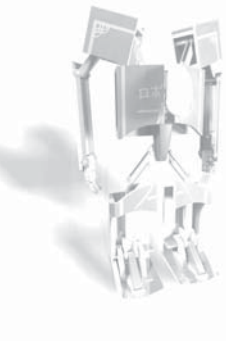


MÚSICA E TECNOLOGIA

Eloy Fritsch
(em primeiro plano)



É um dos pioneiros da música computacional e eletrônica do Sul do Brasil. É professor do programa de Pós-Graduação em Música e dos cursos de extensão em Música Eletrônica da UFRGS.

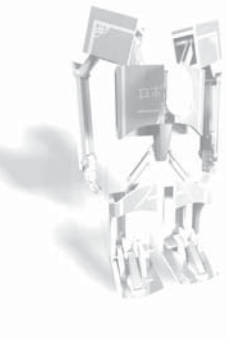


COMO SE TORNAR UM MANGAKA

Fabio Shin

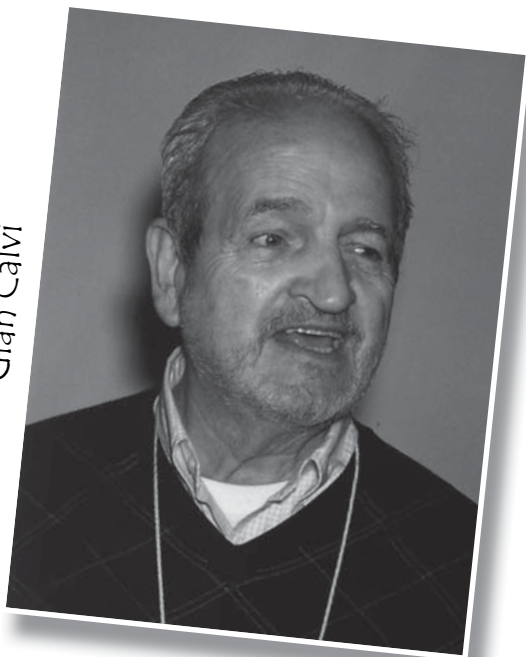


Fabio Shin (Fabio Pontes Ramon Felin). É professor e mangaka – desenhista de mangá (desenho japonês). Criador do Mangá Studio Japan Sunset, já realizou e organizou diversos eventos em várias partes do Brasil. Trabalhou em diversos estúdios de criação e animação, prestou serviços para empresas com eventos de promoção para a Brasil Telecon - MS, Banco Sudameris - SP, Banco Central - SP, Consulado Geral do Japão, Bienal do Livro - SP, entre várias outras empresas e entidades. Seu trabalho é, atualmente, referência para editoras e profissionais do gênero dessa arte japonesa.



VEJO AS COISAS DE OUTRO JEITO

Gian Calvi



Nasceu em Bérgamo, na Itália. Radicado no Brasil desde 1949, trabalhou na direção de arte e de criação de televisões e agências de publicidade. É reconhecido por seus trabalhos de desenvolvimento em projetos para a criação e produção de materiais educativos impressos e audiovisuais. Conquistou os principais prêmios de ilustrações, entre eles, o prêmio do Instituto Nacional do Livro (1971 e 1975), o Grande Prêmio Noma-Japão (1984) e o prêmio do Melhor Livro Colombiano (1986). Nos últimos anos, vem participando de projetos voltados ao desenvolvimento social em regime de consultoria em diversos países latino-americanos com o apoio da Unesco, Unicef, OEA, Banco Mundial, BID e diversas secretarias de Educação. Como ilustrador e co-autor de livros infantis, já assinou mais de noventa títulos publicados no Brasil, América Latina, Europa, Estados Unidos, Oriente Médio e Japão. Desenvolve também o projeto Crianças Criativas, voltado para a criação de materiais multimídia para estimular a criatividade da criança pela fantasia e o contorno com as questões do dia a dia, tais como a educação artística, a consciência ecológica e a proteção da infância e do adolescente.



NARRATIVAS CÍBRIDAS: TECNOLOGIA DA MOBILIDADE E VIDA URBANA MISTURADA

Diana Domingues



Explora a criação com recursos computacionais e multimídia, com tratamento e geração de imagens, instalações interativas com dispositivos de aquisição e comunicação de dados em ambientes sensorizados, redes neurais, entre outros sistemas.



PENSANDO EM METÁFORAS (ENSINO CRIATIVO DE LÍNGUA PORTUGUESA)

Heronides Maurício de Melo Moura



Graduado em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba (1985), tem mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e pós-doutorado pela Sorbonne Nouvelle (2000). É professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua desde 1990. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: representações formais do léxico, estrutura conceptual e metáfora. É coordenador do Núcleo de Estudos em Semântica Lexical na Universidade Federal de Santa Catarina.



LITERATURA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Gerson Luís Tombetta



É graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, tem mestrado e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professor titular e pesquisador da UPF na área de filosofia e no Programa de Pós-Graduação em História. Tem experiência na área de filosofia, com ênfase em filosofia da arte e da cultura, filosofia da linguagem e teorias da história.



GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Francisco de Assis



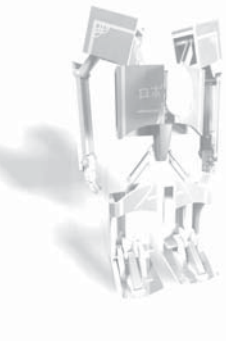
É mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, instituição na qual concluiu a especialização em Jornalismo Cultural. É jornalista formado pela Universidade de Taubaté, onde atua como pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (Nupec). Também integra o grupo Pensamento Comunicacional Latino-Americano, vinculado à Cátedra Unesco/Methodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. É editor da revista *Acervo On-line de Mídia Regional* e tem experiência na área de comunicação, com ênfase em jornalismo e editoração, atuando principalmente nos temas história da imprensa, midologia, mídia valeparaibana, jornalismo cultural e jornalismo de variedades.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL NA PERSPECTIVA DA ARTE E TECNOLOGIA – NOVAS INTERFACES

Lucília Helena do Carmo Garcez



É graduada em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, com mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de linguística, com ênfase em linguística aplicada. Atua principalmente nos temas de escrita, ensino, produção de texto, interação, dialogia. É professora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. É autora, entre outros, de *A escrita e o outro*, *Técnica de redação*, *A construção social da leitura* (veiculado pela internet no site www.proler.bn.gov.br), dos livros infanto-juvenis, em parceria com o artista plástico Jô Oliveira, *Luiz Lua* (biografia de Luiz Gonzaga), *O sorriso do gato* (biografia de Lewis Carrol), *Notícias do descobrimento* (baseado na carta de Pero Vaz de Caminha), *As aventuras de Hans Staden entre os índios do novo mundo*, *Explicando a arte brasileira*, *Mãe do ouro*, *Brasília – de cerrado a capital da República* e *Perceval ou o conto do Graal*. Coordenou o programa de ensino a distância semipresencial para formação continuada de professores em início de escolarização - Praler, MEC/Fundescola e elaborou o material didático de língua portuguesa do Programa Projovem, da Presidência da República.

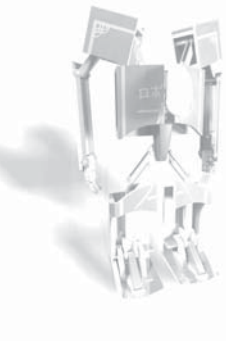


AS NOVAS PERSPECTIVAS DA BIBLIOTECA

Max Butlen



Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas, de Paris, foi responsável pelo Programa de Implantação de Bibliotecas em Escolas na gestão Miterrand. Também atuou no Centro Regional de Documentação Pedagógica, onde, entre outras ações, criou a revista *Argos*, referência na França no circuito da leitura e das bibliotecas. Max Butlen foi também representante no Brasil do governo francês no Projeto Pró-Leitura. É autor de *Les politiques de lecture et leurs acteurs*. Nesse trabalho, resultado de sua pesquisa de doutorado, o autor analisa a evolução das políticas de leitura na França nas duas últimas décadas do século XX, trazendo constatações importantes para as áreas de educação e formação de leitores.

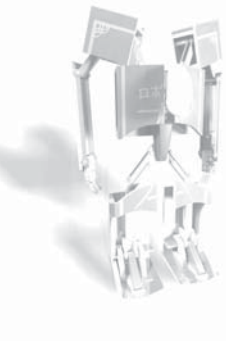


FICÇÃO INTERATIVA (LEITURA ELETRÔNICA)

Emily Short



É professora de Estudos Clássicos do St Olaf College, em Northfield, Minnesota.

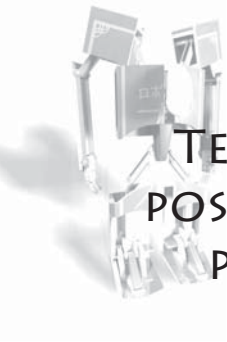


TECNOLOGIA E SURDEZ: AS INTERFACES DA COMUNICAÇÃO

Carolina Silveira



Concluiu o mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2006. Tem experiência na área de educação no ensino fundamental e superior, com ênfase em ensino de libras, atuando principalmente nos temas língua brasileira de sinais, educação, literatura infantil, cultura surda e política.



TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO

Rafael Barbosa Porcellis da Silva



Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas e especialização em Educação, Corpo e Qualidade de Vida. Sua formação complementar é nas áreas de sorobã, braille e inclusão e suas aplicações na educação física com ênfase na área de orientação e mobilidade. Atualmente é professor de educação física no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil e na Escola Louis Braille, ELB, Brasil na cidade de Pelotas - RS.



Parte IV

Encerramento



SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Tania Rösing

A nossa palavra é simples, mas é plena de reconhecimento. Aos patrocinadores que viabilizaram a Jornada, à equipe interinstitucional, organizadores, executiva, que continua trabalhando, junto com todos os voluntários que acompanharam os convidados, com toda a gentileza, com toda a fidalguia. Queremos agradecer aos nossos convidados, escritores, pesquisadores, artistas, contadores de histórias, que estiveram aqui para aprofundar os debates sobre “Arte e tecnologia: novas interfaces”. Queremos agradecer a participação entusiástica de todos os participantes, leitores desta Jornada, a quem nós aplaudimos e queremos que uns aplaudam os outros. Queremos dizer que a presença de vocês aqui, sem dúvida, a partir dos debates, é um compromisso com um pensar sobre as mudanças. Certamente, ninguém é o mesmo depois de vivenciar tantos debates, tanta alegria, tantas linguagens, tanto talento. Muito obrigada a todos e um abraço especial aos nossos coordenadores de debates. Queremos agradecer aos dirigentes da Universidade de Passo Fundo, à Prefeitura Municipal, à Academia Passo-Fundense de Letras, e certamente, nos encontraremos novamente no Circo da Cultura, num momento apropriado, quando tivermos realmente a certeza de que 2011 vai acontecer com uma nova Jornada de Literatura. Voltem todos para as suas cidades com a alegria do Circo da Cultura. Obrigada por todo o carinho, por toda a sensibilidade e até a próxima Jornada de Literatura.



Júlio Diniz

Nós chegamos ao finalzinho de mais uma Jornada e, na verdade, a saudade já bate em todos nós. Esta foi uma Jornada que lutou muito contra todas as adversidades. Eu queria terminar com um poema de Drummond, que acho que é muito o espírito não só desta 13ª Jornada, mas de todas as outras. É um curto poema. “Memória”

Amar o perdido,
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas
muito mais que lindas
essas ficarão.



Jocarly Patrocínio de Souza

Estamos nos momentos finais da 13ª edição da Jornada de Literatura, mas cada momento é ainda recheado de muitas emoções. Vejo neste momento que a magia do circo continua viva, viva em transformar esta grande multidão em muitas crianças. Isso faz lembrar que a esperança ainda permanece. Em nome do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Passo Fundo, quero agradecer aos colaboradores desta Jornada, que tornaram possível a sua realização; à Prefeitura Municipal, através da coparticipação para a realização deste evento; aos órgãos dos governos federal e estadual, que deram a sua contribuição; às empresas, aos escritores, aos poetas, enfim, a todas as pessoas, que, de uma forma ou de outra, deram sua valerosa contribuição para que se pudesse chegar a este momento. Agradecemos de forma muito especial à eficiência e à determinação da professora Tania. Como dizia o Araújo, qualquer negativa que você der para Tania, ela entende como desafio, ela não desiste nunca. Também quero externar nossos agradecimentos a este público especial, que de certa maneira deu todo o brilho que esta Jornada tem hoje.



Giovani Corralo

Há 28 anos, uma jovem professora elaborou um projeto em folhas de papel almaço para a realização de um evento literário. Houve um certo ceticismo, mas obteve o apoio da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal. Esta professora é Tania Rösing e este evento é a Jornada Nacional de Literatura. É motivo de extremo orgulho ver, após quase três décadas, este evento consolidado e reconhecido nacional e internacionalmente. Em nome do governo municipal de Passo Fundo, do nosso prefeito municipal Airton Langaro Dipp, gostaria de registrar, juntamente com o nosso secretário de Desporto e Cultura, César Augusto dos Santos, nossos cumprimentos à professora Tania Rösing pela realização de mais um evento, de mais uma Jornada muito bem-sucedida em nosso município. Cumprimentos extensivos a toda a sua equipe, a todo este grupo gigantesco de pessoas que têm feito da Jornada uma realidade concreta. A todos escritores, poetas, artistas que aqui estiveram e que aqui estão, que nos brindaram com seu conhecimento, com suas reflexões, nesse mundo em ebulição e efervescência, numa sociedade em permanente transformação. Os cumprimentos à UPF, um apoio sempre marcante para o sucesso das Jornadas e muito especial, como já foi dito, os cumprimentos a cada um de vocês com esta participação, com este entusiasmo, que reforça a vanguarda desta Jornada e que, acima de tudo, faz meritório o título de Capital Nacional de Literatura. Muito obrigado.



Adil de Oliveira Pacheco

É com grande satisfação, representando aqui a direção da Universidade de Passo Fundo, os outros vice-reitores, que gostaria de agradecer aos nossos patrocinadores, a todas as pessoas que se associaram à promoção da nossa Jornada de Literatura. Um agradecimento especial aos funcionários da universidade, que não poupam esforços para colaborar, juntamente com a Comissão Organizadora, para que tudo saia de maneira correta, para que todos vocês se sintam bem aqui na UPF. Também gostaria de agradecer imensamente a todas as pessoas que, de uma forma ou outra, nos auxiliaram para que se realizasse esta Jornada neste ano de 2009. Gostaria também de deixar para vocês uma mensagem de otimismo, porque vocês que estão aqui hoje são o motivo para que nós, universidade e prefeitura, não poupemos nenhum esforço para que a Jornada aconteça de novo. Como vice-reitor, vou ter que determinar para a professora Tania que sábado e domingo sejam dias de descanso, mas na terça-feira ela está convocada para começar a pensar na 14^a Jornada e na 6^a Jornadinha de 2011.



Da esquerda para a direita: grupo de alunos dos cursos de Engenharia Mecânica e Elétrica idealizadores do livro-robô, Nelson Germano Beck, Júlio Diniz, Tania Rösing, Alcione Araújo, Eliane Lúcia Colussi, Jocarly Patrocínio de Souza, Hugo Tourinho Filho, Adil de Oliveira Pacheco



Público



Parte V

Registro fotográfico



PRÉ-JORNADA

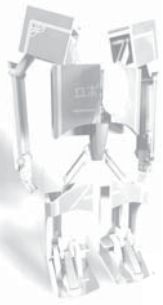
A Pré-Jornada, no contexto das Jornadas Literárias de Passo, integra desde 1981 essa grande movimentação cultural, tornando-se um diferencial, pois existe a preocupação dos organizadores em envolver previamente os participantes com a leitura das obras dos autores que participarão do evento.

A “Caravana da Pré-Jornada”, assim referida por seu caráter itinerante, na edição da 13ª Jornada Nacional de Literatura e da 5ª Jornadinha, em 2009, visitou mais de oitenta cidades nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, divulgando a programação e distribuindo o *Caderno de Atividades* para professores e escolas. Os encontros com o público aconteceram em diferentes espaços, tais como escolas, secretarias estaduais e municipais de Educação, empresas e instituições públicas e privadas, entre outros. A partir daí, grupos interdisciplinares de professores, alunos e da comunidade foram incentivados e orientados a realizar leituras indicadas e a participar da Pré-Jornada.

Com base no tema “Arte e tecnologia: novas interfaces”, os participantes da Pré-Jornada tiveram a possibilidade de realizar de diferentes formas a sua participação, optando por postar seus comentários no fórum eletrônico ou desenvolvendo práticas leitoras sobre as obras escolhidas. Também foram consideradas atividades de Pré-Jornada a participação numa atividade leitora no Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura - UPF, a participação num seminário sobre os autores conferencistas presentes na 13ª Jornada e, ainda, a participação na conferência ministrada por Pierre Lévy, ocorrida em outubro de 2009.



Atividades desenvolvidas com professores na Pré-Jornada



ESPECIAL: PIERRE LÉVY

Pierre Lévy



Nasceu numa família judaica, na Tunísia em 1956. Fez mestrado em História da Ciência e doutorado em Sociologia e Ciência da Informação e da Comunicação, na Universidade de Sorbonne, França. Trabalha desde 2002 como titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva na Universidade de Ottawa, Canadá. É membro da Sociedade Real do Canadá (Academia Canadense de Ciências e Humanidades). É autor de várias obras, entre elas, *A revolução contemporânea em matéria de comunicação*, na qual faz uma análise da evolução da humanidade, abordando o desenvolvimento da internet e a digitalização da informação; *Filosofia world: o mercado, o ciberespaço, a consciência*; *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência e Ciberdemocracia*.

Conferência

*Os rumos da inteligência coletiva*¹

Eu gostaria de dizer seis coisas: a primeira é que nós estamos vivendo uma grande revolução, uma grande transformação na área da comunicação, mas não é a primeira vez na história da humanidade que temos uma transformação desse porte. O surgimento do ciberespaço é apenas o último passo na história dessa transformação. Essa é a primeira ideia.

A segunda ideia é a de que nós, como espécie humana, já alcançamos espaços mais elevados nessa revolução de inteligência coletiva. A terceira ideia é a de que ainda há muito a fazer. Nós estamos apenas no início de uma nova civilização e é muito difícil sequer imaginar o que será no futuro, mas ao menos podemos pensar a respeito de qual será o próximo passo.

A quarta ideia é a de que necessitamos de uma base em comum em nível global para a comunicação e a inteligência coletiva aumentada. E na virtualidade essa base será provavelmente um novo tipo de linguagem. A quinta ideia será uma breve apresentação do que seria essa linguagem computável e a ideia final é a de em que tipo de cosmos, de natureza, nós vamos entrar, porque toda a civilização pertence a um cosmos, a uma natureza.

A primeira ideia é então sobre a evolução da comunicação, a evolução da mídia. Podemos dizer que, na maior parte de sua história, a humanidade fez uso de uma cultura oral e tudo o que já foi inventado durante a época dessa cultura oral ainda existe. Ainda cantamos, ainda conta-

¹ Conferência proferida em setembro de 2009 no contexto da Pré-Jornada, antecedendo a 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

mos histórias e ainda precisamos de rituais coletivos para construir nossa memória.

O segundo passo na história da comunicação foi, provavelmente, a invenção da escrita, e os primeiros sistemas de escrita eram ideográficos, como hieróglifos no tempo do Egito antigo, ou o sistema de escrita maia ou os caracteres chineses. As culturas escritas proporcionaram também outros tipos de transformações culturais, como, por exemplo, a invenção da agricultura, a invenção das cidades, da arquitetura, do Estado. Em tudo isso, as cidades, o Estado, usavam sistemas de escrita para registrar o passado, também para registrar as atividades econômicas, para registrar problemas legais. Todas essas atividades cresceram com o uso da escrita.

O principal efeito da invenção da escrita foi o aumento da memória humana, e talvez o outro passo mais importante foi a invenção do alfabeto, pois no alfabeto e no sistema de escrita alfabético os signos não representam ideias e, sim, sons. Na maioria das línguas humanas, há trinta signos para representar todos os sons. Temos, então, apenas trinta sons para memorizar. Dessa forma, o grande avanço da invenção do alfabeto foi o de que todos podiam aprender a ler e a escrever e a escrita não estava mais limitada a uma casta de escribas.

As civilizações que se basearam no alfabeto eram muito poderosas. Pensem nos gregos, nos romanos, nos árabes, nas civilizações medievais europeias, e vocês podem pensar também que todas as grandes religiões universais têm seus ritos sagrados, seus ensinamentos registrados no sistema alfabético. Assim, a próxima grande transformação foi a invenção da prensa.

Com a prensa vieram a revolução científica, a revolução industrial, a revolução da imprensa, da opinião pública

e da democracia moderna, porque a opinião pública é baseada nos jornais impressos, e assim está a democracia moderna. Espero que vocês vejam que a cada novo passo da comunicação humana há todo um desenvolvimento da civilização humana. Assim será com o advento do ciberespaço.

Por que estou usando o futuro “será” o mesmo? Porque estamos apenas testemunhando o início do início dessa nova civilização. Nós descobrimos essas possibilidades num tempo menor que o de uma geração. Vocês têm que lembrar que a web se tornou pública na metade dos anos 1990, e uma geração corresponde a 25 anos; por isso, é um tempo menor que uma geração, e nós sabemos que as evoluções culturais levam muitas gerações.

Quais são então as principais características desse novo ambiente de comunicação? A primeira é a ubiquidade. Sempre que um documento é colocado na web, em algum lugar, ele está em todos os lugares. Isso é a ubiquidade e é algo completamente novo: nunca existiu antes do ciberespaço, em uma escala global, planetária. A característica importante é a interconexão. Todos os documentos que estão *on-line* estão interconectados, seja por *hiperlinks* diretos, seja pelas possibilidades que estão abertas através das buscas contemporâneas. Por exemplo, podemos criar a sequência de palavras-chave que irão unir dois documentos numa busca. Dessa forma, primeiro a ubiquidade, segundo a interconexão, que significa que virtualmente todos os documentos colocados juntos equivalem a um grande, enorme, metadocumento, escrito e lido por muitas pessoas diferentes e completamente heterogêneo.

A terceira, e provavelmente a mais importante, característica desse novo ambiente de comunicação é a de que hoje nós temos uma automatização da manipulação simbólica. Por que isso é tão importante? Porque a manipulação

simbólica é o que distingue os seres humanos dos outros animais; com a automatização da manipulação simbólica nós aumentamos o que nos torna humanos. Obviamente, estou falando de computadores, *software* e assim por diante.

No entanto, nós temos de pensar nessas três características juntas: ubiquidade, interconexão e a automação da manipulação simbólica, pois essa é a base da nova civilização. Assim, o que disse e escrevi há quinze anos em meu livro *Inteligência coletiva* é que a melhor coisa que podemos fazer com essas novas possibilidades de comunicação é desenvolver, aumentar, nossa inteligência coletiva. Naquela época, essa noção de inteligência coletiva era um pouco estranha, mas hoje em dia é bem conhecida e mais aceita, e, acima de tudo, as pessoas têm mais experiência do que significa praticar a inteligência coletiva *on-line*. Essa foi apenas a primeira ideia.

Em termos de inteligência coletiva, em que ponto de desenvolvimento nós estamos? Não vou desenvolver essa ideia exaustivamente porque já é bem conhecida. Uma das noções mais conhecidas é a de comunidade virtual, ou rede social, ou mídia social, ou computação social; temos muitas palavras para dizer basicamente a mesma coisa. E essas pessoas que estão interconectadas em comunidades virtuais o que elas fazem? Elas criam conteúdo cultural, conteúdo científico ou popular, de qualquer tipo. No entanto, o ponto importante aqui é o de que essa criação é completamente distribuída e qualquer um que tenha acesso à internet tem o poder de se expressar. Então, há essa noção de criação e também a noção de compartilhamento. As pessoas compartilham conhecimento, músicas, imagens, marcadores, arquivos de Power Point, qualquer coisa, e também compartilham *software*.

Outro ponto importante é o de que as pessoas têm o poder de classificar e categorizar todo esse conteúdo que está *online* usando as *tags*, os marcadores. Obviamente, há classificações oficiais, bibliotecários organizando o conteúdo num sistema, mas também há toda a possibilidade de serem utilizados *tags* e marcadores para classificar o conteúdo. Por sua vez, essas categorias criadas pelas pessoas são também compartilhadas; nós podemos usar uma categoria que foi inventada por outra pessoa. Esse é um aspecto importante da inteligência coletiva, pois a categorização também é um aspecto importante no processo cognitivo.

Nós já atingimos bastante na exploração das novas possibilidades coletivas de inteligência. Temos *wiki*, redes sociais, *blogs*, *microblogs*, como *twitter*. Há muitos aspectos dessa conversação global que acontece neste momento. Nós podemos senti-la diretamente. Eu, por exemplo, estou muito envolvido no *twitter*, e todos os dias leio os pequenos textos que são escritos por pessoas da Austrália, Japão, Brasil, Canadá, de todas as partes do mundo.

Gostaria de apontar o primeiro problema que a inteligência coletiva está enfrentando hoje. Esse problema tem um nome, pelo menos na ciência da computação: é chamado de “interoperabilidade semântica”. O que isso significa? Ok, eu posso falar com muitas pessoas no *Twitter* porque elas falam inglês, ou francês, ou português, mas, quando elas escrevem em chinês ou japonês, eu não posso, obviamente.

Então esse é um grande problema; verdadeiramente grande. Pensem na população inteira da China. Eles têm uma bela blogosfera e há mais pessoas conectadas à internet na China do que nos Estados Unidos, mas nós não nos comunicamos com eles. Mesmo que falássemos a mesma língua, há culturas diferentes, disciplinas diferentes. Nós

sabemos disso nas universidades. Há diferentes sistemas de classificação. Nas bibliotecas, por exemplo, é muito bom, porque para cada biblioteca temos um sistema de classificação e todos os livros estão bem organizados. No entanto, agora todas as bibliotecas estão interconectadas e cada uma tem um sistema de categorização diferente. Um pouco de exagero, talvez, mas há pelo menos quinze sistemas de categorização diferentes no mundo. É muito.

Na ciência da computação também há algo chamado de “ontologia”, no entanto, não com o mesmo significado da filosofia, que fala sobre as grandes estruturas do ser em geral. Na ciência da computação uma ontologia é uma rede de conceitos com as relações entre eles bem definidas, o que permite o raciocínio automatizado entre esses conceitos. Ah, raciocínio automatizado entre conceitos, muito bom. Mas nós podemos fazê-lo apenas dentro de uma ontologia, porém há milhares de ontologias e geralmente não são compatíveis.

Voltando às explicações sobre os problemas da interoperabilidade semântica, acrescento que recentemente o CEO da Google disse que hoje em dia fazemos buscas em linhas de caracteres, em palavras. No futuro faremos as buscas baseados em conceitos; é um grande salto entre linhas de caracteres e conceitos. O que precisamos é de um sistema para codificar os conceitos. Vocês poderiam até dizer que já temos algo que codifica conceitos, ou seja, que é a língua. Vocês têm razão, mas há muitas línguas naturais, as quais surgiram para cérebros envolvidos em comunidades e em contextos emocionais.

Elas não surgiram para ser processadas por máquinas. O que precisamos é um sistema para codificar o conceito que poderia ser processado automaticamente. Exatamente como conseguimos processar imagens automaticamente.

Tenho certeza de que alguns já utilizaram *photoshop*. Você pode mudar as cores, modificar as formas com muita facilidade. Mas você consegue isso porque a imagem foi codificada digitalmente antes. Então, a condição para o processamento automático é a codificação.

Vejam como estamos usando a música hoje em dia. Podemos digitalizar músicas e transformá-las facilmente, podemos mixá-las, compartilhá-las, porque temos o formato MP3, que é o mesmo para todos. Então, porque temos um sistema de comunicação universal, podemos criar diversidade de uma forma mais bem-sucedida. Isso é um paradoxo: o da unidade e o da diversidade; elas não são opostas. O oposto de diversidade é a uniformidade, não a unidade. É como na expressão “inteligência coletiva”: coletiva significa diversidade, variedade, singularidade e inteligência significa que toda essa diversidade está interconectada. É possibilidade de diálogo. Precisamos ao mesmo tempo de diversidade e de uma base comum para o diálogo.

Tenho uma hipótese sobre a evolução do ciberespaço. Acho que podemos entendê-lo melhor se pensarmos em termos de sistemas de endereçamento. A primeira camada dessa sucessão de sistemas de endereçamento são os *bits* na memória do computador, porque, se a informação não for endereçada precisamente no computador, não é possível acessá-la. Digamos que a camada do computador é a camada básica, pois essa é a possibilidade da manipulação simbólica automática. A segunda camada, a da internet, é o endereçamento dos computadores na rede. Graças a esses sistemas, os computadores podem enviar e receber informação. Já a terceira camada é a de endereçamento de documentos. Quando vocês veem HTTP:// significa Protocolo de Transferência de Hipertexto e URL, Localizador Uniforme de Recursos. É porque você tem o endereçamen-

to de um documento que você pode criar e seguir *links* entre um documento e outro. A criação da web é, na verdade, a criação de um sistema de endereçamento universal para os documentos.

A partir da web surgiu essa esfera pública global que conhecemos hoje em dia, e a presente evolução da web vai partir da web de documentos para a web de dados, pois cada vez mais os documentos estão sendo gerados automaticamente a partir dos dados. Digamos que o horizonte da web será uma única metabase de dados na internet. Isso já é sabido, no entanto o que não se sabe muito bem é qual será o próximo passo. Acredito que o próximo passo seja um sistema de endereçamento de conceitos.

A internet é um tipo de metacomputador. A web se tornará em breve uma metabase de dados. Precisamos, para continuar o crescimento da inteligência coletiva, de uma metalinguagem; não uma língua que será como português, francês, etc., mas uma linguagem que será usada como interface entre humanos e computadores para aumentar o poder da mente humana através dos computadores.

Eu já imaginei os primeiros passos do que pode vir a ser essa metalinguagem. Ela é baseada em seis primitivos semânticos, e a língua em sua totalidade é a combinação desses seis primitivos. O primeiro primitivo se chama “vazio”, como o zero para a notação dos números, ou o sinal que diz silêncio para a notação de música. Acho que precisamos dessas representações para o fato de que não há nada para representar. Não significa “nada”, significa “nenhuma coisa”. Então, é o significado de “nada”. No sistema atômico, nós temos os átomos e o vazio. Após a representação do vazio, há essa dialética entre o virtual e o atual.

O atual é o que tem um lugar num sistema de coordenação espaçotemporal e que fica em algum lugar, em um

tempo em particular; já o virtual é o que é abstrato. Se você pensar em justiça, você não pode localizá-la dizendo está aqui ou ali; ou se pensar no número 12 onde está, ou mesmo a cor rosa. Você pode dizer “minha gravata é rosa”, e isso é atual, mas a cor rosa em geral onde está? Não há um espaço físico para as cores. Isso é virtual. E o mundo está dividido entre atual e virtual, e lógico que há uma grande circulação entre os dois.

Toda significação precisa destes três polos: o significante, o significado e a coisa real. O significado existe apenas na mente. Então, não há significado sem o que Charles Pierce chamou de “intérprete”, a pessoa que faz a conexão entre o significante e a referência.

Sempre que vocês escutarem alguém dizer “agora é o fim dos átomos e a vez dos bits”, podem ter certeza de que ele está errado, porque há uma interdependência entre todos, não uma exclusão, ou separação.

Se há um meio de representar, de espelhar os trabalhos da inteligência coletiva, se pudermos observar os fenômenos da inteligência coletiva, poderíamos torná-la uma ciência. Isto tem um nome, humanidades e ciências sociais, porque seu principal objetivo é estudar a cultura humana. No entanto, há muitas disciplinas diferentes e, dentro delas, há teorias conflitantes. Não há como observar os trabalhos das sociedades humanas de uma forma geral. Há economia, sociologia, psicologia, história, etc. e, o que é pior, elas não estão ligadas às ciências naturais, como se a humanidade não fosse uma parte da natureza. Nós somos parte da natureza, a cultura é parte da natureza, ela está neste mundo. Sim, ela é virtual, mas, por ter acesso ao virtual, é tão poderosa.

No futuro haverá uma única natureza, incluindo a natureza material dos átomos, a biosfera, mas incluindo

também a cultura, os símbolos, pois é nossa habilidade de manipular os símbolos que nos dá poder na natureza material. Não digo que sejamos puramente espíritos. Obviamente, somos animais. Surgimos da evolução biológica. Temos nossos pés na terra, mas nossa cabeça está no céu simbólico e é apenas uma natureza que engloba a terra e o céu. O que se encontra entre a terra da materialidade e o céu da manipulação simbólica? Entre os dois há a nossa consciência, virtual ou atual, não tenho certeza, diária.

Essa é a conexão. Em nossa consciência atual temos uma percepção simultânea do mundo físico, material, e processos de categorização, pensamentos, emoções, que são virtuais. Sabemos que podemos colaborar no mundo físico e sabemos que podemos colaborar no mundo virtual da cultura, mas até agora nossas ferramentas para essa colaboração virtual ou simbólica eram um tanto quanto fracas. E agora que compreendemos que há uma única Terra e uma única biosfera, talvez possamos compreender que há uma única noosfera, esfera cultural e simbólica da qual todos nós fazemos parte.

No futuro inventaremos jogos de inteligência coletiva, que ligarão de forma inovadora e imprevisível o mundo físico da materialidade ao mundo simbólico da cultura. Nessa visão a humanidade está no centro da natureza.

Traduzido por Luciana Lhullier Rosa

FESTERÊ LITERÁRIO

Constituiu-se num movimento cultural que prepara a comunidade passo-fundense e regional para a realização das Jornadas de Literatura. Em 2009, o Festerê Literário aconteceu entre 23 de setembro e 17 de outubro em vários espaços, tais como nos shoppings Bella Cittä e Bourbon, na frota de ônibus da empresa Coleurb, museus, praças e ruas principais da cidade.

A comunidade pôde assistir a diversas atividades culturais, tais como apresentação de grupos de dança, grupos de poesia, de teatro, grupos de música, exposições de arte, lançamento de CD e conferências.

Além do trabalho de sensibilização de toda a comunidade, o Festerê Literário divulga a programação paralela e gratuita da Jornada de Literatura, que a cada ano amplia o leque de opções para o público, inscrito ou não. Em 2009, as atividades paralelas trouxeram como atrações exposições diversas, feira do livro, conferências, mostras filmicas, fotográficas, espetáculos musicais e teatrais e conversas paralelas com escritores.



Grupo Salada Brasileira e Grupo Dança de Rua, de Marau, no Zaffari Bourbon Shopping



Poesias e músicas nos ônibus - Coral UPF e alunos do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica



Coral UPF - Parque da Gare



Coral UPF - Shopping Bella Città

PONTO DE LEITURA

O Ponto de Leitura é uma ação do Programa Mais Cultura, que integra a agenda social do governo federal e tem como principal meta democratizar o acesso da população a equipamentos e serviços culturais de qualidade.

No Rio Grande do Sul, 29 pontos de leitura foram selecionados no I Concurso Pontos de Leitura, promovido pelo Ministério da Cultura, e em todas as regiões brasileiras já foram premiadas 514 iniciativas de fomento à leitura. Cada Ponto de Leitura recebe um prêmio em acervo de livros, computador, mobiliário, almofadas, tapetes, além de gibis da Turma da Mônica doados por Maurício de Sousa.

O Ponto de Leitura Largo da Literatura foi inaugurado em 26 de outubro de 2009.



Largo da Literatura



Da esquerda para a direita: Jocarly Patrocínio de Souza, Tania Rösing, Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto, Vera Maria Vieira, Maria Augusta D'Arienzo, Ivânia Campigotto Aquino, Eladio Vilmar Weschenfelder, César Augusto dos Santos



Ponto de Leitura - Largo da Literatura

CONFERÊNCIAS PARA ÁREAS ESPECÍFICAS

Literatura e o Direito



César Vergara de Almeida Martins Costa

O livro enquanto negócio



Da esquerda para a direita: Paulo Lima, Marco Antônio Montoya, Wander Soares

Consumismo e criança

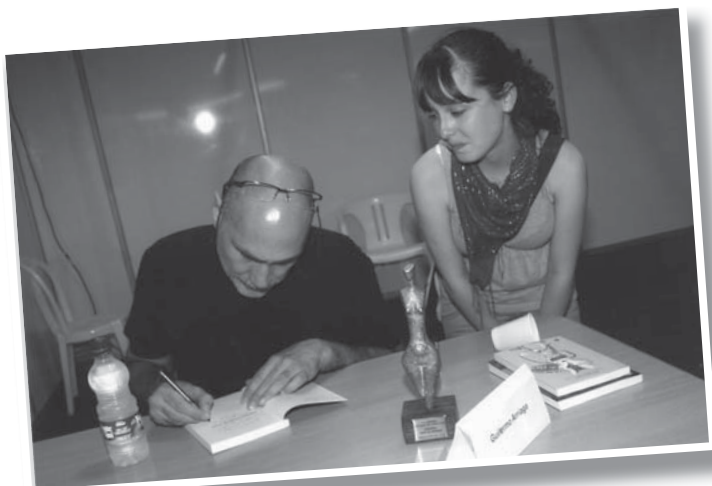


Da esquerda para a direita: Flávio Paiva, Giovani Corralo, Maria Augusta D'Arienzo



Público participante

SESSÕES DE AUTÓGRAFOS



Guillermo Arriaga



Cristóvão Tezza



Alcione Araújo



Ignácio de Loyola Brandão



Lúcia Santaella



Diana Domingues



Júlio Teixeira e Paulo Pires



Tania Rösing e Rita Tussi



Lavínia Rösing Oliveira, Tania Rösing, Gilson Grazziotin



Sandro Cartier

ENTREGA DO PRÊMIO TARSO DE CASTRO



Da esquerda para a direita: Airton Langaro Dipp, Tania Rösing, Múcio de Castro Filho, Beto Albuquerque, Éldo Alcides Guareschi



Diógenes Basegio, Airton Langaro Dipp, Múcio de Castro Filho, Tania Rösing, Lavinia Rösing de Oliveira, Acioly Rösing, Éldo Alcides Guareschi

CAFÉ LITERÁRIO



Da esquerda para a direita: Júlio Diniz, José Eduardo Agualusa, Tabajara Ruas, André Sant'Anna



Da esquerda para a direita: Luís Augusto Fischer, Cristóvão Tezza, Ignácio de Loyola Brandão

PAPO NO BOKA



Público

CAFÉ TVCOM



Katia Suman, José Antonio Pinheiro Machado, Tatata Pimentel, Ruy Carlos Ostermann

EXPOSIÇÕES



Arte e tecnologia: novas interfaces – Trabalhos de alunos na Pré-Jornadinha



Ídolos tagueados - Diana Domingues



Transgenias - Luciane Campana Tomasi



10 Anos Cepli - Centro de Estudios de Promoción de La Lectura y Literatura Infantil, Universidad Castilla La Mancha, Cuenca, Espanha



Homens e bichos - desenhos, gravuras e pinturas de Roseli Doleski Preto



Programas Mais Cultura e Cultura Viva - Ministério da Cultura



Mangás - Fabio Shin



Cartuns: campanha pelo trânsito seguro - Frente Parlamentar em Defesa do Trânsito Seguro



12 anos Mundo da Leitura - Centro de Referência de Literatura e Multimeios - UPF



Ano da França no Brasil - ilustradores franceses - Consulado da França no Brasil



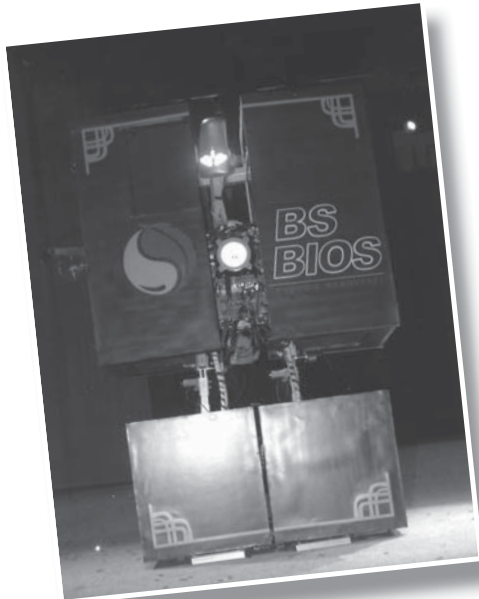
Esculturas em basalto - João Bez Batti



Compadre, ¿Que Pasa? - Fotografias de Tadeu Vilani

LIVRO-ROBÔ

Circuitos, peças eletrônicas e dez mil horas de trabalho deram vida ao mascote da 13ª Jornada Nacional de Literatura e da 5ª Jornadinha. O livro-robô, idealizado como marca de uma edição que discutiu o encontro entre arte e tecnologia, simboliza o esforço de todo o grupo que se envolveu na organização do evento. Foram sete meses de trabalho focado na concretização de um pedido feito pela coordenação da Jornada. O professor Edson Acco, coordenador do curso de Engenharia Elétrica da Universidade de Passo Fundo, orientou um grupo de alunos dos cursos de Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica, que tiveram uma tarefa desafiadora.



Livro-robô

GRUPOS ARTÍSTICOS



Grupo Tholl



Guaira Cia de Danças



Grupo de Dança Tanz



Grupo Étnico de Danças Folclóricas - UPF



Coral UPF



Núcleo Suzuki - UPF - parceria Hospital São Vicente de Paulo



Os PoETS



Banda AfroReggae



Grupo Apocalypse



Grupo Percussão UPF



Blococonco do Catin e sua Banda Navegante



Tom Zé



Feira do Livro



Totens eletrônicos



Stands dos patrocinadores - Sesc - RS



Funzoctur



Petrobras



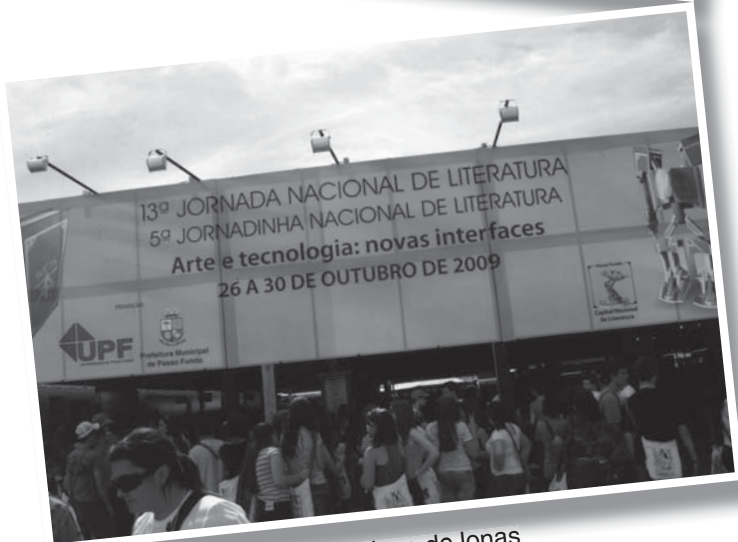
Corag



Praça de alimentação



Patrocinadores



Tomadas externas do complexo de lonas



Tomadas externas

Apresentadores



Alcione Araújo, Lavínia Rösing de Oliveira, Julio Diniz, Tania Rösing, Ignácio de Loyola Brandão

Confraternização



De pé: Angel Suárez Muñoz, Tania Rösing, convidada, Santiago Yubero. Sentados: José López Yepes, Adriana Pantoja, convidada, Augustin Vivas



Ivan Zigg, Jose Luiz Goldfarb, Adriana Pantoja, Tania Rösing,
Constanza Mekis



Convidadas, André Diniz, Tania Rösing, Bráulio Tavares,
Ermani Ssó



Convidada, Luiza Motta, Mario Teixeira, Rosana Rios, Tania Rösing, Lúcia Hiratsuka, Indigo, convidada



Tania Rösing, Juan Gamba, Fátima Café, Eládio Weschenfelder, Celso Sisto



Equipe de apoio



Parte VI

Registro da
impresa

ZERO HORA

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2009

Seguro Caderno

Editor: Ticiano Odasso • F 2218-4383 • ticiano.odasso@zerohora.com.br



As transformações do livro

Jornada Nacional de Literatura, que abre inscrições hoje, discutirá arte e tecnologia

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, marcada para os dias 24 a 28 de agosto deste ano, abre as inscrições hoje já anunciando o tema que dominará esta edição, a décima terceira.

Ao contrário do que se poderia deduzir do número mítico, associado a mandingas e crenças, a Universidade de Passo Fundo, promotora da Jornada, resolveu usar a edição número 13 das recorrentes superstições para discutir o que há de mais moderno no horizonte da literatura, as interações entre arte e tecnologia.

A Jornada será oficialmente lançada amanhã, às 18h, no ático do Bourbon Shopping Country, mas as inscrições para o evento já estão abertas e aqui, de hoje, exclusivamente pela internet ([veja aqui](http://www.jornadadelliteratura.ufrs.gov.br) no lado). O tema que esta décima terceira edição quer colocar em debate é *Arte e Tecnologia: Novas Interfaces*, anunciado já no símbolo escolhido pelos organizadores, o "leiro-transformer" que você vê ilustrando esta matéria. A ideia da organização do evento é discutir o impacto das novas tecnologias como ferramentas de crítica e criação artística.

No mundo atual não se faz nada apartado da tecnologia. É hora de discutir tudo o que essas novas ferramentas permitem — diz a professora Thania Rüling, coordenadora do evento.

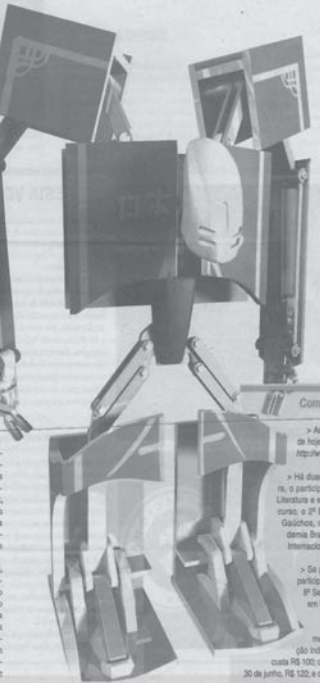
Para debater o tema, a Jornada programou para a edição de 2009 convidados de peso. Um deles, Nick Montfort, professor de mídia digital do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), é também poeta e teórico das possibilidades abertas pelas novas mídias eletrônicas para a interatividade na ficção. Outro nome de destaque nas pesquisas sobre a vida digital na pós-modernidade é o sociólogo e filósofo francês (nascido na Tunísia) Pierre Lévy, autor de, entre outros livros, *Artificial Intelligence: O Futuro do Pensamento na Era da Informática e Cibercultura*, ambos publicados no Brasil pela editora 34.

Lévy, desde 2002 radicado no Canadá, deve fazer uma conferência sobre cibercultura encerrando o quarto dia da Jornada.

No elenco de convidados com participação confirmada consta-se ainda desde nomes consagrados da literatura daqui e de fora como promessas do Exterior. Dentro os estrangeiros, destaque para a crítica e intelectual argentina Beatriz Sarlo, uma das grandes autoridades internacionais sobre Jorge Luis Borges, que já esteve em Porto Alegre no ano passado para o ciclo *Fronteiras do Pensamento*. Também confirmaram presença o roteirista e ficcionista mexicano Guillermo Arriaga e a poetisa moçambicana Paulina Chiziane. Dentro os escritores do continente páis, Zózimo Vitorino e Nélida Piçorno são destaques, além dos habitués legião de Loyola Brandão, Alcione Arraújo e Júlio Diniz. Também são esperados no palco principal nomes de uma geração mais jovem, como Clarah Averbach, André Sant'Anna, Fernando Melica ou mesmo a revelação polonesa Donata Masłowska, autora de *Branca Neve, Vermelho* *Rússia*, lançado no ano passado pela Record.

Além dos debates no palco principal, a Jornada contará com seu já tradicional evento paralelo: a quinta edição da *Jornadinha* e o terceiro encontro com integrantes da Academia Brasileira de Letras. Nesta edição, os acadêmicos Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho, Cláudio Santoro e Mosley Schar debatem a importância para a literatura brasileira de Euclides da Cunha, cuja morte completa cem anos em 2009.

No 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, autores de diferentes gerações, como Tabajara Russa, Alair Martins, Daniel Pellizzari, Ernani Sol e Tati Golli, entre outros, debatem temas como tradução e leitura na Internet. Passo Fundo também vai sediar, pela primeira vez integrado à programação da Jornada, um Seminário Internacional de Coeditores de Histórias.



Como se inscrever

> As inscrições estão abertas à partir de hoje e só podem ser feitas online, em <http://www.jornadadelliteratura.ufrs.gov.br>

> Há duas opções de inscrição. Na primeira, o participante se inscreve na Jornada de Literatura e em outra atividade a escolher: um curso, o 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, o 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras ou o Seminário Internacional de Coeditores de Histórias

> Se preferir a segunda modalidade, o participante se inscreve na Jornada e no 8º Seminário Internacional de Pesquisas em Letras e Patrimônio Cultural

> Quem se inscreve antes, paga menos. De 6 a 30 de abril, a inscrição individual para a primeira modalidade custa R\$ 100, de 1º a 31 de maio, R\$ 110 e de 1º de junho, R\$ 120, e de 1º de julho em diante, R\$ 130

> Para a segunda modalidade, as inscrições individuais custam R\$ 110 de 6 a 30 de abril, R\$ 120 de 1º a 31 de maio, R\$ 130 de 1º a 30 de junho, R\$ 140 de 1º de julho em diante

> É possível fazer inscrições coletivas para grupos de 10 pessoas. Mais informações no site da Jornada (<http://www.jornadadelliteratura.ufrs.gov.br>), onde também podem ser feitas inscrições até 1º de junho para o Concurso de Contos Josué Guimarães

Para simbolizar as interações da literatura com a técnica, a Jornada adotou como símbolo da 13ª edição um livro-robô



Seminário de Pré-Jornada debate autores conferencistas

A movimentação literária da 13ª Jornada Nacional de Literatura a cada dia ganha mais força em Passo Fundo. Na próxima quarta-feira, dia 13 de maio, às 19h30min, no Sesc, será realizado um seminário de Pré-Jornada. A atividade envolverá um debate com especialistas sobre as obras dos autores convidados para as conferências da 13ª Jornada: Pierre Lévy, Guilherme Arriaga e Teresa Colomer.

Os professores da Universidade de Passo Fundo (UPF) convidados para o seminário são: Dr. Adriano Canabarro Teixeira (falará sobre Pierre Lévy); Ms. Cleber Nelson Dalbosco (falará sobre Guilherme Arriaga); e Dr. Fabiane Verardi Burlamaque (falará sobre Teresa Colomer). A participação no seminário é uma atividade de Pré-Jornada. Outras informações em www.jornadadeliteratura.upf.br ou na Jornada Nacional de Literatura pelo telefone (54) 3316-8368. A 13ª Jornada Nacional de Literatura acontece no Circo da Cultura em Passo Fundo, de 24 a 28 de agosto.



Comportamento

Estudo revela que o público mirim é o que mais lê no País e mostra a importância da família na criação deste hábito

Rodrigo Cardoso

CRIANÇAS, AS CAMPEãs DE LEITURA

Nas avaliações sobre língua portuguesa, os estudantes brasileiros costumam ter desempenho ruim em redação e compreensão de texto, uma das consequências dos baixos índices de leitura no País. Um levantamento inédito coordenado pelo Observatório do Livro e da Leitura (OLL) mostra que a nova geração pode ajudar a mudar este quadro. Segundo a pesquisa, as crianças são os que mais leem no Brasil: 6,9 livros por ano na faixa entre cinco e dez anos e 8,5 livros por ano entre 11 e 13 anos (*leia quadro ao lado*). "Nossa experiência sugere um aumento no índice de leitura entre as crianças nos últimos anos", diz Galeno Amorim, diretor da OLL.

Pesquisador da área de educação, Amorim debruçou-se sobre números

da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada no ano passado, que ouviu 5.012 pessoas no País. Os dados trazem uma mensagem aos editores, professores e gestores de políticas públicas: ler para a criança é fundamental para a formação de uma sociedade afeita às letras. De acordo com a pesquisa, **dois em cada três leitores se recordam dos pais ou adultos envolvidos com livros em casa. Na mesma proporção, quem não tem esta lembrança da infância, também não desenvolveu o hábito.**

A fonoaudióloga paulista Ana Clélia Rocha, 43 anos, costuma ler com a filha, Clara Santos, de oito anos, à noite e nos fins de semana. "É uma prática da família, não apenas por estudo, mas por prazer", explica Ana. "Costumamos nos presentear com livros e, agora, minha

filha só se interessa pelos maiores." Depois da mãe, é o professor quem mais aguça a vontade das crianças de ler. Aluna do terceiro ano do ensino fundamental do colégio Santo Inácio, em São Paulo, Clara leva todo mês para casa quatro exemplares da biblioteca da escola e Ana Clélia recebe regularmente relatórios em que o interesse da filha pela leitura é avaliado. No momento, a menina está no último volume de uma série de quatro livros de cerca de 150 páginas cada um. Por mês, Clara devora 12 livros. O curioso: sempre com o som ligado.

Ler com música costuma causar estranheza em muitos pais e educadores, mas o hábito é apontado como uma das razões para a intimidade com as letras. É o que defende a pesquisadora de leitura e formação

do leitor Tania Rösing, professora da Universidade de Passo Fundo (RS). Na opinião dela, o mercado editorial está sendo asediado pelo mundo eletrônico e um não deve excluir o outro. "Os jogos de computador têm narração, personagens, apresentam obstáculos e tempos distintos, o que é semelhante a um livro literário", diz Tania, coordenadora da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS), uma das maiores feiras literárias do País. "Crianças com acesso a games e internet têm, portanto, mais facilidade para ler", diz ela.

Essa turma foi batizada por dois pesquisadores holandeses de Homo Zappiens - em alusão ao verbo zapper, uma forma de aumentar a captação de dados ao se expor a uma enorme quantidade de informações no menor tempo possível.

PARCERIA
As mães, como Ana (abaixo com a filha, Clara), são as que mais incentivam a leitura, segundo 71% das crianças

Trata-se da geração nascida a partir dos anos 90 que lê enquanto ouve música, mani-



CONFORTO
Espaços infantis: trunfo das livrarias para atrair a garotada

pula celular e está de olho na tevê. Segundo o estudo da OLL, entre os brasileiros de cinco a dez anos, 13% leem com a tevê ligada e 6%, ouvindo música.

O conteúdo das obras também tem contribuído para que os leitores mirins se apeguem aos livros, pois as histórias, hoje, exigem uma reflexão maior. "Antigamente, tudo parecia estar no seu devido lugar: a bela adormecida sempre esperava o príncipe", diz a professora de literatura Regina Dalcagné, da Universidade de Brasília (UnB). "Felizmente, o dragão agora aparece também como bonzinho.

Narrativa boa é a que expõe a complexidade dos personagens." Mãe de um garoto de oito anos, Regina costuma levar o filho aos espaços infantis das livrarias, onde, nos fins de semana, há inclusive contadores de histórias. "Eu não encontrava isso no País até o nascimento dele", diz. "Meu filho adora e sempre sai de lá com um livro." Decorados de forma atrativa para as crianças, que podem folhear livremente as publicações, esses locais são os principais trunfos das grandes redes para incentivar e conquistar esse público ávido por mergulhar no mundo das letras. ■

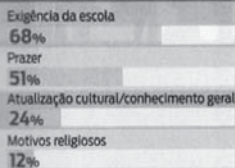


ÍNDICE DE LEITURA

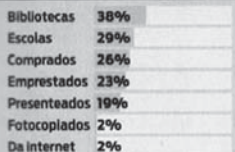
IDADE	LIVROS POR ANO
5 a 10	6,9
11 a 13	8,5
14 a 17	6,6
18 a 24	4,4
25 a 29	3,7
30 a 39	4,2
40 a 49	3,4
50 a 59	3,8
60 a 69	2,2
acima de 70	1,3

5 A 10 ANOS

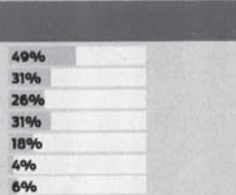
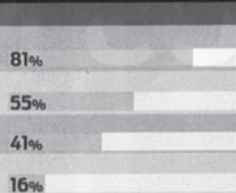
Por que leem >>>



Como os livros chegam às crianças >>>



11 A 13 ANOS



Festerê Literário prepara para 13ª Jornada de Literatura



FABIANO HORTALAN, DIVULGAÇÃO

Passo Fundo já está em clima de Jornada de Literatura. Teve início na quarta-feira o Festerê Literário, que tem como objetivo divulgar as atividades paralelas e gratuitas do evento que ocorrerá de 24 a 28 de agosto no Circo da Cultura.

A primeira ação foi realizada no

labirinto Mundo da Leitura, na entrada do Centro de Referência em Literatura e Multimeios da Universidade de Passo Fundo (UPF). O local recebeu a pintura de imagens baseadas no cartaz de divulgação da jornada. As releituras foram desenvolvidas por alunos do curso de

Artes Visuais da UPF, por meio da disciplina de gravuras, ministrada pela professora Mariane Sbeghen.

O tema da jornada este ano é Arte e Tecnologia: Novas Interfaces. Mais informações podem ser obtidas pelo site www.jornadadeliteratura.upf.br



>>Polícia
Vítima ferida devido
às chamas

Jornada de Literatura tem nova data

Tania Rösing anuncia que 13ª Jornada Nacional de Literatura acontecerá de 26 a 30 de outubro e garante que evento será ainda mais grandioso

TEXTO: DAIANE COLLAZZO
FOTOS: LEONARDO ANDREOLINI

Um dia após o Conselho Universitário adiar a realização da Jornada Nacional de Literatura, prevista para ocorrer entre 24 e 28 de agosto, a coordenadora das Jornadas Literárias, professora Tania Rösing convoca a imprensa para anunciar a nova data do evento. A 13ª edição da Jornada ocorre de 26 a 30 de outubro no campus I da UFF.

A coordenadora analisou como "muito correta" a decisão tomada pelo conselho em contato também com a prefeira, promotora do evento junto com a universidade. "A decisão foi baseada numa condição de saúde e com um documento de um comitê técnico, portanto uma decisão muito correta", disse.

Ela informou que toda a organização do evento está de acordo com o que foi feito. "Somos extremamente responsáveis e comprometidos com o que fazemos e temos certeza que o adiamento da jornada para a última semana do mês de outubro é uma medida acertada", frisou. Para ela, a alteração dá uma certa tranquilidade aos organizadores, já que "teremos dois meses pela frente para esse trabalho".

Já na segunda-feira, a organização inicia os contatos com os convidados nacionais e internacionais e com os participantes para informar a alteração na data do evento. Para a data inicial, estava confirmada a vinda de convidados internacionais de 13 países e a presença de partici-



tes de 245 municípios brasileiros, de 19 estados.

A professora lembrou ainda que no dia 5 de agosto, às 14h, no Shopping Bourbon Country em Porto Alegre, a comissão responsável pela escolha dos finalistas do 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon de Literatura estará selecionando os dez finalistas.

Em uma entrevista coletiva a imprensa, a coordenadora Tania Rösing deu mais detalhes de que forma se dará andamento ao trabalho que começou no início do ano e como pretendem contornar os possíveis problemas decorrentes da alteração na data.

Pergunta - A senhora falou que haverá ajustes até outubro. Esses ajustes seriam com relação aos escritores?

Tania Rösing - Os convidados continuarão a ser convidados, os ajustes são nas agendas. Por exemplo, os convidados internacionais, que são professores, de 24 a 30 de agosto é a última semana de férias deles, em outubro eles já estarão em atividade na sala de aula. Estes pesquisadores, escritores, precisam ajustar as suas agendas, se é que poderão fazer isso. Os convidados são os mesmos, mas que haverá alguma modificação, certamente haverá. Nós estamos torcendo, como acho que todos, que os mesmos convidados tenham agenda, mas um que outro vai mudar. Temos uma grande jornada, disso temos certeza, se ela seria grandiosa de 24 a 28, em outubro vai ser para quebrar.

Pergunta - Com relação às inscrições, se houver ausência da pessoa que se inscreveu, há possibilidade de reembolso do valor?

TR - O adiamento da data não é uma decisão da Jornada, mas sim uma decisão técnica de um comitê constituído por pessoas da da saúde, dentro de um contexto em que a cidade e o país estão vi-

Locações
é na Master



www.masterinvest.lsb.br

vend. Não tem como devolver porque a decisão não é nossa.

Pergunta - Você já trabalhou com uma estimativa de prejuízo com a transferência da data?

TR - Não temos uma estimativa de prejuízo financeiro, porque é uma coisa inviável de dizer neste momento. As verbas que estão vindo de patrocinios continuarão vindo, só não viriam se o evento não fosse realizado. No exercício de 2009, o evento ocorrerá, as verbas estarão aqui. Algumas já estão nas contas específicas. É claro, uma transferência de passagem internacional tem seus encargos, mas ainda não temos ideia desse prejuízo. Com certeza teremos custos a mais, mas ainda não estamos com o folio final impresso. Continua a atividade normal. A programação segue normal e a orientação que estamos recebendo é a de continuar com tudo.

Pergunta - Corre o risco do pessoal gostar da jornada no mês de outubro, e com isso vocês alterarem definitivamente o mês de realização do evento?

TR - Com certeza irão gostar, mas não podemos mudar a data. Ela é feita em agosto porque os convidados internacionais têm a sua última semana de férias na última semana de agosto. Não é nada aleatório. Eles dedicam essa última semana de suas férias e convites.

Fundado por J. C. Jarnos * 1933

Jornal do Comércio

Porto Alegre, quinta-feira, 6 de agosto de 2009 - Nº 53 - Ano 77 - Venda avulsa R\$ 2,00

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do Brasil
Faça sua assinatura:
0800-051-0133

Em foco

Os dez finalistas do 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura – Romance em Língua Portuguesa, um dos maiores do País, foram anunciados ontem. A lista traz *A Chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy; *A Viagem do Elefante*, de José Saramago; *Acenos e Afagos*, de João Gilberto Noll; *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito; *Herranças*, de Silvano Santiago; *Leite Derramado*, de Chico Buarque; *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza; *O Livro das Impossibilidades*, de Luiz Ruffato; *O Livro dos Nomes*, de Maria Esther Maciel; e *O Vento assobiando nas Gruas*, de Lídia Jorge. O nome do vencedor será conhecido no dia 3 de setembro e o prêmio, de R\$ 100 mil, será entregue no dia 26 de outubro, data prevista para a abertura da

13ª Jornada Nacional de Literatura.

O encontro estava previsto para o período de 24 a 28 de agosto, mas foi transferido para outubro por conta da recomendação do Comitê de Prevenção da Gripe A da Universidade de Passo Fundo de que sejam evitadas grandes



aglomerações. A coordenadora da Jornada, Tânia Rösing, disse que a intenção é manter a programação já organizada, mas alguns ajustes podem ser necessários em razão da agenda dos convidados de 13 países. O tema deste ano será *Arte e Tecnologia: Novas Interfaces*.

Literatura

O livro eterno

O FILHO ETERNO, DE CRISTOVÃO TEZZA, VENCE MAIS UM PRÊMIO E JÁ SOMA MAIS DE R\$ 400 MIL EM PREMIAÇÕES

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Depois de arrebatar quase todos os prêmios de 2008, o romance *O Filho Eterno*, do catarinense Cristovão Tezza, provou ontem que ainda pode provocar barulho. Ontem, faturou também o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, concedido a cada dois anos, como parte da programação da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS).

O Filho Eterno foi escolhido o melhor entre 176 romances inscritos e levou R\$ 100 mil. O júri tomou sua decisão por unanimidade contra concorrentes como *A Viagem do Elefante*, de José Saramago, *Acenos e Afagos*, de João Gilberto Noll, e *O Livro das Impossibilidades*, de Luiz Ruffato.

É o sexto prêmio de expressão nacional recebido por *O Filho Eterno* (veja quadro). O romance é construído em episódios que retratam, em uma prosa seca, com uma voz narrativa cruel que paradoxalmente não teme expor a covardia do protagonista, o lento aprendizado de um pai. Escritor jovem, em início de carreira, o personagem enfrenta rejeição e revolta, que o assaltam quando seu filho nasce com Síndrome de Down.

Tezza borra os limites entre memória e ficção - o ponto de partida é assumidamente autobiográfico, o nome do filho e o dos romances que o protagonista publica são os mesmos da vida real. O escritor de 57 anos, nascido em Lajes e radicado em Curitiba (PR), já trabalha em um novo livro - escreve todos os dias pela manhã, como contou na entrevista ao lado, concedida por telefone.



FÁBIO CORRÊA

Catarinense fala de um escritor com o filho deficiente

Os prêmios

- ✓ Livro de Ficção 2007 pela Associação Paulista de Críticos de Arte - sem prêmio em dinheiro
- ✓ Prêmio Jabuti de Melhor Romance - R\$ 3 mil
- ✓ Prêmio Bravol de Livro do Ano - sem prêmio em dinheiro
- ✓ Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2006 - R\$ 100 mil
- ✓ Prêmio São Paulo de Literatura 2006 - R\$ 200 mil
- ✓ 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura - R\$ 100 mil

Muito além das expectativas

O senhor ganhou quase todos os prêmios nacionais para um romance. Esperava tal acolhida?

Cristovão Tezza - Esse livro ultrapassou as minhas expectativas. Para ser sincero, não achava que ia ganhar o da Jornada justamente por ter ganho outros. Fiquei feliz, porque a Jornada é um empreendimento literário muito bem sucedido, consegue envolver uma cidade inteira na discussão literária. Também é um prêmio altamente significativo em termos financeiros.

O Filho Eterno é seu 13º romance. Ele despertou o interesse para seus outros livros?

Tezza - Os livros anteriores passaram a vender mais - nada as-

tronômico, mas vendem mais. Esse livro é um ponto de maturidade. Separei minha carreira em alguns momentos cruciais: o romance *Trapo*, de 1988, que me lançou nacionalmente; a ótima recepção em 1998 para *Breve Espaço entre Cor e Sombra*; 2004, quando lancei *O Fotógrafo*, finalista de vários prêmios e que, como linguagem, me preparou para *O Filho Eterno*.

O senhor pensa na recepção de seu próximo livro?

Tezza - Eu não pensava nisso antes. O livro que escrevo agora era um projeto antigo. Mas é fato que as pessoas estão falando do livro, eu mesmo estive muito presente na imprensa, então sei que os olhos estarão voltados para o próximo romance. Isso não afeta a escrita, mas é uma boa chance de mostrar que não foi um acaso.

Zero Hora - Porto Alegre -
23 de setembro de 2009

www.zerohora.com

ZERO HORA

CONTAGEM REGRESSIVA PARA O SIMULÃO ENEM Vestibular

UM RAIÃO X DA SAÚDE DOS EXECUTIVOS PÁGINA 35

O ADEUS A EMÍLIA Sagunto Cabral

Morre Diretor Inglês

FOTO ALECR QUADRANTEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2009 - ANO 46 - Nº 1.993 - R\$ 2,00

Cultura

Leitura para todos os dias

Além da Jornada de Literatura, atividades frequentes formam leitores em Passo Fundo



A literatura está presente o ano todo em Passo Fundo. Quando termina a Jornada Nacional de Literatura, outras atividades mantêm aceso o interesse dos leitores. Isso explica por que Passo Fundo detém o maior índice anual de leitura de livros do país: são 6,5 livros por habitante.

O projeto Livro do Mês convida autores brasileiros para debater com o público. Os encontros ocorrem nas cidades onde estão os campi da Universidade de Passo Fundo (UPF).

O ponto de encontro dos amantes do livro é a Praça Armando Sbeghen, o Largo da Literatura. Ali estão o Marco da Capital Nacional da Literatura, a Árvore das Letras e o Monumento aos Tropeiros, em homenagem aos pioneiros que batizaram a cidade.

Na praça, um quiosque multimídia oferece livros, revistas, jornais e acesso à internet. Em dois túneis de metal revestidos com placas de policarbonato, estão adesivos de textos literários, trocados a cada 15 dias.

O suporte aos projetos de incentivo à leitura é do Centro de Referência de

O evento principal ocorre no Circo da Cultura, instalado no campus da UPF, e põe escritores e leitores frente a frente

Literatura e Múltiplos, laboratório dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UPF. A ideia é formar leitores em todas as mídias, não apenas no papel, acompanhando a tendência das novas gerações.

A fama de Passo Fundo se intensifica ainda com a Feira do Livro e o Fábulo, um ônibus-biblioteca itinerante que leva exemplares para os leitores em bairros, vilas e comunidades do interior da cidade.

— O processo educacional não é feito por uma pestoa, mas sim por quem acredita que formar leitores e desenvolver a educação sintonizada com a cultura é muito positivo — diz Tania Rösing, idealizadora e organizadora da Jornada Nacional de Literatura.

A 13ª Jornada será realizada de 26 a 30 de outubro, no Circo da Cultura, na UPF, com o tema "Arte e tecnologia: novas interfaces". Neste ano, o evento passou de agosto para outubro por causa do risco da gripe A.

A sócia do livro

A Jornada de Literatura nasceu de uma conversa entre a professora Tania Rösing e o escritor e jornalista José Guimarães (1921-1986). Em 1981, eles pensaram num evento com escritores cuja leitura prévia das obras fosse pré-requisito para os participantes. A ideia originou a 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense.

Doutora em Teoria Literária, Tania

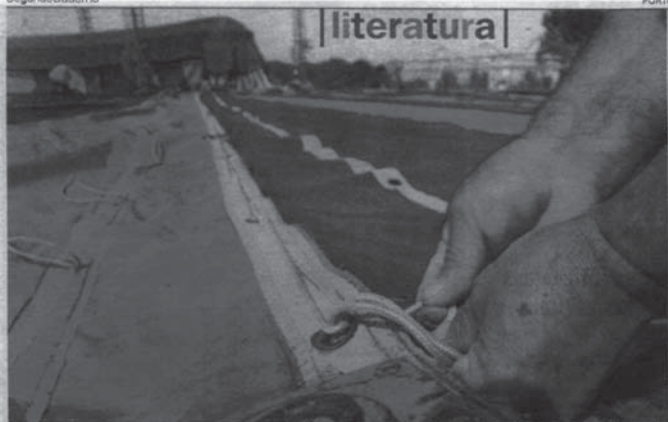
é a organizadora da Jornada. Ela trabalhou na ideia, no projeto final e na busca por financiamentos. Mas reforça que a Jornada é um trabalho de grupo!

O evento não seria possível sem toda a minha equipe, pessoas que atuam na Jornada de Literatura, no Mundo da Leitura e na Universidade de Passo Fundo que nos dá a oportunidade de desenvolver esse trabalho, com apoio da prefeitura.



SegundoCademro

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA



PRODUÇÃO: VALDINEI ROS

Operários acertam os últimos preparativos da estrutura montada no campus da Universidade de Passo Fundo

Respeitável leitor

O circo da 13ª Jornada de Literatura de Passo Fundo receberá mais de 20 mil pessoas a partir de segunda

Casa Zero Hora/Passo Fundo

LEANDRO BELLES

Assim que a lona que abrigará o circo da cultura foi erguida, na manhã de ontem, a 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo ganhou vida e agora se prepara para receber um público estimado em cerca de 22 mil pessoas.

Durante cinco dias, a partir da próxima segunda-feira, a cidade vai receber autores, leitores e apaixonados por Letras que participarão de um espetáculo único e inovador.

Desta vez, com o apelo das novas tecnologias, o evento abre espaço para refletir a relação entre arte e técnica. Escritores de diferentes pontos do país, como a carioca Anna Cláudia

Ramos, 43 anos, preparam-se para conhecer de perto o caldeirão que é o encontro das letras de Passo Fundo. Será o primeiro ano em que Anna participa da Jornada, e ela diz estar empolgada com a chance de debater com leitores um pouco de sua história, que já resultou na publicação de 43 obras.

— Esta relação antecipada com o leitor é incrível. A gente chega lá, e eles já conhecem nossos livros. Isso é fascinante e encantador. Estou pronta — avisa Anna.

O ritmo de trabalho no campus da Universidade de Passo Fundo (UPF) é intenso. Em alguns pontos da instituição, operários fazem força para erguer toda a estrutura que irá receber os visitantes, em outros, professores que trabalham na organização acertam os últimos detalhes para deixar tudo pronto para a próxima semana. A professora Tânia Rösing, coordenadora da jornada, é figura difícil de ser encontrada nos dias que antecedem o a abertura

do circo da cultura. Correndo de um lado para o outro, ela ainda tem que ter tempo para dar entrevistas e decidir os últimos detalhes.

— Quando se prepara um evento da amplitude da Jornada, é essencial que estejamos prontos para deixar tudo organizado dentro dos prazos. Trabalhamos com planejamento e organização durante todo o ano para evitar correrias de última hora — explica.

Além do debate com dezenas de autores que virão a Passo Fundo para discutir literatura, o evento oferece atrações variadas para o público inscrito. Entre as mais procuradas, destacamos os cursos que ensinarão a fazer mangás, oficinas de ilustração e de contação de histórias. A professora Inez Ávila, 45 anos, está ansiosa para o início da festa das letras e já avisa que será presença garantida na maioria das atividades.

— Quero muito ver o Pedro Bandeira e participar de cursos de contação de histórias. Vai ser bárbaro — entusiasma-se.

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo inicia-se na próxima segunda-feira. A abertura ficará a cargo do Grupo Tull, que se apresenta no circo a partir das 19h30min.

leandro.belles@zerohora.com.br

Principais atrações

> Os convidados internacionais da Jornada incluem o mexicano Guillermo Arriaga, escritor, cineasta e roteirista dos filmes *Babel* e *Amores Brutos*, o pesquisador holandês especializado em educação e novas mídias Win Weene e o matemático italiano Carlos Frabetti.

> O jornalismo e suas imbricações com internet e cinema será o tema de uma mesa no dia 27, terça-feira, às 14h. Participam o jornalista e escritor Fernando Molicca, o cineasta Jorge Furtado e o poeta Ricardo Silveira.

> A internet confunde noções de espaço e tempo, fazendo de um endereço uma identidade. Com base nessas possibilidades de discussão, os escritores André Sant'Anna e José Eduardo Aguiar e a artista e professora de artes Diana Domingues fazem no palco de debates, às 14h do dia 29, sobre arquitetura, pintura e espaços virtuais.

> Dentro do 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, o painel "Os novos leitores da multimídia" vai reunir participantes e palestrantes em uma conversa sobre os novos desafios impostos a partir da chegada de novas tecnologias de co-

municação. O professor Antonio Carlos Xavier, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e os espanhóis José Luis Quiro Gáratea, Ana María Hernández Carretero e Ángel Suárez Muñoz serão os debatedores.

> No dia 27, terça, os escritores Moacyr Solaz, Murilo Mello Filho e Arnaldo Niskier, integrantes da Academia Brasileira de Letras, discutem a obra de Euclides da Cunha, cujo centenário de morte se completa este ano. A mesa é parte do 3º Encontro Nacional da ABL, programação paralela.

> O 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos terá como tema a criação literária em debate, com participação de David Coimbra, Jorge Buksdriker e do criador do fanzine *CardosOnline*, André "Cardoso" Czarnobai. Eles discutirão o papel da literatura para leitores criados na internet. No dia 28, quarta-feira.

FESTIVAL DO RIO 2009

'A pior solidão é a falta de comunicabilidade'

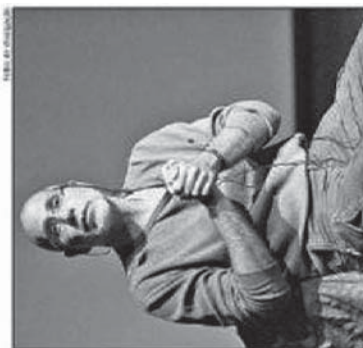
Roteirista de 'Babel', o escritor Guillermo Arriaga lança seu primeiro longa como diretor falando de carência

Rodrigo Fonseca

Desconheço um ano para que as catástrofes boombom e a chance de conhecer a estreia do escritor mexicano Guillermo Arriaga na direção de longa-metragem "The Burning Plain" (em português, "Um plano ardente") no Rio de Janeiro, em 2009. O cronograma do último Festival do Rio, a produção será apresentada na segunda-feira, às 19h e às 18h, no Rio 993 (com mais seis sessões alternativas) em: cotado para o Melhor Roteiro do Festival, com a indicação ao Oscar e ao Globo de Ouro por "Babel" (2006), o autor de "O bilhete da morte" (rótulo aqui pela Gryphon) encarna o sentimento de desconforto que permeia a falta de comunicabilidade — diz Arriaga, premiado em Cannes pelo roteiro de "Três enterrados" (2002), dirigido pelo ator Tommy Lee Jones.

Para 2010, colheita de frutos pela Gryphon
Convidado pela Jornada Lacerda de Passos Pardo, no Rio Grande do Sul, para ministrar um colóquio de arte-escritura com o diretor de cinema brasileiro paulista sobre solidão profissional. Entre os roteiros mais conhecidos está o de Charlie Theron, cuja personagem, Sylvia, tem um anelôto que a impede de amar. Já Kim, o filho de um assassino, não é capaz de voltar por suas incertezas da vida.

— Nossa identidade é formada não apenas pelas nossas experiências pessoais, mas pelas pessoas que nos cercam. É o amor que nos dá sentido e quem eu sou. Quando pedimos qualquer um dos "outros" que formam a nossa vida, nossa identidade sofre uma profunda mutilação — diz o escritor Theron, cuja personagem



REDAÇÃO/FESTIVAL DO RIO

CHARLIZE THERON é uma das protagonistas de "The Burning Plain", que desperta o Lobo de Ouro em 2008
William Shakespeare e Faulstich tem em sua autobiografia, "The Burning Plain" (2002) e "Babel", seu diário pessoal. "The Burning Plain" recebeu elogios por seu diálogo com a tradição do melodrama, gênero que Arriaga considera substituído.

— O melodrama continua a ser o gênero mais poderoso entre os filmes. De um sentido tratado como um gênero menor, mas está no coração de obras-primas como "Ranone & Julia". Recebi muita influência de dois

Alapudino González Barriotti, diretor para a câmera em cinco filmes, editado no Brasil — "Babel" (2006) e "Babel", seu diário pessoal. "The Burning Plain" (2002) e "Babel", seu diário pessoal. "The Burning Plain" (2002) e "Babel", seu diário pessoal. "The Burning Plain" (2002) e "Babel", seu diário pessoal.

— Você escreve um novo romance no ano que vem. Quero voltar a fazer romances antes de fazer de novo — diz o escritor, que teve ainda "O esquadrão de cinema."

FOLHA DA REGIÃO

Aracatuba - Segunda, 5 de outubro de 2009 - 03h49

um novo conceito de loja

Av. Luz Pereira Barreto 632 - (11) 3607-3380 - Aracatuba - SP

ESTOQUE

Tintas

Página inicial
Folha VIP
Assine a Folha
Telefones
Comercial
Contato
Opinião do leitor
Buscar

ENQUETE

Você focaliza os atos de administração pública?

Sim, pois é uma obrigação de todo cidadão

Não, desconheço os meios de focalização

Votar

Resultado Parcial

Dé sua opinião

Outras opções

EDIÇÃO DO DIA

FOLHA DA REGIÃO

Publicação para facilitar governo

Leia a capa em PDF

Edições Anteriores

BUSCA VIA WEB

Cada vez Google

Palavra-chave:

Data:

Pesquisar em:

Buscar

A FOLHA

- FR na sala de aula
- Classificados
- Editoriais
- Prêmios e homenagens

Vida

LIVROS

Penápolis: Viagem Literária traz Flávio Carneiro

Da Redação com informações da Secom
Sábado - 03/10/2009 - 15h45

Penápolis - Penápolis recebe na próxima quinta (7) a visita do escritor roteirista, ensaísta e professor de literatura Flávio Carneiro. Ele vem à cidade para participar do projeto Viagem Literária Módulo Literatura para todos.

A palestra com o escritor será na Biblioteca Municipal Professor Fausto Ribeiro de Barros a partir das 19h30. O evento é voltado a jovens a partir de 15 anos. A entrada é franca.

Para divulgar a realização e despertar na comunidade o interesse pela leitura, a Biblioteca Municipal confeccionou folders de divulgação, onde foram impressos contos do autor, e distribuiu em lugares estratégicos da cidade, como o shopping, lanchonetes, livrarias, praças, entre outros locais de grande circulação. O objetivo, segundo explicou a bibliotecária Solange Chótolli, é que esses contos sejam passados adiante, como se fossem Livros Livres.

Flávio Carneiro publicou onze livros, entre contos, novelas, romances e ensaios. Seu romance 'A Confissão' ficou entre os finalistas do Prêmio Jabuti e do Prêmio Zafari & Bourbon em 2007. Já a novela "A Distância das Coisas" venceu o Prêmio Barco a Vapor, no mesmo ano.

O ESCRITOR

Flávio Carneiro nasceu em Goiânia, em 1962, e mudou-se para o Rio de Janeiro no início dos anos 90. Desde 2003, mora em Teresópolis, região serrana do estado. Escritor, crítico literário, roteirista e professor de literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), publicou doze livros e escreveu dois roteiros para cinema.

Como ficcionista, é autor de um livro de contos, três romances e cinco novelas para crianças e jovens. Participou também de algumas antologias, como Os Cem Menores Contos brasileiros do Século (São Paulo: Ateliê, 2004, org.: Marcelino Freire), com o mini-conto "Na sala de espelhos", e 22 Contistas em Campo (Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, org. Flávio Moreira da Costa), com o conto "Penalidade Máxima".

Como ensaísta, é autor de dois livros e diversos artigos em revistas especializadas. De 2000 a 2007, foi colaborador regular dos suplementos literários do jornal O Globo (caderno Prosa & Verso) e Jornal do Brasil (caderno Idéias), com os quais ainda colabora esporadicamente.

É co-roteirista, em parceria com Adriana Lisboa e André Sturm, do filme Bodas de Papel, vencedor do Prêmio Especial do Juri do Festival de Cinema de Pernambuco, em 2008.

Escreveu também, com Adolfo Lachtermacher, o roteiro do curta-metragem A noite do Capitão, com lançamento previsto para 2010.

Para quem quiser saber mais sobre Flávio Carneiro a página do escritor na Internet é: www.flaviocarneiro.com.br

Assista todos os nossos

VIDEOS

You Tube

PUBLICIDADE

Nas melhores lojas de material de construção

bumi

COMERCIAL

DEPARTAMENTO COMERCIAL

SUGESTÃO

Envie a sua sugestão de reportagem

REVISTAS DA FR

PASSO FUNDO

Festerê prepara jornada literária

A população de Passo Fundo já vive no clima de 13ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece de 26 a 30 deste mês, no campus da UPF. Nos últimos dias, as pessoas que andam pelas ruas, praças e escolas têm sido surpreendidas com apresentações culturais de grupos de acadêmicos. É o já tradicional Festerê Literário, que está preparando os moradores da cidade para a movimentação cultural da jornada.

O Coral da Universidade de Passo Fundo e os acadêmicos do curso superior de tecnologia em Produção Cênica levam alegria e literatura à população, por meio de poesias, músicas e brincadeiras. Além das ruas,

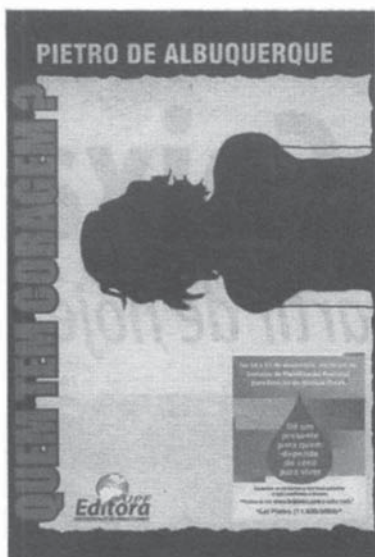
eles contagiam os passageiros dos ônibus urbanos que circulam pela cidade, especialmente com a música da jornada, "Vidas Virtuais". Numa das apresentações, as crianças que estavam na parada de ônibus brincaram com o acadêmico Iussen Seeling, caracterizado de palhaço. Segundo ele, "é um grande prazer levar alegria e fazer brincadeiras com as pessoas que estão esperando o ônibus e de repente são surpreendidas com cantos e poesias.

A abertura da 13ª edição da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, coordenada pela professora Tânia Rösing, terá a participação do holandês Wim Veen.

FABIANO HOFFMANN / ESPECIAL / CP



Acadêmicos da UPF divertem os moradores nas ruas, escolas, praças e paradas de ônibus



Lançamento


■ A 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo, terá um momento especial. Dia 27, às 17h, será lançado o livro "Quem Tem Coragem?", de Pietro de Albuquerque. Filho de Beto Albuquerque, Pietro faleceu em janeiro, aos 19 anos, de leucemia. A crônica policial, de 590 páginas, foi escrita durante os 13 meses em que Pietro lutou contra a doença. A obra e o desenho da capa foram encontrados depois, no seu *notebook*. "Ele não abordou a doença, mas o medo", disse Beto, que escreveu posfácio sobre a luta do filho. Em 2006, Pietro havia lançado "Dias Contados", sobre o cotidiano de quatro personagens.

Segunda-feira, 26 de outubro de 2009

Jornal do Dia

On-line

Mude de portal...



www.jornaldodiase.com.br

Home | O jornal | Equipe | Promocões | Assine | Anuncie | Fale conosco

PREVISÃO

Tempo: Agora

Arecaju-SE Sep-26/10


MAX - 27.0°C

MIN - 21.0°C

Chuva - 12 mm

Outras Cidades

RÁDIO WEB



leia mais sobre : Cultura

Cultura

24/10/2009 08:55:50

Ponto de Leitura será inaugurado durante a 13ª Jornada Nacional de Literatura

O Ponto de Leitura Largo da Literatura de Povo Fundo será inaugurado na segunda-feira, 26 de outubro, às 16h, como parte da programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece próximo ao município da cidade gaúcha. Participa do evento o diretor de Leitura e Literatura da Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Fabiano dos Santos Puga.

No Rio Grande do Sul, 29 Pontos de Leitura foram selecionados no I Concurso Pontos de Leitura. Em todas as regiões brasileiras, foram premiadas 314 iniciativas de fomento à leitura, de pessoas físicas e jurídicas, em bibliotecas comunitárias, Pontos de Cultura, hospitais, sindicatos, presídios, associações comunitárias, entre outros, que investem em atividades e iniciativas que estimulem e qualifiquem a leitura.

“São iniciativas de grande importância para democratizar o acesso aos livros e estimular a formação leitora no país”, explica Fabiano dos Santos Puga. Cada Ponto de Leitura recebe prêmio de R\$ 20 mil em acervo de 650 livros, computador, mobiliário, almofadas, pufes e tapete, além de kits da Turma da Mônica doados por Mauricio de Sousa.

O Ponto de Leitura é uma ação do Programa Mais Cultura, que integra a Agenda Social do Governo Federal, e tem como principal meta democratizar o acesso da população a equipamentos e serviços culturais de qualidade. Em todo o país, entre 2008 e 2009, estão sendo investidos mais de R\$ 150 milhões em ações de livro e leitura. No Rio Grande do Sul, destacam-se a implantação de 47 bibliotecas públicas municipais e a modernização de outras 21 unidades, com verba total de R\$ 4,8 milhões no orçamento de 2008.

Cada município, uma biblioteca – Até o fim de dezembro, o Minc, por meio do Mais Cultura, pretende zerar o número de municípios brasileiros sem biblioteca pública. “A Fundação Getúlio Vargas nos auxilia, desde o início do semestre, no levantamento que dará subsídios para atingirmos a meta de uma biblioteca por município”, afirma Puga. Os kits entregues às prefeituras contêm dois mil livros, mobiliário, computador, televisor de 29 polegadas, aparelho de DVD e de som. Em contrapartida, os municípios disponibilizam o espaço físico e contratam bibliotecários.

ÍNDICE

- Charges
- Cidade
- Cultura
- Editorial
- Especial
- Esportes
- Geral
- Mundo
- Nacional
- Negócios
- Opinião
- Política
- Sociedade
- Variiedades

COLUNISTAS

- Adalberto de Souza
- Cleusa Santana
- Léo Filho
- Lutz Eduardo Costa
- Rian Santos
- Rita Oliveira
- Saquetab Gurrardes
- Vieira Neto

| entrevistas: José Eduardo Agualusa e Win Veen |

O futuro do livro-papel

A Revolução Eletrônica já mudou bastante a face do mundo e agora parece estender seus efeitos para o virtual e até aqui aparentemente imune ramo dos livros. E esse um dos temas centrais da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Para falar sobre o Zero Hora foi buscar a opinião de dois convidados de destaque do evento, o romancista angolano José Eduardo Agualusa, e o holandês Win Veen, o teórico de educação e novas mídias. Aos 48 anos, José Eduardo Agualusa é um artista de quem se pode afirmar que está sempre em trânsito entre Angola, Portugal e Brasil e entre uma das carreiras mais celebradas da literatura contemporânea em português, com romances como 'Um Estranho em Goa', 'O Vendedor de Passados' e 'As Mulheres de Meu Pai', e o papel de um dos sócios da Editora Linguagem Geral, fundada por ele e outras duas sócias em 2006 e dedicada exclusivamente à literatura em português.

Já Win Veen, 62 anos, professor da Universidade Técnica de Delft, na Holanda, alinha-se entre os entusiastas do futuro digital. No livro 'Homem Zapientis' - Educando na Era Digital (Artemis), que publicou em parceria com Ben Vuurking, ele discute exaustivamente como as novas tecnologias e suas ferramentas de interação e comunicação estão batendo à porta da escola tradicional, forçando uma mudança de abordagem que se adapte à geração ao domínio que a facilidade em idade escolar tem do universo tecnológico.

A seguir, confira as entrevistas de Agualusa (concedida por e-mail) e de Veen (por telefone, do ETIA) (Carlos André Moreira):



“O importante é a substância”

Zero Hora - A Jornada deste ano discute novas tecnologias e novos suportes para a literatura (iPhone, iPod, computador, celular). Esse pode ser um dos futuros possíveis da literatura?

José Eduardo Agualusa - É possível que sim, que novos suportes sejam ou possibilitem outras formas de narrativa. Talvez ainda seja um pouco cedo para tentar prever resultados. Na literatura, há modelos sólidos, bem estabelecidos, e que, no entanto, ainda podem surpreender.

ZH - O fetiche do livro enquanto objeto perdura pelas próximas gerações ou os meios de leitura eletrônica podem se tornar tão presentes quanto o computador ou o celular?

Agualusa - O livro em papel, pelo menos as grandes edições, tem os dias contados. O formato digital tem muitas vantagens - elimina os intermediários, o livro pode chegar ao consumidor por menos da metade do preço e o escritor ganha mais. Num único volume teremos bibliotecas inteiras. Podemos alterar o tamanho das letras, o que, para mim, que como a sentir dificuldade em ler certos livros, é uma vantagem enorme. Não creio que isso vá influenciar a relação do leitor com o livro. Continuaremos a ler na cama, até com mais comodidade. Estou a ler agora o 2066 do Roberto Bolaño, escritor chileno que morreu em 2003, um volume com quase mil páginas, e aquilo não dá jeito nenhum para transportar, muito menos para ler delatado. Seja como

“

Não me oponho ao livro eletrônico. No meu caso, um não irá acabar com o outro. Servir-me-ei de um ou de outro conforme a circunstância.

for, quando alguém compra vinho, o mais importante não é o recipiente mas o líquido, a substância.

ZH - As novas tecnologias abreviam distâncias, comprimem tempo e espaço, tornam as mediações mais aceleradas, instauram a realidade do agora, da pressa, do presente estendido, como definem intelectuais como Zygmunt Bauman. Nesse panorama, qual é o espaço da literatura, que é a arte associada ao isolamento, à fruição vagarosa, ao esforço lento e metódico?

Agualusa - Acredito que a literatura já tenha sido contaminada por esse outro tempo. Muitos escritores tornaram emprestada a linguagem do cinema, por exemplo. Voel é, por exemplo, Rubem Fonseca, Patrícia Melo, Margal Aquino, e percebe que as frases curtas, o ritmo rápido, aquilo vem do cinema.

ZH - Qual é a sua relação particular, como leitor, com a tecnologia? É um apreciador do livro no papel? Ou consegue ler confortavelmente em meios eletrônicos?

Agualusa - Compru mais livros do que aqueles que sei que irei ler. Ou seja, sou um viciado irreversível. Contudo não me oponho ao livro eletrônico. No meu caso, um não irá acabar com o outro. Servir-me-ei de um ou de outro conforme a circunstância. Se o livro em papel acabasse nos próximos meses, tenho com que me absterer até o último dos meus dias, ao menos se não vier para além dos 150 anos.

“Livros serão itens de colecionador”

Zero Hora - Pode antecipar algumas de suas considerações sobre os cruzamentos entre tecnologia e educação, assuntos abordados em seu livro 'Homem Zapientis'?

Win Veen - Uma das lições mestras é que a tecnologia está mudando a forma como as pessoas escolhem, processam e produzem informação. Em vez de ler um livro de modo linear do capítulo 1 ao capítulo 12, agora pulamos de um site para outro captando fragmentos de informação a respeito do assunto que estamos pesquisando. Assim, nosso método de selecionar informações é bastante diferente do que fazemos com os livros. Na rede, decidimos a palavra-chave que usaremos em um mecanismo de busca. No livro, não há mecanismo de busca. Temos de submergir no pensamento do autor. Na rede, estou no controle da informação.

ZH - O senhor acha que essa nova forma de ler pode influenciar a forma de escrever livros, criando um novo tipo de literatura?

Veen - Sim, acho. Mas faço distinção entre ficção e não ficção. Livros de ficção podem continuar como sempre foram. Mas, por exemplo, livros didáticos, devem mudar muito, devem se transformar em objetos didáticos ou objetos de informação acessíveis on line. Em vez de livros-texto, em um futuro próximo as crianças usarão computadores e terão conteúdo extra disponível on line, armazenado em várias bases de dados. As escolas não me paí apontar os livros e trabalharem com computadores.

ZH - Nesse cenário, até que o fetiche do livro enquanto objeto perdura pelas próximas gerações?

Veen - Os livros provavelmente serão itens de colecionador para as pessoas que apreciam o suporte papel. A maior parte dos livros estará no Kindle, no Sony e-reader ou no Google Books. Se você quiser um livro, você o receberá na tela de seu dispositivo e poderá ler até mesmo no escuro, porque a tela é luminosa. Acho que a maior parte de nossos livros no futuro vai circular em e-readers. A Biblioteca de papel tende a desaparecer. Mais pessoas vão preferir ler ficção em um dispositivo de leitura do que em papel, porque o livro precisa ser guardado em casa, acumula muito pó, tem de ser limpo um por um. (Risos.)

ZH - A Amazon apaga remotamente dos dispositivos de alguns compradores livros que já havia vendido. Isso provoca discussão sobre as garantias que o consumidor de um livro eletrônico teria contra procedimentos como esse.

Veen - Sim. Dou um exemplo do mundo dos jogos virtuais: se você cria um personagem no World of Warcraft, um avatar, que progride naquele ambiente, quem garante a você que aquele avatar continuará sendo seu no futuro? Não há garantia. Se você compra um livro eletrônico na Amazon pode baixá-lo para o Kindle do servidor da loja, mas não pode copiar aquele livro eletrônico para seu computador. Você não pode fazer da Amazon responsável por manter cópia de segurança de seu livro. É um problema grave.



“

A biblioteca de papel tende a desaparecer. Mais pessoas vão preferir ler ficção em um dispositivo de leitura do que em papel.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

LITERATURA

JORNADA DE PASSO FUNDO (RS) TRAZ ARRIAGA

Começa hoje a 13ª Jornada de Literatura de Passo Fundo (RS). O evento, que vai até sexta-feira, deverá incluir neste ano discussões sobre arte e tecnologia, com a participação de nomes como Wim Veen (Universidade de Tecnologia de Delf, na Holanda). Entre os convidados estão Cristovão Tezza, colunista da **Folha**, o roteirista mexicano Guillermo Arriaga e o angolano José Eduardo Agualusa.

Texto Anterior: Luiz Felipe Pondé: "Malone Morre"

Próximo Texto: Teatro: Campanha vende ingressos a R\$ 5 em SP

[Índice](#)

ANDRÉIA MACCINI/DA GAZETA



Cristóvão Tezza recebe premiação durante o evento



Mexicano Guillermo Arriaga é um dos destaques da programação

JAY BERTOLUCCI/DA GAZETA

LITERATURA

Uma jornada pelos livros

Antecipando o contato dos leitores com os livros, começa hoje a 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. O evento termina quando começa a Feira do Livro de Porto Alegre, no dia 30 de outubro, e homenageia o escritor Pedro Bandeira. Desta vez, o tema do evento é a *Arte e Tecnologia: Novas Interfaces*, que remete às inovações e novas tendências na área leitura. Dentro deste foco, o símbolo desta edição é o livro-robô, criado pelo artista porto-alegrense Abnel Lima Filho. Com as características de um *transformer*, o robô tem 1m50cm de altura, fechado no formato do livro, e chega aos dois metros de altura quando aberto.

Na cerimônia de abertura, o escritor catarinense Cristóvão Tezza receberá R\$ 100 mil pela conquista do 6º *Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura*, pelo livro *O Filho Eterno*, eleito pela comissão julgadora o melhor romance de língua portuguesa publicado nos últimos dois anos. O livro é autobiográfico e narra a relação do autor com o filho portador de Síndrome de Down. Serão conhecidos ainda os vencedores do 11º *Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães*, que neste ano teve 1.827 trabalhos inscritos, todos inéditos.

A jornada também é uma oportunidade para o público entrar em contato com grandes nomes da cena literária internacional, como o mexicano Guillermo Arriaga, o holandês Wim Veen, o italiano radicado na Espanha Carlo Frabetti e o angolano José Eduardo Agualusa. E na programação internacional que se concentram novidades, com a realização de dois eventos. Um deles, que acontece entre a terça e a sexta-feira, é o *Seminário Internacional de Contadores de Histórias*, que tem como proposta refletir sobre o texto escrito na narração oral, enfatizando a questão do estilo e da autoria.

Já o *Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras*, que se encerra hoje, tem foco na troca de experiências e coordenação de ações para a promoção da leitura e da escrita nas universidades.

A programação do evento conta ainda com a 5ª *Jornadinha Nacional de Literatura*, destinada a estudantes de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e privadas, além do *Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras*, com grandes nomes da literatura nacional, como

Cicero Sandroni, Moacyr Scliar, Murilo Mello Filho, Luiz Paulo Horta, Nélida Pinon e Evamilho Bechara. Já o 2º *Encontro Estadual de Escritores* vai debater a criação literária gaúcha, com a presença de Alclair Martins, Daniel Felizzari, Beatriz Viégas-Faria, Tabajara Ruas, Lourenço Cazarre, Jorge Furtado, Clarrah Averback, entre outros.

Cidades

CORREIO DO POVO



SEGUNDA-FEIRA | 26 de outubro de 2009

cidadaes@correiodopovo.com.br | Editor: Edison Molano | Editora assistente: Maria Luiza Vellada



Na edição anterior, realizada de 27 a 31 de agosto de 2007, a Jornada recebeu 22 mil inscrições

Passo Fundo é a capital nacional da Literatura

■ LÉDA MALYSZ
leda@correiodopovo.com.br

Passo Fundo sedia, a partir de hoje, um dos eventos literários mais importantes no país: a 12ª Jornada Nacional de Literatura. Até sexta-feira, a cidade receberá escritores consagrados como o holandês Wim Veen, o italiano - radicado na Espanha - Carlo Frabetti e o angolano José Eduardo Agualusa. Entre os brasileiros destacam-se Fernando Bonasse, Mosecy Sclar, Marcello Dantas e o homenageado Pedro Bandeira. O músico Tom Zé fará o show de encerramento no dia 30.

A solenidade de abertura será às 19h30min desta segunda-feira, no Circo da Cultura, Campus I da Universidade de Passo Fundo, promotora do evento em parceria com a prefeitura. São esperados mais de 20 mil visitantes para as diversas atividades programadas para a semana,

que tem como tema "Arte e Tecnologia: novas interfaces".

A Jornada conta com um público diferenciado, que se prepara para o evento: os inscritos são incentivados a ler antecipadamente as obras dos autores, garantindo, assim, a qualidade dos debates. "Mais que um evento cultural, a Jornada Literária foi criada para promover a leitura e formar leitores", afirmou a coordenadora geral Tania Rösing. Um dos resultados positivos atribuído ao evento é o alto índice de leitura (6,5 livros por habitante/ano) em Passo Fundo, número que se assemelha ao verificado na França. Desde 2006, a cidade guarda o título de Capital Nacional de Literatura.

Além da Jornada e Jornadinha Nacional de Literatura, Passo Fundo recebe outros eventos relacionados à leitura, como o Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras, reunindo representantes das

instituições da rede pela primeira vez no Brasil. Na terça-feira terá início o 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, quando participam escritores e pesquisadores do Brasil, Espanha, França e Porto Rico. No mesmo dia, terá início o 3º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, quando são esperados os escritores Cicero Sandroni, Laura Sandroni, Murilo Mello Filho, Lutz Paulo Horta, Antônio Carlos Secchin e Eduardo Coutinho.

Durante a semana será realizado o 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, com a presença de Altair Martins, Daniel Pellizzari, Beatriz Viégas-Faria, Tabajara Ruas, Lourenço Cazaré e Jorge Furtado. Outro destaque da jornada é o Seminário Internacional de Contadores de Histórias que trará painéis de debates, oficinas e ainda a realização da mostra de contos.



Tânia Rösing (E), coordenadora-geral da Jornada Nacional de Literatura, participou do ato

PASSO FUNDO

Inaugurado o Ponto de Leitura

Dentro da programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura foi inaugurado ontem à tarde o Ponto de Leitura de Passo Fundo. O espaço funcionará em um quiosque construído no Largo da Literatura, às margens do rio Passo Fundo. Passo Fundo foi uma das 29 cidades gaúchas selecionadas no I Concurso Pontos de Leitura, promovido pelo Ministério da Cultura.

O diretor de Livro, Leitura e Literatura da Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Fabiano dos Santos Piuba, explicou que a iniciativa tem como objeti-

vo principal democratizar o acesso da população a equipamentos e serviços culturais. O ponto recebeu de 650 livros, computador, mobiliário, almofadas, pufes e tapete, além de gibis da Turma da Mônica doados por Maurício de Souza.

A solenidade de inauguração contou com a presença da coordenadora-geral da Jornada Nacional de Literatura, professora Tânia Rösing, representantes da Reitoria da Universidade de Passo Fundo, professores e secretários do município. Nesta terça-feira começa a 5ª Jornada Nacional de Literatura.



A nova geração humana

Homo Zappiens é capaz de encontrar, criar e repassar a informação. Professores terão de reaprender a profissão

Texto: Leonardo Andreoli/ON
Foto: Marina Campos/ON

A tecnologia mudou muito mais a vida das pessoas do que se pode imaginar. Comunicação em tempo real entre continentes, satélites que rastream a terra 24h, e telescópios apontados para o Universo são apenas algumas delas. Talvez a maioria das pessoas não saiba, mas convive muito mais perto dessa evolução do que supõe. Basta olhar as gerações mais novas. O tão conhecido *Homo Sapiens* evoluiu novamente, e hoje pode ser considerado um *Homo Zappiens*. A teoria é do pesquisador da Universidade de Delft, na Holanda, Win Veen.

O conferencista da primeira noite da Jornada Nacional de Literatura falou sobre a evolução que estamos presenciando. "Estamos saindo de uma era analógica para uma era digital. O uso da tecnologia faz com que o cérebro seja ativado de forma diferente, do que quando apenas usamos livros", revela. Para dizer se o processo é bom ou ruim o pesquisador relembra o surgimento da prensa. "Quando ela foi inventada havia uma grande expectativa, e as pessoas duvidavam do que de bom os livros trariam", ressalta.

Primeira geração

O *Homo Zappiens* é a primeira geração a conhecer e utilizar a tecnologia. "Como eles estão usando ela, a postura deles muda de consumidores para produtores. Eles compartilham a informação e a maneira usada para selecioná-la é diferente. Eles pegam pequenas partes de vários lugares e as agrupam. Com isso a qualidade dela aumenta de forma significativa, porque a riqueza da informação faz as pessoas pensarem. Eles se tornam aprendizes ativos", avalia. Com tanta evolu-

ção é possível imaginar que isso aumentaria ainda mais as diferenças culturais entre os diversos estratos sociais, porém Veen acredita que a internet veio para amenizar esse vazio. "Para países de terceiro mundo isso será muito bom, porque antes a informação era muito restrita e agora ela está disponível", considera.

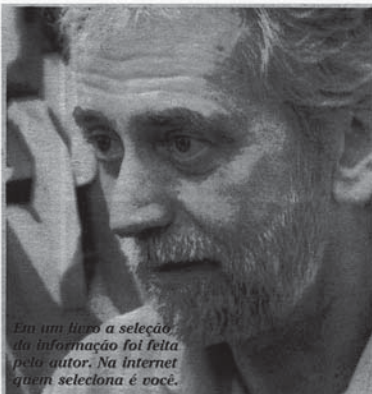
Novo professor

Apesar de ainda ter um papel fundamental, o professor terá de se readaptar a essa nova forma de ensino vivida hoje. "Eles terão que desaprender a maneira de ensinar de hoje, que não é mais uma transferência de informação, porque ela está em toda parte", antecipa. Os mestres assumirão novos papéis, como monitores e facilitadores de aprendizado, e corégrafos educacionais. "Eles terão que pegar o que há de melhor em cada estudante e usar isso no grupo", diz.

Veen destaca que muitos professores olham para o lado inverso ao da evolução, justamente por não gostarem ou não saberem lidar com a tecnologia. "Os alunos não estão ouvindo mais, e isso é um grande problema, porque eles começam a não gostar da escola e não terão motivação para aprender qualquer coisa para o resto da vida. Estamos estragando o capital social nas escolas", pontua. O volume de informações retidas por um aluno que apenas ouve o professor é de apenas 5%.

Livros X Internet

"Os livros param e a internet cria a imaginação", mesmo considerando a opinião exagerada o holandês argumenta que a crença da verdade estar estampada em papel impede as pessoas de pensarem. "O que ajuda as pessoas a se tornarem pensadores críticos é



Em um livro a seleção da informação foi feita pelo autor. Na internet quem seleciona é você.

estar na internet, porque você nunca sabe se aquilo é verdade ou não", pontua.

Um exemplo de conhecimento participativo é a conhecida Wikipédia. O pesquisador chega a afirmar que ela é melhor que a Enciclopédia Britânica. "No início as pessoas eram muito reticantes em consultar a Wikipédia, mas hoje

todo mundo olha ela", relata.

Mais um tempo

O momento ainda é de decolagem. A evolução deverá demorar cerca de 25 anos para se completar, tendo em vista que a implementação de tecnologias demora entre 17 e 25 anos para se consolidar.

Como identificar um *Homo Zappiens*

Ele agrupa pedaços de informações que encontra na internet ou outros lugares;

Ele está envolvido em comunidades, tanto físicas quanto virtuais, ou digitais;

Ao invés de aprender por internalização ele aprende por externalização. Os seus compartilhamentos e junções solucionam problemas.

Um evento ímpar, orgulho de nosso município, onde o espetáculo é a Literatura, que transforma realidades, aproxima escritores e leitores e, principalmente, promove cidadania.

13ª Jornada Nacional de Literatura, nossa terra festejando a Cultura.

A Câmara de Vereadores de Passo Fundo se orgulha desse encontro das letras.

Assista a TV Câmara no canal 16 da NetC a partir das 20h: www.cmptf.br

Jornada pode ser inserida no Orçamento da União

Deputado sugere que verba seja garantida na peça orçamentária do governo federal e ministro aceita. Porém, Jornada começa sem incentivos do Estado

REDAÇÃO ON

O ministro da Educação, Fernando Haddad, esteve ontem na abertura da 13ª Jornada Nacional de Literatura e recebeu a sugestão do deputado federal Beto Albuquerque de inserir o evento no Orçamento anual da União. Isso garantiria uma verba fixa para a organização da Jornada. "A Jornada precisa estar no calendário de eventos do orçamento do MEC. Não podemos a cada dois anos estar lá pedindo verbas. Trata-se de um evento de repercussão nacional e precisa de apoio contínuo, isso é necessário para que a Jornada possa ser financiada com recursos federais de forma mais organizada", disse Beto. Haddad viu com bons olhos a ideia e disse que é uma decisão muito simples. "Ainda não tinha nos ocorrido essa possibilidade, mas com a provocação das lideranças regionais não vejo qualquer dificuldade em destacar no Orçamento a verba para que o evento não corra o risco de descontinuidade", disse o ministro.

Nesta 13ª edição, a Jornada de Literatura recebeu R\$ 300 mil do Ministério do Turismo, R\$ 400 mil do Ministério da Cultura, R\$ 221 mil do FNDE e ainda aguarda apoio do Meccenato. O processo quanto à Lei de Incentivos à Cultura do governo do Estado, ainda está tramitando. O material foi e voltou oito vezes e ainda não recebeu aval positivo.

Preseça física do ministro

É a primeira vez que o ministro passa pela Jornada, mas no



Haddad diz que sua presença é um voto de respeito à Jornada

ano passado ele fez uma tentativa de conhecer a cidade e não conseguiu por falta de condições para posto do avião. A visita de Fernando Haddad significa a presença física do Ministério da Educação. Isso dá mais um voto de respeito à Jornada. "O evento fomenta a leitura no Brasil e hoje é considerado um paradigma de leitores. O ministério

apóia o evento e por isso traz dirigentes para que ele sirva de exemplo para que outras regiões e estados possam usar essa experiência", disse.

Sobre a inserção de novas tecnologias na educação, o ministro diz que o mundo vive um processo de transformação no sistema de informação. Os meios estão se organizando aos poucos

e um exemplo disso é o projeto de banda larga nas escolas, que atenderá 55 mil escolas urbanas até o ano que vem. Depois disso, o grande desafio será levar o sistema de internet banda larga para as instituições educacionais do perímetro rural, que estão mais distantes de outros meios de comunicação. "Estudos revelam que a internet aproxima o públi-

Germanias
BAR
ARTIFÍCIO E RESTAURANTE

TELE-ENTREGA
3311.3113

co da língua escrita, ao contrário de outros meios de comunicação. É impossível navegar pela internet sem ler ou escrever, isso favorece bibliotecas públicas e até mesmo os livros didáticos", afirmou Haddad.

Outro dado comemorado pelo ministro da Educação é que nos últimos tempos foi duplicado o índice estimado de livros por habitante. Porém, ele ainda considera os números longe do ideal. "Eventos como a Jornada repercutem muito na vida das pessoas. Claro, não é uma única atividade que vai motivar, mas o que precisamos é estar todos juntos para caminhar nessa direção", explicou.

Enem/Enem

O ministro aproveitou a oportunidade para comentar sobre a tentativa de fraude no exame do Enem, divulgada recentemente em nível nacional. Segundo ele, um novo sistema para aplicação da prova está sendo estudado com o objetivo de evitar fraudes e garantir a segurança na avaliação dos cursos.

Sem incentivos do Estado

A secretária estadual de Cultura, Mônica Leal, esteve participando da solenidade de abertura da Jornada, em nome do governo do Estado. Ela falou que no que diz respeito à Secretaria de Cultura o projeto transitório e foi enviado ao Conselho Estadual de Cultura, no seg. de parte da secretária não há mais o que ser feito. "A minha Secretaria não compete mais nada, a não ser aguardar, por via das dúvidas enviamos um ofício à PGE pedindo uma orientação para que ficasse tudo respaldado dentro da lei", disse. Mônica ressaltou que o Conselho Estadual de Cultura é um órgão independente e não cabe à secretária interferir no processo.

Show mágico abre Jornada de Literatura

■ LEDA MALYSZ
leda@correiodopovo.com.br

Com um mágico show do grupo Tholl foi lançada oficialmente ontem à noite a 13ª Jornada Nacional de Literatura, no campus da Universidade de Passo Fundo. O binômio educação e cultura, das edições anteriores, passou para o trinômio educação, cultura e tecnologia. O refrão da música tema "Cai na Real" do Mundo E Virtual define a linha do movimento que até sexta-feira promove debates, discussões, conferências, encontros, lançamentos de livros, oficinas e atividades culturais na cidade que mais lê livros no Brasil. Na cerimônia foram anunciados os vencedores do Concurso de Contos "José Guimarães: Éder Rodrigues, de Belo Horizonte e o segundo lugar ficou para Paulo de Tarso Ricordi, de Porto Alegre. O escritor Cristiano Tezza, do Paraná, recebeu R\$ 100 mil do 6º Prêmio Passo Fundo Zaffarri & Bourbon de Literatura com o livro "O Filho Eterno".

Cidades



LEONARDO COSTA LOPES / EBC

Cerimônia de abertura da Jornada de Literatura teve um bellissimo espetáculo do grupo Tholl e a revelação dos primeiros vencedores do evento. O maior encontro nacional de literatura vai até sexta-fi

13ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA DE PASSO FUNDO

O CIRCO

Convidado habitual, frio se ausenta da festa do livro

Realização de evento em horário de verão divide frequentadores tradicionais da Jornada de Literatura

Passo Fundo

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Os convidados da Jornada Nacional de Literatura já têm o que comemorar nesta 13ª edição do evento. Quem bem definiu o que há de diferente foi um de seus mais assíduos frequentadores: Júlio Diniz, um dos "três tenores" de Passo Fundo, o trio tradicional de apresentadores formado por ele, Ignácio de Loyola Brandão e Alcione Araújo.

Ao desembarcar no voo que transporta a primeira leva de convidados para Passo Fundo, na tarde de ontem, Diniz, vestindo camisa de manga curta e tecido leve, comemorou ao avisar a organizadora do evento, Tânia Rösing.

— É a primeira Jornada sem frio. De fato, embora o vento seja inclemente no terreno da Universidade de Passo Fundo, onde a Jornada se realiza¹, a temperatura oscilou entre 20°C e 30°C, em nada lembrando os gélidos invernos das edições anteriores.

Nem todo mundo gostou. Há os que vem na 13ª Jornada de Passo Fundo uma oportunidade de passar frio, como o jornalista e integrante da Academia Brasileira de Letras Cicero Sandroni, outro dos que chegaram no voo das 19h.

— Nada contra quem prefere o calor, mas sempre gosto de passar frio aqui — brinca o acadêmico, que participa hoje do 3º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras em Passo Fundo, como parte da programação



Grupo Tholl se apresentou na cerimônia de abertura do evento, na noite de ontem, no campus da UFF



Sandroni

da Jornada.

Sandroni veio falar de *Euclides da Cunha*, tema do encontro deste ano², e se divergiu de Diniz quanto às benesses do clima.

— E é banal até falar isso, mas Passo Fundo se torna de fato a capital literária do Brasil. A imprensa do Rio e de São Paulo fala demais da 11ª³ e de menos da Jornada — disse Sandroni.

Outro convidado que desembarcou em Passo Fundo pelo ar foi o vencedor do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de literatura, Cristóvão Tezza, que veio para receber mais um prêmio para seu romance, *O Filho Eterno* — apesar da encerrada de prêmios anteriores para o livro, que incluem um labutai, um Prêmio São Paulo e um Portugal Telecom. Tezza reiterou que o prêmio da Jornada foi inesperado.

— Já haviam se passado dois anos, achei que o barulho do livro houvesse

esfriado, ou que achariam que ele já ganhou o bastante.

Passo Fundo se agita. O circo voador está de volta à cidade.

NOTAS

- (1) Durante cerca de 10 quilômetros do centro da cidade.
- (2) Este ano marca o centenário de morte do autor de *Os Serões*.
- (3) Festa Literária Internacional de Parati, Rio de Janeiro.

carlos.moreira@zerohora.com.br



Autor mirim deixou inéditos

A herança de Roberto

Roberto Pirovano Zanatta nasceu em um sábado de primavera do ano de 1908. Desde pequeno, sua curiosidade e inquietude lhe direcionavam ao mundo das artes. Ao dar os primeiros passos na alfabetização, Roberto demonstrou interesse em criar suas próprias histórias. As primeiras eram relatadas para sua mãe, Raquel, que as digitava em um computador. Em 2008, lançou seu primeiro livro, *O Explorador e sua Aventura*.

— Ele era extremamente criativo, inquisito e questionador — recorda a mãe.

No início de 2008, foi descoberto um tumor que o levaria à morte aos 10 anos. Mesmo durante o tratamento médico, Roberto continuava a escrever contos e a inventar personagens, munido de papel e caneta. Agora, quase um ano depois da partida, o pequeno escritor será um dos homenageados durante a quinta edição da Jornadainha de Literatura, evento que ocorre paralelamente à Jornada e destinado ao público infantil. Na homenagem serão lançadas três obras detidas pelo garoto. A Jornadainha de Literatura começa hoje, a partir das 9h.

Robô consumiu sete meses de dedicação

Circuitos, peças eletrônicas e 10 mil horas de trabalho deram vida ao símbolo da 13ª Jornada Nacional de Literatura. O livro-robô, idealizado como marca de uma edição que discute o encontro entre tecnologia e arte, simboliza o esforço de todo o grupo que se envolveu na organização do evento. Foram sete meses de trabalho focado na concretização de um pedido feito pela coordenação da Jornada, em abril. O professor Edson Santos Acco, coordenador do curso de Engenharia Elétrica da Universidade de Passo Fundo (UPF), comandou uma turma de universitários dos cursos de engenharia elétrica e mecânica, que tiveram uma tarefa desafiadora.

— Sempre participei da Jornada como espectador. Nunca pensei que nosso curso poderia ser tão importante para uma edição do evento como esta — conta Acco.

Tornar real um desenho esboçado no papel exigiu muito estudo e paciência. O uso de 80 quilos de materiais que formam o robô, que tem estrutura de alumínio, exigiu também um investimento de R\$ 40 mil.

O estudante Mateus Felzer, 11 anos, impressionou-se com os primeiros movimentos do robô. Ao ver a peça ganhar movimento, o menino sentiu-se, boquiaberto, e expressou o sentimento esperado pelos organizadores: encantamento.



Símbolo do evento foi criado por universitários e custou R\$ 40 mil

Para ir hoje

Jornalismo, Cinema e Internet — Nomes consagrados das letras no país discutem a relação entre jornalismo, cinema e as possibilidades das novas tecnologias. O jornalista Guilherme Fialza vai participar do debate junto do Fernando Mota, João Guilherme Estrella, Jorge Furtado, Sérgio Leo e Ricardo Silveira. A partir das 14h, no Paço de Debates.

Espaços Culturais e Convergência das Mídias — Marcelo Dantas proferirá conferência. Às 20h.

ZEROHORA.COM

Confira bastidores da Jornada em www.zerohora.com/mundoilvoro e www.zerohora.com/universidade

UOL ASSINE 0300 703 3000 BUSCAR BATE-PAPO E-MAIL SAC SHOPPING ÍNDICE PRECIO



O Jornal de economia e negócios do RS desde 1933 bovesp

PORTO ALEGRE PREVISÃO

AGORA 11°C

24°C
12°C

previsão do tempo

Jornal do Comércio

Porto Alegre, terça-feira, 27 de outubro de 2009 atualizado às 22h53

Edições anteriores | Edição impressa RSS | Twitter | H

Página Inicial | Opinião | Economia | Internacional | Política | Geral | Esporte | Cadernos

Últimas 21:29 - EUA anunciam envio de missão a Honduras BUSCA

- Circulação**
- Assine o JC
- Serviços Online**
- Receba a newsletter
- Indique o site do JC
- Edições Anteriores
- Feed de notícias (RSS)
- Comercial**
- Anuncie no JC
- Envio de Anúncios
- O JC
- Institucional**
- Campanha 75 Anos
- Eventos
- Marcas de Quem Decide
- Prêmios
- Expediente
- Fale conosco




Página Inicial > Cadernos COMENTAR IMPRIMIR CORRIGIR ENVIAR

Notícia da edição impressa de 26/10/2009

Uma jornada pelos livros

Antecipando o contato dos gaúchos com os livros, começa hoje a 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. O evento termina quando começa a Feira do Livro de Porto Alegre, no dia 30 de outubro, e homenageia o escritor Pedro Bandeira. Desta vez, o tema do evento é a Arte e Tecnologia: Novas interfaces, que remete às inovações e novas tendências na área leitura. Dentro deste foco, o símbolo desta edição é o livro-robô, criado pelo artista porto-alegrense Abnel Lima Filho. Com as características de um transformer, o robô tem 1m50cm de altura fechado no formato do livro, e chega aos dois metros de altura quando aberto.

Na cerimônia de abertura, o escritor catarinense Cristóvão Tezza receberá R\$ 100 mil pela conquista do 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, pelo livro O Filho Eterno, eleito pela comissão julgadora o melhor romance de língua portuguesa publicado nos últimos dois anos. O livro é autobiográfico e narra a relação do autor com o filho portador de Síndrome de Down. Serão conhecidos ainda os vencedores do 11º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, que neste ano teve 1.827 trabalhos inscritos, todos inéditos.

A Jornada também é uma oportunidade para o público entrar em contato com grandes nomes da cena literária internacional, como o mexicano Guillermo Ariaga, o holandês Wim Veen, o italiano radicado na Espanha Carlo Frabetti e o angolano José Eduardo Agualusa. É na programação internacional que se concentram novidades, com a realização de dois eventos. Um deles, que acontece entre a terça e a sexta-feira, é o Seminário Internacional de Contadores de Histórias, que tem como proposta refletir sobre o texto escrito na narração oral, enfatizando a questão do estilo e da autoria. Já o Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras, que se encerra hoje, tem foco na troca de experiências e coordenação de ações para a promoção da leitura e da escrita nas universidades.

A programação do evento conta ainda com a 5ª Joradinha Nacional de Literatura, destinada a estudantes de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e privadas, além do Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, com grandes nomes da literatura nacional, como Cícero Sandroni, Moacyr Scliar, Murilo Mello Filho, Luiz Paulo Horta, Néida Piñón e Evanildo Bechara. Já o 2º Encontro Estadual de Escritores vai debater a criação literária gaúcha, com a presença de Altair Martins, Daniel Pellizzari, Beatriz Viégas-Faria, Tabajara Ruas, Lourenço Cazarré, Jorge Furtado, Clarah Averbuck, entre outros.

27/10/2009 - 05h10

Ministro da Educação visita Jornada de Literatura

Em visita na tarde de nesta segunda-feira (26) à Jornada de Literatura de Passo Fundo, o ministro da Educação, Fernando Haddad, elogiou a realização do evento e disse que gostaria de ver o modelo aplicado em outras regiões do país. "Atualmente, a Jornada representa um paradigma como projeto de fomento à leitura e de formação de leitores no Brasil. Que sirva de exemplo para outros municípios e estados da nação".

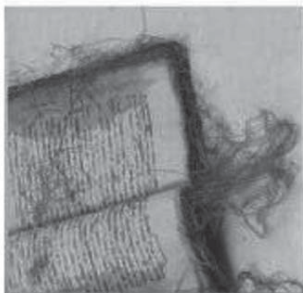
Haddad esteve em Passo Fundo para a inauguração do Instituto Federal de Educação, Tecnológica e para a cerimônia de abertura da 13.ª edição da Jornada, que vai até a próxima sexta-feira (30). Na coletiva de imprensa realizada no Circo da Cultura, na Universidade de Passo Fundo, o ministro também destacou a estratégia adotada pelo evento de aproximar os leitores dos escritores, colocando os alunos em contato com as obras dos escritores que participam da programação, o que é realizado durante a Pré-Jornadinha.

O ministro comentou também o tema da edição deste ano "Arte e Tecnologia: novas interfaces", dizendo que a internet tem um papel fundamental na aproximação do usuário com a língua escrita.

"Temos estudos no Ministério que revelam que a internet estimula o ato de escrever. Isso é fundamental em um país que historicamente teve dificuldades no processo de democratização do acesso ao livro e à leitura", ressaltou o ministro da Educação.

No Largo da Literatura, em Passo Fundo, Haddad inaugurou também o Ponto de Leitura, do Programa Mais Cultura do Ministério da Educação. O projeto consiste na criação de uma Biblioteca, onde o governo fornece livros, equipamentos e treinamento de pessoal.

(Envolverde/Nota 10)



© Copyright - É livre a reprodução exclusivamente para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

Desenvolvido por AW4 Tecnologia



Comentar Imprimir Enviar

Quarta-feira, 28 de outubro de 2009

Jornal do Dia

On-line

www.jornaldodiase.com.br

Home | O jornal | Equipe | Promoções | Assine | Anuncie | Fale conosco

Mude de portal...

PREVISÃO

Aracaju-Agora

Aracaju-SE
Out-28/10

MÁX: 31 °C
MÍN: 23 °C

Então: 0 mm

Previsão Normale

Outras Cidades

RÁDIOS WEB

90.1 FM

ÍNDICE

- Charges
- Cidade
- Cultura
- Editorial
- Especial
- Esportes
- Geral
- Mundo
- Nacional
- Negócios
- Opinião
- Política
- Sociedade
- Vandeados

Cultura

27/10/2009 09:22:04

Ponto de Leitura é inaugurado durante a 13ª Jornada Nacional de Literatura

O Ponto de Leitura Largo da Literatura do Passo Fundo foi inaugurado ontem, 26 de outubro, como parte da programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura, Participação do evento o diretor de Livro, Leitura e Literatura da Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Fabiano dos Santos Puga.

No Rio Grande do Sul, 29 Pontos de Leitura foram selecionados no 1º Concurso Pontos de Leitura. Em todas as regiões brasileiras, foram premiadas 514 iniciativas de fomento à leitura, de pessoas físicas e jurídicas, em bibliotecas comunitárias, Pontos de Cultura, hospitais, sindicatos, presídios, associações comunitárias, entre outros, que invetam em acervos e atividades que estimulem e qualifiquem a leitura.

“São iniciativas de grande importância para democratizar o acesso aos livros e estimular a formação leitora no país”, explica Fabiano dos Santos Puga. Cada Ponto de Leitura recebe prêmio de R\$ 20 mil em acervo de 650 livros, computador, mobiliário, almofadas, purês e tapete, além de globos da Turma da Mônica doados por Maurício de Sousa.

O Ponto de Leitura é uma ação do Programa Mas Cultura, que integra a Agência Social do Governo Federal, e tem como principal meta democratizar o acesso da população a equipamentos e serviços culturais de qualidade. Em todo o país, entre 2008 e 2009, estão sendo investidos mais de R\$ 150 milhões em ações de livro e leitura. No Rio Grande do Sul, destacam-se a implantação de 47 bibliotecas públicas municipais e a modernização de outras 21 unidades, com verba total de R\$ 4,8 milhões no orçamento de 2008.

Cada município, uma biblioteca – Até o fim de dezembro, o Minc, por meio do Mas Cultura, pretende zerar o número de municípios brasileiros sem biblioteca pública. “A Fundação Getúlio Vargas nos auxilia, desde o início do setembro, no levantamento que dará subsídios para atingirmos a meta de uma biblioteca por município”, afirma Puga. Os kits entregues às prefeituras contêm dois mil livros, mobiliários, computador, televisor de 29 polegadas, aparelho de DVD e de som. Em contrapartida, os municípios disponibilizam o espaço físico e contratam bibliotecários.

Leia mais sobre : Cultura

EXCLUSIVAS

- Albertyo de Souza
- Cássia Santana
- Leão Filho
- Luz Eduardo Coira
- Ron Santos
- Rita Oliveira
- Sociedade Guimarães
- Vieira Neto

FOLHA ONLINE Em casa da Arte | Ambiente | Bichos | Ciência e Saúde | Cinema | Colunistas | Debates | Educação | Esportes | Ilustrada | Informática | Mundo | Turismo

LIVRARIA DA FOLHA
www.folha.com.br

LANÇAMENTOS | MAIS VENDIDOS | RECOMENDADOS | PRÉ-VENDA | FALE COM A GENTE

ESCOLHA POR ASSUNTO REPORTAGENS

27/10/2009 - 18h05

Cristovão Tezza recebe prêmio e anuncia dedicação exclusiva à literatura

da Livreria da Folha

Cristovão Tezza, 57, autor do livro **"O Filho Eterno"**, recebeu o cheque de R\$ 100 mil referente ao 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. Na cerimônia, realizada na cidade gaúcha na noite da última segunda-feira (26), ele anunciou que, a partir do próximo semestre, vai se dedicar exclusivamente às letras.



Cristovão Tezza recebe prêmio e anuncia desligamento de universidade paranaense

Divulgação

O escritor trabalha há mais de 20 anos como professor de língua portuguesa da Universidade Federal do Paraná. Agora, ele pretende pedir desligamento da instituição.

"Este será meu último semestre como professor. Desde os meus 13 anos resolvi ser escritor, mas também precisava arrumar uma maneira de ganhar dinheiro. Agora consegui, e esse dinheiro terá que durar a minha vida toda."

No início de 2010, ele deve entregar à editora sua nova obra ("Um Erro Emocional", nome provisório). Tezza afirmou que escreve, de segunda a sexta, uma página e meia por dia. "Um romance tem que se construir todo dia."

Sobre o sucesso de **"O Filho Eterno"**, o autor informou que já foram vendidos mais de 30 mil exemplares. A obra relata como criar um filho com síndrome de Down.

"O livro era muito pessoal e estava com medo da crítica. Não estava com muita expectativa positiva, mas a obra foi um sucesso de vendas."

Tezza assina quinzenalmente o "Rodapé Literário" da Ilustrada, aos sábados ([leia última edição, só para assinantes](#)).



Alta Almeida/Folha Imagem

Autor de "O Filho Eterno" diz que vai lançar novo livro no ano que vem

busca

Folha Online Folha de S.Paulo

Buscar

Ministério da Cultura
Outros de governo

Quarta-feira, 27 de outubro de 2009
15 Cultura em Movimento
11 de 134
100
100

O MINISTÉRIO
POLÍTICAS, PROGRAMAS E AÇÕES
APOIO A PROJETOS
EDITAIS
LEGISLAÇÃO
DIÁLOGO DA CULTURA



Página inicial » Notícias do Minc, O dia-a-dia da Cultura » Largo da Literatura
Arte de Nádia Moya

27 de outubro de 2009

Largo da Literatura

Programa Mais Cultura do Minc inaugura Ponto de Leitura na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul

Exposição do Mais Cultura e Cultura Viva marca presença na 13ª Jornada Nacional de Literatura



Cerimônia de inauguração do Ponto de Leitura (Foto: Thiago Lermen)

Inaugurado na tarde dessa segunda-feira, 26 de outubro, pelo diretor de Livro, Lettura e Literatura da Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Fabiano dos Santos Piaba, o Ponto de Leitura Largo da Literatura de Passo Fundo.

O evento integrou a programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece de 26 a 30 de outubro, na Universidade Federal de Passo Fundo (UFPA), no Rio Grande do Sul.

Em seu pronunciamento na cerimônia, o diretor do Minc destacou que o novo espaço, localizado no centro de Passo Fundo, no Largo da Literatura, representa "um passo mais fundo para a promoção da leitura no país, a partir do reconhecimento de projetos da sociedade que contribuem para a formação leitora".

Para o secretário de Desporto e Cultura de Passo Fundo e diretor da Faculdade de Artes e Comunicação, César Augusto Azevedo dos Santos, o momento de inaugurar esse ponto não poderia ser melhor. "O ponto é um reconhecimento oficial para Passo Fundo que vem se constituindo como uma referência em termos de leitura, tanto que tivemos hoje a apresentação do Plano Municipal do Livro e Lettura", disse.

A inauguração do Ponto de Leitura Largo da Literatura também contou com a presença do poeta, costista, publicitário, editor e músico Ricardo Silveirinha, além de autoridades locais.

Ponto de Leitura - Ação do Programa Mais Cultura, que integra a Agenda Social do Governo Federal, tem como principal meta democratizar o acesso da população a equipamentos e serviços culturais de qualidade. No Rio Grande do Sul, 29 Pontos de Leitura foram selecionados por meio de edital nacional, entre eles o Largo da Literatura. Em todas as regiões brasileiras, foram premiadas 514 iniciativas de fomento à leitura, de pessoas físicas e jurídicas, em bibliotecas comunitárias, Pontos de Cultura, hospitais, sindicatos, presídios, associações comunitárias, entre outros, que investem em acervos e atividades que estimulem e qualifiquem a leitura. Cada Ponto de Leitura recebe prêmio de R\$ 20 mil em acervo de 650 livros, computador, mobiliário, almofadas, pufes e tapete, além de gibão da Turma da Mônica doados por Maurício de Sousa.

Mostras Expositivas

Também nessa segunda-feira (dia 26) foram inauguradas as exposições da 13ª Jornada Nacional de Literatura, dentre as quais a mostra referente aos Programas do Ministério da Cultura Mais Cultura e Cultura Viva. Desde 1981, quando foi realizada a 1ª Jornada Sul-Riograndense de Literatura, houve a preocupação de colocar ao lado do livro outras manifestações culturais.

A coordenadora das Jornadas, professora Tania Rösing, destacou o compromisso em formar leitores conectados com as diferentes manifestações artísticas. "Há que aumentar o número de visitantes em museus, de espectadores de espetáculos de dança, de admiradores da arquitetura. Não podemos formar apenas o leitor do texto impresso", sintetizou.

Participaram da abertura da exposição, no Centro de Eventos da Universidade Federal de Passo Fundo, o ministro da Educação, Fernando Haddad; diretor de Livro, Lettura e Literatura da SAU/Minc, Fabiano dos Santos Piaba, representando o Ministério da Cultura; José Castilho Marques Neto, Secretário Executivo do PILL; os deputados federais Beto Albuquerque e Vieira da Cunha e os deputados estaduais Luciano Azevedo e Alki Breier; o prefeito de Passo Fundo, Alirton Dillo; a reitora em exercício da Universidade, Eliane Coluzzi; o vice-presidente da FURF, Jocarly Patrocínio de Souza; além de diretores de unidades e professores da instituição universitária.

Minc apela Jornada - O Ministério da Cultura está apoiando a realização da 13ª Jornada Nacional de Literatura com R\$ 400 mil. Outros seis eventos acontecem concomitantemente no âmbito da Jornada: Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras, Seminário Internacional de Contadores de Histórias, 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, 3º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Lettura e Patrimônio Cultural e 5ª Jornada Nacional de Literatura.

Artigos relacionados

- Livroteca do Ibope terá o primeiro Ponto de Leitura do país
- Jornada Nacional de Literatura
- Cultura nos municípios
- Vilão e Vilgas visitam o Ministério da Cultura em busca de recursos para Alagoas
- Último dia para concorrer aos pontos de cultura

NOVEM DE TAGS

Audióvisual cultura Diversidade Cultural estado brasileiro governo federal Juca Ferreira Lei Senado Minc Ministério da Cultura Ministro Juca Ferreira Na mídia Participação Social Plano Nacional de Cultura PNL Política cultural políticas públicas Programa Mais Cultura

🔍 O que é novem de tags?

Ministério da Cultura
Detalhes do governo

quarta-feira, 28 de outubro de 2009
Cultura e em Movimento
Mapa do site
Faça login no Ministério

O MINISTÉRIO
POLÍTICAS, PROGRAMAS E AÇÕES
APOIO A PROJETOS
EDITAIS
LEGISLAÇÃO
DIÁ-Á-DIA DA CULTURA



Página inicial » Notícias do Minc, O dia-a-dia da Cultura » Jornada Nacional de Literatura
Arte de Sandra Ronca

BUSCAR

Enviar por e-mail
Imprimir este post

23 de outubro de 2009

Jornada Nacional de Literatura

Décima terceira edição, de 26 a 30 de outubro, em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul

Programa Mais Cultura do Minc Inaugura Ponto de Leitura durante a 13ª Jornada Nacional de Literatura

O Ponto de Leitura Largo da Literatura de Passo Fundo será inaugurado na segunda-feira, 26 de outubro, às 16h, como parte da programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece na próxima semana naquela cidade gaúcha. Participa do evento o diretor de Livro, Leitura e Literatura da Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Fabiano dos Santos Pluba.

No Rio Grande do Sul, 29 Pontos de Leitura foram selecionados no I Concurso Pontos de Leitura. Em todas as regiões brasileiras, foram premiadas 514 iniciativas de fomento à leitura, de pessoas físicas e jurídicas, em bibliotecas comunitárias, Pontos de Cultura, hospitais, sindicatos, presídios, associações comunitárias, entre outros, que convidam em acervos e atividades que estimulem e qualifiquem a leitura.

"São iniciativas de grande importância para democratizar o acesso aos livros e estimular a formação leitora no país", explica Fabiano dos Santos Pluba. Cada Ponto de Leitura recebe prêmio de R\$ 20 mil em acervo de 650 livros, computador, mobiliário, almofadas, pufes e tapete, além de gibis da Turma da Mônica doados por Mauricio de Sousa.

O Ponto de Leitura é uma ação do Programa Mais Cultura, que integra a Agenda Social do Governo Federal, e tem como principal meta democratizar o acesso da população a equipamentos e serviços culturais de qualidade. Em todo o país, entre 2008 e 2009, estão sendo investidos mais de R\$ 150 milhões em ações de livro e leitura. No Rio Grande do Sul, destacam-se a implantação de 47 bibliotecas públicas municipais e a modernização de outras 21 unidades, com verba total de R\$ 4,8 milhões no orçamento de 2008.

Cada município, uma biblioteca - Até o fim de dezembro, o Minc, por meio do Mais Cultura, pretende zerar o número de municípios brasileiros sem biblioteca pública. "A Fundação Getúlio Vargas nos auxilia, desde o início do setembro, no levantamento que dará subsídios para atingirmos a meta de uma biblioteca por município", afirma Pluba. Os kits entregues às prefeituras contêm dois mil livros, mobiliários, computador, televisão de 29 polegadas, aparelho de DVD e de som. Em contrapartida, os municípios disponibilizam o espaço físico e contratam bibliotecários. Saiba mais.

Apoio Institucional



O Ministério da Cultura está apoiando a Jornada Nacional de Literatura de 2009, a ser promovida de 26 a 30 de outubro, na Universidade Federal de Passo Fundo.

Além do aporte financeiro de R\$ 400 mil em recursos do Fundo Nacional da Cultura, o evento contará com dois estandes dos Programas Mais Cultura e Cultura Viva, montados no Campus I da UFF.

Outras seis iniciativas serão realizadas concomitantemente no âmbito dessa 13ª edição da Jornada: o Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras, Seminário Internacional de Contadores de Histórias, 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, 3º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural e 5ª Jornada Nacional de Literatura.

PÁGINAS RELACIONADAS

- [Livroteca do Bode terá o primeiro Ponto de Leitura do país](#)
- [World Digital Library](#)
- [Solenidade de Premiação](#)
- [Programa Mais Cultura na Paraíba](#)
- [Programa Mais Cultura em Minas Gerais](#)

NUVEM DE TAGS

Audióvisual, cissena cultura, Diversidade Cultural estado brasileiro governo federal, Juca Ferreira Lej Rouquet, minc, Ministério da Cultura, Ministro Juca Ferreira, Na Mídia, Participação Social, Plano Nacional de Cultura, pnc, Política Cultural, políticas públicas, programa mais cultura

🔍 O que é nuvem de tags?

OK

- EBAND
- JORNALISMO
- ESPORTE
- ENTERTENIMENTO
- COLUMNISTAS
- VIDEOS



Tecnologia

Quarta-feira, 28 de outubro de 2009 - 17h32

Professor defende Twitter como aliado da leitura

Divulgação
zoom @
Da Redação
tecnologia@band.com.br



30
de outubro ocorre o debate sobre impresso e multimídia

A 13ª Jornada Nacional de Literatura, que ocorre até a próxima sexta-feira (30) em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, apresenta discussões sobre a leitura e a multimídia. Entre os participantes dos seminários está o professor José Luz Goldfarb, que promove um debate sobre o papel do Twitter no incentivo à leitura.

Goldfarb não acredita que o microblog possa conduzir a uma perda na capacidade de escrita da língua portuguesa ou na qualidade da elaboração dos pensamentos. "A mensagem não se encaixa com os 140 caracteres. Pode ser complementada com o envio de links interessantes sobre os mais diversos artigos", afirmou.

Segundo o professor, como toda nova forma de comunicação, é um desafio saber utilizar a rede social. "A mídia, por exemplo, tem grandes desafios pela frente, já que o Twitter acabou com grande parte dos turos jornalísticos", completou.

Goldfarb participa do último dia do oitavo Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, que tem como tema "A promoção da leitura: do impresso à multimídia", no auditório do ICEG (Instituto de Ciência Exatas e Geociência, da Universidade de Passo Fundo).

Leia mais:

- Twitter ultrapassa cinco bilhões de mensagens
- Pesquisa mostra que usuários utilizam o Twitter até do banheiro

pub.0202

OFERTAS

EBAND	
JORNALISMO	
VIDEOS	
BRASIL	
MUNDO	
ECONOMIA	
CIDADES	
TECNOLOGIA	
SAÚDE	
GALERIAS DE FOTOS	
IRREGULARS	
ESPORTE	
ENTERTENIMENTO	
TEMPO	
TRÂNSITO-SP	
BLOGS	
CHAT	
COLUMNISTAS	
PODCASTS	
RSS	
TELEVISÃO	
BAND	
BOA TARDE	
BRASIL URGENTE	
CANAL LIVRE	
EXA	
JORNAL DA BAND	
JORNAL DA NOITE	
PRIMEIRO JORNAL	

FOLHA ONLINE
Em casa | Ambiente | Bolsa | Política e Saúde | Comida | Cotidiano | Diversão | Educação | Esportes | Estética | Informática | Mundo | Turismo

LIVRARIA DA FOLHA
www.folha.com.br

LANÇAMENTOS | MAIS VENDIDOS | RECOMENDADOS | PRE-VENDA | TALE COM A GENTE

ESCOLHA POR ASSIUNTO

REPORTAGENS

busca

☺ Folha Online ☺ Folha de S. Paulo

Buscar

28/10/2009 - 07h00

Livro-robô anima feira literária em Passo Fundo (RS)

da Livraria da Folha

Um robô que vira livro é o símbolo da 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS). Criado pelo artista porto-alegrense Abner Lima Filho, ele traduz o slogan desta edição do evento: "Arts e tecnologia: novas interfaces", frase que remete às novas tendências de leitura.


O livro-robô tem 1m50 de altura, chega a 2m quando se transforma em livro, e foi desenvolvido na oficina dos cursos de engenharia elétrica e engenharia mecânica da Universidade de Passo Fundo. Desde abril, uma equipe de estudantes e professores trabalha no projeto. O robô tem autonomia de meia hora.

Entre seus movimentos, estão caminhar, abrir os braços e se transformar em livro, movimentar a face e iluminar os olhos. O filme da série "Transformers" inspirou a equipe.

O coordenador do projeto, professor Edison Acco, conta que o robô foi construído com alumínio, um tipo de alumínio mais resistente e leve. Quase todas as peças são nacionais (o sistema de motores foi importado). Foi desenvolvido um software específico, em que foram criados os cálculos e cada uma das peças do protótipo. No total serão 32 motores que precisam funcionar sincronizados, dando movimento às peças.

A ideia é que ele continue sendo usado pelos novos alunos dos cursos, sendo um referencial de robótica na UFR e, no futuro, ande sozinho, reconheça pessoas pela voz e imagem. Esse é o sonho da equipe.

Divulgado



Livro-robô, desenvolvido por alunos e professores, anima feira em Passo Fundo

O Nacional - Quarta-feira, 28 de outubro de 2009

ON entrega prêmio Tarso de Castro

DAIANE COLLAOV

Prestar uma justa homenagem aos responsáveis pela realização das Jornadas Literárias de Passo Fundo é o objetivo do Grupo Editorial O Nacional ao entregar o prêmio Jornalista Tarso de Castro. As primeiras homenagens foram feitas no final da tarde de ontem, no estande de O Nacional, no Centro de Lazer e Cultura Popular, palco da 13ª Jornada Nacional de Literatura. O diretor presidente do Grupo Editorial O Nacional, Mício de Castro Filho, salientou que o prêmio é uma justa homenagem a grandes pessoas. O nome do prêmio, segundo ele, não poderia ser mais sugestivo. Tarso de Castro, irmão de Mício Filho, foi um dos maiores jornalistas brasileiros, responsável pela revolução da relação entre imprensa e poder. "Ele sempre foi um homem à frente do seu tempo assim como as pessoas que auxiliaram e auxiliam na consolidação da Jornada", frisou.

O ex-vice-reitor Acadêmico da UPF e ex-secretário de Educação, Elido Alcides Guareschi foi o primeiro homenageado. Ele lembrou o trabalho e a dedicação que sempre teve para com a Jornada e aproveitou para comparar Tania Rosing ao bispo Dom Claudio Colling. "Durante essa caminhada, sempre digo que duas pessoas sempre me marcaram pela impetuosidade. O bispo Dom Claudio Colling e Tania Rosing.

São pessoas que, quando querem alguma coisa, lutam sempre para conseguir, e conseguem. Fico feliz que Passo Fundo tenha pessoas assim. Bendito sejam os imprevistos."

A coordenadora das Jornadas Literárias, professora Tania Rosing, contou um pouco da trajetória da Jornada e a relação do evento com o jornal O Nacional. "Esse, para mim, é o reconhecimento do mais importante e mais tradicional jornal da cidade, que sempre teve relação direta com os movimentos culturais", disse. Além disso, ela garante que é o reconhecimento de 28 anos de muita dedicação e trabalho. "Quando iniciamos essa caminhada, o apoio de O Nacional foi muito importante, divulgando um evento que poucos tinham ouvido falar. Esse evento também tem relação com a figura de Mício de Castro e com o jornalista Tarso de Castro, auxiliando na formação de leitores de livros, jornais, artes e também da tecnologia", salientou.

Para o prefeito Airton Dipp,

outro homenageado, a Jornada é o principal evento cultural de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul na área da literatura, com grande projeção. A realização da Jornada é fundamental para a cidade, tornando o evento cada vez mais marcante.

Buscamos sempre cumprir nosso dever de acreditar apoiar esse evento", frisou. O deputado Federal Beto Albuquerque, autor da lei que denomina Passo Fundo Capital Nacional da Literatura, e eterno incentivador do evento, agradeceu o reconhecimento e garantiu a continuidade de seu apoio às novas edições da Jornada.

Ao longo da semana, outras personalidades responsáveis pelo surgimento, crescimento e consolidação da Jornada serão homenageadas com uma placa de bronze com a imagem de Tarso de Castro. Uma delas caberá à jornalista Fátima Trombini (in memoriam), figura responsável pela divulgação da Jornada de Literatura até os últimos dias de sua vida nas páginas de O Nacional, onde ela atuou por quase 20 anos.

Próximos homenageados

Deputado estadual Luciano Azevedo
Empresário Marcelo Zaffari (in memoriam)
Escritor Josué Guimarães (in memoriam)
Ex-reitor da UPF, Bruno Markus
Jornalista Fátima Trombini (in memoriam)



Tania Rosing (1), Beto Albuquerque (2), Airton Dipp (3) e Alcides Guareschi (4) foram os primeiros homenageados da semana

Entrega do prêmio foi no estande de O Nacional



O verão está chegando...
Com a chegada do verão, dê um passo para cuidar mais, rosto e corpo com a **hidratante** da Feliche.

Feliche
Lieve e Avendef

EVENTO

A incrível terra da leitura no Brasil

Passo Fundo realiza até a próxima sexta-feira a 13.ª Jornada Nacional de Literatura, com a presença de convidados de 11 países

Marco Renato dos Santos

Crístopio Tezza vive dias de glória. Instantes após desembarcar do avião, no aeroporto de Passo Fundo, o escritor catariense radicado em Curitiba foi abençoado por alguns leitores que pediam autógrafos. Tezza, que acaba de retornar de temporada europeia, onde permaneceu por 16 dias, para lançar romance *O Filho Ilétrico* (Record) em três idiomas (francês, catalão e holandês), também foi a mais concorrida e celebrada da noite da última segunda-feira (26), durante a cerimônia de abertura da 13.ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS).

O escritor, colunista da *Gazeta do Povo*, foi tão, talvez até mais, aplaudido, do que o ministro da Educação, Fernando Haddad. Tezza venceu a 5.ª edição do Prêmio Zaffari & Bourbon, com o romance *O Filho Ilétrico*, e recebeu, das mãos do prefeito de Passo Fundo, Airton Langaro Dipp, um cheque de R\$ 100 mil.

André Sant'Anna lendo. Fernando Mólca conversando com Akleone Araújo. Ignácio de Loyola Brandão concedendo uma entrevista após a outra. Eis algumas cenas de escritores brasileiros de variadas gerações, que antecedem a cerimônia de abertura do evento realizado na cidade que tem o maior índice de leitura do Brasil, 6,7 livros por ano — seis vezes mais que a média nacional (1,8).

A Jornada existe desde 1981 e só acontece devido a um esforço que reúne a Universidade de Passo Fundo (UPF), a prefeitura municipal, os governos estadual e federal e a iniciativa privada. O acontecimento, este ano com participação de convidados de 11 países, tem como cenário o campus da UPF, cinco quilômetros distante do centro da cidade, que tem 195 mil habitantes e está situada no norte gaúcho, a 300 quilômetros de Porto Alegre.



Prefeito de Passo Fundo, Airton Langaro Dipp, entrega o cheque simbólico, de R\$ 100 mil, ao escritor Crístopio Tezza.

Estilo

A organizadora da Jornada, a professora e doutora em Teoria Literária Tânia Rösing, é carinhosamente chamada de "Tânia". É ela quem impulsiona esse evento", afirma Luis Augusto Fischer, professor e escritor gaúcho. Dezesseis autoridades, incluindo deputados estadual e federal, um vereador, e — entre outros — o escritor Pedro Bandeira, estavam no palco durante a cerimônia de abertura, que aconteceu dentro da maior lotação que se fosse um circo do evento. Todos elogiaram Tânia. Foi ela, por exemplo, quem conseguiu um avião particular para levar e trazer Chico Buarque, a atração de 2007.

Tânia, na presença da secretária de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, Mônica Leal, criticou o fato de a Jornada acontecer, "apesar da crise, da gripe suína, das chuvas da primavera e da ausência dos recursos da lei estadual de cultura". Toda vez que algum convidado pronunciava o nome Yeda Crusius, governadora do estado, a plateia viajava. "Fora Yeda" é uma inscrição constante nos muros de Passo Fundo.

O ministro da Educação afirmou que o governo federal pretende divulgar, em todo o Brasil, o exemplo, segundo ele, "paradigmático" de Passo Fundo, "que precisa ser disseminado porque contribui para elevar os índices de leitura".

O estudante de Jornalismo da

UM BRASIL DIFERENTE

Saiba mais sobre o que está acontecendo em Passo Fundo

Miragem?

Um político sendo aplaudido? Possível, o deputado federal Beto Albuquerque, em seu caminho para articular apoios para o evento, foi muito aplaudido durante a cerimônia de abertura.

Lonas

Além da lona principal, há outras quatro "loninhas", como se fossem pequenos circos, onde acontecem alguns eventos da Jornada. Há, ainda, um pavilhão coberto, em que editores estão cobertando, incluindo espaço para sessões de autógrafos.

Aunilho

No Rio Grande do Sul, a união faz a força. Em Passo Fundo, a prefeitura, aliada à universidade, articulou apoios. A organizadora da Jornada, Tânia Rösing, lamentou a falta de verbas da lei estadual de cultura, mas

convidou o governo, que enviou a secretária da Cultura para participar. Apesar da crítica, no Rio Grande do Sul, todos os municípios comemoram no mesmo espaço.

Umolhar

É possível sentar em um banco, em ruas do centro de Passo Fundo, sem ser incomodado por pedintes, algo cotidiano em qualquer grande cidade brasileira. O transporte público de Passo Fundo tem vários ônibus novos, com paisagem a R\$ 2. Dentro dos coletivos, tem rádio que toca rap; os passageiros conversam muito entre si.

Despertador

No Hotel San Silvério, onde estão hospedados muitos dos convidados da Jornada, é possível acordar com badalar do sino de uma igreja. Há pelo menos uma dúzia de churrascarias nas imediações.

UPF Afonso Gobbi, de 20 anos, confirma que os programas de leitura, estimulados durante o ano na cidade, formam leitores. "A leitura é um hábito disseminado na cidade, em todas as classes sociais", afirma. Ele, natural de Lajes (SC), souber o Crístopio Tezza, também letrado, abriu um sorriso e parabenizou

o premiado e célebre escritor. "É uma honra conhecer, pessoalmente, não apenas o mais ilustre cidadão nascido em Lajes, mas o escritor mais importante do Brasil neste momento".

Crístopio Tezza, a convite da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

JORNADA DE LITERATURA

Tiago Lemos/OPF

Debate sobre livro digital em Passo Fundo

Publicado em 29/10/2009 | MARCO RENATO DOS SANTOS

Fale conosco

Passo Fundo - A tecnologia tem pautado a maior parte dos debates em Passo Fundo. O mote, inclusive, é tema da 13.ª Jornada Nacional de Literatura, que segue até a próxima sexta-feira (30). O livro digital, que monopolizou as discussões durante a mais recente Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha, também está presente nas conversas formais, e mesmo nos bate-papos em mesas de restaurantes e bares da cidade gaúcha.

"O livro eletrônico não vai substituir o livro convencional", disse o jornalista e escritor Fernando Molica (O Ponto da Partida), durante o debate intitulado Jornalismo, Cinema e Internet, realizado na tarde da última terça-feira (27), dentro da maior loja, chamada Circo da Cultura. Aproximadamente cinco mil pessoas, a maior parte crianças e adolescentes, acompanharam o encontro, em meio a uma temperatura que ultrapassava os 20°C.

Molica comentou que, da mesma maneira que a televisão não substituiu o cinema, o livro digital não apenas não vai acabar com o livro tradicional, como também vai reinventar e valorizar esse tradicional suporte em papel. "Os internautas se aprofundam pesquisando e lendo obras impressas", completou.

O cineasta Jorge Furtado, a exemplo de Molica, e de outros, também defendeu o diálogo entre plataformas, ou seja: o digital não decreta o fim do impresso, ao contrário: um complementa o outro.

O jornalista e escritor Guilherme Fúza (Meu Nome Não é Johnny) defendeu a internet como instrumento para a afirmação do indivíduo em meio a uma massificação jamais vista na História. "Como uma pessoa vai chamar a atenção em meio a tanta gente? O sujeito pode vir a ter voz com um blog. O blog, que jamais substituirá os impressos, viabiliza ao indivíduo a possibilidade de ele emitir opinião, criar interlocução e se afirmar", disse Fúza.

Ele ainda defendeu a não-moderação dos comentários dos internautas, prática que adotou desde que atuava no extinto site www.nonissimo.com.br, e que também utiliza agora no blog em que escreve, que é hospedado no portal da revista Época.

"Mesmo que os comentários sejam formados apenas por palavras de baixo calão, agressão e calúnia, acredito ser imprescindível publicar tudo. Pela minha experiência, sei que, com o tempo, tudo se acerta. Até quem, em um primeiro momento, apenas xinga, posteriormente passa a emitir comentários consistentes e elaborados", comentou Fúza.

Um dos coordenadores dos debates, o escritor Alcione Araújo, observou que a tecnologia acaba, lenta, mas irreversivelmente, se incorporando ao ser humano. "A internet, que poderia nos pacificar, pois foi idealizada para facilitar a nossa vida, está deixando todos nós mais agitados, devido à velocidade de transmissão das informações. Precisamos estar atentos a isso", disse.

O papel é eterno

Na manhã de ontem, o escritor, roteirista e cineasta mexicano Guillermo Arriaga (Esquadrão Guibovina, Babel, Amores Bruños), afirmou, durante entrevista coletiva, que não acredita no livro digital, para ele, "muito imperfeito". "Diferentemente do impresso, que você pode levar para qualquer lugar, arremessar, dobrar as páginas, e onde se pode anotar. O livro de papel não 'acaba' com a falta de luz. Quer algo mais perfeito que um livro? Não existe", afirmou.

Arriaga também defendeu a legalização do uso de drogas no México, onde o narcotráfico praticamente domina a sociedade e impõe "pena de morte", além de ter elogiado Barack Obama e de definir Hugo Chávez como "algo criado dentro de um laboratório pela elite venezuelana" - a matéria completa sobre Arriaga será publicada na edição do próximo sábado (31).

O jornalista viajou a convite da organização da Jornada de Literatura de Passo Fundo.



Livro que também é usado, os "tablets" foi entregue durante a cerimônia de abertura.

Cooperação Brasília	Gazetinha
 <p>A defesa de Aquino</p> <p>ATUALIZADO Há 12h</p>	 <p>Vamos bater um papo com Kristen Stewart e Taylor Lautner - O documentário de</p> <p>ATUALIZADO Há 12h</p>

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- Assunto:
- 13:59 TEMPO Chuvas serão 80% acima da média do...
 - 13:59 BRASILEIRÃO Em duelo pelo topo, Washingt...
 - 13:59 BRASILEIRÃO Defensora marca, Corinthian...
 - 13:59 BRASILEIRÃO Baruel faz 2 a 0 no Flaming...
 - 13:59 FIM DA LIGA OP de Abu Dhabi estreia em...
 - 13:59 VÔLEI Seleção brasileira comemora nova r...
 - 13:59 BRASILEIRÃO Com gol aos 49 minutos do sa...
 - 13:59 BRASILEIRÃO Gênio bate o Aílton por 3 a 1...
 - 13:59 FUTEBOL INTERNACIONAL Tórnico Casco res...
 - 13:59 VALE-TUDO Maurício Shogun entra contra j...
 - 13:59 VÔLEI Brasil sai no grupo de Cuba, Españ...
 - 13:59 TÊNIS Nova número 1, Serena Williams de...
 - 13:59 BRASILEIRÃO Diante das circunstâncias, e...
 - 13:59 OLIMPÍADAS 2016 Brasil não vai desist...

MAIS LIDAS DO DIA

- 13:59 SEGURANÇA Hospital nega morte enofólio...
- 13:59 FILHO DO COMANDANTE DOS BOMBEIROS Amigo...
- 13:59 PROTESTO Banheiros do HSEB foram parali...
- 13:59 SEGURANÇA Adelta de torcida Ucria 4 a...
- 13:59 TRANSÍTO Moradores das Marés aprovam m...
- 13:59 JUDICIÁRIO Eleito assessor omegeu: 7,1...
- 13:59 COPA 2014 Atlético rejeita linha de at...
- 28/10/2009 Lista de falecidos...
- 13:59 LITORAL Alunos e servidores da UFRR pre...
- 13:59 GRADUAÇÃO Secretários contra o estred...

Cinema
Filmes em cartaz, horários e locais das sessões



/ edição do dia 29/10/2009

R\$9

29/10/09 - 21h09 - Atualizado em 29/10/09 - 21h38

RS respira literatura em jornada

Cada encontro é preparado com dois anos de antecedência. Assim, antes de ficar frente a frente com os autores, os 22 mil participantes já conhecem bem os livros.

Tamanho da letra: A- A+



últimas edições

4	out 2009					
0	5	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

seções

Primeira Página

Última Edição

Séries

Debate JN

JN Especial

História do JN

Redação

Newsletter

Vídeos

Fale Conosco

tv globo

Jornal Nacional

Jornal Hoje

Jornal da Globo

Bom Dia Brasil

mais programas

globo news

Em Cima da Hora

Conta Corrente

Jornal das Dez

mais programas

outras mídias

jornais e revistas

rádios

todos os sites da globo.com



★★★★★ < de sua nota

ela é professora de letras e começou um mestrado

"A jornada em si me levou a criar essa paixão pela literatura e querer levar isso por toda a minha vida", contou ela.

Cada encontro é preparado com dois anos de antecedência. Assim, antes de ficar frente a frente com os autores, os 22 mil participantes já conhecem bem os livros.

O mexicano Guillermo Arriaga, roteirista de filmes como Babel, ficou encantado com a movimentação cultural. Segundo ele, demonstra que o livro segue sendo parte fundamental da vida cotidiana do povo brasileiro

O livro é uma obra que ganha movimento na imaginação do leitor a cada vez que se abre. Um antigo jeito de aprender, mas que se transforma e acompanha as novas tecnologias.

"O livro vai continuar seja como e-book, seja na forma tradicional. Não interessa o suporte, o que interessa é que a literatura não vai morrer", afirmou o escritor Ignácio de Loyola Brandão.

Se depender da jornada, ela vai continuar a crescer misturando livros, arte e tecnologia.

"Agora, o nosso trabalho é localizar dentro de todo esse complexo de ferramentas a literatura. Ninguém é um leitor, sem ser um leitor literário, porque ninguém vive sem magia", declarou a coordenadora da jornada, Tânia Rosing.

Saiba mais sobre a Jornada

Para mais detalhes sobre a 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, [entre aqui](#).

Você poderá ver **quais são os autores que participam desta jornada**, e ler um pouco sobre o perfil de cada um.

Os organizadores indicam também **uma lista de autores e livros que têm relação com as discussões da Jornada**, além de sugestões de leitura para as crianças.

Contra também a **programação do Seminário Internacional de Contadores de Histórias**, que faz parte da jornada de literatura. O tema do seminário é "O texto escrito na narração oral: o estilo e a autoria".

Uma cidade gaúcha vai passar cinco dias respirando literatura com encontros entre leitores e escritores. Mas a repórter Patrícia Cavaleiro mostra que a integração entre eles começa bem antes.

É debaixo de lonas coloridas que se lança o desafio: formar novos leitores. Só que nesse círculo da cultura, os malabaristas são os escritores. E eles dedicam cinco dias ao respeitável público.

Um público de leitores que cresceu junto com a Jornada de Literatura de Passo Fundo. A professora Gabriela Luft começou a participar com 9 anos de idade e nunca mais largou os livros. Hoje

publicidade



/ primeira página G1

Michelli e Zetey chegam a acordo em Honduras



AMAZÔNIA
Avião desaparecido deu sinal de alerta após decolagem



FERADO
PROLOGADO
Sabe qual é o melhor horário para pagar a entrada em SP?



HIBRIDADA
POR MULTÍDÃO
Alma que foi à aula de rítmica curta de 15 minutos de cotopaxi

INTERNET
Aproveite uso de links com caracteres não-romanos

» [leia mais da primeira página](#)

/ plantão G1

Sex, 30/10/2009

07h56 | São Paulo
Praça para usar bola Fútsal Paulista no abastecimento do PVA termina no sábado

07h56 | Mundo
Grupo pró-Zetey celebra acordo em frente à Embaixada em Honduras

07h56 | Rio de Janeiro
Acidente de ônibus deixa 25 feridos em Capacabana

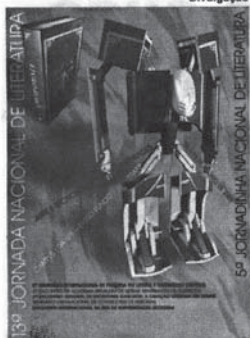
» [todas as notícias](#)

TECNOLOGIA E LITERATURA

Jornada Literária de Passo Fundo aborda novas iniciativas

Até 30 de outubro acontece a 13ª edição da Jornada Nacional Literária de Passo Fundo (RS). Realizado há 28 anos no Circo Cultural montado no Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF), o evento reúne autores brasileiros e estrangeiros para debater os rumos da li-

Divulgação



A 13ª edição da Jornada Nacional Literária de Passo Fundo acontece até dia 30

teratura e incentivar a leitura. Uma atração à parte na Jornada deste ano é o livro-robô, criado pelo artista Abnel Lima Filho, que pode ser visto como o "mascote" do evento cujo tema é "Arte e Tecnologia: as novas interfaces".

Tânia Rosing, professora e coordenadora-geral da Jornada, falou sobre a importância da Jornada realizada na cidade considerada a Capital Nacional da Literatura: "Vale a pena insistir num trabalho contínuo, permanente, pre-ocupado, em primeiro lugar, com a formação de leitores". Perguntada sobre a condição do nosso país, no qual boa parte da população não tem a prática da leitura, Rosing explica que a Jornada está aí para tentar mudar essa situação. "Mobilizamos pessoas através de diferentes programas permanentes, a fim de que se transformem em lei-

tores e que possam estimular outras pessoas relutantes a se constituírem em leitores", diz a coordenadora.

Segundo a coordenadora do evento, a era digital não irá prejudicar os hábitos de leitura da nova geração. Ela acredita, ao contrário, que isso ajuda os jovens a praticarem mais. "Não se pode omitir a preferência dos jovens por essa nova forma de ler", explica Rosing, que, embora a importância da disponibilização de textos literários na internet, afirma que os livros não perderão seu lugar e reafirma.

Vinte e duas mil pessoas estão inscritas para participar da Jornada e prestigiar o encontro com os autores e o contato com a leitura. Será feita uma homenagem a Pedro Bandeira, autor do livro Os Karas, e Cristovão Tezza receberá R\$ 100 mil pela conquista do 6o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, pela obra O Filho Eterno, eleita pela comissão julgadora o melhor romance de língua portuguesa publicado nos últimos dois anos.

Informações: <http://www.jornadadeliteratura.upf.br/2009>.

A proximidade dos leitores

A função social do livro e da leitura na sociedade da convergência está longe de ser esquecida.

Refletir essa convicção em mim nasceu primariamente da participação, por conta de meus livros editados pela Cortez, na 13ª Jornada Nacional de Literatura e na 9ª Jornada Literária de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, cujo tema é "Arte e Tecnologia: Novas Interfaces". O evento começou na segunda-feira passada, dia 26 e termina amanhã, dia 30, com a participação de leitores de dezenas de municípios da região Sul e de autores nacionais e estrangeiros.

Em um cenário mundial permeado por novos paradigmas técnicos, tecnológicos e por novas configurações de signos de comunicação, a inclusão da tecnologia como a terceira perna de um conceito antes equilibrado em cultura e educação me parece um grande salto dado pela "Jornada", iniciada em 1981, por identificação da professora e doutora Tânia Reisinger, que em suas aulas tem representado os raros intelectuais que ainda pensam, articulam, falam, e que interferem com teoria e prática na nossa vida social, cultural e educacional.

A atenção especial à tecnologia traz uma nova inflexão ao evento. Algo com a mesma aguçada percepção que passou a dar importância à inflexão quando da criação da Jornada em 2001. Com isso, a geometria das narrativas ganha infinitas combinações e inumeráveis veios, em um momento que a urgência por buscas do essencial torna-se um dilema característico do cotidiano das aparências. Nessa tarefa de inverter o tempo para colocá-lo à serviço da vida, a palavra de Passo Fundo é aquela que redimensiona o sentido à relação entre as pessoas e das pessoas com as dimensões do viver com dignidade.

Em Passo Fundo o autor vale mais pela obra do que pelo poder de interferência da editora que comercializa o seu trabalho. Esse é um grande diferencial da Jornada Literária de Passo Fundo, embora, paradoxalmente, seja por isso, e por sua localização fora do eixo suddestino, que seu grande sucesso ainda não repercute tanto no País. Tomando como referência a realidade concreta e não apenas a realidade da mídia comercial, a Jornada é a maior e a mais importante festa da literatura e do livro no Brasil. Por ser um encontro do que somos com as formas com as quais nos exprimimos, as pessoas vivenciam a literatura e não apenas discutem sobre literatura em Passo Fundo.

Tomando a leitura em sua dimensão mais plena, a Jornada, promovida pela Universidade de Passo Fundo e pela Prefeitura Municipal, com o apoio de toda uma rede de instituições públicas e privadas, locais e nacionais, coloca autores, leitores e espectadores diretamente no processo de renovação do repertório de possibilidades para a construção de um futuro preferível. E pode ampliar substancialmente sua aplicação com o



O mais curioso é que as pessoas vivenciam a literatura e não apenas discutem sobre literatura em Passo Fundo (...). Com o tripé, cultura, educação e tecnologia, a Jornada dá um passo largo no

sentido de assegurar o futuro do livro. O autor vale mais pela obra do que pelo poder de interferência da editora que comercializa o seu trabalho. Esse é o grande diferencial da Jornada Literária de Passo Fundo.

vidas digitais terá seu lugar de destaque. "e-books", "e-readers" e "e-vision" e essas publicações eletrônicas, suportes para a visualização de ilustrações servem para dar impulso extraordinário à circulação de obras impressas, estáveis e compatíveis. Digital ou impresso, o que importa neste caso é que um livro tem como finalidade a leitura. As novas interfaces serão modeladas na complementaridade: a poder ser mais eficaz no papel noideário, de pesquisa e fácil de leitura instrumental, enquanto o outro, tende a cuidar do permanente, da leitura prazerosa e do uso mais humanizado das palavras.

Com o tripé, cultura, educação e tecnologia, Passo Fundo dá um passo largo no sentido de assegurar o futuro do livro. A capacidade de produção de no-

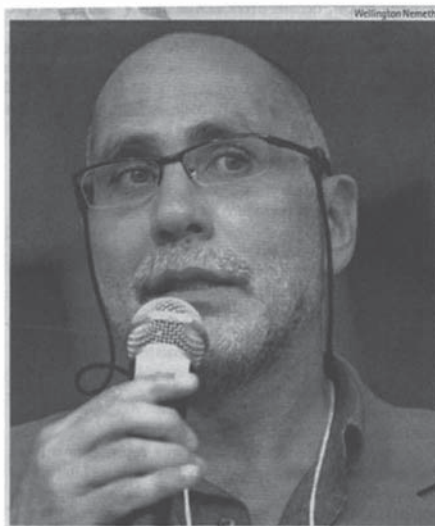
Raul Seixas, sem qualquer preocupação com crédito. A criação do Maluco Beleza diz assim: "Oh! Oh! Seu moço / do disco voador / me leve com você pra onde você for / Oh! Oh! Seu moço / mas não me deixe aqui / enquanto eu sei que tem / tanta estrela por aí". No single lançado da Jornada encontramos: "O linda moço / do disco voador / me leve pra Jornada / Sempre que você for / O linda moço / Só não me deixe aqui / enquanto eu sei que tem tanta estrela por aí".

Largo insignificante à parte, registrado apenas pela Armadilha Conservadora que representa, o certo é que a Jornada é uma festa coletiva que congrega dois anos essencialmente pessoais, o de escrever e o de ler, na linguagem que for. Mesmo que uma história seja produzida colaborativamente e mesmo que ela seja contada em grupo, ela parte e chega ao indivíduo que age e interage na coletividade. Assim, faz-se a formação de pessoas capazes de valorizar o texto literário, mas que sejam intérpretes das diversas linguagens e usuários dos diversos gêneros da mídia literária; significativas manifestações culturais, por meios impressos ou digitais, físicos ou eletrônicos.

Em seu discurso de abertura da Jornada a Jornalista disse que os estudantes já estão prontos para o uso das novas tecnologias; disse que cabe aos educadores, mimadores de azevém e demais responsáveis pela formação de crianças e adolescentes cumprir o desafio de ofertar vivências literárias, atualizadas, sem cultura, educação e tecnologia, de modo a preparar leitores entusiasmados, críticos e emancipados.

A Jornada e a Jornada são catilam uma série de eventos que convergem para a mesma data de suas realizações, agitando Passo Fundo: 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Letras e Patrimônio Cultural, 9º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, o Seminário Internacional de Estudos de História, o 2º Encontro Estadual de Escritores Galchos, o Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras e mais uma experiência de unidade de cursos, conferências, espetáculos, exposições, mostras de cinema e fotografia e festa de livro.

A cidade gaúcha, situada a 280 km de Porto Alegre, assume seu lugar no pódo de Capital Nacional da Lettura, por ser a primeira do País no "ranking" das cidades brasileiras em que mais se lê. Passo Fundo tem um pouco mais de 150 anos e uma população de cerca de 200 mil habitantes. É um entroncamento de relações sociais, econômicas e culturais, que atrai dezenas de outras cidades, apresentando um visível compromisso regional. Por isso, mais de uma centena de municípios aderiram ao projeto desde a pré-Jornada e pré-Jornada, quando são anunciados os autores selecionados, em encontro, curso e seminários, que visam estimular a leitura e a discussão das obras dos autores, pesquisadores e artistas convidados.



Guillermo Arriaga: debate na Jornada de Literatura de Passo Fundo

Guillermo Arriaga diz que 'cinema é literatura'

Um dos mais tradicionais encontros de letras do País também se rendeu à tecnologia. A Jornada Nacional de Literatura, que acontece há 28 anos em Passo Fundo (RS), procurou seguir a onda internacional e escalou autores para discutir Arte e Tecnologia em sua 13ª edição, encerrada quinta-feira.

Entre eles, está o holandês Wim Veen (da Universidade de Delf), um discípulo de Pierre Lévy, defensor da ideia da inteligência coletiva na internet (que também esteve em Passo Fundo às vésperas do evento), e a americana Emily Short (St. Olaf College, EUA), especialista em ficção interativa, que estuda o desenvolvimento dos games. Mas a grande estrela do

evento foi o roteirista e escritor mexicano Guillermo Arriaga, que acaba de se lançar na direção de longas com *Burning Plain* – que deve estreiar no Brasil em 4 de dezembro. Ele foi escalado para discutir cinema e literatura (“ambos são literatura”). À *Folhapress*, ele defendeu o trabalho autoral do roteirista, tema sensível que motivou o rompimento com o diretor Alejandro González Iñárritu, seu parceiro nos sucessos *Amores Brutos*, *Babel* e *21 Gramas*.

O autor de livros infantis Pedro Bandeira foi homenageado. O escritor Cristóvão Tezza recebeu o 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon, no valor de R\$ 100 mil, por seu romance *O Filho Eterno*. (FOLHAPRESS)

13ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA DE PASSO FUNDO

CHAVE DE OURO

Hoje é dia de Tom Zé

Compositor fecha a 13ª Jornada de Literatura com show e exaltação das novas tecnologias

Passo Fundo
LEANDRO BELLES

O sertanejo que faz hoje o show de encerramento da 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo é um entusiasta do cruzamento entre música e novas tecnologias.

Antônio José Santana Martins, o Tom Zé, desembarcou ontem em Passo Fundo para contar um pouco sobre sua relação com o mundo das letras. Ele confessa sem receio seu encanto com o mundo virtual. Mantém um blog⁽¹⁾ e é um incentivador da produção cultural de massa proporcionada pela internet. Ao desembarcar no Estado para participar de um evento literário, Tom se empolga e se prepara para o que define como um grande desafio.

—Aqui no Rio Grande do Sul é tudo mais visceral. As coisas são mais na carne, mais fortes, mais na cultura. É todo muito diferente, mas encantador.

Seduzido pelas possibilidades das novas tecnologias, o compositor, que participou de importantes movimentos culturais do país, como a Tropicália⁽²⁾, garante que o acesso à informação é uma forma de democratizar o mundo e de levar músicas e obras a todos, sem distinção. Apesar do debate sobre os supostos males provocados pela troca indiscriminada de conteúdo via web,

Tom Zé é categórico ao afirmar sua conformidade com essa realidade. Ele lembra que no dia em que a Igreja não conseguiu mais controlar a divulgação da Bíblia, o mundo se tornou mais humano.

—O músico perdeu os arcos. Ele não tem mais poder de controlar ela (sua produção). Mas isso também cria um contingente maior de público e acaba sendo, de certo modo, positivo.

Relação com livros vem da infância no sertão balano

Questionado sobre a relação com os livros, ele lembra um episódio vivido em sua infância no sertão balano. Foi lá, fechado em casa por conta da exasperada timidez, que começou a se aproximar da literatura. Dos primeiros textos para o amor à escrita foi apenas questão de tempo. Hoje consagrado, Tom Zé espera encerrar a festa das letras de Passo Fundo. Em sua opinião, é com confete, serpentina e, no caso de Passo Fundo, com livros, que se comemora um grande feito.

leandro.belles@zerohora.com.br

NOTAS

(1) O blog de Tom Zé na internet: <http://tomze.blogspot.com.br>

(2) Movimento cultural brasileiro que surgiu no final da década de 60 e revelou nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé.



Para Tom Zé, internet criou um público mais amplo para artistas

O Brasil não passou por uma cultura das letras, como na Europa. Temos de recuperar o tempo perdido.

LÚCIA SANTAELLA, professora, senacista e escritora, autora de "O que é Semiótica" e "Másteres da Linguagem e do Pensamento"

Jornada na TV

CANAL 36
2h - Camarote TVCOM (direto de Passo Fundo)

GADCH - Rádio Gaúcha
16h20min - Gaúcha Entrevista (direto de Passo Fundo)



O escritor Ignácio de Loyola Brandão é muito conhecido pelos livros que escreveu, mas essas histórias sempre foram feitas para gente grande. No ano passado, ele ganhou o prêmio de melhor livro infantil do país ao escrever *O Menino que Vendia Pa-lavras*. Foi a primeira vez que o escritor escreveu para crianças. Por causa disso, ele está na Jornada de Literatura explicando de onde

teve ideias para escrever essa história. Ele disse que se lembrou de coisas de quando ainda era pequeno e estava na escola. O resultado foi um livro que fala sobre um menino muito inteligente que ajudava os colegas da escola ensinando coisas que pouca gente sabia. A obra ficou tão legal que conquistou crianças e adultos.



Para ir hoje

- Arte e Convergência das Mídias - Mesa redonda com Aldemar Santos, Constanza Mékka, Emily Short, Tom Zé, Pedro Bandeira e Wilton Azevedo. Às 14h, no Palco de Debates
- Grupo Apocalypse - Show. Às 19h, no Palco de Debates
- Tom Zé - Show. Às 20h30min, no Palco de Debates

O ZEROHORA.COM

Confira bastidores da Jornada em www.zerohora.com/mandadinho e www.zerohora.com/tuomsonorito

13ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA

PASSO FUNDO (RS)
ARTE E TECNOLOGIA: novas interfaces.

A Jornada Nacional de Literatura promovida, de dois em dois anos, pela Universidade de Passo Fundo, no RS, sob a batuta incansável da professora Tânia Rösing, alcançou um sentido cultural além de todas as previsões iniciais.

Este ano, completa a 13ª edição e consolida a ideia de que a educação se faz com "homens e livros", segundo afirmara o genial escritor Monteiro Lobato. A organizadora de todas as jornadas até hoje, Tânia Rösing declara de forma clara e eloquente: "nós queremos incomodar as consciências". Portanto, o evento é sem dúvida um novo despertar, de pensar a educação brasileira. Mas é também parte do processo de mudanças na educação, cujo alvo é o homem, sobretudo, o professor por profissão e a criança como ser existencial em fase inicial de seu desenvolvimento humano.

A cada edição, a Jornada juntou mais e mais escritores das mais variadas áreas, palestrantes e debatedores com o fim de levar ao público a mensagem pura e simples de mais conhecimento. A abertura desta 13ª Jornada foi feita, pela primeira vez, por Fernando Haddad, Ministro da Educação, destacando a qualidade e organização, citando-a como exemplo a ser seguido por outros lugares do Brasil.

Todos os trabalhos, ao longo dos cinco dias (de 26 a 30 de outubro de 2009) se desenvolveram no fantástico Circo da Cultura, sob duas significativas faces: Jornada da Literatura para adultos, e Jornadinha, em horário especial, para as crianças, esta enriquecida com espetáculos cênicos.

A presença de escritores e colaboradores de renome nacional e internacional mostrou ainda mais a extraordinária importância dada a este evento cultural literário brasileiro. Eis, ao menos, os nomes destas personalidades chaves e marcantes: Guilherme Arriaga, Escritor; Wim Veen, Escritor; Carlo Fabretti, Escritor; José Eduardo Aqualusa, Escritor; Moascyr Scliar, Médico e Escritor; Márcio Ribeiro Leite, Homeopata e Psicólogo; André Sant'Ana, Escritor; José Eduardo Aqualusa, Escritor; Lúcia Santaella, Escritora; Constanza Mekis, Bibliotecária; Pedro Bandeira, Escritor Infanto-Juvenil; Inácio de Loyola Brandão, Escritor e Jornalista; Witon Azevedo, Artista Plástico; Ackmar dos Santos, Poeta e Mestre em Teoria Literária; Diana Domingues, Artista e Professora; Fernando Molicca, Escritor e Jornalista; Guilherme Fiuzza, Escritor; João Guilherme Estrella, Escritor; Ricardo Silvestrin, Escritor e Publicitário; Marcelo Dantas, Designer; Sérgio Leo, Escritor e Jornalista; Fernando Bonassi, Escritor; Jorge Furtado, Escritor e Cineasta; Antônio Carlos Santini, Diretor Técnico, Curador; e Alcione Araújo, Coordenador de Debates das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Mas a jornada não aconteceu apenas dentro do Circo da Cultura. Estendeu-se vistosamente por toda cidade de Passo Fundo, justificando certamente o belo e valioso título de Capital Nacional da Literatura. A revista Espaço Design esteve presente com sua equipe e registrou a magnitude e a beleza deste excelente acontecimento. Parabéns!



cadernog

PASSO FUNDO

O mito e a realidade dos fatos

Jornada Nacional de Literatura, realizada desde 1981 em Passo Fundo (RS), auxilia na formação de leitores, mas não atinge toda a população da cidade

Marcos Bonato dos Santos

A literatura transforma seres humanos. A frase bem que poderia ser o slogan da Jornada Nacional de Literatura, que este ano chegou à sua 13ª edição, realizada de 26 a 30 de outubro. A cidade gaúcha, distante 300 quilômetros de Porto Alegre, ao norte do estado, tem o maior índice de leitores por capita do Brasil. A mais recente pesquisa aponta que cada passo-fundense lê, em média, 4,3 livros por ano, cifra bem superior à média nacional (1,8). Essa realidade é fruto direto e indireto da Jornada, que espalha, para usar um clichê, a semente de sua vida.

Emanuel Cabelnicki e Sílvia Barbosa, ambas de 15 anos, alunas da primeira turma do ensino médio, contam que passaram a ler livros a partir de incitativas que, em conjunto, acontecem permanentemente na cidade. O primeiro Livro do Mês, a montagem do que o vencedor registra, ainda é uma obra, que é lida por quase todos os estudantes. Posteriormente, a favor do livro visita Passo Fundo para conversar com os alunos sobre o mundo, personagens, linguagens etc. No mês de setembro, elas e outros outros alunos leram o "Fonema de Ivo" e, em seguida, tiveram a oportunidade de dialogar com o autor, Rodrigo Lacerda.

Este ano é a quarta vez que Emanuel participa da Jornada. Sílvia também começou a frequentar o evento ainda menina: ele consultou três jornadas no currículo. As duas estudantes, beneficiadas pelo acompanhamento, nem eram nascidas quando, em 1981, a professora de Teoria Literária da Universidade de Passo Fundo (UPF) Tânia Böing começou que o curso de Letras era incapaz de dispor-se aos alunos e a intenção e o desejo pela leitura. Diante de uma crise com mais, ela conversou com o escritor e, então, José Guimarães, surgiu, entre outros, a ideia de que promovessem encontros com autores, mais que qualquer rima, poderia ser o núcleo.

Tânia boeing, mas Guimarães garantiu que alguns de seus amigos, como os poetas Mário Quintana e Carlos Nejar e o escritor Mucay Schlar, prestigiarão o evento. Não deu outra. Quintana, Nejar e Schlar assinaram mais de 100 poemas para a primeira edição. Dois anos depois, Guimarães convenceu outros amigos: Mílde Fernandes, Fernando Sabino, Osvaldo Lara Revenda e Antônio Calhaz. Desde então, Tânia é a coordenadora desse evento que, se não é perfeito, é muito superior a qualquer outro que acontece no Brasil, por transcender o período em que a "festiva" se realiza.

Floresce o livro são a Jornada anual, por dia, 500 alunos e 1,7 mil criações e elaborações. Naturalmente, é uma parceria mínima de mais de 195 mil habitantes de Passo Fundo. Durante dois dias, o repórter da Gazeta do Povo percorreu, durante duas horas,



Jornada Nacional de Literatura, aberta em abrangência ao UPF, não, porém, for beneficiada a todos os leitores da cidade.



Emanuel Cabelnicki, aluna da UPF, em conversa com o repórter.

co quilômetros do campus da UPF, e extensões, aleatoriamente, dos poemas.

Uma conscientização, que passa não ser identificada, "para não ficar mal na fotografia", disse que não lê nenhum livro e nunca participou da Jornada. A afirmação da mãe, de 41 anos, mudou a situação da maioria da população: a Jornada é feita para estudantes, professores, alunos da UPF e escritores. "O evento é desmontado. Quer que todo mundo aqui lê o mais propagado de que realidade", disse e comentaria, a frase de uma estudante.

Outro dado significativo, verificado informalmente pela reportagem da Gazeta do Povo, é o fato de que os frequentadores da Jornada citaram apenas livros que estão nas listas de mais vendidos. Nenhum autor gaúcho foi mencionado, pelo menos entre as pessoas que o repórter encontrou.

A professora do ensino fundamental Ivaneide Mooland, de 40 anos, conta que frequenta a Jornada há pelo menos 15 anos. Ela só lê obras de Augusto Cury e Sigmund Freud, autores que frequentam com a sanção, bibliotecários. Sabrina Florêncio e Caroline Torres, as duas de 10 anos, dizem que se pegaram de estímulo à leitura da Capital Brasileira da Literatura entregam a cidade em que elas moram, Palmitina Das Mafra, situada nas imediações de Passo Fundo. Ambas leem pelo menos um livro por semana e são filiais do escritor Pedro Bandeira, homenageado na edição 2009 da Jornada.

"Depois que conheci a lei, sei, mas palavras, porque que consigo ler um livro melhor", contou. A leitura mudou a minha vida", diz Caroline, em nome de Sabrina, e de muitos outros gaúchos.

Estadística sobre o cenário da reportagem.

ARTE DO ENCONTRO

A Jornada Nacional de Literatura propõe o encontro entre autor e leitor. A reportagem da Gazeta do Povo presenciou um desses momentos

A 13ª edição da Jornada Nacional de Literatura, realizada de 26 a 30 de outubro, teve como tema "O encontro entre autor e leitor". A programação foi elaborada por Tânia Böing, professora de Teoria Literária da UPF, e contou com a participação de autores gaúchos e estrangeiros.

O encontro entre autor e leitor foi o ponto central da programação. Durante os dias da Jornada, foram realizados diversos eventos, incluindo palestras, debates e apresentações de livros.

Um dos momentos mais interessantes foi a apresentação de livros feita pelos próprios autores, permitindo um diálogo direto com o público.

Contato com os autores foi uma das principais atividades da Jornada. Durante os dias da Jornada, foram realizados diversos eventos, incluindo palestras, debates e apresentações de livros. Um dos momentos mais interessantes foi a apresentação de livros feita pelos próprios autores, permitindo um diálogo direto com o público.

Um dos momentos mais interessantes foi a apresentação de livros feita pelos próprios autores, permitindo um diálogo direto com o público.

SALDO

O melhor e o pior da Jornada Nacional de Literatura

Apalcos: A iniciativa, de organização Tânia Böing, que dá o nome ao autor, pode ser avaliada, para melhor e para pior, em dois pontos. O primeiro é o fato de que a Jornada Nacional de Literatura, realizada de 26 a 30 de outubro, teve como tema "O encontro entre autor e leitor". A programação foi elaborada por Tânia Böing, professora de Teoria Literária da UPF, e contou com a participação de autores gaúchos e estrangeiros.

Profissional Todos os profissionais de imprensa foram bem atendidos.

Críticas: Tânia Böing, autora do evento, pode ser avaliada, para melhor e para pior, em dois pontos. O primeiro é o fato de que a Jornada Nacional de Literatura, realizada de 26 a 30 de outubro, teve como tema "O encontro entre autor e leitor". A programação foi elaborada por Tânia Böing, professora de Teoria Literária da UPF, e contou com a participação de autores gaúchos e estrangeiros.

Sucesso: As discussões, ao mesmo tempo, foram muito interessantes, com a presença de muitos autores, permitindo um diálogo direto com o público.